

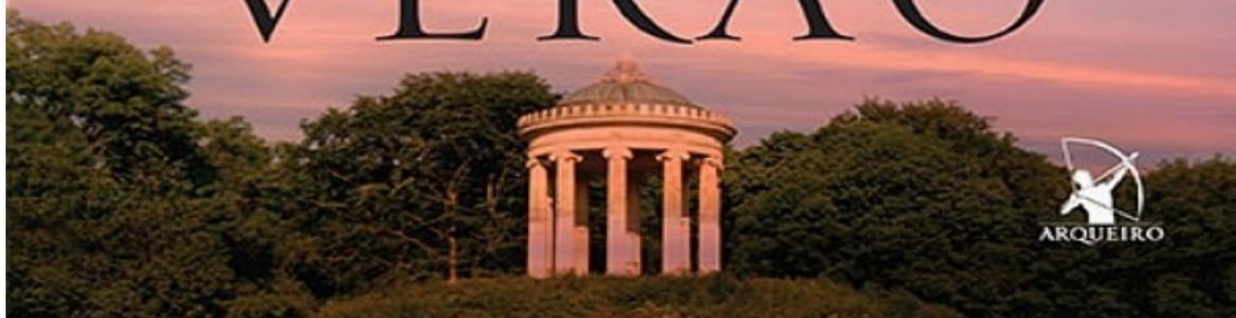


AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

LISA KLEYPAS

Segredos de uma noite de

VERÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LISA KLEYPAS

Segredos de uma noite de
VERÃO

Criação ePub: Relíquia

Tradução: Rafaela

Revisão: Anninha Lima



Título original: Secrets of a Summer Night
Copyright © 2010 por Lisa Kleypas

Criação ePub: Reliquia
Tradução: Rafaela
Revisão: Anninha Lima

Este livro é fruto de tradução livre. Não vinculada à editora e portando não oficial.

Tradução de: Secrets of a Summer Night
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-427-1 (recurso eletrônico)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Epílogo](#)

[Notas](#)

Prólogo

Londres, 1841

Apesar de que a Annabelle Peyton tinham advertido durante toda sua vida que jamais aceitasse dinheiro de desconhecidos, fez uma exceção certo dia ... e descobriu logo por que deveria ter seguido o conselho de sua mãe.

Aconteceu durante uma dessas estranhas ocasiões nas que seu irmão, Jeremy desfrutava de um dia livre no colégio e, tal e como era seu costume, Annabelle e ele tinham ido ver o último espetáculo panorâmico no Leicester Square. Havia-lhe custado duas semanas de economizar os gastos juntar o dinheiro necessário para pagar as entradas. Dado que eram os únicos descendentes sobreviventes da família Peyton, Annabelle e seu irmão pequeno sempre se sentiram muito unidos, apesar dos dez anos de diferença que os separavam. As enfermidades infantis levaram aos dois meninos que tinham nascido depois de Annabelle, antes de que nenhum deles tivesse chegado a cumprir seu primeiro ano de vida.

— Annabelle — disse Jeremy ao retornar do posto de entradas para o panorama —, tem algo mais de dinheiro?

Ela negou com a cabeça e o olhou de forma inquisitiva.

— Temo-me que não. Por que?

Com um breve suspiro, Jeremy se apartou uma mecha de cabelo cor de mel que lhe tinha cansado sobre a frente.

— Dobraram o preço das entradas para este espetáculo ... Ao parecer, é muito mais caro que suas cenografias habituais.

— O anúncio do periódico não dizia nada a respeito de um aumento de preços — disse Annabelle com indignação. Baixou a voz e sussurrou: «**Pelos sinos do inferno!**» enquanto rebuscava em seu moedeiro com a esperança de encontrar alguma moeda que antes tivesse passado por alto.

Jeremy, que tinha doze anos, jogou um carrancudo olhar ao enorme pôster que tinha pendurado entre as colunas da entrada do teatro

panorâmico:

«A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO: UM ESPETÁCULO DE ILUSIONISMO DO MAIS ALTO NÍVEL COM as IMÁGENS DIORÁMICAS.»

Desde sua abertura fazia quinze dias, o espetáculo tinha recebido uma avalanche de visitantes que se mostravam impacientes por contemplar as maravilhas do Império romano e sua trágica queda ... «É como voltar atrás no tempo», elogiavam os espectadores ao sair. O tipo habitual de panorama consistia em um tecido com uma intrincada cena pictórica que pendurava em uma habitação circular e que rodeava aos espectadores. Em algumas ocasiões, utilizava-se a música e uma iluminação especial para o espetáculo ainda mais entretido enquanto um conferencista se deslocava ao redor do círculo para descrever lugares longínquos ou famosas batalhas.

Entretanto, segundo The Teme, esta nova produção era um espetáculo «**diorâmico**», o que significava que o tecido pintado estava fabricado com cálcio transparente azeitado que se iluminava algumas vezes do fronte e outras desde atrás com luzes de filtros especiais. Trezentos e cinqüenta espectadores permaneciam o centro, sobre um carrossel que dirigiam dois homens para que a audiência girasse lentamente durante o espetáculo. O jogo de luzes, cristais chapeados, filtros e atores contratados para representar aos assediados romanos produziam um efeito que tinha sido etiquetado como “exibição animada”. Pelo que Annabelle tinha lido. Os culminantes momentos finais de erupções vulcânicas simultâneas eram tão realistas que algumas das mulheres do público se deprimiram entre gritos.

Jeremy lhe arrebatou o moedeiro das mãos a Annabelle, puxou o cordão que o fechava e o devolveu a sua irmã.

— Temos dinheiro suficiente para uma entrada — disse de forma prática —. Entra você. De todas formas, não gosta de ver o espetáculo.

Sabendo de que o menino mentia em seu favor, Annabelle meneou a cabeça.

— Certamente que não. Entra você. Eu posso ver o espetáculo sempre que quiser ... É você quem sempre está no colégio. Além disso, só durasse um quarto de hora. Irei a alguma das lojas de por aqui enquanto está dentro.

— Para que comprar sem dinheiro? — perguntou Jeremy, e seus olhos

azuis refletiam uma franca incredulidade —. Vá, isso sim que parece divertido.

— O melhor de ir comprar é ver as coisas, não comprar.

Jeremy soprou.

— Isso é o que sempre diz a gente pobre para consolar-se enquanto passeia pelo Bond Street. Além disso, não penso deixar que vá a nenhum lugar só ... Te molestariam todos os homens dos arredores.

— Não seja tonto — murmurou Annabelle.

Seu irmão sorriu de repente. Percorreu com o olhar o elegante rosto da Annabelle, seus olhos azuis e o arbusto de cachos recolhidos com forquilhas que brilhavam com um tom castanho dourado sob a ajustada borda de seu chapéu.

— Não venha com falsas modéstias. Sabe muito bem o efeito que causa nos homens e, por isso eu sei, não duvida em utilizá-lo.

Annabelle reagiu a suas brincadeiras com um falso cenho franzido.

— Por isso você sabe? Ha! O que pode saber você de meu comportamento com os homens se passa a maior parte do tempo no colégio?

A expressão do Jeremy se voltou séria.

— Isso vai mudar — disse —. Esta vez não vou retornar ao colégio ... Posso lhes ajudar a ti e a mamãe muitíssimo mais se consigo um trabalho.

Ela abriu os olhos de par em par.

— Jeremy, não vai fazer nada disso. Daria-lhe um desgosto a mamãe, e se papai estivesse vivo ...

— Annabelle — a interrompeu Jeremy sem elevar a voz —, não temos dinheiro. Nem sequer podemos conseguir cinco míseros xelins mais para a entrada ao panorama ...

— Pois vais conseguir um bom trabalho — disse Annabelle com ironia — sem educação e sem contatos importantes. A menos que queira se converter em varredor ou em mensageiro, será melhor que fique na escola até que possa aspirar até emprego decente. Enquanto isso, encontrarei a algum homem rico com o que me casar e as coisas voltarão a ir bem de novo.

— Você sim que vais encontrar um bom marido sem dote — replicou Jeremy.

Olharam-se o um ao outro com o cenho franzido até que se abriram as

portas e a multidão passou junto a eles para entrar no carrossel. Colocando um braço ao redor da Annabelle de forma protetora, Jeremy a conduziu longe da multidão.

— Esquece o panorama — disse sem mais —. Faremos outra coisa, um pouco divertido que não custe nada.

— Como o que?

Produziu-se um momento de reflexão. Quando se fez evidente que nenhum deles faria sugestão alguma, ambos estalaram em gargalhadas.

— Senhor Jeremy — disse uma voz profunda a suas costas.

Sem deixar de sorrir, Jeremy se girou para enfrentar-se ao desconhecido..

— Senhor Hunt — disse com cordialidade ao tempo que lhe tendia a mão —. Me surpreende que me recorde.

— Já mim também ... cresceu mais de uma cabeça desde que o vi por última vez. — O homem apertou a mão do Jeremy —. De férias escolar, verdade?

— Sim, senhor.

Ao ver a confusão da Annabelle e aproveitando que o desconhecido de avantajada estatura indicava a seus amigos que subissem ao carrossel sem ele, Jeremy, sussurro a sua irmã ao ouvido:

— O senhor Hunt ..., o filho do açougueiro. Encontrei-me isso uma ou duas vezes na loja seu pai quando mama me mandava a recolher algum pedido. Sei amável com ele ... É um tipo muito importante.

Annabelle se precaveu, não sem certa diversão, que o senhor Hunt estava excepcionalmente bem vestido para ser o filho de um açougueiro. Levava uma elegante jaqueta negra e essas calças soltas que estavam de moda e que, de algum jeito, não conseguiam ocultar as linhas esbeltas e fortes do corpo que cobriam. Ao igual à maioria dos homens que entravam em teatro, já se tinha tirado o chapéu, deixando ao descoberto seu cabelo escuro e ligeiramente ondulado. Era um homem alto e de compleição forte que parecia ter ao redor de trinta anos, de rasgos acentuados, um nariz fino e grande, uma boca ampla e uns olhos tão negros que resultava impossível distinguir a íris da pupila. Tinha um rosto extremamente masculino, e ao redor de seus olhos e de seus lábios dançava uma espécie de humor sardônico que não se devia absolutamente à frivolidade. Era evidente, inclusive para um espectador sem discernimento algum, que não era um

homem dado ao ócio, já que seu corpo e sua natureza falavam de árduo trabalho e análoga ambição.

— Minha irmã, a senhorita Annabelle Peyton — disse Este Jeremy é o senhor Simon Hunt.

— Um prazer — murmurou Hunt com uma reverência.

Apesar de que suas maneiras eram perfeitas, o brilho que havia em seus olhos provocava um estranho bate as asas sob as costelas da Annabelle. Sem saber por que, tornou-se para trás em busca do amparo de seu irmão pequeno inclusive enquanto o saudava. Para sua surpresa, parecia incapaz de apartar o olhar da desse homem. Como se algum tipo de sutil sensação de reconhecimento se transmitiu entre eles ... Não era que se conheceram antes ..., mas sim mas bem que se foram aproximando paulatinamente até que, ao final, um impaciente destino tivesse provocado que seus caminhos se cruzassem. Uma idéia absurda que ela não era capaz de desprezar. Inquieta, permaneceu como uma indefesa cativa daquele penetrante olhar até que um inoportuno e intenso rubor cobriu suas bochechas.

Hunt fala com o Jeremy, mas sem apartar os olhos da Annabelle.

— Poderia lhes acompanhar até o carrossel?

Produziu-se um instante de incômodo silêncio até que Jeremy respondeu com estudada indiferença:

— Obrigado, mas decidimos não assistir ao espetáculo.

Hunt arqueou uma de suas escuras sobrancelhas.

— Estão seguros? Tem tudo o aspecto de ser um dos bons. — Seu intuitivo olhar se passeou do rosto da Annabelle ao do Jeremy e se precaveu dos sinais que traíam o desconforto de ambos. Sua voz se suavizou quando voltou a falar com o Jeremy —. Sem dúvida há uma norma que diz que um jamais deveria discutir certos assuntos em presença de uma dama. De qualquer forma, não posso evitar me perguntar ... Se for possível, jovem Jeremy, que lhe tenha pilhado despreparado o aumento de preço das entradas. Se assim fora, alegrar-me-ia muito poder lhe emprestar umas moedas para ...

— Não, obrigado — disse Annabelle com presteza ao tempo que golpeava a seu irmão com o cotovelo nas costas.

Com um pulo, Jeremy cravou o olhar no rosto impenetrável do homem.

— Agradeço-lhe a oferta, senhor Hunt, mas minha irmã não parece disposta A ...

— Não quero ver o espetáculo — o interrompeu Annabelle com frieza —. Ouvi que alguns dos efeitos especiais são bastante violentos e resultam do mais angustiantes para uma mulher. Preferiria dar um tranqüilo passeio pelo parque.

Hunt voltou a olhá-la e seus penetrantes olhos brilharam com um brilho de brincadeira.

— Tão impressionável é você, senhorita Peyton?

Molesta pelo sutil desafio, Annabelle tomou o braço do Jeremy e atirou dele com insistência.

— É hora de ir, Jeremy. Não atrasemos mais ao senhor Hunt estou segura de que está impaciente por ver o espetáculo ...

— Temo-me que será uma decepção para mim — lhes assegurou Hunt com seriedade — se vocês não assistirem também. — Dedicou ao Jeremy um olhar alentador —. Sentiria muito que por culpa de uns míseros xelins você e sua irmã se perdesse a função de tarde.

Ao sentir que seu irmão se abrandava, Annabelle lhe sussurrou de forma brusca ao ouvido:

— Nem te ocorra lhe permitir que nos pague as entradas, Jeremy!

Sem lhe emprestar atenção, Jeremy lhe respondeu com franqueza ao Hunt.

— Senhor, se aceitar sua oferta de empréstimo, não estou seguro de quando poderei reembolsar-lhe.

Annabelle fechou os olhos e deixou escapar um fraco gemido de mortificação. Esforçava-se muitíssimo para que ninguém averiguasse a estreiteza econômica em que viviam ... e saber que esse homem se precaveu de quão importante era para ela cada xelim lhe resultava insuportável.

— Não há nenhuma pressa — ouviu que respondia Hunt sem o menor desconforto —. Vá à loja de meu pai a próxima vez que venha de visita do colégio e deixe o dinheiro a ele.

— De acordo, então — disse Jeremy com evidente satisfação, e ambos se estreitaram as mãos para selar o trato —. Obrigado, senhor Hunt.

— Jeremy ... — começou a dizer Annabelle com voz baixa mas letal. —

Esperem aqui — disse Hunt por cima do ombro enquanto se encaminhava ao suporte onde se vendiam as entradas.

— Jeremy, já sabe que está mal aceitar dinheiro dele! — Annabelle contemplou com fúria o rosto imperturbável de seu irmão —. Deus, como pudeste? Não está bem ... E pensar que está em dívida com essa classe de homem é intolerável!

— Que classe de homem? — Contra-atacou seu irmão com fingida inocência —. Já lhe hei isso dito, é um tipo importante ... Ah, bom, suponho que te refere a que pertence à classe baixa. — Um sorriso pesaroso curvou os lábios do moço —. É difícil dizer algo assim dele, sobre tudo quando é asquerosamente rico. E a verdade é que não se pode dizer que você e eu sejamos membros da nobreza. Logo que chegamos aos ramos mais baixas dessa árvore, o que significa ...

— Como é possível que o filho de um açougueiro seja asquerosamente rico? — Perguntou Annabelle —. A menos que a população de Londres esteja consumindo maiores quantidades de vitela e porco do que eu acredito, há um limite para o que pode ganhar um açougueiro.

— Não hei dito que trabalhasse na loja de seu pai — lhe explicou Jeremy com um tom de superioridade —. Quão único disse foi que me encontrei isso ali. É um homem de negócios.

— Quer dizer que é um especulador financeiro? Annabelle franziu o cenho. Em uma sociedade que considerava de mau gosto o mero feito de falar de assuntos comerciais, não havia nada mais baixo que fazer do investimento financeira um modo de vida.

— É algo mais que isso — disse seu irmão. Mas suponho que dá igual o que faça ou quanto tenha, já que é filho de um simples plebeu.

Ao escutar semelhante crítica de boca de seu irmão pequeno, Annabelle o olhou com os olhos semicerrados.

— Parece muito democrático, Jeremy — disse com secura —. E não faz falta que atue como se eu me estivesse comportando de forma arrogante ... Oporia-me a que um duque tratasse de damos o dinheiro das entradas com a mesma determinação que se o fizer um homem de negócios.

— Mas não durante tanto tempo — disse Jeremy, que se pôs-se a rir ao ver a expressão de sua irmã.

A volta do Simon Hunt impediu qualquer réplica posterior. Olhando-os com esses perspicazes olhos de cor café, o homem esboçou um ligeiro

sorriso.

— Já está tudo arrumado. Entramos?

Annabelle avançou com estupidez, a impulsos dos discretos empurrões de seu irmão.

— Por favor, não se sinta obrigado a acompanharnos, senhor Hunt — disse, sabendo de que se estava comportando com desconsideração; não obstante, havia algo nesse homem que provocava chispadas de alarme em todos seus nervos.

Não dava a impressão de ser um homem em quem se pudesse confiar ... De fato, apesar de suas elegantes roupas e de sua aparência pulcra, não parecia muito civilizado. Era essa classe de homem com o que uma mulher de bom berço jamais quereria estar a sós. E a visão que tinha dele não estava absolutamente relacionada com a posição social ... Era uma espécie de consciência inata de um apetite ardente e um temperamento masculino que lhe resultavam por completo desconhecidos.

— Estou segura — continuou com certo desconforto — de que quererá voltar a reunir-se com seus companheiros.

Esse comentário foi recebido com um preguiçoso encolhimento de seus largos ombros.

— Jamais os encontrarei entre esta multidão.

Annabelle poderia ter rebatido essa afirmação, assinalando que, por ser um dos homens mais altos da audiência, era provável que Hunt localizasse a seus amigos sem dificuldade alguma. Não obstante, era óbvio que discutir com ele não levaria a nenhuma parte. Teria que ver o espetáculo panorâmico com o Simon Hunt a seu lado ..., não ficava outro remédio. Entretanto, ao ver o entusiasmo do Jeremy, parte do ressentimento da Annabelle se evaporou e sua voz já se suavizou quando lhe falou com o Hunt de novo:

— Desculpe-me, não pretendia ser tão rude. O que acontece é que não me agrada me sentir em dívida com um desconhecido.

Hunt lhe dedicou um olhar apreciativo que lhe resultou desconcertante apesar de sua brevidade.

— Posso entender isso à perfeição — disse ao tempo que a guiava entre a gente —. De qualquer forma, neste caso não há obrigação alguma. E não somos exatamente desconhecidos: sua família é cliente habitual do negócio da meus há anos.

Entraram no grande teatro circular e subiram a um descomunal carrossel rodeado por uma grade de ferro com portas. A seu redor, à distância de uns dez metros do carrossel, podia ver-se a detalhada imagem de uma paisagem da Antiga Roma pintada à mão. O espaço intermédio estava ocupado por uma complexa maquinaria que arrancou comentários de entusiasmo à multidão. Uma vez que os espectadores encheram o carrossel, a habitação se obscureceu de repente, o que provocou uma quebra de onda de ofegos de nervosismo e espera. Com um leve chiado da maquinaria e o resplendor de uma luz azul que chegava da parte traseira do tecido, a paisagem adquiriu uma dimensão e uma tinteira de realidade que deixou atônita a Annabelle. Quase podia permitir-se acreditar no engano de que se encontravam em Roma a meio-dia. Uns quantos atores embelezados com togas e sandálias apareceram em cena quando o narrador começou a relatar a história da Antiga Roma.

O diorama era inclusive mais fascinante do que Annabelle tinha acreditado em um princípio. Entretanto, não era capaz de concentrar-se no espetáculo que se desenvolvia ante ela: era muito consciente do homem que se achava a seu lado. Não ajudava muito que, em ocasiões, ele se inclinasse para lhe sussurrar algum comentário inapropriado ao ouvido, repreendendo-a em brincadeira por mostrar tampouco interesse diante da visão de cavalheiros vestidos com capas de travesseiro. Apesar do muito que tratava de reprimir sua diversão, Annabelle não pôde conter uns quantos risinhos relutantes, ganhando com isso os olhares de recriminação de algumas das pessoas que estavam a seu redor e então, é obvio, Hunt se burlava dela por haver rido durante uma lição tão importante, o que fazia que lhe entrassem vontades de tornar-se a rir de novo. Jeremy parecia muito absorto no espetáculo para notar as palhaçadas do Hunt, e estirava o pescoço tudo o que podia para distinguir que peças da maquinaria eram as que produziam aqueles assombrosos efeitos.

Entretanto, Hunt se calou quando uma repentina parada na rotação do carrossel provocou uma ligeira sacudida da plataforma. Algumas pessoas perderam o equilíbrio, mas foram seguradas imediatamente pela gente que as rodeava. Surpreendida pela interrupção do movimento, Annabelle se cambaleou e se encontrou de repente estabilizada pelo forte braço do Hunt que a apertava contra seu peito. O homem a liberou no instante em que recuperou o equilíbrio e inclinou a cabeça para lhe perguntar em voz baixa

se encontrava-se bem.

— Nossa, certamente que sim — disse Annabelle sem fôlego —. Lhe rogo que me desculpe. Sim, estou perfeitamente ...

Ao parecer, não era capaz de terminar a frase; sua voz se apagou para converter-se em um incômodo silêncio quando a invadiram as sensações. Jamais em sua vida tinha experiente uma reação semelhante diante um homem. As implicações daquela sensação de urgência, ou como satisfazê-la, estavam mas lá do alcance de seu limitado conhecimento. Quão único sabia naquele momento era que desejava com desespero seguir apoiada nele, em um corpo tão firme e esbelto que parecia invulnerável e que proporcionava um porto seguro enquanto o estou acostumado a tremia sob seus pés. A fragrância de homem, a limpa pele masculina, o corpo gentil e o aroma do linho engomado excitavam todos seus sentidos com uma agradável espera. Não se parecia em nada ao aroma de colônia e dos talcos que utilizavam os aristocratas aos que tinha tratado de apaixonar durante as duas temporadas anteriores.

Profundamente afligida, Annabelle se dedicou a contemplar o tecido, sem emprestada mais mínima atenção às flutuações de luz e de cor que transmitiam a impressão de que se aproximava a queda da noite ..., o crepúsculo do Império romano. Hunt parecia igual de indiferente ao espetáculo, já que tinha a cabeça inclinada para ela e o olhar cravado em seu rosto. Embora sua respiração seguia sendo suave e regular, a jovem parecia que o ritmo se acelerou um pouco.

Annabelle se umedeceu os lábios, que de repente se ficaram secos.

— Você ... Você não deveria me olhar dessa maneira.

Apesar de que o comentário não foi mas que um sussurro, ele o ouviu.

— Com você aqui, não merece a pena contemplar outra coisa.

Ela não se moveu nem disse nada, pretendendo não ter escutado o sutil sussurro do demônio, enquanto seu coração pulsava a um ritmo frenético e se o fazia um nó no estômago. Como podia acontecer aquilo em um teatro cheio de gente e com seu irmão justo ao lado? Fechou os olhos um instante para lutar contra uma sensação de vertigem que nada tinha que ver com o giro do carrossel.

— Olhe! — Exclamou Jeremy ao tempo que lhe dava uma cutucão, cheio de entusiasmo —. Estão a ponto de aparecer os vulcões.

De repente, o teatro se sumiu em uma escuridão impenetrável enquanto

um sinistro retumbar se elevava do fundo da plataforma. Houve uns quantos gritos de alarme, alguma que outra risada nervosa e sonoros ofegos de espera. Annabelle se ergueu ao sentir o roce de uma mão sobre as costas. A mão dele, que se deslizava com deliberada lentidão para cima por sua coluna ... Seu aroma, fresco e sedutor, alagou suas fossas nasais ... e, antes de que pudesse emitir som algum, os lábios do homem se uniram aos seu em um beijo suave, quente e arrebatador. Estava muito afligida para mover-se e suas mãos se agitaram no ar como mariposas suspensas ao meio vôo; seu corpo cambaleante ficou ancorado pela ligeira mas firme sujeição de sua cintura enquanto que a outra mão do Hunt passeava pelas costas até seu pescoço.

A Annabelle a tinham beijado antes; homens jovens que lhe tinham roubado um abraço rápido durante um passeio pelo jardim ou em um rincão do salão quando não os observavam. Mas nenhum desses breves encontros de paquera tinha sido como aquele ..., um beijo lento e lhe enjoem que a enchia de euforia. Sentia-se atravessada pelas sensações, muitas para controladas, e se estremeceu indefesa em seu abraço. Seguindo seus instintos, apoiou-se cegamente na terna e incansável carícia de seus lábios. A pressão de sua boca se incrementou quando o homem começou a exigir mais, recompensando sua tácita resposta com uma voluptuosa exploração que acendeu os sentidos da Annabelle.

Justo quando a jovem começava a perder tudo rastro de prudência, a boca do Hunt a liberou com súbita rapidez, deixando-a aturdida. Sem retirar o apoio de sua mão sobre a nuca da Annabelle, o homem inclinou a cabeça até que um murmúrio formigou na orelha da jovem.

— Sinto muito. Não pude resistir.

Deixou de tocada por completo e, quando a luz vermelha iluminou finalmente o teatro, Simon Hunt tinha desaparecido.

— Viu isso? — Exclamou Jeremy, que assinalava com alegria um vulcão de pega que havia diante deles do qual pareciam brotar rios de brilhante rocha fundida que se deslizavam por suas ladeiras —. Incrível! — Ao notar que Hunt já não estava ali, franziu o cenho com desconcerto —. Onde se colocou o senhor Hunt? Suponho que terá ido procurar a seus amigos.

Com um encolhimento de ombros, Jeremy voltou para sua excitada contemplação dos vulcões e uniu suas exclamações às da atônita audiência.

Com os olhos totalmente abertos e incapaz de pronunciar uma palavra, Annabelle se perguntou se o que ela acreditava que tinha acontecido teria acontecido em realidade. Não era possível que a tivesse beijado um desconhecido em meio de um teatro. E que a tivesse beijado dessa maneira

Bom, isso era o que ocorria quando se permitia que cavalheiros desconhecidos pagassem as coisas: isso lhes dava licença para aproveitar-se de uma. Com respeito a seu próprio comportamento ... Envergonhada e perplexa, Annabelle se esforçou por compreender por que lhe tinha permitido ao senhor Hunt que a beijasse. Deveria ter protestado e havê-lo afastado dela. Em troca, ficou-se ali de pé, aturdida por um estúpido encantamento enquanto ele ... Deus!, dava-lhe um tombo o coração só de pensado. Em realidade, não importava como ou por que Simon Hunt tinha sido capaz de sortear suas bem providas defesas. O fato era que o tinha conseguido ..., e que, portanto, era um homem que teria que evitar a toda costa.

Capítulo 1

Londres, 1843

O final da temporada

Uma garota decidida a contrair matrimônio podia superar qualquer obstáculo salvo a ausência de um dote.

Annabelle movia o pé com impaciência sob o leve tecido de sua saia branca sem perder nem um só instante a expressão sossegada de seu rosto. Durante as três desastrosas temporadas que tinham ficado atrás, acostumou-se a ser uma «floreiro¹», esse objeto bonito ao que ninguém emprestava atenção. Acostumou-se, mas não se resignou. Em mais de uma ocasião, lhe tinha passado pela cabeça que merecia muito mais que estar sentada em uma dessas cadeiras de encosto alto dispostas em um extremo da habitação ... Esperando, esperando, esperando um convite que nunca chegava. E tentando aparentar que não lhe importava nada; que era de tudo feliz observando como as demais garotas dançavam e eram tratadas com atenção por seus admiradores.

Deixou escapar um comprido suspiro enquanto brincava com o diminuto carnê de baile que pendurava de uma cinta atada ao redor de sua boneca. A tampa se deslizou e deixou ao descoberto um livrinho de páginas de marfim, quase transparentes, que se abriam em forma de leque. Supunha-se que uma garota anotava os nomes se seus casais de baile nessas delicadas golinhas de marfim. Para a Annabelle, esse leque de páginas em branco se assemelhava a uma fileira de dentes que lhe sorria com ironia. Fechou bruscamente a cobertura chapeada e jogou uma olhada às três garotas sentadas junto a ela; todas se esforçavam por enfrentar-se a seu destino com idêntica despreocupação.

Sabia muito bem qual era o motivo pelo que todas estavam ali. A considerável fortuna familiar da senhorita Evangeline Jenner provinha do jogo e seus origens eram humildes. Além disso, a senhorita Jenner era

terrivelmente tímida e, para cúmulo, gaguejava, o que fazia que uma conversação com ela se considerasse como uma sessão de tortura para ambos os participantes.

As outras duas garotas, a senhorita Lillian Bowman e sua irmã pequena, Daisy, ainda não se tinham aclimado a Inglaterra e, a julgar pelo desenvolvimento dos acontecimentos, demorariam bastante em fazê-lo. Dizia-se que a senhora Bowman havia trazido para suas filhas de Nova Iorque porque ali ninguém lhes tinha feito uma oferta matrimonial adequada. Eram conhecidas como «**as herdeiras das barras de sabão**» ou, em ocasiões, como «**as princesas do dólar**». Apesar de seus elegantes maços do rosto e de seus amendoados olhos escuros, na Inglaterra teriam muitas menos oportunidades que na América do Norte, a menos que encontrassem alguma madrinha aristocrática que as apoiasse e lhes ensinasse como encaixar na sociedade britânica.

A Annabelle lhe ocorreu que, ao longo dos últimos meses dessa desgraçada temporada; as quatro — a senhorita Jenner, as Bowman e ela mesma — tinham compartilhado idêntico destino nos distintos bailes e festas: sempre sentadas em uma esquina ou junto à parede. E, mesmo assim, apenas se tinham dirigido a, palavra, apanhadas como estavam acostumados a estar no silencioso tédio da espera. Seu olhar se encontrou com a do Lillian Bowman, cujos aveludados olhos escuros tinham um inesperado brilho de diversão.

— Ao menos, poderiam ter disposto umas cadeiras mais cômodas — murmurou Lillian —, já que é óbvio que vamos estar sentadas toda a noite.

— Deveríamos pedir que gravassem nossos nomes nelas — replicou Annabelle mordaz —. Depois de tudo o tempo que levo sentada, esta cadeira me pertence.

Evangeline Jenner tratou de reprimir um risinho nervoso ao tempo que elevava uma mão ‘embainhada em uma luva para apartar um cacho de intensa cor vermelha que tinha cansado sobre sua frente. O sorriso conseguiu que seus enormes olhos azuis resplandessem e que suas bochechas, cobertas por umas quantas sardas douradas, ruborizassem-se. Ao parecer, essa súbita sensação de irmandade tinha conseguido que esquecesse por um momento o acanhamento.

— Não ti — tem sentido que você seja uma floreiro — disse a

Annabelle —. É a garota mais formosa que há neste lugar; os homens deveriam estar p — brigando por conseguir dançar com você.

Annabelle elevou um ombro com um delicado movimento.

— Ninguém quer casar-se com uma garota sem dote.

Os duques só se casavam com moças pobres no fantasioso mundo dos contos de fadas. Na vida real, os duques, viscondes e demais possuidores de títulos nobiliários carregavam com a enorme responsabilidade financeira que supunha manter suas imensas propriedades e suas extensas famílias, por não mencionar as ajudas que necessitavam os arrendatários. Um aristocrata rico precisava casar-se com uma herdeira tanto como o necessitava um sem fortuna.

— Ninguém quer casar-se tampouco com uma nova-rica ²americana — disse em confiança Lillian Bowman —. Nossa única esperança de encaixar aqui é casamos com um nobre com um título inglês de renome.

— Mas não temos quem nos apadrinhe — acrescentou sua irmã pequena, Daisy. Era uma moça de baixa estatura; uma versão élfica do Lillian, com a mesma tez clara, uma abundante juba escura e olhos castanhos. Seus lábios se curvaram em um sorriso travesso —. Se por acaso conhecer alguma duquesa simpática que esteja disposta a aceitamos sob sua asa, estaríamos-lhe muito agradecidas.

— Eu nem sequer quero encontrar um marido — confessou Evangeline Jenner —. Estou seu — seu — sofrendo a temporada porque não tenho outra coisa melhor que fazer. Sou muito major para seguir na escola e meu pai ... — interrompeu-se abruptamente e deixou escapar um suspiro —. Bom, só fica uma temporada mais por sofrer antes de cumprir os vinte e três e ser declarada uma solteirona. Estou desejando que chegue esse momento!

— É que hoje em dia se considera que uma mulher é uma solteirona a partir dos vinte e três? — perguntou Annabelle com fingido alarme, ao tempo que deixava os olhos em branco —. Deus Santo! Não tinha nem idéia de que a flor de minha juventude tivesse ficado tão atrás.

— Quantos anos tem? — perguntou, curiosa, Lillian Bowman. Annabelle olhou a esquerda e direita para assegurar-se de que ninguém as escutava.

— O mês que vem cumprirei vinte e cinco.

A confissão provocou três olhadas compassivas e uma resposta

alentadora por parte do Lillian:

— Não aparenta mais de vinte e um.

Annabelle fechou os dedos sobre seu carnê de baile, de modo que ficou oculto em sua mão. O tempo passava com rapidez, pensou e essa, sua quarta temporada, estava chegando a seu fim com surpreendente celeridade. Uma garota não se aventurava a uma quinta temporada ..., considerar-se-ia como um pouco extremamente ridículo. Tinha que apanhar a um marido sem perda de tempo. De outro modo, não poderiam seguir mantendo ao Jeremy no colégio e se veria obrigada a transladar-se de sua modesta casinha encostada a uma pensão. **“E, uma vez que começava a queda, não havia modo de ascender de novo.”**

Nos seis anos que tinham transcorrido da morte do pai da Annabelle, falecido por causa de uma doença cardíaca, os recursos financeiros da família se reduziram a um nada. Tinham tentado por todos os meios camuflar a desesperada estreiteza com a que viviam, e para isso fingiam ter meia dúzia de criados em lugar da curvada ajudante de cozinha e do mordomo de idade avançada; davam a volta a seus desgastados vestidos com o fim de aproveitar o brilho do reverso do tecido; ou vendiam as pedras preciosas das jóias e as substituíam por outras falsas. Annabelle estava mais que farta dos contínuos esforços que deviam fazer para enganar a tudo mundo, quando, ao parecer, já era de domínio público que se encontravam ao bordo do desastre. Nos últimos tempos, inclusive tinha começado a receber discretas propostas por parte de homens casados, que deixavam bastante claro que só tinha que lhes pedir ajuda e eles a emprestariam imediatamente ... Não era necessário mencionar a índole das compensações que teria que oferecer por sorte «ajuda». Era muito consciente de que seu aspecto poderia convertida em uma amante de primeira classe.

— Senhorita Peyton — disse Lillian Bowman —, que tipo de homem procura como marido?

— Bom ... — exclamou Annabelle com uma frivolidade pouco respeitosa —. Qualquer nobre me viria bem.

— Qualquer? — repetiu Lillian com incredulidade —. E o que tem que um aspecto físico agradável?

Annabelle se encolheu de ombros.

— Seria muito bem recebido, mas absolutamente imprescindível. — E

a paixão? — inquiriu Daisy.

— De tudo desnecessária.

— A inteligência? — sugeriu Evangeline.

Annabelle voltou a encolher-se de ombros.

— Negociável.

— O encanto? — perguntou Lillian.

— Também negociável.

— Não exige muito — comentou Lillian com secura —. Quanto a mim, teria que acrescentar umas quantas condições à lista. Meu aristocrata deverá ter o cabelo escuro, ser bonito, ser um bailarino consumado ..., e jamais deverá pedir permissão antes de me dar um beijo.

— Eu quero me casar com um homem que tenha lido todas as obras do Shakespeare — afirmou Daisy —. Alguém tranqüilo e de caráter romântico (se levar óculos, muito melhor), ao que goste da poesia e a natureza; e eu gostaria que não tivesse muita experiência com as mulheres.

Sua irmã maior a olhou, exasperada.

— Está claro que não vamos competir pelo mesmo homem. Annabelle olhou ao Evangeline Jenner.

— Que tipo de homem o, gostaria a você, senhorita Jenner?

— Me chame Evie, por favor — murmurou a garota, ruborizando-se tanto que a cor de suas bochechas rivalizou com o intenso vermelho de seu cabelo —. Suponho que ... Eu gostaria de alguém que fosse amável e... — deteve-se e agitou a cabeça com um sorriso autocrítica —. Não sei. Alguém que me a — ame. Que me ame de verdade.

Essas palavras comoveram a Annabelle e a sumiram na melancolia. O amor era um luxo ao que jamais se permitiu aspirar; tratava-se de um mero detalhe superficial quando estava em jogo a sobrevivência de sua família. Não obstante, alargou o braço e acariciou a mão da outra garota através da luva.

— Espero que o encontre — lhe desejou com sinceridade —. Talvez não tenha que esperar muito tempo.

— Eu gostaria que você o encontrasse primeiro — respondeu Evie com um sorriso tímido —. Quem dera pudesse ajudá-la a encontrar a alguém.

— Parece ser que todas necessitamos ajuda de um modo ou outro — comentou Lillian. Seu olhar se deslizou até a Annabelle para estudá-la com atenção —. Hum ... Não me importaria convertê-la em minha provocação

pessoal.

— Como? — Annabelle arqueou as sobrancelhas ao tempo que se perguntava se deveria sentir-se adulada ou ofendida.

Lillian se dispôs a dar uma explicação.

— A temporada chegará a seu fim em umas quantas semanas e esta será a última para você, suponho. Se o considerarmos de um ponto de vista prático, suas aspirações de casar-se com um homem que seja seu igual socialmente falando se desvanecerão no fim de junho. Annabelle assentiu com cautela.

— Nesse caso, proponho ... — Lillian se deteve meia frase. Ao seguir a direção de seu olhar, Annabelle viu a escura figura que se aproximava delas e gemeu para seus si.

O intruso não era outro que o senhor Simon Hunt; um homem com o que nenhuma delas queria ter nada que ver ... e por muito boas razões.

— Entre parêntese — disse Annabelle em voz baixa —, meu marido ideal seria a antítese do senhor Hunt.

— Não me diga ... — murmurou Lillian com ironia, já que o sentimento era compartilhado por todas.

Podia-se evitar o fato de que um homem tivesse ascensão graças a sua ambição, sempre e quando possuísse a elegância de um cavalheiro. Entretanto, Simon Hunt carecia dela. Não havia modo de manter uma conversação educada com um homem que dizia exatamente o que pensava, sem lhe importar o pouco adúladora ou quão molesta pudesse ser sua opinião.

Talvez pudesse dizer-se que o senhor Hunt era bonito. Annabelle supunha que algumas mulheres encontrariam sua corpulenta masculinidade bastante atrativa; até ela devia admitir que havia algo fascinante em toda essa força contida dentro do traje de etiqueta negro e a camisa branca. Não obstante, o duvidoso atrativo do Simon Hunt ficava de tudo eclipsado por sua falta de maneiras. O homem carecia de delicadeza, de idealismo e não sabia reconhecer a elegância ..., era tudo libras e peniques³, tudo egoísmo, tudo avaréza calculada. Qualquer outro homem em sua situação teria tido a decência de parecer envergonhado por sua falta de refinamento; mas Hunt tinha decidido, ao menos na aparência, fazer de sua carência uma virtude. Adorava zombar-se dos rituais e do encanto da cortesia aristocrática enquanto seus frios olhos negros brilhavam cheios de humor ..., como se

estivesse rendo de todos eles.

Para alívio da Annabelle, Hunt jamais tinha demonstrado, nem com uma palavra nem com um gesto, que recordava aquele dia tão longínquo no diorama, quando lhe tinha roubado um beijo na escuridão. Com o passado do tempo, tinha conseguido convencer-se de que tudo tinha sido produto de sua imaginação. Em retrospectiva, parecia um fato irreal, sobre tudo aquela parte em que ela respondia com tanto ímpeto a um estranho tão atrevido.

Sem dúvida, muitas pessoas compartilhavam o desgosto que Simon Hunt despertava na Annabelle, mas, para estupor da classe social proeminente de Londres, o tipo se feito um oco e ali pensava ficar. Durante os últimos anos, tinha amassado uma fortuna incomparável depois de adquirir a maioria das ações das companhias que fabricavam maquinaria agrícola, navios e locomotivas. Apesar de sua falta de maneiras, Hunt era convidado a todas as festas celebradas pela nobreza, dado que, simplesmente, era muito rico para ignorá-lo. Hunt personificava a ameaça da iniciativa industrial sobre as fortunas da rançosa aristocracia britânica, cujo financiamento dependia da exploração agrícola de suas propriedades. Portanto, a nobreza o recebia com dissimulada hostilidade apesar de lhe permitir a contra gosto a entrada a seu sagrado círculo social. E, para piorar as coisas, o homem não fingia estar agradecido; ao contrário, parecia desfrutar ao impor sua presença em lugares onde esta não era bem recebida.

Durante as escassas ocasiões nas que Annabelle se encontrou com ele desde aquele dia no diorama, tinha-o tratado com frieza e tinha rechaçado qualquer intento de conversação, assim como seus convites a dançar. Ele sempre parecia encontrar divertido seu desdém e se dedicava a contemplá-la com tal descaramento que conseguia que lhe arrepiasse o pêlo da nuca. Annabelle esperava que o homem perdesse o interesse por ela algum dia, mas, de momento, parecia aferrar-se a sua molesta insistência.

Annabelle percebeu o alívio do resto das flozeiros quando Hunt as passou por cima para dirigir-se a ela em particular.

— Senhorita Peyton — disse a modo de saudação. Seu olhar, escuro como a obsidiana, parecia precaver-se de tudo do cuidadoso cerzido no bordo das mangas de seu vestido; do diminuto ramalhete de casulos de rosa que tinha utilizado para dissimular a desgastada parte superior de seu sutiã; das pérolas falsas que penduravam de suas orelhas ... Annabelle o olhou com uma expressão de gélido desafio. O ar que os separava parecia estar

carregado com uma espécie de tira e afrouxa, com uma provocação elementar. Annabelle sentia que todas suas terminações nervosas se estremeciam de desgosto ante a proximidade desse homem.

— boa noite, senhor Hunt.

— Faria o favor de me conceder um baile? — perguntou ele sem mais preâmbulos.

— Não, obrigado.

— por que não?

— Tenho os pés cansados,

Ele elevou uma de suas escuras sobrancelhas.

— e a que se deve? Leva sentada aqui toda a noite. Annabelle o olhou aos olhos sem piscar.

— Não tenho por que lhe explicar meus motivos, senhor Hunt.

— Uma valsa não lhe causaria muitas moléstias.

Apesar dos esforços da Annabelle por permanecer acalmada, sentiu que os músculos de seu rosto se esticavam ligeiramente.

— Senhor Hunt — replicou com tensão —, alguma vez lhe hão dito que é de má educação acostrar a uma dama para que faça algo que não deseja fazer?

Ele esboçou um pequeno sorriso.

— Senhorita Peyton, se tivesse que me preocupar com parecer educado, jamais conseguiria o que quero. Tão somente pensei que lhe agradaria abandonar seu papel de floreiro durante um tempo. E se este baile se desenvolve do modo habitual, é mais que possível que meu convite seja quão única receba.

— Que encantado — comentou ela, fingindo um entusiasmo que não sentia —. Com esses cumpridos tão engenhosos, como poderia rechaçá-lo?

Nos olhos do Hunt apareceu de súbito uma expressão cautelosa. — Nesse caso, dançará comigo?

— Não — sussurrou Annabelle com aspereza —, E agora parta, Por favor.

Em lugar de escapulir-se mortificado pela negativa, Hunt se limitou a sorrir e a brancura de seus dentes ficou ressaltada pelo contraste com o tom escuro de sua pele. O sorriso lhe conferiu um aspecto de pirata.

— O que tem que mau em um baile? Sou um excelente casal; inclusive é possível que desfrute.

— Senhor Hunt — murmurou, cada vez mais exasperada —, a idéia de ser seu casal, seja no que seja, faz que me gele o sangue nas veias.

Hunt se aproximou um pouco mais e, baixando a voz de modo que ninguém mais pudesse escutá-lo, respondeu:

— Muito bem. Mas, antes de partir, direi-lhe algo para que o medite, senhorita Peyton. É muito possível que algum dia não possa permitir o privilégio de rechaçar uma oferta honorável de alguém como eu ..., ou nem sequer uma desonrosa.

Os olhos da Annabelle se abriram de par em par ao tempo que a indignação se estendia em forma de rubor da parte superior de seu sutiã. Já tinha agüentado muito; além de ter que estar toda a noite sentada, via-se obrigada a suportar os insultos de um homem ao que desprezava.

— Senhor Hunt, atua você como o vilão de uma péssima peça de teatro.

O comentário lhe arrancou outro sorriso ao homem, que se inclinou com irônica cortesia antes de afastar-se.

Mortificada pelo encontro, Annabelle o viu partir com os olhos semicerrados.

O resto das floreiros deixou patente seu alívio em forma de suspiro coletivo assim que desapareceu o senhor Hunt. Lillian Bowman foi primeira em falar.

— Não parece lhe impressionar muito a palavra «não», verdade? — O que lhe há dito antes de partir, Annabelle? — perguntou Daisy com curiosidade —. O comentário que a tem feito ruborizar-se.

Annabelle cravou o olhar na coberta chapeada de seu carnê de baile e acariciou com o polegar uma diminuta dobra na esquina.

— O senhor Hunt insinuou que, algum dia, minha situação poderia ser tão se desesperada como para ver-me obrigada a considerar a possibilidade de ser seu amante.

Se não tivesse estado tão preocupada, Annabelle se teria rido ao contemplar as idênticas expressões de assombro que apareceram no rosto das três moças. Entretanto, em lugar de protestar movimento por sua ira virginal ou de deixar acontecer o tema, Lillian formulou uma pergunta que Annabelle não tinha esperado:

— e estava no certo?

— Estava no certo no referente ao desesperado de minha situação —

admitiu ela —. Mas não quanto à possibilidade de me converter em seu amante; nem seu nem de nenhum outro. Casaria-me com um granjeiro antes de cair tão baixo.

Lillian lhe dedicou um sorriso, dado que, ao parecer, identificava-se com a determinação que subjazia sob a resposta da Annabelle.

— Cai-me você bem — anunciou antes de reclinar-se na cadeira e cruzar as pernas com uma disfarçastes que parecia de tudo inapropriada para uma garota que desfrutava de sua primeira temporada.

— O sentimento é mútuo — respondeu Annabelle automaticamente, movida pelas boas maneiras que ditavam uma resposta educada ante semelhante completo; mas, assim que pronunciou a frase, ficou surpreendida ao comprovar que era certo.

O olhar analítico do Lillian a percorreu de cima abaixo enquanto seguia falando.

— Causaria-me um profundo desagrado veda trotar detrás de uma mula ou cavando em um semeado de beterraba; você não nasceu para isso, nem muito menos.

— Estou de acordo — respondeu Annabelle com segura —. E o que podemos fazer a respeito?

Embora a pergunta se formulou com intenção retórica, Lillian pareceu tomá-la a sério.

— Dispunha-me a explicá-lo. Antes de que nos interrompessem, estava a ponto de fazer uma proposição: deveríamos fazer um pacto para ajudamos as umas às outras a encontrar marido. Se os homens adequados não vêm atrás de nós, seremos nós a que os persigamos a eles. O processo será muito mais eficaz unimos nossos esforços em lugar de lutar em solitário. Começaremos com a maior de nós (que ao parecer é você, Annabelle) e seguiremos assim até que chegue o turno da mais jovem.

— Isso não me favorece absolutamente — protestou Daisy.

— É o justo — a repreendeu Lillian —. Você dispõe de mais tempo que as demais.

— A que tipo de «ajuda» se refere? — inquiriu Annabelle.

— A que seja necessária. — Lillian começou a escrever sem perda de tempo em seu carnê de baile —. Compensaremos os pontos débeis de cada uma de nós e daremos conselho e colaboração quando a situação assim o requeira. — Elevou o olhar e sorriu alegremente —. Seremos como uma

equipe de rounders.

Annabelle a contemplou com cepticismo.

— Se refere a esse jogo no que os cavalheiros se alternam para golpear uma bola de couro utilizando uns tacos de beisebol planos?

— Não só jogam os cavalheiros — replicou Lillian —. Em Nova Iorque também jogam as damas, sempre e quando não se deixarem levar em excesso pelo entusiasmo.

Daisy esboçou um sorriso pícaro.

— Como quando Lillian se enfureceu tanto, depois de que um de seus tiros fora anulado, que acabou arrancando do chão o poste de uma de suas bases.

— Já estava solto — protestou Lillian —. Um poste solto poderia ter sido uma ameaça para um dos corredores.

— Especialmente se o lança contra eles — concluiu Daisy, respondendo ao cenho franzido de sua irmã com uma doce e zombador sorriso.

Contendo a risada, Annabelle deixou de olhar às duas irmãs para contemplar a expressão de ligeira perplexidade no rosto do Evie. Não lhe resultou muito difícil ler os pensamentos da garota: as irmãs americanas foram necessitar muito treinamento antes de poder despertar o interesse dos aristocratas adequado. Quando voltou preparar atenção às Bowman, Annabelle não pôde evitar sorrir ao ver seus ansiosos semblantes. Era muito fácil imaginar-se a esse par golpeando bolas com tacos de beisebol e correndo pelo campo com as saias arregaçadas até os joelhos. Perguntou-se se todas as garotas americanas compartilhavam esse caráter puxador ... Sem dúvida, as Bowman seriam o terror de qualquer cavalheiro britânico educado que ousasse aproximar-se delas,

— Para falar a verdade, nunca me tinha ocorrido que a caça de um marido pudesse conceber-se como um esporte de equipe — disse.

— Pois deveria sê-lo! — Exclamou Lillian com ênfase —. Pense em quão efetivo seria desse modo. A única dificuldade que poderia surgir é que duas de nós se interessassem pelo mesmo homem; mas, jogo de dados nossos respectivos gostos, parece improvável.

— Nesse caso, acordaremos não competir pelo mesmo cavalheiro — propôs Annabelle.

— E, a — além disso — interrompeu Evie de forma inesperada —, não

faremos mal a ninguém.

— Muito hipócrático — disse Lillian em sinal de aprovação.

— Pois eu acredito que tem razão, Lillian — protestou Daisy, que tinha interpretado mal o comentário de sua irmã —. Não intimide a pobre garota, pelo amor de Deus.

Lillian franziu a sobancelha, repentinamente irritada.

— Hei dito «**hipocrático**», não «**hipócrita**», idiota.

Annabelle interveio sem demora, antes de que as irmãs começassem a discutir.

— Então, devemos pomos de acordo, quanto ao plano de ação; não nos serviria de muito se cada uma perseguisse seu próprio objetivo.

— E teremos que nos contar tudo o que aconteça — prosseguiu Daisy, encantada.

— Inclusive os detalhes mais íntimos? — perguntou Evie com acanhamento.

— Vá! Sobre tudo esses!

No rosto do Lillian apareceu um sorriso irônico antes de submeter o vestido da Annabelle a um olhar calculadora.

— Suas roupas são desastrosas — disse sem rodeios —. Vou lhe dar uns quantos de meus vestidos. Tenho baús cheios com vestidos que nem sequer cheguei a me pôr e não vá jogar os de menos. Minha mãe jamais se dará conta.

Annabelle se apressou a negar com a cabeça. Sentia-se agradecida pelo detalhe, mas também mortificada pelo evidente de suas dificuldades econômicas.

— Não, não. Não posso aceitar um presente semelhante. É você muito generosa, mas ...

— O azul pálido com nós de cor lavanda — disse Lillian ao Daisy em um murmúrio —. O recorda?

— Sim! Sentará-lhe de maravilha — respondeu Daisy, entusiasmada —. Muito melhor que a ti.

— Obrigado — replicou Lillian, que fingiu olhar com desagrado pelo comentário. ‘

— Não, sério ... — protestou Annabelle.

— e o de musselina verde com o encaixe branco na parte dianteira — prosseguiu a maior das Bowman.

— Não posso aceitar seus vestidos, Lillian — insistiu Annabelle sem elevar a voz.

A garota elevou o olhar de seu carnê de baile, no que seguia tomando notas.

— Porquê não?

— Em primeiro lugar, não posso lhe pagar. Além disso, seria inútil. Um quantas plumas não farão mais atrativa minha falta de dote.

— Vá! O dinheiro ... — comentou Lillian com a indiferença característica de alguém que não o necessita —. Você vai pagar me com algo que é muito mais valioso que umas simples moedas. Vai ensinar nos ao Daisy já mim a ser ... bom, a parecemos com você. Nos vai ensinar que coisas terá que dizer e o que terá que fazer; todas essas regras das que ninguém fala mas que nós parecemos transgredir a todas as horas. Se for possível, até pode ajudamos, a encontrar a uma madrinha. E então, poderemos transpassar todas as portas que agora mesmo nos fecham. Quanto a sua falta de dote Só tem que lhe jogar o anzol ao homem adequado. Nós lhe ajudaremos a atirar do fio.

Annabelle a olhou com absoluta perplexidade.

— Estão falando completamente a sério.

— É obvio que sim — replicou Daisy —. Será tudo um alívio poder ocupar nosso tempo em outra coisa que não seja nos sentar contra a parede como umas idiotas. Lillian e eu estamos a ponto de voltamos loucas por quão aborrecida está resultando ser a temporada.

— Eu — eu também — acrescentou Evie.

— Está bem ... — Annabelle passeou o olhar de um rosto a outro, incapaz de conter o sorriso —. Se as três estiverem dispostas, eu também me um. Mas, se formos fazer um pacto, não deveríamos assinar com sangue ou algo assim?

— Por Deus, não! — Exclamou Lillian —. Acredito que todas podemos, expressar nosso acordo sem necessidade de nos abrir as veias nem nada parecido. — Fez um gesto para assinalar seu carnê de baile —. Suponho que agora deveríamos fazer uma lista das boas partidas que seguem solteiros depois da temporada. E, por desgraça, nestes momentos ficam muito poucos livres. Deveríamos ordená-los segundo sua fila? Começando pelos duques?

Annabelle negou com a cabeça.

— Não deveríamos incomodamos com os duques, posto que não sei de nenhum que seja uma boa partida, que tenha menos de setenta anos e que conserve algum dente.

— Nesse caso, a inteligência e o encanto são negociáveis, mas não assim os dentes, estou no certo? — perguntou Lillian com picardia, o que arrancou uma gargalhada da Annabelle.

— Os dentes são negociáveis — replicou Annabelle —, embora extremamente preferíveis.

— Muito bem — concluiu Lillian —. Uma vez descartada a categoria dos velhos duques caducos, prossigamos com os condes. Conheço um tal lorde Westcliff, por exemplo ...

— Não, Westcliff não. — Annabelle fez um gesto de repulsão enquanto acrescentava — É um homem frio como o gelo; além disso, não tem nenhum interesse em mim. Lancei-me virtualmente em seus braços durante minha primeira temporada, faz quatro anos e quão único consegui foi que me olhasse como se fora algo que se ficou pego a seu sapato.

— Nesse caso, esqueçamos ao Westcliff. — A maior das Bowman elevou as sobrancelhas com curiosidade —. Que tal lorde St. Vincent? É Jovem, adequado, atrativo como o pecado ...

— Não funcionaria — respondeu Annabelle —. Sem importar quão comprometedor resultasse a situação, St. Vincent jamais me faria uma proposição. Já comprometeu, seduzido e arruinado por completo ao menos a uma dúzia de mulheres; a honra não significa nada para ele.

— O conde deEglinton, então — sugeriu Evie de forma indecisa —; mas é bastante cor — cor — corpulento e tem ao menos cinqüenta anos ...

— Anote-o na lista — insistiu Annabelle —. Não posso me permitir ser melindrosa a respeito.

— Também está o visconde Rosebury — assinalou Lillian ao tempo que franzia levemente o cenho —; embora seja bastante estranho e está um pouco ..., bom, flácido.

— Enquanto tenha o bolso firme, pode ter tudo o resto flácida — comentou Annabelle, conseguindo que as três garotas riram entre dentes —. Anote-o também.

Fazendo caso omissa da música e dos casais que giravam diante delas, as quatro seguiram trabalhando com esforço na lista e, em ocasiões, as gargalhadas que os comentários provocavam nelas conseguiram atrair

algumas olhares curiosos daqueles que se encontravam perto.

— Silêncio — ordenou Annabelle, esforçando-se por adotar uma aptidão séria —. Não queremos que ninguém suspeite o que estamos planejando. Além disso, supõe-se que as flocos não devem rir.

Imediatamente, todas elas tentaram adotar suas expressões mais sérias, o que provocou uma nova quebra de onda de risinhos.

— Ei, olhem! — Exclamou Lillian, que estava observando a crescente lista de possíveis candidatos a marido —. Por uma vez, nossos cartões de baile estão cheios. — Jogou uma olhada à lista de solteiros e franziu os lábios em atitude pensativa —. Acabo de cair na conta de que alguns destes cavalheiros assistirão à festa que organiza Westcliff em sua propriedade do Hampshire como broche final da temporada, Daisy e eu fomos convidadas. E você, Annabelle?

— Sou amiga de uma de suas irmãs — respondeu ela —. Acredito que posso conseguir um convite. Suplicarei-lhe, se for necessário.

— Tentarei pôr algo de minha parte para que o consiga — disse Lillian com atitude confiada antes de sorrir ao Evie —. E conseguirei um convite também para você.

— O que divertido vai ser isto! — Exclamou Daisy —. Assim, nosso plano está em marcha. Dentro de quinze dias, invadiremos Hampshire em busca de um marido para a Annabelle.

Alargando os braços, todas uniram as mãos, sem deixar de sentir-se um pouco frívolas e indecisas, mas bastante animadas.

«**Talvez minha sorte esteja a ponto de mudar**», pensou Annabelle antes de fechar os olhos e recitar uma pequena prece de esperança.

Capítulo 2

Simon Hunt tinha aprendido a uma idade cedo que, dado que o destino não o tinha bento com sangue azul nem com riquezas nem com algum dom extraordinário, teria que lavar-se sua própria fortuna em um mundo que, freqüentemente, resultava ser pouco caridoso. Era dez vezes mais combativo e ambicioso que um homem normal e corrente. Às pessoas estava acostumado a lhe resultar mais fácil permitir que se saísse com a sua que enfrentar-se a ele. Embora era uma pessoa dominante, talvez inclusive implacável, seu sonho não se via perturbado por nenhuma crise de consciência. A lei da natureza ditava a sobrevivência dos mais fortes e, quanto aos mais débeis, era melhor que corressem a esconder-se.

Seu pai tinha sido açougueiro e tinha conseguido tirar adiante a uma família de seis membros; Simon tinha trabalhado como seu ajudante desde que teve a idade suficiente para brandir a pesada tocha do açougue. Esses anos de trabalho na loja de seu pai o tinham dotado dos braços musculosos e os fornidos ombros de um açougueiro. Sua família sempre tinha esperado que ele continuasse com o negócio, mas quando cumpriu os vinte e um anos, Simon tinha desiludido a seu pai ao abandonar a loja para abrir-se caminho de um modo diferente. Depois de investir suas pequenas economias, deu-se conta de que acabava de descobrir seu verdadeiro talento na vida: fazer dinheiro.

Simon adorava a linguagem da economia, os fatores de risco, a interação do mercado com a indústria e a política ..., e não demorou para precaver-se de que, em um curto espaço de tempo, a crescente rede de ferrovia britânica proporcionaria os ganhos básicos que assegurariam a eficiência da atividade bancária. Os envios de dinheiro em metálico e das ações, assim como a criação de oportunidades de investimento a curto prazo, dependeriam em grande medida do bom funcionamento da ferrovia. Simon seguiu seus instintos e investiu até o último xelim em ações ferroviárias; pouco depois, foi recompensado com uns enormes benefícios que reaplicou em um diversificado leque de interesses. Nesses momentos,

com trinta e três anos de idade, possuía o controle de três fábricas diferentes, de uma fundição de mais de dois hectares de superfície e de um estaleiro. Era convidado — embora a contra gosto — aos bailes da aristocracia e se acotovelava com os pares do reino nas juntas diretivas de seis companhias.

Depois de anos de incessante trabalho, tinha conseguido quase tudo o que se proposto. Não obstante, se alguém lhe tivesse perguntado se era um homem feliz, não teria tido mais remedeio que soprar em resposta. A felicidade, esse efêmero resultado do êxito, era um sinal seguro da auto-complacência. E, por natureza, Simon jamais poderia ser automóvel complacente, como tampouco se daria nunca por satisfeito; nem queria chegar a estado. .

De todos os modos ... no rincão mais oculto e profundo de seu desatendido coração, havia um desejo que Simon parecia incapaz de sufocar.

Aventurou-se a lançar um olhar encoberto ao outro lado do salão de baile e, como era habitual, sentiu a pontada dolorosa e peculiar que o assaltava cada vez que descobria a presença da Annabelle Peyton. Apesar das muitas mulheres disponíveis — e havia um bom número delas —, nenhuma tinha conseguido monopolizar sua atenção de um modo tão efetivo e excludente. O atrativo da Annabelle ia além da mera beleza física, embora bem sabia Deus que tinha sido benta com, um injusto excesso nesse aspecto. Se houvesse um pingo de poesia na alma do Simon, poderia ter composto dúzias de versos arrebatadores que descrevessem, seus encantos, Não obstante, era plebeu até a medula dos ossos e lhe resultava do tudo impossível encontrar as palavras precisas para plasmar a atração que a moça exercia sobre ele. Quão único sábia era que a visão da Annabelle a vacilante luz das velas conseguia lhe afrouxar os joelhos.

Simon nunca tinha esquecido a primeira vez que a tinha visto, de pé na entrada do diorama, rebuscando em seu moedeiro enquanto franzia o cenho. O sol arrancava brilhos de ouro e champanha a seu cabelo castanho claro e obtinha que sua pele resplandecesse. Tinha visto nela um pouco tão delicioso ... tão tangível ... Talvez se tratasse do aspecto aveludado de sua pele junto com esses olhos azuis, somados ao cenho ligeiramente franzido que ele tinha desejado aliviar.

Então teria jurado que, a essas alturas, Annabelle já estaria casada. A

evidência de que os Peyton tinham cansado em desgraça não era um fator significativo para ele, já que assumia que qualquer aristocrata com cérebro veria seu valor e não demoraria para reclamada. Entretanto, conforme passavam os anos e Annabelle seguia solteira, tinha começado a albergar uma débil esperança. A valentia que ela mostrava em sua decidida busca de marido lhe resultava enternecedora, a segurança com a que voltava a ficar seus desgastados vestidos ..., o valor que se outorgava a si mesmo, apesar da falta de dote. O modo tão engenhoso com o que abordava o processo de apanhar um marido recordava a um jogador experiente que jogasse suas cartas em uma vaza que tinha perdido de antemão. Annabelle era inteligente, precavida e inflexível, além de formosa, embora nos últimos tempos a ameaça da pobreza lhe tinha conferido certa dureza a seu olhar e a seus lábios. De um ponto de vista egoísta, Simon não lamentava as dificuldades econômicas da jovem; em realidade, estas lhe proporcionavam uma oportunidade que jamais teria tido de outro modo.

O problema residia em sua incapacidade para descobrir o modo de conseguir que Annabelle o aceitasse, quando era mais que óbvio que ela sentia repugnância por tudo o que ele representava. Simon era muito consciente de que seu caráter carecia de refinamentos e o que pior, tinha tantos desejos de converter-se em um cavalheiro como um tigre de ser um gato doméstico. Não era mais que um homem que possuía uma enorme quantidade de dinheiro e que carrega com a frustração de saber que não lhe serviria de nada na hora de conseguir o que mais desejava.

Até esse momento, sua estratégia tinha consistido em esperar pacientemente, já que sabia que o desespero acabaria levando a Annabelle a fazer coisas que nem sequer teria considerado em um princípio. As penúrias econômicas tinham a virtude de apresentar as situações sob uma nova luz. Em pouco tempo, o jogo da Annabelle chegaria a seu fim. Não ficaria mais remedeio que escolher entre duas opções: casar-se com um pobre ou ser a amante de um rico. E, se era a última opção a escolhida, a cama em que acabaria não seria outra que a sua.

— Um salgadinho saboroso, não é certo? — foi o comentário que alguém fez perto dele.

Quando Simon se girou, viu o Henry Burdick, filho de um visconde que, segundo os rumores, estava em seu leito de morte. Apanhado na

interminável espera prévia à morte de seu pai para poder dispor tanto do título como da fortuna familiar, Burdick passava a maior parte de seu tempo apostando e perseguindo saias.

Seguiu o olhar do Simon até a Annabelle, que estava imersa em uma animada conversação com as floreiros que a rodeavam.

— Não saberia lhe dizer — respondeu Simon, com um profundo golpe de antipatia para o Burdick e todos os de sua estirpe: privilegiados aos que lhes tinham devotado todos os caprichos em bandeja de prata desde dia em que chegaram ao mundo e que, por regra geral, não faziam nada que justificasse a imprudente generosidade do destino. Burdick sorriu, com o rosto corado a causa do excesso de bebida e a abundante comida.

— Tenho a intenção de descobri-lo muito em breve — comentou.

Burdick não era o único com semelhantes aspirações. Um considerável número de homens tinha posto o olhar na Annabelle, com a mesma espera que sentiria uma manada de lobos durante a perseguição de uma presa ferida. Assim que ela tocasse fundo e, portanto, não pudesse oferecer a mais mínima resistência, um deles se adiantaria para lançar o ataque mortal. N ou obstante, tal e como acontecia na natureza, o macho dominante sempre seria o ganhador.

Uma ameaça de sorriso se abriu no severo rosto do Simon.

— Surpreende-me você — murmurou —. Sempre assumi que as dificuldades de uma dama teriam que inspirar o cavalheirismo de um homem de sua categoria; e, pelo contrário, descubro que está considerando as desrespeitosas idéias que se atribuem aos de minha classe.

Burdick deixou escapar uma breve gargalhada, alheio ao brilho selvagem que apareceu nos olhos negros do Simon.

— Seja uma dama ou não, terá que escolher a um de nós quando seus recursos se esgotem.

— Nenhuma de suas senhorias lhe oferecerá matrimônio? — perguntou Simon com voz indolente.

— Deus Santo! E para que? — Burdick se umedeceu os lábios, movido pelas imagens que sua mente já antecipava —. Não há necessidade alguma de casar-se com a moça quando dentro de muito pouco tempo estará disponível por um preço adequado.

— Talvez tenha muita dignidade para isso.

— Duvido-o — replicou o jovem aristocrata com jovialidade —. As

mulheres pobres que possuem esse tipo de beleza não podem permitirem luxo de mostrar-se dignas. Além disso, circula o rumor de que já estiveram entregando seus favores a lorde Hodgeham.

— Ao Hodgeham? — Embora a notícia o sobressaltou, o rosto do Simon permaneceu impassível —. E no que se apóia esse rumor?

— Vá! Pois a carruagem do Hodgeham foi visto nos estábulos situados depois da residência dos Peyton a estranhas horas da noite ... E, de acordo com alguns credores, é ele quem se faz cargo de pagar as contas da família de vez em quando. — Burdick se deteve para rir sem dissimulação —. Uma noite entre essas preciosas coxas bem se merece pagar a conta do lojista, não lhe parece?

A imediata resposta do Simon foi o impulso assassino de separar a cabeça do Burdick do resto de seu corpo. Não podia dizer com segurança o que tinha despertado sua ira em maior medida: a imaginação d Annabelle Peyton na cama com o porco do Hodgeham ou o depreciativo desfruto do Burdick ante um rumor que possivelmente fosse incerto.

— Atreveria-me a assinalar que, postos a difamar a reputação de uma dama, é muito melhor contar com provas concretas do que se está dizendo — advertiu Simon com um tom de voz que não por aprazível era menos perigoso.

— Diabos! As intrigas não requerem de prova alguma — respondeu o jovem ao tempo que piscava os olhos um olho —. Além disso, o tempo se encarregará de revelar o verdadeiro caráter da dama em questão. Hodgeham não tem recursos suficientes para manter a uma beleza como essa, e ela não demorará muito em exigir coisas que ele não poderá lhe dar. Vaticino que para o final da temporada, a dama se aproximará do cavalheiro que tenha os bolsos mais avultados.

— Que serão meus — replicou Simon sem necessidade de elevar a voz.

Burdick piscou por causa da surpresa, ao tempo que seu sorriso desaparecia enquanto se perguntava se teria ouvido bem.

— O que?

— estive observando enquanto você e essa manada de imbecis com a que se relaciona encham seus talões durante dois anos — explicou Simon com os olhos semicerrados —. A partir deste momento, perderam toda oportunidade conseguida.

— Que perdi o que? O que quer dizer com isso? — perguntou,

indignado, Burdick.

_Quiero dizer que infligirei tudo o dano possível, já seja mental, físico ou econômico, ao primeiro homem que se atreva a pôr um pé em meu território. E a próxima pessoa que repita perto de mim um só rumor infundado sobre a senhorita Peyton, descobrirá que fica entupido na garganta ... junto com um de meus punhos. — O sorriso do Simon deixava entrever certa ameaça sanguinária enquanto contemplava a atônita expressão do Burdick —. Pode dizer-se o a qualquer que esteja interessado — lhe advertiu antes de afastar do pomposo e boquiaberto o frangote.

Capítulo 3

Uma vez que sua prima, uma mulher maior que em ocasiões atuava como sua carabina, teve-a acompanhado de retorno a sua casa da cidade, Annabelle percorreu a grandes pernadas o vazio vestíbulo ladrilhado. Ao advertir o objeto que tinham deixado sobre a mesa semicircular que se apoiava contra a parede, deteve-se em seco. Era um chapéu masculino de monopólio alta, de cor cinza e decorada com uma banda de cetim borgonha⁴. Um chapéu muito peculiar, sobre tudo se o comparava com os chapéus negros que estavam acostumados a luzir a maioria dos cavalheiros. Annabelle o tinha visto em muitas ocasiões sobre aquela mesma mesa, como uma serpente enroscada.

Uma elegante fortificação com a manga em forma de diamante se apoiava contra a mesa. Annabelle experimentou o intenso desejo de utilizar a fortificação para esmagar a taça do chapéu ..., a ser possível, enquanto estivesse sobre a cabeça do proprietário. Em seu lugar, subiu as escadas com o coração em um punho e a sobancelha franzido.

Quando se aproximava do segundo andar, onde se encontrava as habitações da família, apareceu um homem corpulento no patamar. Este a observou com um insuportável sorriso zombador desenhado em um rosto de tez rosada e suarenta pelo recente esforço físico, enquanto uma mecha de cabelo, que tinha penteado para trás, pendurava para um lado como o giz de um galo.

— Lorde Hodgeham — saudou Annabelle com rigidez ao tempo que lutava contra a vergonha e a ira que se entupiam em sua garganta.

Hodgeham era uma das poucas pessoas às que odiava de verdade. Como suposto amigo de seu defunto pai, Hodgeham visitava com freqüência a casa, mas nunca às horas normais para tal fim. Chegava bem entrada a noite e, contra tudo o que ditava o decoro, passava grande quantidade de tempo a sós com a mãe da Annabelle, Philippa, em uma habitação privada. Além disso, a Annabelle não lhe tinha passado por cima que, nos dias posteriores a suas visitas, algumas das faturas mais urgentes se pagavam de forma misteriosa e que algum que outro irado credor ficava

apaziguado. Quanto a Philippa, mostrava-se mais sensível e irritável que de costume e disposto a falar.

Aa Annabelle resultava quase impossível acreditar que sua mãe, que sempre tinha fugido das condutas indecorosas, permitisse que alguém usasse seu corpo em troca de dinheiro. Entretanto, era a única conclusão razoável a que podia chegar, coisa que enchia a Annabelle de uma irremediável vergonha e de ira. Sua raiva não ia dirigida unicamente contra sua mãe: estava furiosa pela situação em que se encontravam e, inclusive, consigo mesma por não ter sido capaz de encontrar ainda um marido. Havia-lhe custado muito tempo dar-se conta de que, por muito formosa e encantadora que fora e por muito interesse que lhe demonstrasse um cavalheiro não ia receber uma proposição. Ao menos, não uma respeitável.

Desde sua apresentação em sociedade, viu-se obrigada, a aceitar, pouco a pouco, que seus sonhos a respeito de um pretendente arrumado e educado que se apaixonasse por ela e fizesse desaparecer todos seus problemas não eram mais que uma fantasia ingênua. A desilusão tinha impregnado até o fundo durante a prolongada decepção em que se converteu sua terceira temporada. E, nesses momentos, quando se encontrava na quarta, a pouco atrativa idéia de converter-se na Annabelle, a esposa de um granjeiro», estava inquietantemente perto de fazer-se realidade.

Com uma expressão pétrea, Annabelle tratou de passar junto ao Hodgeham sem dizer uma palavra, mas este a deteve o lhe pôr uma mão roliça no braço. Ela retrocedeu com tal aversão que o movimento esteve a ponto de lhe fazer perder o equilíbrio.

— Não me toque — disse com a vista cravada no corado rosto do homem.

Os olhos do Hodgeham luziam muito azuis em contraste com o rubor de sua tez. Com um sorriso, o homem deixou a mão sobre o corrimão, impedindo assim Annabelle alcançasse o patamar.

— Que pouco hospitalar — murmurou com essa voz de tenor tão incongruente que mortificava a muitos homens altos —. Depois de todos os favores que tenho feito a esta família ...

— Não nos tem feito nenhum favor — respondeu Annabelle de modo cortante.

— Desde não ser por minha generosidade, faz muito que estariam na rua.

— Acaso sugere que devo me mostrar agradecida? — Perguntou, ela, e seu tom destilava ódio —. Não é você mais que um detestável abutre.

— Não tomei nada que não me tenha devotado voluntariamente. — Hodgeham estendeu a mão para lhe tocar o queixo, mas o úmido roce de seus dedos a fez retroceder com repulsão —. Para falar a verdade, foi um jogo muito aborrecido. Sua mãe é muito dócil para meu gosto. — inclinou-se para ela, de modo que o aroma que emanava seu corpo, um suor rançoso sufocado pela colônia, alagou as fossas nasais da Annabelle com um fedor insuportável —. Talvez o tente a próxima vez contigo — murmurou.

Sem dúvida alguma, esperava que Annabelle ficasse a chorar ou a suplicar, ou que se ruborizasse. Entretanto, esta se limitou a lhe dirigir um olhar frio.

— Não é mais que um velho estúpido e presumido — disse com tranqüilidade —. Se estivesse disposta a me converter na amante de alguém, não acredita que escolheria a alguém melhor que você?

Ao final, Hodgeham conseguiu esboçar um sorriso, embora Annabelle teve o prazer de comprovar que não lhe tinha resultado fácil fazê-lo.

— Não é muito inteligente que me tenha por inimigo. Com algumas palavras vertidas nos ouvidos adequados, poderia arruinar a sua família além de qualquer possibilidade de redenção. — Desviou a vista para o tecido de seu sutiã e sorriu de modo depreciativo —. Em seu lugar, eu não me mostraria tão desdenhosa enquanto levasse esses farrapos e essas jóias falsas.

Annabelle se ruborizou e lhe golpeou a mão sem olhares quando o homem fez ameaça de tocar o sutiã. Rendo para si Hodgeham baixou as escadas enquanto Annabelle aguardava no silêncio mais absoluto. Assim que escutou o som da porta ao fechar-se, correu escada abaixo e jogou a chave. Com a respiração agitada por causa da ansiedade e a indignação, apoiou as mãos e, a frente contra a pesada porta de carvalho.

— acabou-se — murmurou em voz alta, tremendo de fúria.

Não mais Hodgeham, não mais fatura sem pagar ... Já tinham sofrido o bastante. Todos. Teria que conseguir a alguém com quem casar-se imediatamente: encontraria ao melhor candidato que pudesse na festa campestre no Hampshire e acabaria de uma vez por todas com esse assunto. E se não resultava ...

Deslizou as mãos muito devagar pela superfície da porta e sua Palmas

deixaram um rastro de linhas sobre a nodosa madeira. Se não encontrava a alguém com quem casar-se, converteria-se na amante de um homem. Apesar de que nenhum parecia inclinado a aceitá-la como esposa, ao parecer havia um número infinito de cavalheiros desejosos de arrastá-la ao pecado. Se jogava bem suas cartas, poderia ganhar uma fortuna. Não obstante, repugnava-lhe a mera idéia de não poder retornar jamais à boa sociedade ..., de ser desprezada e relegada ao ostracismo, de que só a valorassem por suas habilidades na cama. A alternativa, que não era outra que viver uma pobreza virtuosa e ganhá-la vida como costureira ou lavadeira, ou converter-se em tutora, era muito mais perigosa: uma moça em semelhante posição ficaria a mercê de qualquer. Além disso, o salário não alcançaria para manter a sua mãe nem ao Jeremy, que também deveria ficar a trabalhar. Ao parecer, nenhum dos três podia permitir-se que Annabelle se aferrasse a seu moral. Viviam em um castelo de naipes ..., e qualquer movimento brusco podia derrubado.

À manhã seguinte, Annabelle estava sentada à mesa do café da manhã com uma taça de porcelana entre seus dedos gelados. Embora já tinha acabado seu chá, a cerâmica ainda conservava E. Calor da forte beberagem. Tinha um pequeno entalhe no bordo que ela acariciava repetidamente com o polegar e não se incomodou em levantar a vista quando escutou o ruído que sua mãe fez ao entrar na estadia.

— Quer chá? — perguntou com uma voz meticulosamente monótona, depois do qual escutou a Philippa murmurar uma resposta afirmativa. Encheu outra taça com a bule que tinha diante, adoçou-a com uma colherzinha de açúcar e rebaixou a beberagem com uma boa quantidade de leite.

— Já não tomo com açúcar — disse Philippa —. Cheguei a preferi-lo sem ele.

O dia em que a sua mãe deixassem de lhe gostar das coisas doces, seria o dia em que se servisse água geada no inferno.

— Ainda podemos permitimos lhe jogar açúcar ao chá — replicou Annabelle enquanto removia o líquido com um par de enérgicas voltas de colherinha.

Levantou a vista e deslizou a taça e seu pires por cima da mesa em direção a Philippa. Tal e como esperava, sua mãe tinha um aspecto mal-

humorado e ojeroso, e levava a vergonha escrita baixo essa máscara de amargura. Houve um tempo em que acreditou impossível que sua enérgica e alegre mãe — que sempre tinha sido mais formosa que qualquer outra mãe — pudesse luzir semelhante expressão. Foi nesse momento, enquanto contemplava o tenso rosto da Philippa, que Annabelle se deu conta de que sua própria cara mostrava um cansaço muito parecido ao de sua mãe e de que sua boca se franzia com o mesmo rictus de desencanto.

. Que tal foi o baile? — perguntou Philippa, que aproximou tanto a cara à taça de chá que o vapor lhe velou o rosto.

— O desastre habitual — respondeu Annabelle, que suavizou a honestidade de sua réplica com uma suave gargalhada —. O único homem que me convidou a dançar foi o senhor Hunt.

— Por, todos os céus — murmurou Philippa antes de tomar um sorvo de chá abrasador —. E aceitou?

— É obvio que não. Não tivesse tido sentido algum. Resulta evidente que, quando me olhe, pensa em algo menos no matrimônio.

— Até os homens como o senhor Hunt acabam por casar-se — argumentou Philippa, que a olhou por cima do bordo da taça —. E você seria uma esposa ideal para ele ... Inclusive poderia suavizado e ajudado a que fora aceito na sociedade decente ...

— Por Deus, mamãe ... Qualquer diria que me respira para que aceite suas cuidados.

— Não ... — Philippa agarrou sua colherinha e removeu o chá em um gesto desnecessário —. Ao menos, não se de verdade encontra alguma objeção ao senhor Hunt. Entretanto, se fosse capaz de gentil um pouco, não teríamos mais problemas econômicos ...

— Não é dos que se casam, mamãe. Tudo mundo sabe. Fizesse o que fizesse, jamais conseguiria uma proposição honesta por sua parte.

Annabelle pinçou no de açúcar com um par de pequenas pinzas de prata de aspecto deslustrado, em busca do torrão mais pequeno que pudesse encontrar. Tirou um pedacinho de açúcar moreno, jogou-o na taça e depois se serve mais chá.

Philippa deu um sorvo a sua taça e, pondo muito cuidado em manter a vista apartada, passou a outro tema de conversação que, conforme suspeitava Annabelle, tinha uma desagradável relação com o, anterior.

— Não podemos permitimos que Jeremy siga na escola o próximo

semestre. Faz dois meses que não pago o salário aos criados. Algumas fatura ...

— Sim, já estou a par de tudo isso — replicou Annabelle, que se ruborizou ligeiramente por causa de uma súbita quebra de onda de irritação —. Encontrarei um marido, mamãe. Muito em breve. — De algum modo, consegui esboçar um sorriso —. O que te pareceria uma excursão ao Hampshire? Agora que a temporada está a ponto de concluir, serão muitos os que deixem Londres em busca de novas diversões..., Refiro-me à caçada que lorde Westcliff dará em sua propriedade.

Philippa a observou com renovado interesse.

— Não estava a par de que tivéssemos recebido um convite do conde.

— E não nos chegou — respondeu Annabelle —. Ainda. Mas chegará ... e tenho o pressentimento de que nos esperam umas quantas surpresas no Hampshire, mamãe.

Capítulo 4

Dois dias antes de que Annabelle e sua mãe partissem para Hampshire, chegou um enorme montão de caixas e pacotes. Ao criado lhe custou três viagens levadas do vestíbulo da entrada até a habitação da Annabelle, na planta superior, onde os empilho em uma montanha junto à cama. Annabelle os abriu com muito cuidado e descobriu ao menos meia dúzia de vestidos que jamais tinham sido utilizados: tafetás e musselinas de ricas cores; jaquetas a jogo forradas de camurça suave como a manteiga; e um vestido de baile confeccionado com uma pesada seda de cor marfim e adornado com séries de delicado encaixe belga no sutiã e as mangas. Também havia luvas, xales, lenços e chapéus de tal qualidade e beleza que quase sentiu vontades de tornar-se a chorar. Os vestidos e os complementos deviam haver custado uma fortuna; sem dúvida, aquilo não significava nada para as garotas Bowman, mas para a Annabelle esse presente resultava entristecedor.

Agarrou a nota que tinham entregue junto com os pacotes, rompeu o selo de cera e leu as decididas linhas escritas à mão:

*De suas fadas madrinhas, também conhecidas como Lillian e Daisy.
Para que tenha uma caça bem-sucedida no Hampshire.*

P. S.: Não irás perder a coragem agora, verdade?

Respondeu-lhes:

Queridas Fadas Madrinhas:

O único que fica é a coragem. Agradeço-lhes imensamente os vestidos. Não imaginam o muito que me emociona poder vestir ao fim roupas bonitas de novo. Que eu goste de tantíssimo as coisas formosas é um de meus muitos defeitos. Com tudo meu afeto,

ANNABELLE

P. S.: Devolvo-lhes os sapatos, não obstante, já que são muito pequenos para mim. E eu que sempre tinha ouvido que as garotas americanas tinham os pés grandes!

Querida Annabelle:

Seramente é um defeito adorar as coisas formosas? Deve ser um conceito inglês, porque estamos seguras de que jamais lhe teria ocorrido a ninguém do Manhattanville. E só por esse comentário a respeito dos pés, obrigaremos-lhe a jogar rounders conosco no Hampshire. Você adorará atizar as Pelotas com os tacos de beisebol. Não há nada tão satisfatório.

Queridas Lillian e Daisy:

Estou disposta a jogar rounders só se conseguem persuadir ao Evie de que se uma a nós, o que, para ser honesta, duvido muito. E, apesar de que não saberei até que o pratique, me ocorrem um montão de coisas mais satisfatórias que golpear Pelotas com tacos de beisebol. Por exemplo, encontrar marido..

A propósito, o que terá que ficar para jogar rounders? Um vestido de passeio?

Querida Annabelle:

Nós jogamos com roupas de baixo, é obvio. Não se pode correr bem com saias.

Queridas Lillian e Daisy:

A palavra «pololo» me resulta de tudo desconhecida. Não lhes estarão referindo por acaso a roupa interior? Não é possível que estejam sugerindo que pulamos pelo campo em calções, como

selvagens ...

Querida Annabelle:

A palavra procede de um, estrato da sociedade nova-iorquina do que nós estamos virtualmente excluídas. Na América, os «calções» são algo que levam os homens. E Evie há dito que sim.

Querida Evie:

Não podia acreditar o que viam meus olhos quando as irmãs Browman me escreveram para me informar de que tinha aceito jogar rounders em roupas de baixo. De verdade o tem feito? Espero, que sua resposta seja negativa, já que eu dei meu consentimento em função do teu.

Querida Annabelle:

Começo a acreditar que esta associação com as irmãs Browman me ajudará a me curar do acanhamento. Jogar rounders em roupas de baixo é só uma forma de começar. Deixei-te assombrada? Jamais tinha assombrado a ninguém antes! Ao menos, não por meu mesma. Espero sinceramente que esteja surpreendida por minha disposição a entrar de cheio nas coisas.

Querida Evie:

Impressionada, divertida e, de algum modo, assustada ao pensar nos apuros que nos que nos colocarão as Bowman. Rogo-te que me diga onde vamos encontrar um lugar no que jogar rounders em roupas de baixo sem que ninguém nos veja ... E sim, estou totalmente assombrada, picarona desavergonhada.

Querida Annabelle:

Estou começando a acreditar que existem dois tipos de pessoas: as

que escolhem ser proprietárias de seu próprio destino e as que esperam sentadas enquanto outros dançam: Eu prefiro ser uma das primeiras e não das últimas. E, com respeito ao lugar onde terá lugar o Jogo de rounders, conformo-me deixando esses detalhes às Bowman. Com tudo meu carinho,

EVIE A PICARONA

Durante o intercâmbio destas e outras divertidas notas que foram enviadas daqui para lá, Annabelle começou a experimentar algo que tinha esquecido muito tempo atrás: as delícias de ter amigas. À medida que suas anteriores amizades tinham adotado a vida dos casais casados, tinham-na deixado atrás. Seu status de floreiro, por não mencionar sua carência de médios econômicos, tinha criado um abismo que a amizade parecia incapaz de sortear. Durante os anos anteriores, tornou-se cada vez mais independente, e inclusive se esforçou por evitar a companhia das garotas com as que uma vez tinha falado, rido e compartilhado segredos.

Não obstante, de um colchão, tinha conseguido três amigas com as que tinha algo em comum, apesar de que suas origens fossem radicalmente diferentes. Todas eram mulheres jovens com esperanças, sonhos e temores ..., e cada uma delas estava mais que familiarizada com a visão dos sapatos negros dos cavalheiros caminhando por diante de sua fila de cadeiras em busca de uma presa mais prometedora. As floreiros não tinham nada que perder ao ajudá-las umas às outras, mas sim muito que ganhar.

— Annabelle — escutou que a chamava sua mãe da porta, enquanto empacotava com cuidado as caixas de luvas novas na mala —. Tenho uma pergunta que te fazer, e quero que a responda com sinceridade.

— Sempre sou sincera contigo, mamãe — replicou Annabelle, apartando o olhar do que estava fazendo.

Embargou-a um sentimento de culpa ao contemplar o encantador rosto da Philippa fatigado pelas preocupações. Pelo amor de Deus!, estava tão farta do sentimento de culpa da Philiphia como do seu próprio. Enchia-a de lástima e desespero o sacrifício que sua mãe tinha feito ao deitar-se com lorde Hodgeham. Mesmo assim, no mais profundo de sua mente dançava a impertinente ideia de que se Philippa tinha eleito fazer algo semelhante, por que ao menos não se estabeleceu adequadamente como a amante de alguém

em lugar de conformar-se com as migalhas que lhe dava lorde Hodgeham?

— De onde saíram essas roupas?, — perguntou Philippa, que estava pálida, mas parecia decidida a enfrentar o olhar de sua filha.

Annabelle franziu o cenho.

— Já lhe hei isso dito, mamãe, me deu de presente isso Lillian Bowman. Por que me olha assim?

— Deu-lhe isso um homem? O senhor Hunt, possivelmente?

Annabelle ficou com a boca aberta.

— De verdade me está perguntando se eu ...? Com ele? Deus minha mama! Até se tivesse estado disposta a fazê-lo, não teria tido a mais mínima oportunidade. Em nome do céu, de onde tiraste uma idéia semelhante?

Sua mãe a olhou aos olhos sem pestanejar.

— Esta temporada mencionaste ao senhor Hunt bastante freqüentemente. Muito mais que a qualquer outro cavalheiro. E é óbvio que esses vestidos são bastante caros ...

— Não os pagou ele — replicou Annabelle com firmeza.

Philippa pareceu relaxar-se, mas em seus olhos ainda se adivinhava a incerteza. Como não estava acostumada a que ninguém a olhasse com suspeita, Annabelle agarrou um chapéu e o colocou lhe dando uma elegante inclinação sobre a frente.

— Não o tem feito — repetiu.

A amante de Simon Hunt ... Ao girar-se para o espelho, Annabelle, viu uma estranha e fria expressão em seu rosto. Supunha que sua mãe tinha razão: tinha mencionado bastante freqüentemente ao Hunt. Esse homem tinha algo que conseguia que os pensamentos a respeito do se atrasasse em sua mente muito depois de que se viram. Nenhum outro homem entre seus conhecidos possuía esse carisma nem esse atrativo perverso que tência Hunt; e nenhum outro homem tinha mostrado jamais de uma forma tão aberta seu interesse por ela. Nesse momento, durante as últimas semanas de uma temporada faltada, tirava o chapéu meditando coisas que nenhuma jovem decente deveria pensar sequer. Sabia que não lhe resultaria muito complicado converter-se na amante do Hunt e, desse modo, todos seus problemas acabariam. Era um homem rico: daria-lhe tudo o que desejasse, pagaria' as dívidas de sua família e lhe proporcionaria bonitos vestidos, jóias, uma carruagem própria; uma casinha própria ... Tudo em troca de deitar-se com ele.

A idéia fez que um súbito estremecimento percorresse seu ventre. Tratou de imaginar-se como seria estar na cama do Simon Hunt, as coisas que lhe exigiria, essas mãos, sobre seu corpo, essa boca ...

Com um intenso rubor, obrigou-se a desprezar essas imagens e brincou com os adornos de seda rosada do laço de seu chapéu. Se se convertia na amante do Simon Hunt, este a possuiria completamente, tão dentro como fora da cama, e o mero feito, de imaginar-se por inteiro a sua mercê resultava aterrador. Uma voz zombadora em sua cabeça lhe perguntou: «Tão importante é sua honra? Mais importante que o bem-estar de sua família? Ou inclusive que sua própria sobrevivência?»

— Sim — respondeu Annabelle com um sussurro enquanto contemplava seu pálido e decidido reflexo —. Nestes momentos, é-o.

Não sabia se mais tarde seguiria pensando o mesmo, mas até que se esgotaram todas as possibilidades, ainda ficava seu, auto-estima ... e lutaria por conservá-la.

Capítulo 5

Não era difícil adivinhar por que o nome do «**Hampshire**» derivava do antigo término, «**hamm**», vocábulo que fazia referência a um pasto úmido. Esse tipo de pastagens abundava em tudo o condado, assim como os brejos e as frondosas arvoredos que em outro tempo se distinguiram como reserva de caça da realeza. Graças ao contraste, das escarpadas colinas e os profundos e verdes vales, somado à existência de rios abundantes em trutas, Hampshire oferecia uma ampla gama de atividades para tudo aquele que desfrutasse de do esporte. A propriedade do conde de Westcliff Stony Cross Park, estava situada da mesma forma, que uma jóia em um fértil vale fluvial que se estendia placidamente através de numerosos hectares de bosques. Sempre parecia ter convidados em Stony Cross Park, dado que Westcliff era um anfitrião consumado além de um ávido aficionado à caça.

A simples vista, lorde Westcliff, merecia-se a reputação de homem de honra irrepreensível e elevados princípios. Não pertencia ao grupo de aristocratas envoltos em contínuos escândalos, posto que não parecia tolerar nem as intrigas nem a escorregadia moral que imperava na, sociedade Londrina. Ao contrário, passava a maior parte de seu tempo no campo ocupado com suas responsabilidades e preocupado pelas necessidades de seus arrendatários. Viajava a Londres em ocasiões, com o fim de vigiar seus interesses ou de participar de algum assunto político que exigisse sua presença.

Foi durante uma dessas viagens quando Annabelle conheceu conde, depois de ser apresentados em uma festa. Embora não era um homem de beleza clássica, Westcliff possuía certo atrativo. De estatura medeia e com a vigorosa aparência física de um esportista experiente estava rodeado por um aura de inconfundível virilidade. Se a tudo isso lhe somava a imensa fortuna pessoal que possuía, por não mencionar seu título — um dos condados mais antigos do reino —, não havia dúvida de que Westcliff era o melhor partido de toda a Inglaterra. Como não podia ser de outro modo, Annabelle não perdeu o tempo de e começou a flertar com ele durante esse primeiro encontro. Não obstante, Westcliff estava mais que acostumado a receber

esse tipo de cuidados por parte das jovens mais ambiciosas e a catalogo como uma caça-maridos imediatamente ... E isso lhe tinha doído, embora não fosse mais que a pura verdade.

Do momento em que Annabelle foi objeto do desprezo do conde, esforçou-se por evitá-lo. Entretanto, dava a casualidade de que apreciava à irmã pequena do Westcliff, lady Olivia, uma moça de bom coração e da mesma idade que ela, estigmatizada por um escândalo no passado. E foi graças à amabilidade de lady Olivia que Annabelle e Evie acabaram com um convite à festa. Durante umas quantas semanas, não só as presas de quatro patas mas também também as que caminhavam sobre dois, estariam submetida a um assédio em Stony Cross Park ...

— Milady — exclamou Annabelle, quando lady Olivia saiu às receber —. Que amável foi aos convidamos! Londres resultava do mais sufocante durante estes dias; o estimulante clima do Hampshire é justo o que necessitávamos.

Lady Olivia sorriu. Apesar de ser uma jovem de pequena estatura, modesta e de rasgos correntes, nessa ocasião parecia usualmente formosa: seu rosto brilhava de felicidade. De acordo com o Lillian e Daisy, lady Olivia estava prometida até milionário americano. «**Trata-se de, um matrimônio por amor?**», tinha perguntada Annabelle na última carta lhes escrevesse, ao que Lillian lhe tinha respondido que isso era o que se comentava. «Entretanto», tinha agregado Lillian não sem certa ironia, «meu pai diz que a associação entre ambas as famílias será de tudo favorável para os interesses econômicos de Lorde Westcliff, motivo pelo qual este deu seu consentimento para o enlace». Para o conde, o amor não era tão importante como as questões práticas.

Devolvendo seus pensamentos à presente, Annabelle sorriu quando lady Olivia a tirou das mãos para lhe dar a bem-vinda.

— E vocês são precisamente o que nós precisamos — replico lady Olivia com uma gargalhada —. Este lugar está saturado de homens ansiosos por praticar atividades esportivas; tive que informar ao conde de que precisávamos convidar a algumas, mulheres com o fim de manter um clima razoavelmente civilizado. Vamos, me deixem que as acompanhe a suas habitações.

Depois de elevar a saia de seu novo vestido de musselina cor salmão, presente do Lillian, Annabelle se dispôs a seguir a lady Olivia, que já subia

as escadas que conduziam ao vestíbulo de entrada.

— Como está Lorde Westcliff? — perguntou enquanto subia por um lateral da majestosa escada dobro —. Espero que goze de boa saúde.

— Meu irmão se encontra bastante bem, obrigado. Mas me temo que está distraído com os preparativos de minhas bodas. Insiste em fiscalizar todos e cada um dos detalhes.

— Um reflexo do afeto que lhe tem, estou segura disso — disse Philipa.

Lady Olivia deixou escapar uma irônica gargalhada.

— Mas bem é um reflexo da necessidade de controlar tudo o que lhe rodeia, Temo-me que não vai resultar nada fácil encontrar uma noiva que possua de caráter suficiente para dirigi-lo.

Conciente do eloqüente olhar que sua mãe lhe lançou, Annabelle moveu a cabeça de modo de dissimulada negativa. Não seria nada bom respirar as esperanças da Philippa a respeito. Entretanto ...

— Dá a casualidade de que conheço uma jovem encantada que até esta solteira — comentou — Americana, de fato.

— refere-se a uma das irmã Bowman? — Perguntou lady Olivia — ainda não as conheço embora seu pai visitou Stony Cross com antecedência.

— Ambas som encantadas em todos os aspectos — informou Annabelle.

— Excelente — exclamo Lady Olivia —. Talvez ainda possamos lhe encontrar casal a meu irmão.

Ao chegar ao segundo piso, detiveram-se com o fim de jogar uma olhada às pessoas que se formava redemoinhos no vestíbulo de entrada, por debaixo de onde elas se encontravam.

— Temo-me que não há tantos homens solteiros como caberia esperar — comentou lady Olivia —. Não obstante, há uns quantos ... Assim de repente, me ocorre lorde Kendall. Se quiser, posso apresentar-lhe assim que se presente uma oportunidade.

— Obrigada, lhe estaria muito agradecida.

— Entretanto, acredito que é um tanto reservado — acrescentou lady, Olivia —. Talvez não resulte muito atrativo para uma pessoa tão cheia de vida como você, Annabelle.

— Ao contrário — replicou Annabelle sem demora —. Acredito que

um homem reservado é do mais atrativo. Um cavalheiro que se comporte com decoro e reserva me resulta mais agradável que aqueles que têm por costume vangloriar-se e alardear de si mesmos.

«**Como Simon Hunt**», pensou de modo sombrio; a alta estima em que o homem se tinha a se mesmo não poderia ser mais óbvia.

Antes de que lady alivia pudesse lhe responder, o olhar da jovem resultou atraída pela de um cavalheiro alto e de cabelo loiro que acabava de entrar no vestíbulo inferior. Com uma atitude estudadamente descuidada, apoiou o ombro em uma das colunas e colocou as mãos nos bolsos de sua jaqueta. Annabelle soube imediatamente que era americano. Esse sorriso irreverente, os olhos azuis e a atitude despreocupada com a que levava sua elegante roupa o delatavam. E para maior confirmação, lady Olivia se ruborizou e sua respiração pareceu alterar-se pelo modo em que, o homem a observava.

— Me perdoem, por favor — lhes disse com ar distraído. — Eu ... Mim prometido ... Acredito que me necessita para algo. — e com essa explicação, afastou-se enquanto lhes lançava um vago comentário por cima do ombro a respeito de que sua habitação era a quinta porta à direita.

Imediatamente, apareceu uma donzela que as acompanhou o resto do caminho. Annabelle exalou um suspiro.

— A competência por Lorde Kendall será encarniçada — recalcou com preocupação —. Espero que não o tenham apanhado já.

— Estou segura de que não será o único cavalheiro solteiro que atira à festa — comentou Philippa de modo otimista —, Além disso, não devemos esquecer ao mesmo lorde Westcliff.

— Não te faça ilusões ao respeito — advertiu Annabelle com secura —. O conde não ficou o que se diz subjugado por minha presença quando nos apresentaram.

— O que denota uma enorme falta de critério por sua parte — foi indignada resposta de sua mãe.

Annabelle sorriu e tomou a mão da Philippa, que ainda estava embainhada na luva, para lhe dar um carinhoso apertão.

— Obrigado, mamãe. Mas será melhor que ponha meu empenho em um objetivo muito mais acessível.

À medida que chegavam os convidados, eram acompanhados a suas respectivas habitações com o fim de que desfrutassem de uma pequena

sesta, em previsão do jantar e o baile de bem-vinda que se celebraria essa mesma noite. As damas que queriam entregar-se a uma sessão de fofoca se congregaram em um dos salõzinhos e no salão de naipes, enquanto os cavalheiros se entretinham jogando bilhar ou fumando na biblioteca. Uma vez que a donzela acabou de desfazer sua bagagem, Philippa decidiu jogar uma pequena sesta em sua habitação. A estadia era pequena, mas encantadora, com as paredes cobertas com papel francês de motivos florais e as janelas adornadas com cortinas de seda azul pálido.

Annabelle, que estava muito nervosa e impaciente para dormir, chegou à conclusão de que Evie, e as Bowman já teriam chegado, a essas alturas. Não obstante, era provável que queriam descansar um momento depois da viagem, por isso decidiu que, em lugar de suportar umas horas de forçosa inatividade, preferia explorar os arredores da mansão. O dia era quente e ensolarado e ansiava fazer um pouco de exercício depois do comprido trajeto em carruagem. Ficou um vestido matinal de musselina azul, adornado com fileiras de diminutos franzidos quadrados, e saiu da habitação.

Escapuliu-se por uma porta lateral detrás e cruzou com vários criados pelo caminho e recebeu a agradável calidez dos raios do sol. Stony Cross Park estava envolto em uma atmosfera maravilhosa. Não era difícil imaginar-se que o lugar era um lugar mágico convocado em uma terra muito longínqua. O bosque que limitava era tão denso e profundo que tinha uma aparência pré-histórica e os jardins, que se estendiam ao longo e largo de cinco hectares na parte traseira da casa, resultavam muito perfeitos para ser reais. Havia bosquezinhos, claros talheres de erva, estanque e fontes. Era um jardim variado que alternava a tranqüilidade com um tumultuoso desdobramento de cores. Um jardim bem cuidado no que cada fibra de erva tinha sido atalho com meticulosidade e as esquinas dos sebes se arrumaram com uma precisão admirável.

Desprovida de chapéu e luvas, mas imbuída de uma repentina injeção de otimismo, Annabelle aspirou uma profunda baforada de ar campestre. Rodeou as bordas dos jardins dispostos em terraços que havia na parte traseira da mansão e seguiu um atalho de cascalho que discorria entre os elevados canteiros de papoulas e gerânios. O ar não demorou para carregasse com o perfume das flores à medida que o caminho deixou atrás um muro de pedra, talher com roseiras florescidas de cor rosa e nata.

Atravessou com lentidão um pomar onde cresciam pereiras aos que a idade tinha conferido caprichosas formas. Um pouco mais longe, depois de atravessar um dossel de abedulas chapeados, chegou a um terreno baixo em que cresciam uma série de bosquezinhos que pareciam fundir-se à perfeição com o bosque que se observava ao longe. O atalho de cascalho acabava em um pequeno círculo em cujo centro havia uma mesa de pedra. Ao aproximar-se, Annabelle pôde ver os restos de duas velas derretidas que tinham sido colocadas diretamente sobre a pétrea superfície. Sorriu com certa melancolia, consciente de que a privacidade do claro o convertia no lugar perfeito para um interlúdio romântico.

Para rematar o ambiente de sonho, cinco roliços patos de cor branca atravessaram o claro em fila, caminho do lago artificial convocado ao outro lado do jardim. Conforme parecia, os animais estavam mais que acostumados à multidão de visitantes que acudia ao Stony Cross Park, dado que fizeram caso omissivo da presença da Annabelle. Limitaram-se a grasnar de modo audível, movidos pela expectativa de alcançar a água, e sua marcha resultou desse modo tão cômica que Annabelle não pôde mais que prorromper em gargalhadas.

Antes de que a risada a abandonasse por completo, escutou o som de umas fortes pisadas sobre o cascalho. Tratava-se de um homem e resultava evidente que retornava de dar um passeio pelo bosque. Tinha elevado a cabeça para contemplá-la com uma expressão extasiada e nesses momentos a olhava diretamente aos olhos.

Annabelle ficou pasmada.

«**Simon Hunt**», pensou, incapaz de pronunciar palavra devido à impressão que lhe produzia sua presença em Stony Cross. Sempre o tinha associado com a vida da cidade; estava acostumado a vê-lo no interior dos edifícios, de noite, confinado entre paredes, janelas e gravatas engomadas. Não obstante, ali, em meio da ensolarada natureza que os rodeava, parecia um homem de tudo diferente. Seus amplos ombros, que tão irreconciliáveis pareciam com o corte estreito dos trajes de etiqueta, pareciam ser mais que adequados para a malha rústica de sua jaqueta de caça e para a camisa que levava sem gravata alguma e que, portanto, deixava sua garganta à vista. Estava mais bronzeado que de costume; sua pele tinha adquirido um escuro tom ambarino por ter acontecido grande parte de seu tempo ao ar livre. Um raio de sol roçou seu curto cabelo e arrancou um brilho de profunda cor

castanha em lugar do esperado negro. Seu rosto, deliciosamente delineado pela luz do sol, tinha um rosto severo que lhe dava um ar distinto e impressionante. Os únicos toques de delicadeza que possuía eram as largas e curvadas pestanas escuras, junto com a exuberante curva de seu lábio inferior; rasgos que resultavam muito, mais fascinantes dada a inflexível expressão que os acompanhava.

Hunt e Annabelle se contemplaram com silenciosa perplexidade, como se alguém acabasse de formular uma pergunta para a que nenhum dos dois tinha resposta.

O momento se alargou até raiar no desconforto antes de que Simon Hunt falasse por fim:

— Formoso som — disse com suavidade.

Annabelle teve que esforçar-se para que lhe saísse a voz.

— Qual? — perguntou.

— o de sua risada.

Annabelle sentiu uma aguda pontada em metade do peito que não foi nem dolorosa nem prazenteira. A sensação teve um efeito tão devastador que lhe resultou impossível recordar se tinha experiente algo semelhante com antecedência. De modo inconsciente, elevou os dedos para esse lugar situado entre as costelas onde acabava de sentir a espetada. Os olhos do Hunt seguiram o movimento de sua mão antes de retornar muito lentamente até seu rosto. Começou a aproximar-se para a mesa de pedra, cortando desse modo a distância que os separava.

— Não esperava encontrada aqui. — Seu olhar a percorreu de cima abaixo e a submeteu a um exaustivo exame —. Mas, claro, é o lugar mais lógico para uma mulher em sua situação.

Annabelle entre fechou os olhos.

— Em minha situação?

— Tentando pescar a um marido — esclareceu, ele. Lhe respondeu com um olhar altivo. — Eu não trato de «pescar» a ninguém, senhor Hunt.

— Coloca a ceva — prosseguiu —, lança o anzol e maré a sua incauta presa até que esta jaz ofegante no mole.

Os lábios da Annabelle se franziram em um gesto tenso.

— Pode ficar tranqüilo, senhor Hunt, já que não tenho intenção de separado de sua preciosa liberdade. Você é o último de minha lista.

— Que lista? — Hunt a estudou no incômodo silêncio que se produziu

enquanto ele mesmo procurava a resposta —. Ah! De verdade tem você uma lista de possíveis candidatos a marido? — Seus olhos faiscaram, zombadores —. É um alívio escutar que não formo parte da competição, posto que já decidi evitar a toda costa que me enclausurem no mercado matrimonial. Entretanto, não posso evitar lhe perguntar uma coisa: Quem está à cabeça de sua lista?

Annabelle se negou a responder. Mesmo que se envergonhava dessa tendência a demonstrar seu nervosismo, foi incapaz de conter-se e sua mão se aproximou dos restos de cera de uma das velas para arrancar pequenos trocitos com as unhas.

— Westcliff, com segurança — aventurou Hunt. I

Annabelle deixou escapar um sopro desdenhoso e se sentou no bordo da mesa. O sol tinha temperado a envelhecida e suave superfície.

— É obvio que não. Não me casaria com o conde embora me suplicasse isso de joelhos.

Hunt soltou uma sincera gargalhada ao escutar a flagrante mentira.

— Um lorde de rañoso ascendência e semelhante fortuna? Você não se deteria ante nada para apanhá-lo.

Com um gesto despreocupado, sentou-se no extremo oposto de mesa e Annabelle teve que esforçar-se para não demonstrar o temor que lhe provocava sua proximidade. Por regra geral, a etiqueta ditava que nas conversações entre uma dama e um cavalheiro este jamais fizesse certo tipo de coisas ..., como envergonhar à dama, insultá-la ou aproveitar-se dela em qualquer sentido. Não obstante, com o Simon Hunt não havia garantia alguma de que algo assim não pudesse acontecer.

— por que veio você? — perguntou-lhe ela.

— Sou amigo Westcliff — respondeu com simplicidade.

Annabelle era incapaz de imaginar-se ao conde afirmando ser amigo de alguém como Hunt.

— E por que ia ele a relacionar-se com você? E não tente afirmar que têm algo em comum; ambos os som tão diferentes como a noite e o dia.

— Dá a casualidade de que o conde e eu temos interesses comuns. A ambos gosta da caça e compartilhamos um bom número de opiniões políticas. Ao contrário que outros nobres, Westcliff se nega a ver-se encadeado pelas restrições da vida aristocrática.

— Deus Santo! — exclamou Annabelle a modo de brincadeira —.

Parece considerar a aristocracia como uma espécie de encarceramento.

— Para, lhe ser justifico, assim é.

— Nesse caso, estou impaciente por que me, encarcerem e arrojem as chaves ao mar.

O comentário arrastou uma gargalhada ao Hunt.

— Você, encaixaria à perfeição no papel de esposa de um aristocrata.

Consciente de que o comentário estava longe de ser um completo, Annabelle o observo com o cenho franzido,

— Pergunto-me por que passa você tanto tempo entre os aristocratas, se tanto lhe desagradam.

Os olhos do Hunt brilharam com malícia.

— São de certa utilidade e não me desagradam; simplesmente não sinto desejo algum de me converter em um deles. Se por acaso não notou, a nobreza (ou ao menos, o estilo de vida que levou até agora) está a ponto de desaparecer ...

Annabelle reagiu com um olhar atônito, realmente assombrada por semelhante afirmação.

— O que quer dizer?

— A maioria da, aristocracia rural está vendo como desaparece sua fortuna, dividida e minguada pela quantidade de parentes próximos que precisam de apoio ... Por não mencionar a transformação que está experimentando a economia, algo com o que a nobreza se vê obrigada a enfrentar-se. A preeminência dos grandes latifundiários está chegando rapidamente a seu fim. Só os homens como Westcliff (um homem aberto às novas perspectivas) poderão capear o temporal.

— Com seu inestimável ajuda, é obvio — concluiu Annabelle.

— Exato — disse Hunt com tal complacência que fez rir aa Annabelle, muito apesar de si mesmo.

— Alguma vez considerou a idéia de aparentar certo grau de modéstia, senhor Hunt? Por simples educação.

— Não acredito na falsa modéstia.

— Talvez a gente o apreciasse mais se o fizesse.

— Seria seu caso?

Annabelle afundou as unhas na cera de suave cor bolo e elevou um olhar fugaz a Hunt com o fim de observar a expressão zombadora que de seguro apareceria em seus olhos. Para seu total assombro, esta não

apareceu. O homem parecia haver-se tomado sua resposta totalmente a sério. Sob seu intenso escrutínio, Annabelle sentiu que um humilhante rubor subia por seu rosto. Não se sentia muito cômoda em semelhante situação, ali falando a sós com o Simon Hunt enquanto ele se ajeitava a seu lado com tudo o aspecto de um pirata ocioso à espreita. Baixou o olhar até a enorme mão que o tinha colocado sobre a mesa e se fixou em seus dedos: eram largos, estavam limpos e o sol os tinha bronzeado; suas unhas estavam cortadas ao máximo, sem deixar apenas opção a que se visse o extremo.

— A palavra «**apreciar**» talvez resulte excessiva — particularizou Annabelle, afrouxando a pressão que sua mão exercia sobre os restos da vela. Quanto mais tentava controlar o rubor, piores eram os resultados, de modo que acabou ruborizada até a raiz do cabelo —. Suponho que poderia tolerar sua companhia com mais facilidade se você tentasse comportar-se como um cavalheiro.

— Por exemplo?

— Para começar ... esse costume de corrigir às pessoas ...

— Acaso a sinceridade não é uma virtude?

— Sim, mas faz impossível que se possa manter uma conversação! — Ignorando a risada profunda do Hunt, Annabelle continuou — E esse modo que tem você de falar abertamente sobre o dinheiro resulta do mais vulgar; sobre tudo para aqueles que se encontram nos círculos mais elevados. As pessoas educadas fingem não ter interesse algum pelo dinheiro, pelo modo de ganhá-lo, de investi-lo nem por nenhum dos temas dos que lhe gosta de discutir.

— Nunca compreendi por que o empenho em fazer fortuna se contempla com tanto desdém.

— Talvez porque esse empenho está acostumado a ir acompanhado de certos vícios: a avareza, o egoísmo, a hipocrisia ...

— Não é meu caso.

Annabelle à uma sobrancelha.

— Como?

Hunt esboçou um sorriso e sacudiu devagar a cabeça enquanto o sol brilhava sobre seu cabelo castanho escuro.

— Se fosse avaro e egoísta, ficaria com a maior parte dos benefícios que produzem meus negócios. Não obstante, meus sócios poderão lhe

confirmar que acabaram sendo gratamente recompensados por seus investimentos. E meus empregados desfrutaram de um salário digno, olhe-se por onde se olhe. Quanto à hipocrisia ..., acredito que é do mais óbvio que meu problema é justo o oposto. Sou sincero; o qual é quase imperdoável na sociedade civilizada.

Por alguma razão, Annabelle foi incapaz de reprimir o sorriso que lhe provocava esse mal educado uva sem semente. Separou-se da mesa e se sacudiu o pó da saia.

— Não penso seguir desperdiçando meu tempo lhe aconselhando que seja educado quando é óbvio que não lhe interessa nem o mais mínimo sê-lo.

— Não desperdiçou seu tempo — respondeu ele, aproximando-se dela do outro lado da mesa —. Vou considerar com total seriedade a possibilidade de mudar minhas maneiras.

— Não se incomode — replicou ela, sem deixar de Me sorrir isso., que o seu é um caso perdido. Agora, se me desculpar, vou reatar meu passeio pelo jardim. Que tenha uma tarde agradável, senhor Hunt.

— Me permita acompanhá-la disse em voz baixa —. Desse modo, pode você seguir me lecionando. Inclusive lhe emprestarei atenção.

Annabelle enrugou o nariz com descaramento.

— Não, não o fará — disse, antes de afastar-se pelo caminho de cascalho, muito consciente do olhar do Hunt cravada em suas costas, que não a abandonou até entrar de novo na habitação.

Capítulo 6

Justo antes do jantar que teria lugar a primeira noite da festa, Annabelle, Lillian e Daisy se encontraram ao pé das escadas do saguão, uma zona em que se situaram cadeiras e mesas em pequenos grupos e onde muitos dos convidados tinham decidido reunir-se.

— Devi imaginar que esse vestido ficaria imensamente melhor que — disse Lillian Bowman com acalmo ao tempo que abraçava a Annabelle e se afastava um pouco dela para poder admirá-la —. Senhor, é uma tortura ter uma amiga tão deslumbrante.

Annabelle levava outro de seus vestidos novos, um conjunto de seda amarela com uma ondulante, sobrefalda de tul adornada com pequenos franzidos, sujeitos por uns diminutos ramalhetes de violetas de seda. Tinha o cabelo recolhido no cocuruto com uma intrincada trança.

— Mas tenho muitos defeitos — assinalou ao Lillian com um sorriso.

— Sério? E quais são?.

Annabelle sorriu.

— Nada mais longe de minha intenção admitidos se nenhuma de vocês os notou já.

— Lillian conta a tudo mundo quais são seus defeitos — comentou Daisy com uma piscada de seus olhos castanhos —. Está muito orgulhosa deles.

— Tenho um temperamento do mais horrível — reconheceu Lillian satisfeita —. E sou capaz de mal dizer como um marinheiro.

— Quem te ensinou? — perguntou Annabelle.

— Minha avó. Era lavadeira. E meu avô era o fabricante de sabão ao que lhe comprava os fornecimentos. Dado que trabalhava junto ao porto, a maioria de seus clientes eram marinheiros e estivadores que lhe ensinaram palavras tão vulgares que lhes frisaríamos as pestanas se as escutassem.

Annabelle soltou uma gargalhada. Estava encantada com o espírito travesso dessas duas moças, que não se pareciam com ninguém que tivesse conhecido antes. Por desgraça, custava trabalho imaginar-se que Lillian ou Daisy pudessem ser felizes como esposas de um par do reino. A maioria dos

aristocratas desejavam casar-se com jovens apazíveis, de porte régio e que não chamassem a atenção ... A classe de esposa cujo único propósito era converter ao marido no centro de atenção e admiração. Entretanto, desfrutando como desfrutava da Annabelle da companhia das irmãs Bowman, a juventude pensou que seria uma verdadeira lástima que perdesse essa inocente audácia que as fazia tão atrativas.

De repente, deu-se conta da presença do Evie, que acabava de entrar na estadia com a mesma relutância que o faria um camundongo ao que jogam dentro de um saco cheio de gatos. O rosto do Evie se relaxou ao divisar a Annabelle e às Bowman. Depois de murmurar algo a sua séria tia, encaminhou-se para elas com um sorriso.

— Evie! — Daisy deu um gritito pela surpresa e fez gesto de dirigir-se para a moça. Annabelle a agarrou por braço por cima da luva, e lhe sussurrou ao ouvido:

— Espera! Se conseguir que Evie seja o centro de atenção o mais provável é que se deprima pela vergonha.

Daisy se deteve, obediente, e lhe dirigiu um sorriso picarona. — Tem razão. Sou uma autêntica selvagem.

— Eu não diria tanto, querida ... — reconfortou-a Lillian.

— Obrigado — respondeu Daisy gratamente surpreendida. — Logo que é uma selvagem pela metade — concluiu sua irmã maior.

Reprimindo uma gargalhada, Annabelle deslizou um braço pela estreita cintura do Evie.

— Está encantadora esta noite — lhe disse.

Evie levava o cabelo recolhido em uma brilhante cascata de cachos ruivos sobre o cocuruto, sujeito por forquilhas decoradas com pérolas. As sardas douradas que salpicavam seu nariz não faziam mais que aumentar seu atrativo, como se a natureza tivesse sucumbido a um impulso e tivesse esparso umas bolinhas de luz do sol sobre ela.

Evie procurou refúgio no abraço de, Annabelle, como se necessita consolo.

— A tia Flo — Florence diz, que pareço uma an — tocha acesa com o cabelo penteado assim — disse.

Daisy franziu o cenho ante o comentário.

— Sua tia Florence não deveria dizer essas coisas quando ela mesma

parece um trasgo.

— cala a boca, Daisy — a admoestou Lillian sã severidade.

Annabelle manteve o braço enluvado ao redor da cintura do Evie, enquanto refletia que, de acordo com o que seu amiga lhe tinha contado, era evidente queixa tia Florence se esforçava ao máximo por destroça qualquer fresta de confiança em si mesmo que Evie tivesse. Depois da morte prematura da mãe da moça, a família tinha acolhido em seu respeitável seio à desafortunada Evie e os anos de críticas que seguiram a esse momento tinham destruído por completo sua auto-estima.

Evie olhou às Bowman com um sorriso ligeiramente travesso.

— Não é um detrás — trasgo. Sempre me hei isso ima — imaginado como troll.

Annabelle riu de puro prazer ante o jocoso comentário.

— me conte — lhe disse —: viu já a lorde Kendall? Hão-me dito que é um dos poucos homens solteiros desta reunião ... além de ser o único solteiro com título, além do Westcliff.

— A competência pelo Kendall vai ser tremenda — assinalou Lillian —, por sorte, tanto Daisy como eu tramamos um plano que te permitirá arrastar, a um crédulo cavalheiro para o matrimônio. — E as insistiu a que se aproximassem com um gesto de seu dedo.

— Dá-me medo perguntar — disse Annabelle —. Como planejam fazê-lo?

— Enrola-lo até levá-lo a uma situação comprometida, momento no que nós três passaremos convenientemente pelo lugar e assim lhes «pilharemos» juntos. Então, o cavalheiro se beira obrigado por sua honra a pedir sua mão em matrimônio.

— Brilhante, não lhes parece? — perguntou Daisy.

Evie dirigiu a Annabelle um olhar dúbio.

— É um pouco ré — retorcido, não?

— Nada de pouco — replicou Annabelle —. Mas me temo que não me ocorre nada melhor. Já ti?

Evie negou com a cabeça.

— Não — admitiu —. A pergunta é se estivermos tão de — se desesperadas por apanhar a um marido para empregar qualquer método a nosso alcance, seja justo ou não.

— Eu o estou — disse Annabelle sem vacilação.

— e nós também — acrescentou Daisy com jovialidade.

Evie as contemplou com expressão insegura.

— Não posso deixar de lado todos meus escrúpulos. Quero dizer que não poderia torpor — suportar enganar a um homem para que fizesse algo que ...

— Evie — interrompeu Lillian com impaciência —, resulta que os homens esperam que lhes engane desta forma. São mais felizes assim. Se nos comportássemos de forma honesta, tudo este assunto do matrimônio lhes resultaria muito inquietante e nenhum estaria disposto a casar-se.

Annabelle estudou a jovem americana com fingido alarme.

— É cruel — lhe disse.

Lillian esboçou um doce sorriso.

— Herança de minha família. Os Bowman são cruéis por natureza. Embora também podemos mostramos diabólicos quando a ocasião o requer.

Sem deixar de rir, Annabelle voltou a centrar-se no Evie, que as observava com uma expressão desconcertada.

— Evie — lhe disse com ternura —, até o momento, sempre tentei fazer as coisas da, forma adequada. Mas não me deu grandes resultados; assim, de agora em diante, estou disposta a provar algo diferente ... Acaso você não o está?

Apesar de que ainda não parecia convencida de tudo, Evie se rendeu com um gesto resignado.

— Captou a idéia — a animou Annabelle.

Enquanto conversavam, produziu-se uma pequena agitação na multidão, que assinalou a aparição de lorde Westcliff. Aparentemente cômodo com o papel de organizador, começou a emparelhar sem dificuldade a homens e mulheres para que acessassem assim a sala de jantar. Apesar de que Westcliff não era o homem mais alto da sala, sua presença emanava certo magnetismo que resultava impossível passar por cima, Annabelle se perguntou por que algumas pessoas possuíam semelhante qualidade ..., esse algo indefinível que conferia importância ao mas mínimo gesto que realizassem ou a qualquer palavra que pronunciava. Ao olhar ao Lillian, deu-se conta de que a jovem americana também se precaveu desse detalhe.

— Aí temos a um homem que está a gosto consigo mesmo — disse Lillian com segura —. Me pergunto se algo ... o que seja ... poderia obrigá-

lo a retroceder.

— Não me ocorre nada — replicou Annabelle —. Embora eu gostaria de presenciá-lo se isso ocorresse.

Evie se aproximou mais e lhe deu uma ligeira cutucão no braço.

— Aí está lorde Ke — Kendall. Ali, no rincão.

— Como sabe que é Kendall?

— Por que está rodeado por uma dúzia de mulheres solteiras que o espreitam como tibu. — tubarões.

— Bem pensado — disse Annabelle, que olhou ao jovem já seu asfíxiante sequito.

William, Lorde Kendall, parecia aturdido pelo desmesurado da atenção feminina que estava recebendo. Tinha, o cabelo loiro e uma constituição magra. Seu rosto enxuto estava adornado por um par de reluzentes óculos cujas lentes lançavam brilhos à medida que seu perplexo olhar se deslocava de um rosto a outro. O apaixonado interesse que despertava um homem das tímidas maneiras que Kendall era prova suficiente de que não havia maior afrodisíaco que o celibato ao final de uma temporada social. Apesar de que Kendall não tinha despertado o menor interesse naquelas jovencinhas em janeiro, para o mês de junho tinha adquirido um encanto irresistível.

— Parece que é um homem, agradável — refletiu Annabelle.

— A meu parece dos que se assusta com facilidade — comentou Lillian —. Se estivesse em seu lugar, aparentaria ser o mais tímida e indefesa que pudesse quando me encontrasse isso.

Annabelle lhe dirigiu um olhar carregado de ironia.

— o de parecer indefesa nunca foi meu forte. Posso provar com o acanhamento, mas não te prometo nada. I

— Não acredito que vás ter problemas para apartar a atenção do Kendall dessas jovencinhas e atrai-la para ti — replicou Lillian com plena confiança —. Depois do jantar, quando as damas e os cavalheiros retornem a esta sala para tomar o chá e conversar, encontraremos a forma de lhe apresentar isso. Perguntou-se a causa, levantou a mão para tocar seu pescoço e, de repente viu-se olhando para Simon Hunt.

— Como poderia ...? — começou Annabelle, mas se deteve quando sentiu um comichão na nuca, como se alguém tivesse roçado sua pele com

uma pluma.

Perguntando-se qual seria a causa, elevou uma mão para tocá-la nuca e, de repente, encontrou-se com o olhar fixo no Simon Hunt.

Hunt se achava ao outro lado da habitação, com um ombro apoiado ao descuido contra um dos laterais de uma pilastra plaina enquanto que três cavalheiros conversavam animadamente ao seu redor. A relaxação que aparentava era uma máscara, já que seu olhar refletia concentração, como um gato que meditando a possibilidade de atacar. Era evidente que se precaveu do interesse que demonstrava pelo Kendall.

«**Por todos os Santos**», pensou irritada, antes de lhe dar a espada com toda premeditação. Não esta disposta a deixa que Hunt lhe causasse problemas.

— Tinham-lhes dado conta de que o senhor Hunt está aqui? — perguntou a seus amigas em voz baixa, depois do qual todas abriram os olhos de par em par. — Refere a «**seu**» senhor Hunt? — soltou Lillian ao tempo que Daisy começava a olhar a seu redor para lhe jogar uma olhada.

— Não é meu senhor Hunt! — protestou Annabelle, que compôs uma expressão cômica —. Mas sim, está aqui, de pé ao outro lado da habitação. De fato, encontrei-me com ele esta mesma tarde. Assegura que é um bom amigo do conde. — Franziu o cenho e predisse com atitude sombria —: O senhor Hunt fará quanto esteja em sua mão para arruinar nossos planos.

— Seria tão ego — egoísta para evitar que te casasse? — perguntou Evie perplexa —. Com a intenção de te converter em seu ... seu ...

— Mantida — terminou Annabelle por ela. — É difícil passar por cima essa possibilidade. A julgar por sua reputação, o senhor Hunt não se detém ante nada para conseguir o que deseja.

— Pode que seja certo — comentou Lillian, cujos lábios se endureceram pela determinação —. Mas certamente que não vai conseguir te a ti. Prometo-lhe isso.

O jantar se apresentou de forma soberba, com enormes sopeiras de prata e bandejas que se aconteciam em uma interminável procissão ao redor das três largas mesas que se depuseram na área de comer. A Annabelle resultava impossível acreditar que os convidados jantassem todas as noites de semelhante maneira; entretanto, o cavalheiro de sua esquerda — o pároco — lhe assegurou que aquele desdobramento era habitual na mesa do Westcliff.

— O conde e sua família têm fama pelos bailes e os jantares que oferecem — lhe disse —. Lorde Westcliff é o anfitrião com mais talento da nobreza.

Annabelle não se sentia predisposta a discutir: fazia muito tempo que não lhe serviam uma comida tão deliciosa. Os mornos petiscos que se ofereciam nas noites e festas de Londres empalideciam em comparação com aquele festim. Durante os passados meses, o lar dos Peyton logo que tinha podido permitir-se pouco mais que pão, bacon e sopa, com o ocasional acompanhamento de linguado frito e guisado de cordeiro. Por uma vez, alegrou-se de que não a sentassem ao lado de um orador entusiasta, já que isso lhe permitia cair em compridos períodos de silêncio durante os que podia comer quanto gostasse. Além disso, dado que os serventes não deixavam de oferecer novos e atraentes pratos aos convidados para que estes os provassem, ninguém pareceu dar-se conta do apetite que estava desdobrando, tão pouco apropriado de uma dama.

Consumiu com vontades uma terrina de sopa feita a base de champanha e queijo Camembert, prato que foi seguido por umas tiras de delicada vitela recobertas com molho de finas ervas e, como guarnição, uma suave nata de abobrinha. Depois, pescado envolto em ligeiras capas de papel que deixavam escapar um fragrante vapor quando se abriam. Logo, veio o purê de batatas servido sobre um leito de agriões. E, por último, o mais sublime de tudo: nata de frutas servidas em casca de laranja.

Annabelle estava tão absorta na comida que lhe levou vários minutos dar-se conta de que Simon Hunt se sentava perto da cabeceira da mesa de lorde Westcliff. Levou-se a taça de vinho diluído aos lábios para poder observá-lo com discrição. Como era habitual Hunt vestia com muito estilo, com um traje de etiqueta de cor negra e colete com matizes cinzentos, cuja seda brilhava com um discreto brilho. Sua pele bronzeada oferecia um marcado contraste com o linho níveo que adornava seu pescoço; e o nó de sua gravata era tão preciso como a folha de uma espada. Seu abundante cabelo escuro necessita a um pouco de loção De fato, uma de suas grossas mechas lhe caía sobre a frente. Essa mecha rebelde incomodou a Annabelle por alguma estranha razão. Sentiu o desejo de apartar o de seu rosto.

Não lhe aconteceu despercebido que as duas mulheres que se sentavam a ambos os lados do Simon Hunt competiam por atrair sua

atenção. Annabelle já se precaveu em outras ocasiões de que as mulheres pareciam encontrá-lo bastante atrativo. E sabia a razão: a combinação de encanto perverso, fria inteligência e exímia mundaniedade. Hunt tinha toda a aparência de um homem que tinha visitado as camas de numerosas mulheres e que sabia exatamente o que fazer nelas. Semelhante qualidade deveria lhe haver subtraído atrativo, não acrescentá-lo. Entretanto, Annabelle começava a descobrir que havia uma grande diferença entre o que se sabia que era bom para a gente mesmo e o que se desejava de verdade. E, apesar de que lhe teria gostado de poder afirmar o contrário, Simon Hunt era o único homem por quem se sintou atraída fisicamente até esse extremo.

Embora, em certo modo, sempre tinha estado protegida, também estava familiarizada com as verdades cotidianas da vida. O escasso conhecimento que tinha acumulado se devia às menções noites que tinha escutado, menções que foi somando até completar o quadro. Tinham-na beijado vários homens que tinham demonstrado um fugaz interesse por ela durante os passados quatro anos. Não obstante, nenhum desses beijos, sem importar o romantismo que encerrasse o cenário nem bonito que fora o cavalheiro em questão, tinha provocado a resposta que tinha conseguido Simon Hunt.

Por muito que o tentasse, Annabelle não podia esquecer aquele longínquo instante no diorama ..., a suave e erótica pressão da boca do homem sobre a sua, o puxador prazer de seu beijo. Desejaria saber a razão pela que tinha sido diferente com o Hunt, mas não podia ir a ninguém em busca de conselho. Falar com a Philippa sobre o assunto estava fora de toda consideração, já que não queria confessar que tinha aceito dinheiro de um estranho. E, do mesmo modo, tampouco ia comentar o incidente com as outras floireiros, que claramente sabiam tão pouco a respeito de beijos e homens como ela mesma.

Quando seu olhar se encontrou com a do Hunt, Annabelle ficou consternada ao dar-se conta de que o tinha estado olhando fixamente. Observando-o e imaginando coisas. Apesar de que se sentasse muito longe um do outro, pôde perceber a imediata e eletrizante conexão que fluiu entre ambos ... O rosto do homem mostrava uma expressão extasiada, o que a levou a perguntar-se o que encontraria tão fascinante. Com um intenso rubor, apartou o olhar dele e afundou o garfo em, uma panela de porros e cogumelos talheres com aparas de trufa branca.

Depois do jantar, as damas se retiraram à sala para tomar chá ou café enquanto que os cavalheiros permaneceram sentados à mesa com suas taças de oporto. Segundo a tradição, os dois grupos voltariam a unir-se no salão. Uma vez que começaram a formar-se rodas de pessoas de mulheres que conversavam e riam na sala, Annabelle se sentou junto ao Evie, Lillian e Daisy.

— Averiguaram algo a respeito de lorde Kendall? — perguntou, com a esperança de que tivessem solicitado algum rumor durante, o jantar —. Há alguém em particular por quem sente verdadeiro interesse?

— Até o momento, o terreno parece estar espaçoso — replicou Lillian.

— Perguntei a minha mãe o que sabia a respeito do Kendall — acrescentou Daisy — e há dito que dispõe de uma considerável fortuna e não tem dívida alguma.

— E como sabe ela? — perguntou Annabelle.

— A pedido de nossa mãe — explicou Daisy —, nosso pai confeccionou um relatório detalhado de quanto nobre apropriado houvesse na Inglaterra. E o memorizou. Diz que o pretendente ideal para qualquer de nós seria um duque arruinado cujo título proporcionasse aos Bowman o êxito social e cuja cooperação para celebrar o matrimônio ficaria assegurada graças a nosso dinheiro. — O sorriso do Daisy se voltou sardônica ao tempo que estirava uma mão para lhe dar um golpezinho a sua irmã maior antes de acrescentar —: Compuseram um piada sobre o Lillian, em Nova Iorque. Dizia assim: «Se te casar com o Lillian, receberá um milhão.» Fez-se tão popular que foi uma das razões pelas que tivemos que vir a Londres. Olhavam-nos como se fôssemos uma família de idiotas torpes e ambiciosos.

— Acaso não o somos? — perguntou Lillian com amargura.

Daisy pôs os olhos em branco.

— Ao menos, considero-me afortunada de que fôssemos antes de que pudessem compor uma rima sobre minha pessoa.

— Eu a tenho — disse Lillian —: «Se com o Daisy te casa, em corpo e alma te relaxa.»

Daisy lhe dirigiu um olhar do mais eloqüente e sua irmã sorriu.

— Não tema — continuou Lillian —, ao final conseguiremos infiltramos na sociedade londrina, acabaremos casadas com Lorde Dívidas-Enormes e lorde Bolsos-Vazios e ocuparemos de uma vez por todas o lugar

que nos corresponde como senhoras da mansão.

Annabelle sacudiu a cabeça e esboçou um sorriso pormenorizado enquanto Evie se desculpava com um murmúrio, possivelmente para atender a suas necessidades. Annabelle quase sentia pena pelas Bowman, já que começava a ser evidente que suas oportunidades casar-se por amor não eram muito maiores que as suas próprias.

— Tanto seu pai como sua mãe desejam que lhes casem com um título?
— Perguntou Annabelle. — O que opina seu pai a respeito?

Lillian se encolheu de ombros com despreocupação.

— Até onde alcança minha memória, nosso pai nunca teve nem voz nem voto no referente a seus filhos. Quão único pede é que o deixemos tranqüilo para poder ganhar mais dinheiro. Quando lhe escrevemos, nem se molesta em ler as cartas a menos que lhe peçamos permissão para retirar mais recursos do banco. Nesse caso, responde com uma única linha: «Permissão concedida»

Daisy parecia compartilhar o divertido cinismo de sua irmã.

— Acredito que as intenções casamenteiras de nossa mãe o agradam, já que a mantêm o bastante ocupada como para não poder aporrinhá-lo.

— Deus bendito — murmurou Annabelle —. E alguma vez se queixa porque lhe peçam mais dinheiro?

— Nunca — respondeu Lillian, que riu ante a evidente inveja da Annabelle —. Somos asquerosamente ricos, Annabelle ... E tenho três irmãos maiores, todos solteiros. Consideraria a algum como marido? Se quiser, faço que um cruzamento o Atlântico para que o inspecione.

— Tentador, mas não, obrigado — replicou —. Não quero viver em Nova Iorque. Preferiria ser a esposa de um par do reino.

— De verdade é tão maravilhoso ser a esposa de um aristocrata? — perguntou Daisy sem rodeios —. E viver em um desses casarões cheios de correntes de ar e com péssimos encanamentos, ter que aprender essa lista interminável de normas a respeito de qual é a maneira apropriada de fazer todas e cada uma das coisas ...

— Se não estar casada com um par do reino, não é ninguém — lhe assegurou Annabelle — Na Inglaterra, a aristocracia o é tudo. Determina a maneira em que lhe tratam, as escolas às que vão seus filhos, os lugares aos que lhe convidam ... Determina todos os aspectos de sua vida.

— Não sei se ... — começou Daisy, mas se viu interrompida pela

precipitado volta do Evie.

Embora esta não mostrava sinais aparentes de ter pressa, seus olhos azuis brilhavam pela urgência, e o entusiasmo tinha posto um toque de rubor em suas bochechas. Depois de sentar-se no bordo da cadeira que tinha ocupado momentos antes, inclinou-se para a Annabelle e lhe sussurrou entre gagueiras.

— Tinha-te que retornar para lhe contar isso Está sozinho!

— Quem? — Perguntou Annabelle também em um sussurro —. Quem está sozinho?

— Lorde Kendall! Hei-o vis — visto na terra — terraço de atrás. Estava sentado sozinho em uma das mesas.

Lillian franziu o cenho.

— Possivelmente esteja esperando a alguém. Se for assim, a Annabelle não faria nenhum favor aproximar-se dele como um rinoceronte em zelo.

— Importaria-te recorrer a uma metáfora mais favorecedora, querida? — perguntou Annabelle com suavidade, o que lhe valeu um sorriso do Lillian.

— Sinto muito. Mas procura atuar com cautela, Annabelle.

— Entendido — disse Annabelle, que lhe devolveu o sorriso ao tempo que ficava em pé e se arrumava as saias com destreza — vou investigar a situação. Bom trabalho, Evie.

— Boa sorte — replicou Evie, depois do qual todas cruzaram os dedos enquanto a observavam abandonar a estadia.

O coração da Annabelle se disparou à medida que avançava pela casa. Tinha plena consciência de que estava evitando um matagal de regras sociais. Uma dama jamais devia procurar a companhia de um cavalheiro; entretanto, se seus caminhos se cruzavam por acidente ou se encontravam, por acaso, compartilhando um canapé ou uma mesa de conversação, podiam intercambiar umas quantas galanterias. Não obstante, não deviam acontecer tempo a sós a menos que passeassem a cavalo ou em uma carruagem aberta. No caso de que uma jovem se topasse com um cavalheiro nos jardins, fora da vista de outros, esta devia assegurar-se por todos os meios de que a situação não resultasse comprometedoras em nenhum sentido.

A menos, é obvio, que a jovem queria ver-se comprometida.

À medida que se aproximava da larga fila de portas francesas que

davam passo ao ampla terraço ladrilhado, Annabelle divisou a sua presa. Tal e como Evie havia descrito, lorde Kendall estava sentado a uma mesa redonda, reclinado sobre o respaldo de sua cadeira com uma perna estendida por diante. Parecia desfrutar de uma pausa momentânea detrás ter escapado do opressivo ambiente da casa.

Em silêncio, Annabelle se aproximou, à porta mais próxima e a transpassou. O ar cheirava ligeiramente a urze e mirto, e o som do rio que havia além dos jardins proporcionava um arrulho relaxante. Com a cabeça baixa, esfregou-se as têmporas com os dedos como se visse afetada por uma fastidiosa dor de cabeça. Quando se encontrava a uns poucos metros da mesa do Kendall, levantou a vista e se obrigou a dar um pequeno pulo, fingindo surpreender-se ao encontrá-lo ali.

— Nossa — disse. Não lhe resultava difícil aparentar estar sem fôlego. Estava nervosa, já que sabia quão importante era lhe causar a impressão adequada —. Não me tinha dado conta de que houvesse alguém aqui ...

Kendall ficou em pé; seus óculos brilharam à luz do farol da terraço. Sua silhueta era tão magra: que resultava quase inexistente; a jaqueta lhe pendurava dos ombros. Apesar de ser uns oito milímetros mais alto que ela, a Annabelle não teria surpresa averiguar que pesavam o mesmo. Sua postura denotava acanhamento ao tempo que uma estranha inquietação, como se tratasse de um cervo disposto para executar uma súbita retirada de um salto. Enquanto o contemplava, teve que admitir para seus dentro s que Kendall não era a classe de homem pela que se sentiria atraída em circunstâncias normais. Embora tampouco gostava dos arenques em vinagre. Entretanto, se se encontrasse faminta e alguém lhe oferecesse um pote de arenques, era pouco provável que franzisse o nariz e o rechaçasse.

— Olá — disse Kendall; sua voz era educada e suave, embora um pouco gritã —. Não há necessidade de que se assuste. Asseguro-lhe que sou inofensivo.

— Acredito que deveria reservar minha opinião sobre esse assunto — respondeu Annabelle, que lhe sorriu para logo contrair a cara como se o esforço lhe tivesse causado dano —. Lhe rogo que me desculpe por ter invadido sua privacidade, senhor. Só queria tomar um pouco de ar fresco. — Inspirou até que seus peitos se apertaram com recato contra as baleias de seu sutiã —. O ambiente da casa era um pouco opressivo, não lhe parece?

— Kendall se aproximou com as mãos ligeiramente elevadas, como se

temesse que se deprimisse na terraço.

— Posso lhe trazer algo? Um copo de água?

— Não, obrigado. Uns minutos no exterior farão que me reponha em seguida. — Annabelle se deixou cair com graça na cadeira mais próxima —. Embora ... — Se deteve e tentou parecer envergonhada —.

Não nos conviria que nos descobrissem sem carabina. Sobre tudo quando não fomos apresentados.

O jovem realizou uma ligeira reverência.

— Lorde Kendall a seu serviço.

— Senhorita Annabelle Peyton. — Olhou a cadeira vazia que tinha ao lado —. Sinta-se, por favor. Prometo-lhe que irei assim que me limpe a cabeça.

— Kendall obedeceu com receio.

— Não é necessário — disse —. Fique tudo o tempo que deseje.

Isso resultou alentador. Com o conselho do Lillian na cabeça, Annabelle meditou com muito cuidado seu seguinte comentário. Dado que Kendall se via submetido ao assédio de um montão de mulheres, devia encontrar uma maneira de ressaltar entre elas; por exemplo, fingindo que era quão única não estava interessada em sua pessoa.

— Entendo perfeitamente a razão de sua presença aqui — lhe disse com um sorriso —. Deve desejar com desespero poder escapar de uma multidão de mulheres ansiosas. “

— Kendall lhe dirigiu um olhar surpreendido.

— De fato, assim é. Devo confessar que jamais assisti a uma festa com convidadas tão amistosas e predispostas.

— Espere a que se acabe o mês — lhe advertiu — Para então, serão tão amistosas que terá que utilizar um látego e uma cadeira para as manter a raia.

— Conforme entendo, parece sugerir que sou algo assim como um objetivo matrimonial — comentou com secura, expressando em voz alta algo que resultava evidente.

— A única forma de que fora um objetivo, mais óbvio seria pintando um alvo na parte posterior de sua jaqueta — replica Annabelle, conseguindo que o homem riera entre dentes —. Me permite que lhe pergunte o que outras razões tinha para escapar a terraço, milord?

Kendall manteve o sorriso. Parecia muito mas cômodo que ao princípio.

— Temo-me que não suporto o licor. A quantidade do porto que estou disposto a beber em benefício de minha vida social é muito limitada.

Annabelle não tinha conhecido a nenhum homem admitisse algo assim de forma voluntária. Para a maioria dos cavalheiros, ser um homem equivalia a beber a mesma quantidade de álcool que se necessitaria para tombar um elefante.

— Sente-se mau? — pergunto, pormenorizada.

— Põe-me doente. Haviam-me dito que a tolerância melhora com a prática, mas me temo que seja um objetivo sem sentido. E tenho melhores formas de passar o tempo.

— Tais como ...

Kendall considerou a pergunta com supremo cuidado.

— Um passeio pelo campo. Um livro que cultive o intelecto. — Seus olhos refletiram um súbito e cordial brilho —. Uma conversação com uma nova amiga.

— Também me agradam essas coisas.

— De verdade? — Kendall duvidou, um instante, momento em que os sons que provinham do rio e das taças das árvores pareceram sussurrar através do ar —. Talvez goste de unir-se a mim para dar um passeio amanhã pela manhã. Conheço vários atalhos excelentes em Stony Cross.

A Annabelle custou reprimir o repentino entusiasmo que sentiu.

— eu adoraria — respondeu. — Entretanto, devo lhe perguntar ... O que acontecerá a seu séquito?

Kendall sorriu, o que revelou uma fileira de dentes pequenos e impecáveis.

— Não acredito que ninguém nos incomode se sairmos o bastante cedo.

— Dá a casualidade de que eu gosto de me levantar cedo — mentiu —. E adoro caminhar.

— Às seis lhe parece bem?

— Que seja às seis — replicou ao tempo que ficava em pé —. Devo partir. Não demorarão para dar-se conta de minha ausência. Além disso, já me sinto muito melhor. Agradeço-lhe muito o convite, milord —. Se permitiu lhe dar de presente um sorriso coquete —. E também lhe agradeço

que compartilhasse seu terraço.

Enquanto retornava ao interior, fechou os olhos um instante e deixou escapar um suspiro de alívio. Tinha sido uma boa apresentação e tinha resultado muito mais fácil do esperado atrair o interesse do Kendall. Com um poquito de sorte — e de ajuda por parte de seus amigas — seria capaz de apanhar a um aristocrata. E, então, tudo iria bem.

Capítulo 7

Quando o bate-papo posterior ao jantar teve concluído, a maioria dos hóspedes se retirou a suas habitações. Quando Annabelle atravessou um dos arcos de entrada do salão, viu que as demais flozeiros a estavam esperando. Respondeu com um sorriso pela espera que refletiam seus rostos e logo se encaminhou com elas um lugar no que pudessem intercambiar umas quantas palavras em privado.

— e bem? — perguntou Lillian.

— Mamãe e eu iremos dar um passeio com lorde Kendall amanhã pela manhã — disse. Annabelle.

— A sós?

— A sós — confirmou Annabelle —. De fato, encontraremos-nos à alvorada para evitar a companhia de uma horda de jaquetas de maridos.

De haver-se encontrado em um lugar mais privado, bem poderiam ter gritado todas de alegria. Em troca, conformaram-se intercambiando uns exultantes sorrisos enquanto Daisy movia os pés em uma pequena e eufórica dança da vitória

— Co — como é? — perguntou Evie.

— Tímido, mas agradável — respondeu Annabelle —. E parece ter senso de humor, algo que não me teria atrevido a esperar.

— E ainda por cima tem dentes! — exclamou Lillian.

— Tinha razão ao dizer que se assustava com facilidade — disse Annabelle —. Estou segura de que Kendall não se sentiria atraído por uma mulher de caráter forte. É circunspeto e de voz suave trato de me comportar com acanhamento ..., embora seja muito provável que acabe me sentindo culpado por semelhante engano.

— Todas as mulheres fazem isso durante o cortejo ... e os homens também, se a isso vamos — disse Lillian de forma prosaica —. Tratamos de ocultar nossos defeitos e de dizer as coisas que acreditam que o outro quer escutar. Fingimos ser sempre encantadores e de temperamento doce e passamos por cima os pequenos e asquerosos costumes do outro, como se não nos incomodassem. E depois das bodas, tiramos-nos o disfarce.

— Não acredito que os homens finjam tanto como as mulheres, a verdade — replicou Annabelle —. Se um homem for corpulento ou tem os dentes manchados, ou se resultar de algum modo aborrecido, continua sendo uma boa partida enquanto siga sendo um cavalheiro e tenha um pouco de dinheiro. Entretanto, espera-se que as mulheres se atengan a modelos muito mais elevados.

— Razão pela qual todas sou — somos floreiros — disse Evie.

— Não o seremos por muito tempo — prometeu Annabelle com um sorriso.

Florence, a tia do Evie, chegou do salão de baile embelezada com um vestido negro que a fazia parecer uma bruxa e que não lhe sentava nada bem a sua tez cítrica. Havia pouco parecido familiar entre o Evie, com sua cara arredondada, seu cabelo vermelho e sua cútis sardenta, e sua mal-humorada tia, que era um afemine.

— Evangeline — disse com brutalidade ao tempo que dirigia ao grupo um olhar de desaprovação enquanto o fazia um gesto à garota —, adverti-te que não desaparecesse dessa maneira ... estive te buscando por toda parte, ao menos durante dez minutos, e não recordo que pedisse permissão para te reunir com seus amigas. E de todas as moças com as que teria podido te relacionar ... — sem deixar de tagarelar com desprezo, a tia Florence se encaminhou para a majestosa escada enquanto Evie; começava a caminhar atrás dela.

Como sabia que a estavam olhando, Evie colocou a mão atrás de suas costas e agitou os dedos para despedir-se. — Evie diz que sua família é muito rica — assinalou Daisy — Mas também diz que são todos infelizes, do primeiro ao último. Pergunto-me porquê será ...

— Dinheiro velho — replicou Lillian —. Pai diz que não há nada como toda uma vida de opulência para lhe fazer a um consciente do que não possui. — Entrelaçou seu braço com o do Daisy —. Vamos, querida, antes de que mãe se dê conta de que desaparecemos. — Olhou a Annabelle com um sorriso interrogante —. Quer, passear conosco, Annabelle?

— Não, obrigado. Minha mãe se reunirá comigo aos pés da escada dentro de um momento.

— boa noite, então. — Os olhos escuros do Lillian resplandeceram quando acrescentou —: Para quando despertarmos amanhã, já haveria saído a passear com o Kendall. Espero um relatório completo durante o café da

manhã.

Annabelle se despediu delas com um gesto alegre e contemplou como ambas se afastavam. Continuando, encaminhou-se muito devagar para a escada principal e se deteve entre as sombras que havia junto à base da estrutura curva. Parecia que a Phillippa, como era seu costume, estava-lhe custando muitíssimo deixar a conversação do salão. Entretanto, a Annabelle não importou esperar. Tinha a cabeça cheia de idéias que foram dos temas de conversação que poderiam lhe interessar ao Kendall durante o passeio seguinte, até a forma de assegurar-se sua atenção apesar das muitas garotas que o perseguiriam durante nas próximas semanas.

Se era o bastante preparada para conseguir lhe gostar da lorde Kendall, e se as floreiros tinham êxito com o plano de sedução o que se sentiria ao ser a esposa de semelhante homem? Instintivamente, estava segura de que jamais poderia apaixonar-se por alguém como Kendall, mas jurou que faria tudo o possível por ser uma boa esposa para ele. O mais provável era que, com o tempo, chegasse a tomar certo carinho. O matrimônio com esse homem poderia resultar muito agradável. A vida seria confortável e segura, e jamais teria que voltar a preocupar-se de se havia ou não comida suficiente na mesa. E, o mais importante de tudo, o futuro do Jeremy ficaria assegurado e sua mãe jamais teria que voltar a passar pelas repugnantes cuidados de lorde Hodgeham.

Escutaram-se uns fortes passos quando alguém começou a descender os degraus. De pé junto ao corrimão, Annabelle elevou o olhar com um ligeiro sorriso e, de repente, ficou gelada. Por incrível que parecesse, encontrou-se frente a frente com um gordo rosto, coroadado por uma mecha pendente de cabelo grisalho. Hodgeham? Não podia ser!

O homem chegou aos pés das escadas e se deteve ante ela com uma reverência formal e uma presunção insofrível. Quando Annabelle contemplou os gélidos olhos azuis do Hodgeham, a comida que tinha tomado durante o jantar pareceu formar uma Espinosa bola que começou a rodar por seu estômago.

Como era possível que estivesse ali? Por que não o tinha visto antes? Ao pensar em sua mãe, que logo se reuniria com ela naquele mesmo lugar, embargou-a a fúria. Aquele homem rude e insolente, que se tinha renomado a si mesmo seu benfeitor, e que submetia a sua mãe a suas repugnantes

cuidados em troca de suas imundas e míseras moedas, tinha-as açoitado no pior momento possível. Não poderia haver um tortura pior para a Philippa que a presença do Hodgeham durante essa festa. Ele poderia revelar a relação que existia entre eles em qualquer momento ... Poderia as arruinar sem mais, e não tinham modo de obrigá-lo a guardar silêncio.

— Nossa, senhorita Peyton — murmurou Hodgeham, cujo rosto gorducho se ruborizou com malévola satisfação —. Que prazenteira coincidência que você seja o primeiro convidado que me encontro em Stony Cross Park.

Annabelle sentiu uns nauseabundos calafrios quando se obrigou a enfrentar seu olhar. Tratou de fazer desaparecer qualquer emoção de seu rosto, mas Hodgeham sorriu de forma perversa, como se fora consciente do pânico e a hostilidade que a atendiam.

— depois dos inconvenientes da viagem de Londres — continuou — decidi tomar o jantar em meus aposentos. Sinto muitíssimo não havê-la visto antes. De qualquer forma, haverá muitas oportunidades para nos reunir durante as semanas vindouras. Suponho que sua encantadora mãe está aqui com você, equivoco-me?

Annabelle teria dado algo por poder lhe responder que não. O coração lhe pulsava tão rápido que parecia sugar o ar de seus pulmões ... esforçou-se por pensar e dizer algo a pesar do incessante batimento de seu peito.

— Não se aproxime dela — disse, assombrada pela firmeza de sua própria voz —. Nem se atreva a lhe dirigir a palavra.

— Mas bom, senhorita Peyton, fere-me com suas palavras ... Eu que fui o único amigo de sua família nas épocas difíceis, quando todos outros os abandonaram,

Ela o observou sem pestanejar, sem mover-se, como se estivesse diante a uma serpente venenosa disposta a atacar.

— Uma feliz coincidência que tenhamos acudido ambos à mesma festa, não lhe parece? — perguntou Hodgeham. Riu em voz baixa e o repentino movimento fez que seu refinado cabelo se deslizasse como um gordurento estandarte sobre sua frente. Jogou-o para trás com una suas roliças mãos —. De fato, a fortuna me sorri ao me conceder a possibilidade de estar perto de uma mulher asa que tenho em tão alta estima.

— Não haverá proximidade alguma entre minha mãe e você — disse Annabelle, que apertou o punho com força para evitar lhe atirar um murro

nessa cara sebosa —. O advirto, milord, se a molesta de alguma forma ...

— Querida menina, acredita que refiro a Philippa? É você muito modesta. Refiro a você, é obvio, Annabelle. Faz muito tempo que a admiro. Em realidade, estou ansioso por lhe demonstrar a natureza de meus sentimentos. Ao parecer, o destino nos proporcionou a ocasião perfeita de chegar a conhecemos melhor.

— Antes dormiria em um ninho de serpentes — replicou Annabelle com frieza; entretanto, havia medo em sua voz e o homem sorriu ao escutá-lo.

— Estou seguro de que ao princípio protestará, é obvio, As moças como você sempre o fazem. Mas logo fará o mais sensato ..., o mais inteligente ..., e descobrirá as vantagens de converter-se em meu amiga. Posso ser um amigo muito valioso, querida minha. E, se me agradar, recompensarei-a com generosidade.

Annabelle tratou com desespero de pensar em uma maneira de destruir qualquer esperança que tivesse o homem de convertê-la em seu amante. O medo a entremeter-se em território de outro homem era a única coisa que manteria ao Hodgeham longe dela. Annabelle se obrigou a esboçar um sorriso de desprezo.

— Acaso lhe parece que necessito sua suposta amizade? — Perguntou ao tempo que brincava com as dobras de seu elegante vestido novo —. Equivoca-se. Já tenho um protetor ..., um muito mais generoso que você. De modo que será melhor que me deixe em paz, e a mim mãe também, ou terá que responder ante ele.

Observou as emoções que atravessaram, uma atrás de outra, o rosto do Hodgeham a incredulidade inicial, seguida pela fúria e depois pela suspeita.

— Quem é ele?

— E por que ia dizer se o replicou Annabelle com um sorriso condescendente —. Prefiro que fique com a dúvida.

— Está mentindo, rapariga do demônio!

— Pense o que queira — murmurou ela.

As gordas mãos do Hodgeham se fecharam pela metade, como se o homem desejasse ficar as em cima e lhe arrancar uma confissão. Entretanto, conteve-se e a olhou com o rosto avermelhado pela fúria.

— Ainda não acabei contigo — murmurou, e a saliva salpicou seus carnudos lábios —. Nem muito menos.

Afastou-se dela com brusca precipitação, muito aceso para incomodar-se em mostrar a mais mínima cortesia.

Annabelle ficou ali de pé sem mover-se. A fúria tinha desaparecido e em seu lugar se instalou uma ansiedade que lhe chegava até a medula dos ossos. Seria suficiente o que havia dito ao Hodgeham para mantê-lo a raia? Não, só era uma solução temporária. Nos dias vindouros, estaria observando a de perto, esquadrinhando cada palavra que dissesse e tudo o que fizesse com o fim de averiguar se tinha mentido ou não com respeito ao de ter um protetor.. E haveria ameaças e observações mordazes destinadas a tirar a de gonzo. Não obstante, sem importar o que acontecesse, não podia lhe permitir a esse homem que revelasse o acerto que tinha com sua mãe. Isso mataria a Philippa e, sem dúvida, arruinaria as possibilidades de matrimônio da Annabelle.

Sua mente seguiu lhe dando voltas de modo frenético a aquele assunto e permaneceu imóvel e tensa até que uma voz profunda lhe deu um susto de morte,

— Interessante. Sobre que discutiam lorde Hodgeham e você?

Pálida, Annabelle se girou para contemplar ao Simon Hunt, que se tinha aproximado dela com um sigilo felino. Seus ombros bloqueavam a profusão de luzes que chegavam do salão. Com esse incrível autocontrole que possuía, parecia imensamente mais ameaçador que Hodgeham.

— O que é o que ouviu? — resmungou Annabelle, que se amaldiçoou para seus si ao escutar a atitude defensiva que refletia sua própria voz. .!

— Nada — respondeu ele com suavidade —. Não vi mais que a cara de ambos enquanto falavam. Resultava óbvio que você estava molesta por algo.

— Não estava molesta. Interpretou mal você minha expressão, senhor Hunt.

O sacudiu a cabeça e a surpreendeu ao estirar uma mão para lhe acariciar com um dedo a parte superior do braço que não ficava coberta pela luva.

— Saem-lhe manchas quando se zanga.

Annabelle olhou para baixo e viu uma mancha de cor rosa pálido, um sinal de que sua pele, como de costume, tinha uma tonalidade desigual quando se alterava.

Sentiu um calafrio ao contemplar como a acariciava seu dedo e se

separou dele.

— Tem problemas, Annabelle? — perguntou Hunt em voz baixa.

Não tinha direito algum a perguntar algo assim com tanta amabilidade, quase como se lhe preocupasse ..., como se ele fora alguém a quem ela pudesse ir em busca de ajuda ..., como se ela pudesse permitir-se alguma vez fazê-lo.

— Isso gostaria, verdade? — replicou —. Qualquer dificuldade que tivesse o deleitaria a mais não poder, já que assim poderia me oferecer sua ajuda e tirar proveito da situação.

O homem entreabriu os olhos e a olhou fixamente.

— Que tipo de ajuda necessita?

— De você, nenhuma — lhe assegurou com secura — E não utilize meu nome de pilha. Agradecer-lhe-ia que se dirigisse para mim corretamente de agora em diante ... Ou, melhor ainda: que não me dirija a palavra absolutamente. — Incapaz de suportar seu olhar escrutinador nem um momento mais, afastou-se dele —. Agora, se me desculpar, devo encontrar a minha mãe.

Phillippa se sentou na cadeira que havia junto à mesinha da penteadeira ao tempo que contemplava a palidez do rosto da Annabelle. A jovem tinha aguardado estar a salvo na intimidade de seu dormito antes de lhe contar a Philippa as horríveis notícias. Ao parecer, a sua mãe havia custado todo um minuto assimilar o fato de que o homem ao que mais detestava e temia era um dos convidados do Stony Cross Park. Annabelle quase tinha esperado que sua mãe estalasse em lágrimas, mas Philippa a tinha surpreendido, já que não tinha feito outra coisa que inclinar a cabeça para um lado e contemplar o rincão escuro da habitação com um sorriso estranho e resignado. Era um sorriso que Annabelle jamais tinha visto em seu rosto com antecedência, um sorriso da que emanava uma estranha amargura que indicava que não tinha nenhum sentido tratar de melhorar a situação de um, porque o destino sempre se saía com a sua.

— Quer que nos partamos do Stony Cross Park? — Murmurou Annabelle —. Podemos retornar a Londres imediatamente.

Pergunta-a pareceu flutuar no ar durante incontáveis minutos. Quando Philippa respondeu, parecia confusa e meditando.

— Se fizermos isso, não terá esperança alguma de obter uma oferta de

matrimônio. Não, sua única oportunidade é acabar com isto. Passearemos com lorde Kendall amanhã pela manhã; não permitirei que Hodgeham arruíne suas oportunidades com ele.

— Será uma fonte constante de problemas — disse Annabelle em voz baixa —. Se não retornarmos à cidade, a situação se converterá um pesadelo.

Naquele momento, Philippa se girou para ela com esse inquietante sorriso.

— Querida minha, se não encontrar a alguém com quem te casar, quando retornarmos a Londres começará o verdadeiro pesadelo.

Capítulo 8

Afligida pela preocupação, Annabelle dormiu, no máximo duas ou três horas. Quando despertou aquela manhã, tinha bolsas escuras sob os olhos e o rosto pálido e gasto.

— Por todos os Santos — murmurou ao tempo que empapava um trapo em água fria e o levava a cara —. Isto não pode ser. Parece que tenha cem anos esta manhã.

— O que há dito, querida? — foi dormitada pergunta de sua mãe.

Phillippa estava de pé detrás de sua filha, vestida com uma estragado camisola e umas sapatilhas desfiadas.

— Nada, mamãe. Falava sozinha. — Annabelle se esfregou a cara com força para recuperar certa cor nas bochechas.

Phillippa se aproximou de sua filha e a estudou com atenção.

— É certo que parece um pouco cansada. Pedirei que nos subam um pouco de chá.

— Que seja uma bule bem grande. — disse Annabelle. Enquanto contemplava seus olhos avermelhados no espelho, acrescentou —: Melhor que sejam dois.

Phillippa retorceu o pano antes de deixá-lo sobre o lava-mãos.

— Os vestidos mais velhos que tenhamos, suponho, já que alguns atalhos do bosque podem estar bastante enlameados. Embora poderemos cobri-los com os novos xales de seda que nos deram Lillian e Daisy.

Depois de beber uma taça de fumegante chá e lhe dar uns quantos dentadas apressadas à fria torrada que tinha subido uma das donzelas, Annabelle terminou de vestir-se. Estudou-se no espelho com olho crítico. O xale de seda azul que tinha atado ao redor do sutiã escondia à perfeição o estragado tecido do vestido cor baunilha que havia debaixo. Além disso, seu novo boné, também obséquio das Bowman, resultava muito favorecedor, já que o forro azulado ressaltava o azul de seus olhos.

Sem deixar de bocejar, Annabelle baixou com sua mãe até a terraço posterior da mansão. Era o bastante cedo como para que quase todos os convidados do Stony Cross seguissem na cama. Solo uns quantos

cavalheiros decididos a pescar trutas se incomodaram em levantar-se. Um reduzido grupo de homens tomavam o café da manhã nas mesas do exterior enquanto os criados aguardavam nas cercanias com os canos e as cestas de pesca. Esse tranqüilo cenário se viu assaltado por um clamor do mais molesto e absolutamente habitual a uma hora tão cedo.

— Pelo amor de Deus — ouviu exclamar a sua mãe. Seguiu seu olhar estupefato até o outro lado da terraço, que se tinha visto invadida por uma cacofonia de frenéticos falatórios, gritinhos, gargalhadas e o agressivo desdobramento dos encantadores maneiras de um grupo de juvenzinhas. Rodeavam algo que permanecia oculto no centro de tão apinhada congregação —. O que fazem aqui? — perguntou, assombrada, Philippa.

Annabelle suspirou e disse com resignação:

— Vão de caça matutina, figuro-me.

Philippa abriu a boca de par em par enquanto contemplava o escandaloso grupo.

— Não quererá dizer que ... Acaso crie que o pobre lorde Kendall se haja em metade disso?

Annabelle assentiu.

E, a julgar pela situação, não acredito que vão deixar muito dele quando terminarem.

— Mas ... mas ele acordou sair a passear contigo — protestou Philippa —. Única e exclusivamente contigo, comigo como carabina.

Quando algumas das juvenzinhas se precaveram da presença da Annabelle ao outro lado da terraço, a multidão fechou filas ao redor de sua presa, como se queriam evitar que o visse. Annabelle sacudiu a cabeça ligeiramente. Ou Kendall tinha contado a alguém seus planos sem pensar nas conseqüências ou a loucura por encontrar marido tinha alcançado tais cotas que nem sequer podia aventurar-se fora de sua habitação sem atrair a uma caterva de mulheres, por muito inoportuna que fora a hora.

— Bom, não fiquemos aqui — a urgiu Philippa —. Vê e te una ao grupo. E tenta atrair sua atenção.

Annabelle lhe dirigiu um olhar indeciso.

— Algumas dessas garotas parecem feras. Eu não gostaria de acabar com uma dentada.

Molesta por uma risada sufocada que lhe chegou desde algum lugar próximo, girou-se para o som. Como já deveria ter esperado, Simon Hunt se

apoiava contra a balaustrada da terraço; a taça de porcelana ficava quase oculta em seu enorme mão enquanto bebia distraidamente seu café. Levava o mesmo tipo de roupa tosca que o resto dos pescadores, confeccionada com tweed e sarja, e uma desgastada camisa de linho com o pescoço aberto. O brilho zombador de seus olhos proclamava o interesse que demonstrava na situação;

Annabelle tirou o chapéu aproximando-se dele de modo totalmente inconsciente. Aproximou-se até ficar a um metro de distância e descansou ambos os cotovelos sobre a balaustrada, com o olhar perdido no amanhecer envolto em bruma. Hunt, em troca, estava apoiado de costas, encarando assim os muros da mansão.

Com a necessidade de aguilhoar essa irritante segurança da que fazia ornamento, Annabelle murmurou:

— Lorde Kendall e lorde Westcliff não são os únicos solteiros em Stony Cross, senhor Hunt. Qualquer poderia perguntar o motivo de que você não se encontre submetido à mesma perseguição que eles dois.

— É evidente — respondeu com tranqüilidade ao tempo que se levava a taça aos lábios e esvaziava seu conteúdo —. Não tenho título e além disso, seria um péssimo marido. — Dirigiu-lhe um perspicaz olhar de canto de olho —. Quanto a você ..., apesar da simpatia que desperta sua causa, não lhe aconselharia que entrasse na conflito pelo Kendall.

— Por minha causa? — repetiu Annabelle, que se sentiu ofendida por essa palavra —. Como definiria você minha causa, senhor Hunt?

— Bom, é você mesma, é obvio — disse em voz baixa —. Deseja o melhor para a Annabelle Peyton. Entretanto, Kendall não entra nessa categoria. A união entre você e esse cavalheiro acabaria em desastre.

Ela girou a cabeça para cuidadoso com os olhos semicerrados.

— por que?

— Porque é muito agradável para você. — Hunt sorriu ante sua expressão., —. Isso não pretendia ser um insulto. Não me atrairia tanto se fosse uma mulher apazível. Além disso, você tampouco seria boa para o Kendall ... Nem lhe seria de muita utilidade, em tudo caso. Esmagaria-o sem olhares até que sua alma de cavalheiro ficasse feita farrapos a seus pés.

Annabelle desejava com todas suas forças apagar o sorriso de superioridade de seu rosto. Ela, que nunca tinha considerado sequer a possibilidade de ferir fisicamente a alguém. A fúria que sentia-se via logo

que mitigada pelo fato de que ele tivesse razão. Annabelle sabia que era muito fogosa para um homem tão dócil e civilizado como Kendall. Entretanto, nada disso era assunto do Simon Hunt ... Além disso, nem Hunt nem nenhum outro homem tinham a intenção de lhe oferecer uma alternativa melhor!

— Senhor Hunt — lhe disse com doçura, embora seu olhar era venenoso —, por que não parte e ...?

— Senhorita Peyton! — A exclamação afogada chegou desde uns metros de distância e foi seguida pela magra silhueta de lorde Kendall, que emergia nesse momento do grupo de fêmeas. Tinha um aspecto desalinhado e parecia algo molesto enquanto se abria caminho até ela —. Bom dia, senhorita Peyton. — Fez uma pausa para colocar o nó de sua gravata e endireitar os óculos torcidos —. Parece que não somos quão únicos tiveram a idéia de passear esta manhã. — Dirigiu a Annabelle um olhar tímido ao perguntar —: Lhe parece que o tentemos de todas formas?

Annabelle duvidou, gemendo para seus si. Pouco podia tirar ela de um passeio com o Kendall se foram estar acompanhados por um numeroso grupo de mulheres. Seria o mesmo que tentar manter uma conversação tranqüila em meio de um bando de urracas. Entretanto, tampouco podia permitir-se desprezar o convite, já que inclusive o menor dos rechaços poderia desanimado e traduzir-se em que nunca mais voltasse a convidada.

Dedicou-lhe um brilhante sorriso.

— Será um prazer, milord.

— Excelente. Há uns exemplares fascinantes de flora e fauna que eu gostaria de lhe mostrar. Como sou um horticultor aficionado, levei a cabo um cuidadoso estudo da vegetação nativa do Hampshire ...

As seguintes palavras ficaram sossegadas quando umas jovenzinhas entusiasmadas o rodearam.

— Adoro as novelo — resmungou uma delas —. Não há uma só planta que não encontre absolutamente encantadora.

— e o campo seria tão, mas tão pouco atrativo sem elas ... — disse outra com ardor.

— Por favor, lorde Kendall — interveio outra mais —, só teria que explicamos a diferença entre uma flora e uma fauna ...

A multidão de jovenzinhas afastou ao Kendall como se o arrastasse uma corrente marinha impossível de deter. Philippa se foi atrás delas com

arrojo, decidida a defender os interesses da Annabelle.

— Sem dúvida, extremada-a modéstia de minha filha lhe impedirá de lhe contar a intensa afinidade que sente com a natureza:.. — começou a lhe dizer ao Kendall.

Kendall lhe dirigiu um olhar impotente por cima do ombro enquanto se via miserável sem remédio para as escadas da terraço.

— Senhorita Peyton?

— Já vou — respondeu Annabelle a voz em grito, colocando ambas as mãos junto à boca para fazer-se ouvir.

Sua resposta, se é que a emitiu, resultou impossível de ouvir.

Devagar, Simon Hunt depositou a taça vazia na mesa mais próxima e lhe murmurou algo ao criado que sustentava sua equipe de pesca. O servente assentiu e se retirou ao tempo que Hunt alcançava a Annabelle, quem se esticou ao dar-se conta de que caminhavam o um ao lado do outro.

— O que faz?

Hunt colocou as mãos nos bolsos de seu casaco de pesca.

— Vou com você. O que aconteça no rio, seja o que seja, não será nem a metade de interessante que ver como compete pela atenção Kendall. Além disso, careço por completo de conhecimentos sobre horticultura. Pode que aprenda algo.

Tragando uma resposta irada, Annabelle seguiu com resolução ao Kendall e a seu séquito. Baixaram os degraus da terraço e tomaram um atalho que conduzia para o bosque, onde haja e carvalhos enormes presidiam a cena por cima dos grossos mantos de musgo, samambaias e líquenes. Ao princípio, Annabelle ignorou a presença do Simon Hunt a seu lado e se limitou a caminhar com atitude fria depois do cortejo de admiradoras do Kendall, que se via obrigado a realizar um notável exercício físico, já que devia ajudar a uma jovem atrás de outra a sortear os mais insignificantes obstáculos. O tronco de uma árvore velha, cujo diâmetro não ultrapassava o do braço da Annabelle, converteu-se em um impedimento intransponível para o que todas requereram a ajuda do Kendall. As moças se voltavam cada vez mais necessitadas, até o ponto de que o pobre homem se viu virtualmente obrigado a cruzar em braços à última enquanto esta chiava e fingia um pequeno desmaio ao tempo que lhe rodeava o pescoço com os braços.

Bastante afastados do grupo, Annabelle se negou a aferrar-se ao braço

que Simon Hunt lhe ofereceu e passou por cima do tronco sem ajuda. Ele esboçou uma meia sorriso, absorto em seu perfil.

— A estas alturas, seria de esperar que se aberto caminho até a cabeça — assinalou.

Annabelle emitiu um bufo desdenhoso.

— Não vou desperdiçar minhas energias lutando com um punhado de periquitos. Esperarei um momento mais oportuno para que Kendall me empreste atenção.

— Já lhe emprestou atenção. Deveria estar cego para não fazê-lo. Pergunta-a é: por que acredita que terá a sorte de que Kendall lhe faça uma proposição quando não conseguiu que ninguém mais o faça nos dois anos que faz que a conheço?

— Por que tenho um plano — replicou sucintamente.

— E em que consiste esse plano?

Annabelle lhe dirigiu uma breve e desdenhoso olhar.

— Como se o fora a contar a você.

— Tenho a esperança de que seja um pouco retorcido e pouco limpo — disse Hunt com seriedade —. Já que parece que a aproximação própria de uma dama não lhe deu resultado algum.

— Só porque careço de dote — respondeu Annabelle —. Se tivesse dinheiro, levaria muitos anos casada.

— Eu tenho dinheiro — disse ele, serviçalmente —. Quanto quer?

Annabelle o olhou com cinismo.

— Faço-me uma idéia bastante clara do que quereria em troca, senhor Hunt, assim posso lhe responder com toda honestidade que não quero nem um xelim de seu bolso.

— É agradável saber que se mostra tão seletiva no concernente às amizades que mantém. — Hunt estendeu uma mão para apartar um ramo de modo que ela pudesse passar —. Dado escutei alguns rumores em sentido contrário, alegra-me comprovar que não são certos. :

— Rumores? — Annabelle se deteve em metade do atalho e se girou para olhá-lo à cara —. Sobre mim? E o que poderiam dizer sobre mim?

Hunt contemplou sua expressão preocupada em silêncio enquanto ela adivinhava o significado por si só.

— Seletiva ... — murmurou —. No concernente às amizades que mantenho ... e se supõe que isso implica que tenho feito algo

inapropriado ...? — deteve-se de repente quando a imagem da repugnante e corada cara do Hodgeham se abriu passo em sua cabeça.

Ao Hunt não aconteceram despercebidas a súbita palidez de suas bochechas nem as pequenas rugas que lhe formaram na sobancelha. Depois de lhe dedicar um olhar gélido, Annabelle se deu a volta e começou a andar pelo atalho coberto de erva com passos medidos e seguros.

Hunt ficou a sua altura, enquanto escutavam de novo a longínqua voz do Kendall, que seguia dando uma classe a seus atentas ouvintes a respeito das novelo que deixavam atrás. Estranhos exemplares de orquídeas, celidônias, algumas variedades de cogumelos ... O discurso se via salpicado de tanto em tanto pelas exclamações de surpresa provenientes do assanhado público.

— ... Estas novelo baixas — dizia Kendall, que tinha feito uma para assinalar um grupo de musgo e líquen que cobria um desafortunado carvalho — se classificam como briófitas, e requerem certas condições de umidade para proliferar. Se vissem privadas do amparo das taças das árvores, em campo aberto, pereceriam sem dúvida alguma ...

— Não tenho feito nada mau — disse Annabelle sem mais, perguntando-se porquê lhe importava no mais mínimo a opinião do Hunt. Entretanto, incomodava-lhe o bastante para perguntar-se quem lhe tinha contado esse rumor e, mais concretamente, quando o teriam contado. Acaso alguém tinha presenciado as visitas noturnas do Hodgeham a sua casa? Aquilo não era um bom sinal. Não havia defesa alguma contra um rumor como esse, que era capaz de destruir a reputação de uma dama —. E tampouco me arrependo de nada.

— Uma lástima — disse Hunt com despreocupação —. Arreponder-se de algo é a única amostra de que se feito algo interessante na vida.

— e do que se arrepende você, por exemplo?

— Bom, eu tampouco me arrependo de nada. — Um brilho perverso iluminou seus olhos escuros —. Embora não cria que não o tentei. Sigo empenhado em fazer coisas inomináveis com a esperança de me arreponder mais tarde. Mas, até o momento ... nada.

Apesar da agitação que sentia, Annabelle não pôde reprimir risada nervosa. Um ramo largo cruzava o caminho, por isso estirou o braço para apartá-la.

— me permita — interveio Hunt, que se adiantou para sujeitá-la em

seu lugar.

— Obrigado. — Passava ao lado do Hunt com a vista perdida no Kendall e as demais, quando sentiu, de repente, uma espetada no interior do pé —. Ai! — deteve-se em metade do atalho e se levantou o desço do vestido para averiguar a origem do mal-estar.

— O que acontece? — Hunt esteve a seu lado imediatamente e a sujeitou pelo cotovelo com uma de suas grandes mãos para ajudá-la a manter o equilíbrio.

— Cravei-me algo no sapato.

— me deixe lhe ajudá-la disse ao tempo que se agachava e se apoderava de seu tornozelo.

Era a primeira vez que um homem lhe tocava a perna, por isso o rosto da Annabelle adquiriu um rubor escarlate.

— Nem lhe ocorra me tocar aí — protestou com um áspero sussurro. Aponto, esteve de perder. O equilíbrio ao retroceder. Hunt não soltou sua presa, com o fim de evitar cair, Annabelle se viu obrigada a aferrar-se a seus ombros —. Senhor Hunt ...

— Já vejo qual é o problema — murmurou. Ela sentiu como atirava do fino algodão da média, que cobria sua perna —. Deve ter pisado em alguma samambaia com espinhos. — Sustentou algo em alto para que o inspecionasse: um raminho de aspecto parecido a uma espiga se penetrou pelo algodão até chegar à impigem.

Com o rosto avermelhado, Annabelle seguiu obstinada a seu ombro para manter o equilíbrio. O contorno de seu ombro era surpreendentemente duro; o osso e o forte músculo não ficavam suavizados por nenhuma capa de cheio do casaco. Sua mente, estupefata, tinha sérios problemas para aceitar o fato de que se encontrava em metade do bosque com a mão do Simon Hunt tornozelo.

Ao dar-se conta de sua mortificação, Hunt esboçou um repentino sorriso.

— Há mais espiga em sua meia. Quer que se as estorvo?

— Que seja rápido — lhe replicou com voz ofendida —, antes do Kendall se dê a volta e lhe veja com a mão colocada sob minhas saias.

Com uma risada afogada, Hunt se dedicou à tarefa e tirou com destreza o último espinho da malha de suas meias. Enquanto trabalhava, Annabelle ficou absorta nesse lugar de sua nuca onde as mechas negras se frisavam

contra o torso e bronzeada pele.

Depois de agarrar o sapato que lhe tinha tirado, Hunt voltou a ficar o com uma firula.

— Minha Cinderela campestre — lhe disse ao tempo que ficava de pé. Enquanto passeava o olhar pelas ruborizadas bochechas da Annabelle, seus olhos faiscaram com um brilho zombador, mas amistoso — por que utiliza um calçado tão ridículo para caminhar pelo campo? Sempre supus que teria o bom tino de calçar um par de botas de cano longo.

— Não tenho botas de cano longo — respondeu Annabelle, molesta pela insinuação de ser uma inconsciente incapaz de escolher o calçado adequado para um simples passeio —. Os que tinha se fizeram pedaços e não posso me permitir comprar outro par.

Para sua surpresa, Hunt não aproveitou a oportunidade para zombar-se mais dela. Seu rosto adquiriu uma expressão pétrea enquanto a observava com atenção.

— Será melhor que unamos a outros — disse ao fim —. A estas alturas, pode que tenham descoberto alguma variedade de musgo que ainda não tenhamos visto. Ou, que Deus nos ajude, um cogumelo.

A opressão que Annabelle sentia no peito diminuiu.

— Por minha parte, tenho a esperança de que se trate de um líquen.

O comentário obteve por resposta a sombra de um sorriso. Hunt estendeu uma mão para apartar um ramo que se sobressaía por cima do atalho. Com valentia, Annabelle se levantou as saias tratar de segui-lo enquanto tratava de não pensar em quão bem estaria nesses momentos sentada na terraço da mansão, tomando uma taça de chá com massas. Alcançaram o topo de um suave pendente e se viram recompensados pela surpreendente visão que um manto de campainhas oferecia sobre o chão do bosque. Era como cair de cabeça em um sonho, com esses brilhos azuis que fluíam entre os troncos dos carvalhos, haja-as e os freios. O aroma das campainhas chegava desde todas partes, e seus pulmões se encheram com o ar perfumado.

Ao passar junto ao tronco de uma árvore magra, Annabelle o rodeou com um braço e se deteve contemplar os ramalhetes de campainhas com prazenteira surpresa.

— Encantador — murmurou com o rosto brilhante sob as sombras que projetavam as taças daqueles antigos ramos entrelaçados.

— Sim.

Entretanto, Hunt a olhava a ela, não às campainhas, e uma breve olhada a sua expressão fez que o sangue da Annabelle começasse a vibrar em suas veias. Tinha visto a admiração nos rostos de outros homens, e inclusive tinha chegado a reconhecer o desejo, mas nenhum olhar tinha sido tão íntima e perturbadora como essa ..., como se o que ele desejasse fora muito mais complicado que o mero uso de seu corpo.

Desconcertada, separou-se do tronco e se aproximou do Kendall, que conversava com sua mãe aproveitando que o grupo de jovencinhas se dispersou para recolher enormes Ramos de campainhas. Os caules das flores acabaram pisoteados e destroçados enquanto as saqueadoras reuniam seu tesouro.

Kendall pareceu aliviado ao ver que Annabelle se aproximava, impressão que se intensificou ao precaver-se do esplêndido sorriso que esta lhe dedicava. Por sua atitude, parecia ter esperado que Annabelle se mostrasse petulante, tal e como o teria feito qualquer mulher a que se convidasse a dar um passeio para logo ser ignorada a favor de uma companhia mais exigente. O olhar do homem se posou sobre a figura escura de Simon Hunt e sua expressão passou a ser de incerteza. Os dois homens intercambiaram saudações com a cabeça: Hunt trasuntada confiança em si mesmo; Kendall, em troca, mostrava-se em certa forma cauteloso.

— Vejo que atraímos mais companhia — murmurou Kendall.

Annabelle lhe dedicou seu sorriso mais encantador.

— É obvio que sim — lhe disse —. É você como o flautista do Hamelin, milord. Lá onde vai a gente o segue.

O homem se ruborizou, agradecido pelo comentário, e murmurou:

— Espero que tenha desfrutado de do passeio até o momento, senhorita Peyton.

— Certamente que sim — lhe assegurou —. Embora deva admitir que me tropecei com uma samambaia espinhosa.

Philippa emitiu uma suave exclamação, movida pela inquietação.

— Santo céu ... Está ferida, querida?

— Não, não, não foi mais que uma insignificância — replicou Annabelle imediatamente —. Um par de arranhões nada mais. E a culpa foi minha: temo-me que não levo o calçado adequado. — Adiantou um pé para lhe mostrar ao Kendall seus sapatos, assegurando-se de mostrar também

uma boa porção de seu esbelto tornozelo ao mesmo tempo.

Kendall estalou a língua com preocupação.

— Senhorita Peyton, necessita algo muito mais resistente que esses sapatos para dar um passeio pelo bosque.

— Tem razão, é obvio — Annabelle se encolheu de ombros sem perder o sorriso —. Foi uma estupidez de minha parte não prever que o terreno fora tão acidentado. Tentarei medir meus passos com mais cuidado no caminho de volta. Embora as campainhas são tão maravilhosas que acredito que atravessaria um campo cheio de samambaias espinhosas com tal das alcançar.

Depois de agachar-se para recolher um ramallete de campainhas, Kendall separou um caule e o prendeu do laço de seu boné.

— Não são nem a metade de azuis que seus olhos — lhe disse. Sua vista baixou até o tornozelo, que havia tornado a ficar oculto depois da prega das saias —. Durante o caminho de volta, apóie-se em meu braço e assim evitaremos mais contratempos.

— Muito obrigado, milord. — Annabelle lhe dirigiu um olhar de admiração —. Me temo que me perdi algum de seus comentários a perto das samambaias. Disse algo a respeito de ... culantrillos, não é assim? ... Fascinou-me por completo ...

Kendall se apressou de boa vontade a lhe explicar tudo o que qualquer desejaria saber a respeito das samambaias ... Mais tarde, quando Annabelle se arriscou a olhar para o Simon Hunt, este tinha desaparecido.

Capítulo 9

— De verdade vamos fazer isto? — perguntou Annabelle com voz lastimosa enquanto as demais floresiras caminhavam pelo bosque com as cestas e as cestas nas mãos —. Acreditei que tudo isso de jogar rounders⁵ em roupas de baixo⁶ não era mais que uma brincadeira para rir.

— As Bowman jamais brincam sobre rounders — assinalou Daisy —. Seria um sacrilégio.

— você gosta dos jogos, Annabelle — disse Lillian com diversão —. E o rounders é o melhor jogo de todos.

— Eu gosto dos jogos de mesa — replicou Annabelle —. Os que se jogam com a roupa posta, como Deus manda.

— A roupa está muito sobre valorada — disse Daisy com frivolidade.

Annabelle estava aprendendo que o preço de ter amigas consistia em que, de vez em quando, alguém se via obrigada a ceder aos desejos do grupo, mesmo que fossem contra as próprias inclinações. De qualquer forma, essa manhã, Annabelle tinha tratado de pôr ao Evie de sua parte sem que as outras dois se precavessem, incapaz de acreditar que a garota pretendesse realmente ficar em calções à vista de qualquer. Entretanto, Evie estava mais que decidida a seguir os planos das Bowman, já que ao parecer o considerava como parte de um programa auto-imposto para infundir-se valor.

— Que — quero me parecer mais lhe tinha crédulo a Annabelle —, São tão livres e atrevidas ... Não temem a nada.

Ao contemplar o rosto entusiasmado da moça, Annabelle se tinha rendido com um enorme suspiro.

— Está bem, está bem. Suponho que, sempre que não nos veja ninguém, não tem nada de mau. Entretanto, não. Me ocorre em que pode nos ajudar.

— Pode que seja dava — divertido, não crie? — tinha sugerido Evie; a Annabelle tinha respondido com um olhar do mais eloqüente que tinha obtido que a garota pusesse-se a rir.

É obvio, o clima tinha decidido cooperar em tudo com os planos das

Bowman: o céu estava azul e espaçoso; soprava uma suave brisa. Carregadas com as cestas, as quatro garotas avançaram pelo caminho e deixaram atrás prados úmidos salpicados com casulos vermelho de drosera e brilhantes violetas púrpura.

— Estejam atentas se por acaso vêm um poço dos desejos — disse Lillian com entusiasmo —. Nesse ponto temos que cruzar o prado até o outro lado e atravessar o bosque. Há uma pradaria no topo da colina. Um dos serventes me disse que ninguém se aproxima por ali.

— Tinha que estar no topo da colina, como não! — disse Annabelle sem rancor —. Que aspecto tem o poço, Lillian? É uma dessas pequenas estruturas caiadas com um cubo e uma polia?

— Não, é um enorme buraco lamacento no chão.

— Ali está! — exclamou Daisy ao tempo que saía à carreira para o aquoso pequeno buraco, que se reabastecia de uma ribeira próxima —. Venham todas, temos que pedir um desejo. Inclusive tenho alfinetes que podemos lançar.

— Como sabia que devia trazer alfinetes? — perguntou Lillian.

Daisy sorriu de um modo travesso.

— Bom, ontem poda tarde, quando estava com mamãe e as demais viúvas enquanto costuravam, fiz nossa bola de rounders. — Tirou uma bola de couro de sua cesta e a mostrou com orgulho —. Sacrifiquei um par de luvas novas para fazê-la, e não foi tarefa fácil, a verdade. Não obstante, as velhas damas, viram-me preenchê-la com partes de lã e, quando uma delas não pôde suportá-lo mais, aproximou-se e me perguntou que diabos estava fazendo. É obvio, não podia lhes dizer que era uma bola de rounders. Estou segura de que mamãe imaginou, mas estava muito envergonhada para dizer nada a respeito. De modo que lhe disse à viúva que estava fazendo um agulheiro.

Todas as garotas puseram-se a rir.

— Deveu pensar que era o agulheiro mais espantoso do mundo — assinalou Lillian.

— Sem dúvida alguma — replicou Daisy —. Acredito que lhe dava bastante lástima. Deu-me alguns alfinetes e disse em voz baixa algo sobre pobres e arrogantes garotas americanas que não têm habilidade virtualmente para nada. — Com a ponta da unha, tirou os alfinetes da bola de couro e os repartiu entre todas.

Annabelle deixou a cesta no chão, agarrou o alfinete entre o polegar e o índice e fechou os olhos. Sempre que se apresentava a oportunidade, pedia o mesmo desejo: casar-se com um nobre. Coisa estranha uma nova idéia cruzou sua cabeça justo no momento em que lançava o alfinete ao poço.

«**Desejaria poder me apaixonar.**»

Surpreendida ante essa idéia tola e caprichosa, Annabelle se perguntou como podia ter desperdiçado um desejo em algo que era, claramente, tão estúpido.

Ao abrir os olhos, Annabelle se deu conta de que o resto das flozeiros contemplavam o poço com grande solenidade.

— pedi o desejo equivocado — disse com inquietação —. Posso pedir outro?

— Não — afirmou Lillian com seriedade —. Uma vez que lanças o alfinete, não há nada a fazer.

— Mas é que não queria pedir esse desejo em particular — protestou Annabelle —. Me veio à cabeça e não tinha nada que ver com o que pensava pedir.

— Não te queixe, Annabelle — lhe aconselhou Evie —. Não que — quererá incomodar ao espírito do poço.

— A quem?

Evie sorriu ao ver sua expressão de perplexidade.

— Ao espírito que vive no poço, é ele quem se encarrega de levar a CA — cabo as petições. Mas se o faz zangar, pode que dita te exigir um preço terrível por te conceder seu desejo. Ou, possivelmente, afogue-te no poço para que vivas com ele para sempre como se com — consorte.

Annabelle contemplou as águas marrons. Ato seguido, colocou-se as mãos aos lados da boca para que sua voz se escutasse alta e clara.

— Não faz falta que te encarregue de que meu asqueroso desejo se cumpra — lhe gritou ao espírito invisível —. O retiro!

— Não te dele burle, Annabelle — exclamou Daisy —. E, pelo amor de Deus, te aparte do bordo!

— É supersticiosa? — perguntou-lhe Annabelle com um sorriso.

Daisy a olhou jogando faíscas pelos olhos.

— As superstições existem por uma razão, se por acaso não sabe. Em algum momento, algo mau ocorreu a alguém que estava justo ao bordo de um poço, igual a você. — Fechou os olhos e se concentrou intensamente

antes de lançar seu alfinete à água —. Já está. Pedi um desejo para ti, assim não faz falta que proteste tanto por ter desperdiçado o teu.

— Mas como sabe o que eu queria?

— O desejo que pedi é por seu próprio bem — disse Daisy.

Annabelle soltou um grunhido melodramático.

— Ódio de tudo coração as coisas que outros fazem por meu próprio bem.

Continuando, produziu-se uma discussão amistosa em que cada uma das garotas fez umas quantas sugestões a respeito do que seria o melhor para as demais, até que Lillian lhes pediu que guardassem silêncio porque não a deixavam concentrar-se. Calaram-se tão solo o tempo necessário para que Lillian e Evie pedissem seus desejos e depois prosseguiram seu caminho através do prado e do bosque. Não demoraram para chegar a uma encantadora pradaria, coberta de erva e banhada pelo sol salvo em um de seus lados, que estava ao casaco da sombra de um bosquezinhos de carvalhos. O ar era limpo e puro, e tão afresco que Annabelle suspirou de contente.

— O ar não tem corpo — se queixou em brincadeira —. Nem fumaça de carvão nem pó das ruas. Muito ligeiro para uma londrina. Nem sequer posso senti-lo nos pulmões.

— Não é tão ligeiro — replicou Lillian —. De vez em quando, a brisa traz um claro aroma a eau de ovelha.

— Seriamente? — Annabelle cheirou o ar para comprovado —. Não cheiro nada.

— Isso é porque não tem nariz — assinalou Lillian.

— Como diz? — perguntou Annabelle com uma careta divertida.

— Bom, tem um nariz normal, como todos — explicou Lillian —. Mas eu tenho «nariz». Tenho um olfato normalmente agudo. Me dê qualquer perfume e te direi quais são seus componentes. É como escutar um acorde musical e adivinhar todas suas notas. Antes de que partíssemos de Nova Iorque, inclusive ajudei a desenvolver uma fórmula para um sabão aromático da fábrica de meu pai.

— Crie que seria capaz de criar um perfume? — perguntou Annabelle, fascinada.

— Atrevo-me a dizer que seria capaz de criar um perfume excelente — disse Lillian com toda confiança —. Não obstante, os do ramo o

desprezariam, já que a expressão «**perfume americano**» se considera como um oxímoron ... e, além disso, sou mulher, o que deixa bastante em interdição a qualidade de meu nariz.

— Quer dizer que os homens têm melhor olfato que mulheres?

— Certamente, eles assim acreditam — apontou Lillian de forma enigmática ao tempo que tirava de sua cesta uma manta de picnic com uma firula —. Já está bem de falar dos homens e de suas protuberâncias. Sentamo-nos um momento ao sol?

— Bronzearemos-nos — predisse Daisy, que se deixou cair em uma esquina da manta com um suspiro de felicidade —. E, então, a mamãe dará um télele.

— O que é um télele? — perguntou Annabelle, que não entendia o curioso vocábulo americano. Sentou-se junto ao Daisy —. Me Chamem se lhe der um ... Sinto curiosidade por ver como são.

— A mamãe dão continuamente — lhe assegurou Daisy —. Não tema, estará mais que familiarizada com os téleles antes de que vamos do Hampshire.

— Não deveríamos comer antes de jogar — disse Lillian ao ver que Annabelle levantava a coberta de uma das cestas de o lanche.

— Tenho fome — disse Annabelle com voz triste ao tempo que jogava uma olhada ao interior da cesta, que estava cheia de fruta, patê, grosas fatias de pão e distintos tipos de salada.

— Você sempre tem fome — observou Daisy com uma gargalhada —. Para ser uma pessoa tão miúda, tem um apetite considerável.

— Que eu sou miúda? — replicou Annabelle —. Se medir um centímetro mais de metro e médio, comerei — essa cesta.

— Então, será melhor que comece a mastigada — afirmou Daisy —. Meço um metro e cinqüenta e dois centímetros, para que saiba.

— Annabelle, eu não começaria a me comer a asa ainda, se estivesse em seu lugar — intercedeu Lillian com um sorriso —. Daisy sempre fica nas pontas dos pés quando a medem. A pobre costureira tubo que voltar a cortar a prega de quase uma dúzia de vestidos devido à inexplicável negativa de minha irmã a admitir que baixa.

— Não sou baixa — murmurou Daisy —. As mulheres baixas nunca são misteriosas nem elegantes, nem as perseguem homens bonitos. E sempre as trata como se fossem meninas. Nego-me a ser baixa.

— Pode que não seja misteriosa ou elegante — concedeu Evie —. Mas é muito bo — bonita.

— E você é um céu — replicou Daisy, que se inclinou para diante para olhar o conteúdo da cesta —. Venha, alimentemos a pobre Annabelle ... Posso ouvir como ruge seu estômago.

Entregaram-se à comida com entusiasmo. Mais tarde, tombaram-se preguiçosamente sobre a manta para observar as nuvens e conversar sobre tudo e sobre nada. Quando a conversa se apagou e deu passo a um silêncio satisfeito, um pequeno esquilo vermelho se aventurou do bosquezinhos de carvalhos e girou para um lado, as observando com um de seus brilhantes olhinhos negros.

— Um intruso — observou Annabelle ao tempo que emitia um delicado bocejo.

Evie ficou de barriga para baixo e lançou uma fatia de pão em direção ao esquilo. O animal ficou imóvel e contemplou a sedutora oferta mas era muito tímido para aproximar-se. Evie inclinou a cabeça com o cabelo brilhando ao sol como se estivesse talher por uma capa de rubis,

— Pobrezinho — disse em voz baixa ao tempo que lhe lançava outra casca à tímido esquilo. Essa chegou uns centímetros mais perto e a cauda do animalzinho se agitou com entusiasmo —. Venha, sei valente — o animou Evie. — te aproxime e agarra-o. — Com um sorriso tolerante, lançou uma casca mais que aterrissou a escassos centímetros do esquilo —. Venha, senhor Esquilo — o repreendeu Evie —. É tudo um covarde. Não te dá conta de que ninguém vai fazer te dano?

Com um súbito estalo de iniciativa, o esquilo agarrou o salgadinho e saiu apitando sem deixar de agitar a cauda. Evie elevou a cabeça com um sorriso triunfante e descobriu que as demais flozeiros a contemplavam em silencio com a boca aberta.

— Qu — o que acontece? — perguntou, perplexa.

Annabelle foi primeira em falar.

— Agora mesmo, quando falava com esse esquilo, não gaguejava.

— Ah. — de repente, envergonhada, Evie agachou a cabeça e fez uma careta —. Nunca gagueira quando falo com os meninos nem com os animais. Não sei por que.

As demais sopesaram esse surpreendente comentário um instante.

— Também me dei conta de que gagueja muito pouco quando fala

comigo — comentou Daisy.

Ao parecer, Lillian foi incapaz de resistir a responder ao comentário.

— Em que categoria te coloca isso, querida? Entre meninos ou entre os animais?

Daisy respondeu com um gesto da mão que a Annabelle resultou completamente desconhecido. Estava a ponto de lhe perguntar ao Evie se tinha consultado alguma vez a um médico o do sul gagueira, mas a garota ruiva trocou rapidamente de tema.

— Onde está a p — bola de rounders, Daisy? Se não nos pusermos a jogar logo, ficarei dormida.

Ao dar-se conta de que Evie não queria discutir sua gagueira, Annabelle secundou a proposta.

— Suponho que se de verdade formos jogar, este momento é tão bom como qualquer outro.

Enquanto Daisy registrava à cesta em busca da bola, Lillian tirou um objeto de sua própria cesta.

— Olhem o que trouxe — disse com ar satisfeito.

Daisy levantou o olhar e soltou uma gargalhada de deleite.

— Um taco de beisebol de verdade! — exclamou ao contemplar com admiração o objeto que tinha um lado plano —. E eu que acreditei que teríamos que utilizar um pau velho. De onde o tiraste, Lillian?

— O pedi emprestado a uma das moços de quadra. Ao parecer, escapam para jogar rounders sempre que podem ... São bastante aficionados ao jogo.

— e quem não? — perguntou Daisy de forma retórica enquanto começava a desabotoar os botões de seu sutiã —. Por Deus, com calor que faz será um prazer livrar-se de todas estas capas.

Enquanto as irmãs Bowman se desfaziam de seus vestidos com a indiferença típica das garotas que estão acostumadas a despir-se em público, Annabelle e Evie se olharam a uma à outra com certa incerteza.

— Você desafio — murmurou Evie.

— Ai, Deus — disse Annabelle com voz afligida, e começou a desabotoar seu próprio vestido.

Tinha descoberto que possuía uma inesperada nervura de modéstia que fez que se ruborizasse. Entretanto, não ia acovardar se quando inclusive a tímida Evie Jenner estava disposta a unir-se a aquela rebelião contra o

decore. Tirou os braços das mangas de seu vestido e ficou em pé para deixar que o pesado tecido caísse em um enrugado montinho a seus pés. Com tão somente a anágua, os calções e o espartilho, e com os pés talheres unicamente pelas meias e uns finos sapatos de baile, sentiu que a brisa soprava sobre o suor que umedecia o oco de suas axilas e lhe provocava um estremeamento de prazer.

As demais garotas ficaram em pé e se tiraram os vestidos, que ficaram amontoados sobre o chão como gigantescas flores exóticas.

— Apanha-a! — exclamou Daisy antes de lançar a bola aa Annabelle, que a agarrou de forma instintiva.

Todas caminharam para o centro do prado, lançando-a bola uma e outra vez. Ao Evie era a que pior lhe dava o de lançar e apanhar, embora estava claro que sua inépcia se devia à inexperiência e não à estupidez. Annabelle, por sua parte, que tinha um irmão pequeno que a estava acostumada procurar com freqüência como companheiro de jogos, mostrou-se bastante familiarizada com a mecânica do jogar bola.

A sensação de caminhar em plena natureza sem sentir o peso das saias sobre as pernas era do mais estranha e liberadora.

— Suponho que isto é o que sentem os homens — murmurou Annabelle em voz alta — ... ao caminhar de um lado para outro com calças. Uma quase poderia chegasse invejar semelhante liberdade.

— Quase? — inquiriu Lillian com um sorriso —. Sem dúvida alguma eu os invejo. Não seria maravilhoso que as mulheres pudessem levar calças?

— Não me go — gostaria na — nada — disse Evie —. Morreria de vergonha se um homem chegasse a ver a forma de minhas pernas e de meus — vacilou, sem dúvida em busca de uma palavra que descrevesse as inomináveis partes da anatomia feminina — ... outras coisas — — finalizou com um fio de voz.

— Sua anágua tem um aspecto lamentável, Annabelle — assinalou Lillian com repentina franqueza —. Não tinha pensado em te dar roupa interior nova, mas deveria me haver dado conta ...

Annabelle se encolheu de ombros com despreocupação.

— Não importa; esta será a única ocasião em que alguém a veja.

Daisy jogou uma olhada a sua irmã maior.

— Lillian, somos penosas na hora de prever as coisas. Acredito que a

pobre Annabelle agarrou a palhinha mais curta quando lhe tocaram as fadas madrinhas.

— Não me queixo — disse Annabelle entre risadas —. E, até onde eu sei, as quatro vamos montadas na mesma cabaça.

Depois de uns quantos minutos mais de prática e uma leve discussão a respeito das regras do rounders, colocaram as cestas do lanche a modo de postos de base e começou o jogo. Annabelle apoiou bem os pés no lugar que tinha sido designado como «Castelo de Rocha».

— Eu lhe lançarei a bola — lhe disse Daisy a sua irmã maior e você a apanhará.

— Mas eu tenho melhor braço que você ... — grunhiu Lillian ao tempo que se situava detrás da Annabelle.

Com o taco de beisebol sujeito sobre seu ombro, Annabelle tratou de golpear a bola que lançou Daisy. Não conseguiu lhe atizar e o taco de beisebol assobiou no ar ao riscar um arco limpo. Por detrás dela Lillian apanhou a bola de uma maneira perita.

— Esse foi um bom balanço — a animou Daisy —. Não perca de vista a bola quando se aproximar a ti.

— Não estou acostumada a ficar quieta enquanto me atiram objetos — disse Annabelle ao tempo que brandia o taco de beisebol uma vez mais —. Quantas tentativas tenho?

— No rounders, o rebatedor tem um número infinito de balanços — disse Lillian a suas costas —. Prova outra vez, Annabelle; e, esta vez, trata de imaginar que a bola é o nariz do senhor Hunt.

Annabelle aceitou a sugestão com agrado.

— Preferiria apontar a uma protuberância que se encontra algo mais abaixo que essa — disse e balançou o taco de beisebol enquanto Daisy lhe lançava a bola de novo.

Nesta ocasião, a parte plaina do taco de beisebol golpeou a bola com uma sólida porrada. Deixando escapar um grito de deleite, Daisy pôs-se a correr depois da bola enquanto Lillian, que tinha estado uivando de risada, gritava:

— Corre, Annabelle!

Annabelle correu com uma gargalhada de alegria, sorteando as cestas enquanto girava para o Castelo de Rocha.

Daisy agarrou a bola e a lançou ao Lillian, que a apanhou no ar.

— Fica na terceira base, Annabelle — assinalou Lillian —. vamos ver se Evie pode te levar de volta ao Castelo de Rocha.

Com aspecto nervoso mas decidido, Evie agarrou o taco de beisebol e se colocou no lugar do rebatedor. .

— Imagina que a bola é sua tia Florence — lhe aconselhou Annabelle e um sorriso apareceu no rosto do Evie.

Daisy lançou uma bola lenta e fácil ao tempo que Evie sacudia o taco de beisebol. Falhou, e a bola acabou com um som seco nas mãos do Lillian. Esta lhe lançou a bola de novo a sua irmã e voltou a colocar ao Evie.

— Separa mais os pés e flexiona um pouco os joelhos — murmurou —. Essa é minha garota. Agora, não deixe de observar a bola conforme se aproxima e já verá como não falha.

Por desgraça, Evie sim falhou; de fato, falhou uma e outra vez até que sua cara ficou vermelha pela frustração.

— É dema — muito difícil — disse, com a frente enrugada pela preocupação —. Talvez deveria abandonar e deixar que provasse alguém mais.

— Só umas quantas tentativas mais — disse Annabelle inquieta mas decidida a que Evie golpeasse a bola ao menos uma vez —. Não temos nenhuma pressa.

— Não te renda! — animou-a Daisy —. O que passa é que te esforça muito, Evie. Te relaxe e deixa de fechar os olhos ao batear.

— Pode fazê-lo — disse Lillian ao tempo que se apartava uma sedosa mecha de cabelo escuro de sua frente e flexionava seus esbeltos e peritos braços —. Quase lhe deu à última. Quão único tem que fazer é não ... apartar ... a vista ... da bola.

Com um suspiro de resignação, Evie arrastou o taco de beisebol de novo até o Castelo de Rocha e o levantou uma vez mais. Seus olhos azuis se entrecerraram ao contemplar ao Daisy e ficou rígida com o in de preparar-se para o seguinte lançamento.

— Estou preparada.

Daisy lançou a bola com força e Evie balançou o taco de beisebol com uma careta de determinação. Um estremecimento de satisfação atravessou a Annabelle ao contemplar como o taco de beisebol golpeava solidamente a bola. A bola riscou um arco no ar para cair longe, mais à frente do bosquezinhos de carvalhos. Todas começaram a gritar de alegria ante tão

esplêndido bateo. Atônita pelo que tinha feito, Evie começou dar saltos enquanto chiava:

— Consegui-o! Consegui-o!

— Corre ao redor das cestas! — gritou Annabelle, que saiu apitando de novo ao Castelo de Rocha.

Cheia de júbilo, Evie rodeou o improvisado campo de rounders a tal velocidade que suas roupas se converteram em um borrão branco. Quando chegou ao Castelo de Rocha, as garotas continuaram com os saltos e os gritos de alegria, já sem mais razão que o fato de ser jovens, estar saudáveis e sentir-se bastante satisfeitas consigo mesmas.

De repente, Annabelle espionou uma silhueta escura que ascendia rapidamente pela colina. Ficou em silêncio de repente ao descobrir que havia um ... — não, dois! — cavaleiros que avançavam para o prado.

— Vem alguém! — disse —. Um par de cavaleiros. Agarrem suas roupas, depressa!

Seu sussurro de alarme se abriu passo entre a alegria das garotas. Olharam-se as umas às outras com os olhos como pratos e ficaram em ação presas do pânico. Com um chiado, Evie e Daisy saíram à carreira para o que ficava do piquenique, onde tinham deixado seus vestidos.

Annabelle começou às seguir, mas se deteve de repente quando os cavaleiros fizeram um alto justo a suas costas. Olhou-os com cautela, tratando de avaliar o perigo que supunham. Ao contemplar seus rostos e reconhecê-los, sentiu um estremecimento de espanto. Lorde Westcliff ... e o que era pior: Simon Hunt.

Capítulo 10

Assim que os olhos da Annabelle conectaram com o atônito olhar do Hunt, não pôde se separados dele. Parecia um desses pesadelos das que um sempre se acordada com uma sensação de alívio ao saber que um pouco tão espantoso não ocorrerá jamais. Desde não haver-se encontrado em uma situação tão desfavorecedora, poderia haver-se divertido ao observar a um Simon Hunt totalmente estupefato. Em um princípio, seu rosto não transparecia expressão alguma, como se encontrasse extremamente difícil assimilar o fato de que ela estivesse ante ele tão somente com a anágua, o espartilho e os calções. O olhar do homem se deslizou sobre seu corpo muito devagar até que chegou a seu ruborizado rosto.

Depois de uns instantes de morto de calor silêncio, Hunt tragou saliva com força antes de dizer em um tom afogado:

— Provavelmente não deveria perguntar, mas que demônios estão fazendo?

Essas palavras tiraram a Annabelle de sua paralisia. Certamente, não podia ficar ali de pé e conversar com ele vestida tão somente com a roupa interior. Entretanto, sua dignidade — ou o que ficava de lhe exigia que não emitisse um chiado estúpido antes de correr a por sua roupa tal e como tinham feito Evie e Daisy. Satisfeita com essa idéia caminhou com rapidez para seu abandonado vestido e o Sustentou frente a ela enquanto se girava para enfrentar-se ao Simon Hunt uma vez mais.

— Estávamos jogando rounders — explicou, embora sua voz soou bastante mais aguda que de costume.

Hunt jogou uma olhada a seu redor antes de cravar a vista nela uma vez mais.

— E por que ...?

— Não se pode correr de forma adequada com saias — o interrompeu Annabelle —. Qualquer diria que é algo óbvio.

Ao escutar o comentário, Hunt apartou o olhar com urgência mas não antes de que ela pudesse espionar o súbito brilho de seu sorriso.

— Posto que nunca o tentei, terei que aceitar sua palavra a respeito.

Por detrás dela, Annabelle escutou como Daisy recriminava ao Lillian:

— Acreditei que havia dito que ninguém vinha jamais a este prado!

— Isso foi o que me disseram — replicou Lillian com voz apagada ao tempo que se introduzia no círculo de seu vestido e se inclinava para subir o de um puxão.

O conde, que tinha permanecido calado até esse momento, disse umas palavras com o olhar deliberadamente fixo no horizonte.

— Sua informação era correta, senhorita Browman — disse de forma controlada —. Este terreno é, pelo geral, pouco freqüentado.

— Muito bem, então por que estão vocês aqui? — quis saber Lillian com um tom tão acusador que fez parecer que ela, e não Westliff, era a proprietária da propriedade.

Pergunta-a conseguiu que a cabeça do conde se girasse com assombrosa velocidade. Dedicou-lhe à garota americana um olhar de incredulidade antes de apartar a vista uma vez mais.

— Nossa presença aqui é produto de uma simples casualidade disse com frieza —. Hoje desejava jogar uma olhada à parte norte de minha propriedade. — Deu-lhe à minha palavra» uma ênfase sutil mas inconfundível —. Foi quando o senhor Hunt e eu percorríamos o caminho que as ouvimos gritar. Acreditamos que o melhor seria investigar o que acontecia e nos aproximamos com a intenção de oferecer ajuda se era necessário. Não tínhamos nem a mais remota idéia de que vocês estariam utilizando este prado para ... para ...

— Jogar rounders em roupas de baixo — terminou Lillian ao tempo que colocava os braços nas mangas do vestido.

O conde, ao parecer, foi incapaz de repetir aquela ridícula frase. Girou-se com seu cavalo e disse de forma cortante por cima do ombro:

— Descida sofrer de amnésia nos próximos cinco minutos. Antes de que o faça, sugeriria-lhes que no futuro se abstiveram de levar a cabo atividades que suponham andar em couros fora de seus aposentos, já que pode que o seguinte transeunte que as descubra não se mostre tão indiferente como o senhor Hunt ou eu mesmo.

Apesar da mortificação, Annabelle teve que reprimir um buo de incredulidade ante o comentário do conde sobre a suposta indiferença do Hunt, por não mencionar a sua própria. Certamente, Hunt tinha conseguido lhe jogar uma boa olhada. E embora o escrutínio de Westcliff tinha sido

mais sutil, a Annabelle não lhe tinha passado por cima que lhe tinha jogado um bom olhar ao Lillian antes de girar seu cavalo. De qualquer modo, à luz de sua presente estado de nudez, aquele não era o momento mais adequado para desinflar o comportamento santarrão do Westcliff.

— O agradeço, milord — disse Annabelle com uma serenidade que a encheu de orgulho —. E agora, depois de tão excelente conselho, rogaria-lhe que nos permitissem um pouco de privacidade para que possamos nos arrumar de forma conveniente.

— Será um prazer — grunhiu Westcliff.

Ao parecer, Simon Hunt não pôde reprimir as vontades de jogar uma olhada a Annabelle com o vestido sujeito por diante do peito antes de partir. Apesar de sua aparente compostura, lhe pareceu que se ruborizou um pouco ... e o olhar abrasador de seus olhos negros não deixava dúvida alguma. Annabelle desejava ter a presença de ânimo suficiente para poder lhe devolver o olhar com fria indiferença mas, em troca, sentia-se morta de calor, desarrumada e completamente desequilibrada. O homem parecia a ponto de lhe dizer algo; entretanto, conteve-se e murmurou algo em voz baixa com um sorriso de desprezo para si mesmo.

Seu cavalo chutou o chão e soprou com desassossego, antes de girar com impaciência quando Hunt o apurou a partir para galope detrás o Westcliff, que já se encontrava para a metade do prado.

Envergonhada, Annabelle se girou para o Lillian, que estava ruborizada mas fazia ornamento de um admirável autodomínio.

— De todos os homens que poderiam nos haver descoberto de esta guisa — disse Annabelle com desgosto —, tinham que ser esses dois.

— Terá que admirar semelhante arrogância, não cabe dúvida — comentou Lillian com secura —. Deve levar anos consegui-la.

— A quem te refere: ao senhor Hunt ou a lorde Westcliff?

— A ambos. Embora a arrogância do conde poderia deixar a do senhor Hunt à altura do betume ... O que, a meu parecer, é uma façanha assombrosa.

Olharam-se todas com uma expressão de desdém compartilhado para os visitantes e, de repente, Annabelle prorrompeu em umas irreprimíveis gargalhadas.

— Estavam surpreendidos, não lhes parece?

— Mas não tanto como nós — respondeu Lillian —. O que importa

agora é como seremos capazes de voltar a olhadas à cara.

— Como voltarão a olhamos eles? — argumentou Annabelle —. Nós estávamos ocupadas com nossos próprios assuntos ... Os intrusos eram eles!

— Tem muita razão ... — começou Lillian, mas se deteve o escutar um som afogado que procedia do lugar onde tinham lanchado.

Evie se retorcia sobre a manta enquanto Daisy, de pé, olhava-a com os braços em jarras.

Annabelle correu para o casal e lhe perguntou consternada ao Daisy

— O que ocorre?

— A vergonha foi muito para ela — disse Daisy —. Lhe deu um ataque.

Evie rodou sobre a manta com um guardanapo a modo de escudo sobre o rosto, ao tempo que uma de suas orelhas adquiria a cor das beterrabas em vinagre. Quanto mais tratava de conter as gargalhadas piores se voltavam estas, até que começou a ofegar freneticamente entre risadas. De algum jeito, conseguiu pronunciar algumas palavras.

— Vá introdução ap — lhe esmaguem aos jogos de campo! — E, depois, voltou a resfolegar entre espasmos de risada enquanto as demais a contemplavam.

Daisy dirigiu a Annabelle um olhar significativo. — Isso — lhe informou — é um telele.

Simon e Westcliff cavalgaram longe do prado a tudo galope e diminuíram o passo quando entraram no bosque para seguir o atalho que se abria passo através das árvores. Transcorreram seus bons dois minutos antes de que nenhum deles sentisse a inclinação — ou fosse capaz, de fato — de falar. A cabeça do Simon estava cheia de imagens da Annabelle Peyton, de seus incríveis curva cobertas por essa desgastada roupa interior que tinha encolhido por causa das contínuas lavagens. Era de agradecer que não se encontraram sozinhos em semelhantes circunstâncias, já que estava seguro de que, não teria sido capaz de apartar-se dela sem cometer alguma atrocidade.

Em toda sua vida, Simon jamais tinha experiente um desejo tão capitalista como o que tinha sentido ao ver a Annabelle médio nua no prado. Tudo seu corpo se viu alagado pelo

Impulsiono de desmontar de seu cavalo, agarrá-la entre seus braços e

levá-la até a zona de pasto suave mais próxima que pudesse encontrar. Não podia imaginar uma tentação mais capitalista que a imagem

De seu voluptuoso corpo, a visão de toda essa pele sedosa com uma mescla de tons nata e rosado, e esse cabelo castanho com fios dourados pelo sol. Queria lhe arrancar essa esfarrapada roupa interior com os dentes e os dedos e, depois, beijar a da cabeça nos pés, saborear esses lugares doces e suaves que ...

— Não — murmurou Simon ao sentir que lhe esquentava o sangue até escaldar o interior de suas veias.

Não podia permitir-se seguir essa linha de pensamento, ou o pético desejo que pulsava em sua entreperna faria que o resto da viagem a cavalo resultasse do mais incômodo. Quando teve a luxúria sob controle, jogou uma olhada ao Westcliff, que parecia arrebatado. Aquilo era algo incomum no conde, que não era dos ficavam alterados absolutamente.

Ambos eram amigos desde fazia ao redor de cinco anos; conheceram-se em um jantar organizado por um político progressista ao que ambos conheciam. O autocrático pai de Westcliff acabava de morrer, a resulta do qual Marcus, o novo conde, encontrava-se ao cargo de todos os negócios familiares. Tinha descoberto que as finanças da família estavam saneadas na superfície, mas doentes no fundo, de forma muito parecida com um paciente que tivesse contraído uma enfermidade terminal mas ainda parecesse saudável. Alarmado pelas perdas contínuas que refletiam os livros de contas, o novo conde de Westcliff tinha chegado à conclusão de que devia levar a cabo mudanças drásticas. Havia resolvido evitar o destino de outros nobres que se passavam a vida administrando uma sempre minguante fortuna familiar.

A diferença das novelas de moda vitorianas, que descreviam aos incontáveis nobres que tinham perdido sua riqueza nas mesas de jogo, a realidade era que os aristocratas modernos não se mostravam, pelo geral, tão temerários como ineptos na hora de dirigir suas finanças.

Investimentos conservadores, pontos de vista antiquados e desatinadas leis fiscais estavam erodindo pouco a pouco a riqueza da aristocracia e fazendo possível que uma nova e próspera classe social de homens dedicados ao comércio penetrasse nos mais altos níveis da sociedade. Qualquer indivíduo que escolhesse não ter em conta a influência das ciências e os avanços da indústria na economia emergente estava sem

dúvida destinado a afundar-se nessa agitada esteira ... e Westcliff não sentia desejo algum de acabar incluído nessa categoria.

Quando Simon e Westcliff começaram a relacionar-se, não cabia dúvida de que cada um deles utilizava ao outro para conseguir algo em troca: Westcliff queria o instinto financeiro do Simon, enquanto que este desejava, ter acesso ao mundo da classe privilegiada. Entretanto, à medida que foram conhecendo-se melhor, fez-se evidente que eram muito parecidos em muitas coisas. Ambos eram cavaleiros e caçadores agressivos que necessitavam de uma freqüente atividade física intensa como médio para descarregar o excesso de energia. E ambos eram escrupulosamente honrados, embora Westcliff possuía os maneiras apropriados para conseguir que sua sinceridade resultasse mais aceitável. Nenhum pertencia ao tipo de homem que se sentava durante horas para conversar sobre poesia e assuntos sentimentais. Preferiam tratar de temas e feitos tangíveis e, é obvio, discutiam sobre os riscos dos negócios presente e futuros com absoluto deleite.

Como Simon tinha resultado ser um hóspede habitual em Stony Cross Park e um visitante freqüente na casa londrino do Westcliff, Marsden Terrace, as amizades do conde tinham chegado admiti-lo dentro de seu círculo. Tinha sido uma agradável surpresa para o Simon descobrir que não era o único plebeu entre aqueles aos Westcliff considerava amigos íntimos. Ao parecer, o conde preferia companhia de homens cuja perspectiva do mundo tinha sido adquirida fora dos muros de suas aristocráticas propriedades. De fato em algumas ocasiões, Westcliff afirmava que lhe teria gostado de renunciar a seu título se isso fosse possível, já que não aprovava a idéia de uma aristocracia hereditária. Ao Simon não cabia dúvida de que as afirmações de Westcliff eram sinceras, mas, conforme parecia, ao conde jamais lhe tinha passado pela cabeça que os privilégios da aristocracia, com tudo o poder e as responsabilidades que os acompanhavam, eram uma parte inata nele. Como beneficiário do mais antigo e respeitado condado da Inglaterra, Marcus, lorde Westcliff; tinha nascido para cumprir as exigências do dever e a tradição. Mantinha sua vida bem organizada e estritamente programada, e era um dos homens com maior auto controle que Simon tinha conhecido jamais.

Naquele momento, a habitual cabeça fria do conde parecia mais perturbada do que a situação exigia.

— Maldição — exclamou finalmente Westcliff —. Faço negócios ocasionais com seu pai. Como se supõe que vou enfrentar-me agora a Thomas Bowman sem recordar que hei visto a sua filha em roupa interior?

— A suas filhas — o corrigiu Simon —. Estavam as duas.

— Eu só me fixei na alta.

— Lillian?

— Sim, essa — disse Westcliff franzindo ainda mais carrancudo —. Pelo amor de Deus, não sente saudades que sigam todas solteiras! São umas pervertidas, inclusive para as normas americanas. E no modo em que me falou essa mulher, como se fora eu quem devesse sentir-se envergonhado por interromper sua depravada

Diversão ...

— Westcliff, falas como um dissimulado — o interrompeu Simon, que encontrava muito divertida a veemência do conde —. Umas quantas garotas inocentes em um prado não é o que se chama o fim de civilização tal e como a conhecemos.

Se tivessem sido empregadas povo, não teria pensado nada disso. Diabos, é muito provável que te tivesse unido a elas. Vi-te fazer coisas com suas amigunhas nas festas e os bailes que ...

— Bom, mas elas não são empregadas do povo, não é certo? São jovens damas ..., ou, ao menos, supõe-se que o são. Por que, no nome de Deus, um grupo de «floreiros» como elas se comporta forma semelhante?

Simon sorriu ao escutar o tom ofendido de seu amigo.

— Dá-me a impressão de que se aliaram por causa de seu estado de celibato. Durante a maior parte da passada temporada se sentaram juntas sem dirigi-la palavra entre elas, mas parece que ultimamente cercaram uma amizade.

— Com que propósito? — perguntou o conde com uma profunda suspeita.

— Talvez o único que querem é divertir-se — sugeriu Simon, interessado pelo grau de objeção que Westcliff apresentava ante o comportamento das garotas.

Lillian Bowman, em particular, parecia havê-lo incomodado sobremaneira. E isso era algo pouco habitual no conde, que sempre tratava às mulheres com amabilidade. Até onde Simon sabia, a pesar do grande número de mulheres que o perseguiram dentro e fora da cama, Westcliff

jamais tinha perdido sua indiferença. Até aquele momento.

— Nesse caso, deveriam estar bordando, ou o que seja que façam as mulheres para divertir-se como é devido — grunhiu o conde —. Ao menos, deveriam encontrar alguma, afeição que não implique correr nuas pelo campo.

— Não estavam nuas — assinalou Simon —. Por desgraça.

— Esse comentário me impulsiona a dizer algo — comentou Westcliff. Como bem sabe, não sou muito dado a obsequiar conselhos quando não me pediram isso ...

Simon o interrompeu com uma gargalhada.

— Westcliff, duvido muito que tenha passado um só dia de sua vida sem que lhe tenha dado um conselho alguém sobre algo.

— Só ofereço conselho quando resulta óbvio que se precisa — replicou o conde com o cenho franzido.

Simon lhe dedicou um olhar irônico.

— me ilumine, pois, com seus soube palavras, já que parece que vou ter que as escutar o queira ou não.

— trata-se da senhorita Peyton. Se fosse inteligente, desfaria-te de toda ideia a respeito dela. Não é mais que uma cosita superficial e mais presunçosa que qualquer criatura que tenha conhecido jamais. A fachada é bela, devo reconhecê-lo ..., mas, a meu parecer, não há nada baixo ela que seja recomendável. Não me cabe dúvida de que está pensando tomá-la como amante se fracassa em sua conquista do Kendall. Meu conselho é que não o faça. Há mulheres que têm muitíssimo mais que te oferecer.

Simon deixou acontecer um instante antes de responder. Os sentimentos que lhe provocava Annabelle Peyton eram desagradavelmente complexos. Admirava a Annabelle, o caia bem, e Deus sabia que não tinha direito a julgá-la com dureza por haver-se convertido em amante de outro homem. Entretanto, e apesar de tudo, a mais que provável possibilidade de que tivesse metido em sua cama ao Hodgeham, provocava-lhe uma mescla de ciúmes e fúria que o deixava atônito.

Depois de escutar o rumor que lorde Burdick tinha estado pulverizando, segundo o qual Annabelle se converteu na amante secreta de

lorde Hodgeham, Simon não tinha sido capaz de deixar de investigar semelhante afirmação. Tinha-lhe perguntado a seu pai que mantinha os livros de contas em escrupulosa ordem, se alguém lhe tinha dado dinheiro para pagar as dívidas dos Peyton no açougue.

Sem deixar lugar a dúvidas, seu pai lhe confirmou que Lorde Hodgeham tinha abonado de forma ocasional a conta dos Peyton. Embora aquilo não podia ser considerado uma prova concludente, era certo que dava mais peso à possibilidade de que Annabelle se converteu na querida do Hodgeham. E o tom evasivo da moça durante a conversação que tinham mantido na manhã anterior tinha servido de bem pouco para contradizer o rumor.

Estava claro que a situação da família Peyton era se desesperada ... mas a razão pela que Annabelle tinha recorrido a um enganador velho e gordo como Hodgeham em busca de ajuda lhe resultava um mistério. Não obstante, havia muitas decisões na vida, tão boas como más, que se tomavam em função do momento. Possivelmente Hodgeham tinha conseguido aparecer em um instante no que as defesas da Annabelle se encontravam em seu momento mais baixo e ela se deixou convencer para lhe entregar a esse velho bode o que queria em troca do dinheiro que tanto necessitava.

Não tinha botas de passeio. Por Deus! A generosidade do Hodgeham devia ser bastante miserável se dava para uns quantos vestidos novos, mas não para calçado decente e lhe permitia levar roupa interior que estava muito perto de converter-se em farrapos. Se Annabelle tinha que ser a amante de alguém ..., por todos os diabos, bem podia ser a sua e receber ao menos a recompensa adequada por seus favores.

Resultava evidente que era muito logo para expor a questão a ela. Teria que esperar com paciência enquanto Annabelle tratava de arrancar uma proposição matrimonial a lorde Kendall. E não tinha a menor intenção de fazer algo que danificasse suas possibilidades de consegui-lo.

Mas se fracassava com o Kendall, tinha a intenção de aproximar-se dela com uma oferta muitíssimo melhor que a de seu atual e insignificante acordo com o Hodgeham.

Ao imaginar-se a Annabelle tombada nua em sua cama, Simon notou que sua luxúria se reavivava e lutou por retomar o fio da conversação.

— por que tem a impressão de que sinto algum interesse pela senhorita Peyton? — perguntou com tom indiferente.

— Pelo fato de que estive a ponto de cair do cavalo quando a vi em anáguas. Isso arrancou um sorriso relutante ao Simon.

— Com uma fachada como essa, importa-me um cominho o que haja debaixo.

— Pois deveria importar — disse o conde com ênfase —. A senhorita Peyton é a mulher mais egoísta que conheci nunca.

— Westcliff — disse Simon de forma amigável —, te ocorreu alguma vez que é possível que em ocasiões esteja equivocado em alguma coisa?

O conde pareceu perplexo ante semelhante pergunta.

— Em realidade, não.

Simon sacudiu a cabeça com um sorriso de incredulidade e esporeou a seu cavalo para que avivasse o passo.

Capítulo 11

Durante o caminho de volta à mansão do Stony Cross, Annabelle começou a inquietar-se pela intensa dor que sentia no tornozelo. Devia haver o torcido enquanto jogavam a partida de rounders, embora não recordava o momento preciso no que tinha acontecido. Com um fundo suspiro,

Elevou a cesta que levava na mão e apressou o passo para manter-se junto ao Lillian, que caminhava com ar pensativo. Daisy e Evie as seguiam um tanto, atrás, entusiasmadas com a conversação que mantinham.

— O que é o que se preocupa? — perguntou — Annabelle ao Lillian em voz baixa.

— O conde e o senhor Hunt ... Crie que contarão a alguém que nos viram esta tarde? A história deixaria nossa reputação pelos chãos.

— Não acredito que Westcliff diga nada — respondeu Annabelle detrás meditar um instante —. Me resultou bastante convincente quando fez o comentário sobre a amnésia. Além disso, não parece um homem dado à fofoca.

— E o senhor Hunt?

Annabelle franziu o cenho..

— Não sei. Não me passou por cima o fato de que não promettesse guardar silêncio. Suponho que manterá a boca fechada se acreditar que pode obter algo em troca.

— Nesse caso, deverá ser você a que o peça. Assim que veja o senhor Hunt esta noite no baile, deve te aproximar e conseguir que prometa não lhe contar a ninguém os detalhes de nosso partido de rounders.

Ao recordar o baile que teria lugar na mansão essa mesma noite, Annabelle gemeu para seus si. Estava quase segura — não, completamente segura — de que não seria capaz de enfrentar-se ao Hunt depois do que tinha acontecido um momento antes. Entretanto, Lillian tinha razão: não podiam assumir sem mais que o homem ia guardar silêncio. Teria que tratar o tema com ele, por pouco que lhe agradasse a perspectiva.

— E por que eu? — perguntou, embora conhecia a resposta.

— Porque gosta ao Hunt. Tudo mundo sabe. Mostrar-se muito mais disposto a fazer algo que você lhe peça.

— Mas não a fará sem receber algo em troca — murmurou Annabelle, que sentiu que a dor lhe pulsem do tornozelo piorava por momentos —. E se me fizer alguma proposição de mau gosto?

À pergunta seguiu uma pausa larga e contrita, depois da qual Lillian respondeu:

— Deve lhe oferecer algum prêmio de consolação.

— Que tipo de prêmio de consolação? — inquiriu Annabelle com suspeita.

— Bom, lhe permita que te beije se assim se compromete a guardar silêncio.

Atônita ao descobrir que Lillian era capaz de realizar semelhante afirmação com tal indiferença, ofegou antes de exclamar:

— Deus Bendito, Lillian! Não posso fazer isso!

— por que não? Já beijaste a algum homem antes, não?

— Sim, mas ...

Todos os lábios são iguais. Só tem que te assegurar de que ninguém os vê e fazê-la com rapidez. Desse modo, o senhor Hunt ficará satisfeito e nosso segredo estará a salvo.

Annabelle meneou a cabeça ao tempo que soltava uma gargalhada afogada e seu coração começava a desbocar-se ante a idéia. Não podia evitar recordar esse beijo secreto que tinha tido lugar tanto tempo atrás, no diorama; esses segundos de devastadora comoção sensual que a deixaram estremecida e sem fala.

— Só terá que lhe deixar muito claro que quão único obterá de ti será um beijo — prosseguiu Lillian —, e lhe assegurar que não voltará a acontecer nunca.

— me perdoe se puser seu plano em interdição, mas ... empresta como o pescado ao sol. Não todos os lábios são iguais, e muito menos se der a casualidade de que vão unidos ao Simon Hunt! Além disso, nunca se dará por satisfeito com um pouco tão insignificante como um beijo e não poderia lhe oferecer nada mais.

— De verdade te parece tão repulsivo o senhor Hunt? — pergunto Lillian sem lhe dar a maior importância —. Em realidade, não é desagradável. Eu inclusive diria que é bonito.

— Resulta-me tão insuportável que jamais me fixei em seu físico. Mas devo admitir que é ... — Annabelle caiu em um confuso silêncio enquanto sopesava a pergunta com uma nova e inquietante minuciosidade.

Se era objetiva — no hipotético caso de que pudesse ser objetiva no referente ao Simon Hunt —, devia admitir que o homem era, em realidade, atrativo. O qualificativo «bonito >, usava-se para aquelas pessoas de rasgos esculturais e proporções esbeltas e elegantes. Entretanto, Simon Hunt redefinia a palavra com um semblante de linhas bruscas e audazes, uns descarados olhos negros um nariz de forte personalidade, sem dúvida muito masculina, e uma boca de lábios generosos, eternamente curvada em um sorriso seu irreverente senso de humor. Inclusive sua incomum estatura e essa força muscular pareciam lhe sentar de maravilha, como se a natureza tivesse reconhecido que era uma criatura incapaz de conformar-se com as meias tintas.

Simon Hunt tinha conseguido que se sentisse incômoda desde seu primeiro encontro. Apesar de não havê-lo visto nunca de outro modo que não fora impecavelmente embelezado e controlado sempre tinha tido a sensação de que não estava de tudo domesticado, por dizer o de um modo delicado. Os instintos mais profundos da Annabelle lhe diziam que, baixo essa fachada zombadora, havia um homem capaz de sentir uma paixão tão profunda que poderia resultar alarmante ou, inclusive, dar rédea solta a sua crueldade. Não estava ante um homem disposto a ser domado.

Tentou imaginar o moreno rosto do Simon Hunt sobre ela, a ardente sensação de sua boca, seus braços fechando-se a seu redor ..., exatamente igual a naquela ocasião, salvo que nesse momento ela seria uma participante mais que disposta. Só era um homem, recordou-se com nervosismo. E um beijo era algo muito efêmero. Não obstante, enquanto o beijo se prolongasse, ela estaria unida de modo muito íntimo a ele. E, a partir desse momento, Simon Hunt se desfrutaria por dentro cada vez que se encontrassem. Isso sim seria difícil de suportar.

Annabelle se esfregou a frente, que sentia de súbito tão dolorida como se acabassem de lhe dar um golpe com um taco de beisebol de rounders.

— Não poderíamos esquecermos do assunto e esperar que tenha o bom

gosto de manter a boca fechada?

— Sim, claro — replicou Lillian com ironia —, o senhor Hunt e a frase “bom gosto» revistam ir da mão muito freqüentemente. É obvio, também poderíamos cruzar os dedos e esperar ..., se seus nervos forem capazes de suportar a incerteza.

Enquanto se massageava as têmporas, Annabelle exalou um suspiro angustiado. — Está bem. Aproximarei-me dele esta noite. Eu — fez uma pausa mais larga do habitual — ... inclusive o beijarei se for necessário. Mas penso considerá-lo como pagamento mais que suficiente por todos os vestidos que me deste de presente!

A boca do Lillian se curvou em um sorriso satisfeito.

— Estou segura de que poderá chegar a algum acordo com ele.

Uma vez que se separaram ao chegar à mansão, Annabelle se dirigiu a sua habitação para descansar durante o que ficava de tarde até a hora do jantar e o baile, momento para o que esperava estar recuperada. Sua mãe não aparecia por nenhum lado, de modo que deu por feito que estaria tomando o chá com algumas damas no salão da planta baixa. Agradecida por sua ausência, trocou-se de roupa e se lavou sem necessidade de enfrentar-se a incômodas perguntas. Embora Philippa era uma mãe carinhosa e, por regra geral, permissiva, não teria reagido bem ante a notícia de que sua filha tinha estado envolta em algum tipo de escândalo junto às irmãs Bowman.

Depois de ficar roupa interior limpa, deslizou-se entre os lençóis recém engomados. Para sua frustração, a molesta dor do tornozelo lhe impediu de conciliar o sonho. Cansada e irascível, chamou uma donzela com o fim de que esta lhe preparasse um banho frio para o pé e assim se manteve, sentada e com o pé na água fria, durante mais de meia hora.

Era evidente que lhe tinha inchado o tornozelo, o que a levou a mal-humorada conclusão de que aquele tinha sido um dia particularmente desafortunado. Lançou uma maldição quando a malha lhe roçou a pele pálida e inflamada do tornozelo ao ficá-la meia limpa, e acabou de vestir-se sem muitas pressas. Voltou a chamar à donzela uma vez mais, já que necessitava ajuda para ater o espartilho e grampeá-la fileira de botões que descendiam pelas costas do vestido de seda amarela.

— Senhorita? — murmurou a donzela com os olhos entreabertos pela preocupação ao ver a expressão tensa da Annabelle — Parece um pouco

sufocada ... Quer que lhe traga algo? O ama de chaves guarda em seu armário um tônico para as moléstias femininas ...

— Não, não se trata disso — lhe assegurou Annabelle com um débil sorriso —. É que sinto uma ligeira espetada no tornozelo.

— Nesse caso, trago-lhe uma infusão de casca de salgueiro? — sugeriu a moça ao tempo que se colocava detrás a Annabelle para lhe abotoar o vestido de noite —. Descerei em um momento e não demorarei nada em preparar-lhe assim o poderá beber enquanto a penteio.

— Sim, obrigado. — manteve-se firme enquanto os hábeis dedos da criada grampeavam os botões e, depois, deixou-se cair sobre a cadeira do penteadeira.

Contemplou seu tenso semblante no espelho uso Reina Ana —. Não recorro como pude me fazer dano. Pelo geral não sou tão torpe.

A donzela cavou o tul de suave cor dourada que adornava as mangas do vestido da Annabelle.

— Voltarei em um instante com a infusão, senhorita. Quando tomar, sentir-se-á muito melhor.

Philippa chegou justo no momento em que a donzela saía da habitação. Sorriu ao ver sua filha embelezada com o vestido de cor amarela e se deteve atrás dela para olhá-la aos olhos através do espelho.

— Está preciosa, querida.

— Não me sinto muito bem — lhe respondeu Annabelle com secura —. Me torci o tornozelo esta tarde, durante meu passeio com as flores.

— por que lhes empenham em usar esse qualificativo? — perguntou Philippa, visivelmente molesta —. Não acredito que lhes resulte muito difícil procurar um nome mais favorecedor para seu grupo ...

— A verdade é que esse nos sintam bem — respondeu Annabelle com um sorriso —. A partir de agora pronunciarei o nome com certa ironia, se isso fizer que se sintam melhor. Philippa suspirou.

— Temo-me que esgotei todas minhas reservas, de ironia. Não me resulta fácil verte lutar e conspirar enquanto outras garotas de sua mesma posição social o deixam tão singelo; verte utilizar vestidos emprestados e pensar na carga que leva sobre os ombros ... Quantas vezes pensei que se seu pai estivesse vivo ou se tivéssemos um pouco mais de dinheiro ...

Annabelle se encolheu de ombros.

— Como diz o refrão, mamãe: «Se os nabos fossem relógios, tudo mundo levaria um no bolso.»

Philippa lhe acariciou o cabelo com suavidade.

— por que não fica esta noite descansando na habitação? Ler-te-ei algo enquanto você repousa com o pé em alto ...

— Não me tente — replicou Annabelle com voz angustiada —. Eu adoraria poder fazê-lo, mas não me posso permitir isso Não posso desperdiçar nenhuma só oportunidade de impressionar a lorde Kendall «**E de negociar com o Simon Hunt**», pensou, ao tempo que sentia uma pontada de apreensão.

Depois de beber uma grande taça de infusão de casca de salgueiro, Annabelle foi capaz de baixar as escadas sem uma só careta de dor, a pesar que o inchaço do tornozelo se negava a desaparecer. Uma vez abaixo, teve tempo de intercambiar umas quantas palavras com o Lillian antes de que os convidados fossem conduzidos a sala de jantar.

O sol tinha deixado as bochechas do Lillian rosadas e lustrosas, e, à luz das velas, seus olhos castanhos tinham um aspecto aveludado.

— até agora, os esforços de Lorde Westcliff, por evitar às floreiros foram óbvios — comentou Lillian com um sorriso —. Tinha razão; por essa parte não teremos que preocupamos. Nosso problema é o senhor Hunt.

— Não será nenhum problema — lhe assegurou Annabelle firmeza —. Tal e como te prometi, vá falar com ele.

Lillian lhe respondeu com um sorriso aliviado.

— É um céu, Annabelle.

Assim que se sentaram à mesa, Annabelle ficou desconcertada ao descobrir que a anfitriã tinha se localizado a lorde Kendall muito perto dela.

Em qualquer outra ocasião, tivesse sido um presente chovido do céu, mas essa noite em particular não estava em seu melhor momento. Não se sentia capaz de manter uma conversação inteligente com essa dor aguda no tornozelo e a cabeça a ponto de estalar. Para cúmulo de infortúnios, Simon Bunt estava sentado quase em frente dela e seu aspecto era do mais autocomplacente. E se por acaso tudo isso fora pouco, uma espécie de náusea lhe impedia de fazer justiça à magnífico jantar. Privada de seu habitual e são apetite, tirou o chapéu bicando com indiferença os manjares de seu prato. Cada vez que elevava a vista, descobria os perspicazes olhos do Simon Hunt pendentes dela, por isso se preparava para receber algum

tipo de sutil provocação. Entretanto, graças a Deus, as poucas observações que este lhe dirigiu foram insípidas e corriqueiros, e conseguiu acabar o jantar sem padecer incidente algum.

Quando o jantar chegou a seu fim, a música flutuou até eles procedente do salão de festas e Annabelle celebrou o iminente começo do baile. Por uma vez, agradeceria poder sentar-se na fila de floreiros e descansar o pé enquanto as demais dançavam. Supôs que tinha tomado o sol em excesso durante o dia e que esse era o motivo de seu mal-estar e da dor de cabeça.

Lillian e Daisy, em troca pareciam mais saudáveis e cheias de vida que nunca. Por desgraça a pobre

Evie tinha recebido uma reprimenda por parte de sua tia, que a tinha castigado sem mostrar compaixão alguma.

— O sol faz que lhe saiam sardas — comentou Daisy a Annabelle com tristeza —. Tia Florence há dito ao Evie que, depois do dia que passamos ao sol, lhe vão sair mas bolinhas que a um leopardo e lhe proibiu voltar a reunir-se conosco até que sua cútis volte para a normalidade..

Annabelle franziu o cenho ao tempo que a invadia uma quebra de onda de compaixão por seu amiga.

— Essa horrível tia Florence — murmurou —. Está claro que seu único propósito na vida é conseguir que Evie seja desventurada.

— Pois o faz muito bem — admitiu Daisy. De repente, viu algo por cima do ombro da Annabelle que a fez abrir os olhos como pratos —. Céus! O Senhor Hunt vem para aqui. Morro de sede, vou aproximar me da mesa dos refrescos e lhes deixarei para que ... isto ...

— Lillian lhe contou isso — disse Annabelle de mau humor.

— Sim, e tanto ela, como Evie e como eu lhe agradeceremos durante toda a vida o sacrifício que vais fazer por todas nós.

— Sacrifício — repetiu Annabelle, a que não gostava no mais mínimo o som dessa Isso palavra é exagerar um pouco as coisas, não crie? Tal e como disse Lillian: «Todos os lábios são iguais.»

— Isso foi o que disse a ti — corrigiu Daisy com gesto travesso — Mas ao Evie e nos disse que preferiria a morte antes de permitir que a beijasse um homem como o senhor Hunt.

— Como que ...? — começou a dizer Annabelle, mas Daisy se escabulló entre risadas, antes de que pudesse concluir a pergunta.

Com a sensação de ser uma virgem jogada em sacrifício ao inferna

Annabelle se sobressaltou quando escutou a profunda voz do Simon Hunt muito perto de seu ouvido. A serena brincadeira que transparecia sua voz de barítono pareceu lhe percorrer o corpo de cima abaixo.

— boa noite, senhorita Peyton. Vejo que está conveniente vestida ..., para variar.

Annabelle se girou para olhá-lo frente a frente enquanto apertava os dentes.

— Devo confessar, senhor Hunt, que me surpreendeu muito vê-lo tão comedido durante o jantar. Tinha esperado uma diatribe de comentários insultantes e, muito ao contrário, conseguiu comportar-se como um cavalheiro durante toda uma hora.

— Tem suposto um esforço titânico — concedeu ele com semblante sério —. Mas me ocorreu que devia lhe deixar os comportamentos escandalosos — fez uma circunspeta pausa antes de acrescentar — ... já que ultimamente parece que lhe dão de maravilha.

— Meus amigas e eu não temos feito nada mau!

— Hei dito eu que desaprovasse a partida de rounders em seu conjunto? — perguntou com inocência —. Ao contrário; secundo a idéia de tudo coração. De fato, acredito que deveriam jogar todos os dias.

— Meu «conjunto» era do mais decente — replicou Annabelle em um cortante sussurro —. Ia vestida com minha roupa interior.

— Isso que levava era roupa interior? — perguntou com indolência. O rosto da Annabelle se ruborizou ao compreender que ele tinha notado o lamentável estado de seus objetos íntimos.

— Contou a alguém que nos viu no prado? — inquiriu com voz tensa. Obviamente, essa era a pergunta que ele tinha estado esperando. Seus lábios desenharam um lento sorriso.

— Ainda não.

— Planeja dizer-lhe a alguém?

Hunt meditou a pergunta com gesto reflexivo, embora não conseguia dissimular absolutamente a diversão que tudo o assunto lhe provocava — Não é que o planeje, não ... — encolheu-se de ombros, fingindo arrependimento —. Mas já sabe como são as coisas. Em ocasiões, este tipo de assuntos revistam mencionar-se por descuido durante uma conversação ...

Annabelle o observou com os olhos semicerrados. — O que posso fazer para garantir seu silêncio?

Hunt fingiu horrorizar-se por sua franqueza.

— Senhorita Peyton, deveria aprender a dirigir estas questões com um pouco mais de diplomacia, não crie? Sempre tinha suposto que uma dama de seu refinamento utilizaria o tato e a delicadeza ...

— Não tenho tempo para diplomacias — o interrompeu Annabelle, carrancuda —. E é óbvio que não poderemos nos assegurar seu silêncio até que não lhe ofereçamos algum tipo de suborno.

— A palavra «suborno» tem, umas conotações tão negativas ... — murmurou —. Eu prefiro chamá-lo «incentivo».

— Chame-o como quero — lhe respondeu ela, cedendo à impaciência —. Passemos às negociações, parece-lhe?

— De acordo. — A atitude do Hunt não podia ser mais séria; entretanto, seus profundos olhos cor café brilhavam por causa da risada contida —. Suponho que poderia me persuadir para que guardasse silêncio sobre suas escandalosas cambalhotas, senhorita Peyton. Com o incentivo necessário.

Annabelle guardou silêncio e baixou o olhar enquanto sopesava o que estava a ponto de dizer. Uma vez que pronunciasse as palavras, não haveria volta atrás. Deus Santo! Por que havia meio doido a ela persuadir ao Simon Hunt de que guardasse silêncio a respeito de um estúpido partido de rounders ao que ela nem sequer tinha querido jogar em um princípio?

— Se fosse um cavalheiro — murmurou —, isto não seria necessário.

O esforço por conter uma súbita gargalhada fez que a voz do Hunt soasse com um timbre mais grave.

— Não, não sou um cavalheiro. Mas me vejo obrigado a lhe recordar que não era eu o que corria médio nu pelo prado esta tarde.

— Quer calar-se? — sussurrou com brutalidade —. Poderia lhe ouvir alguém.

Hunt a estudou, fascinado, e seus olhos adquiriram um olhar escuro e eloquente.

— Faça sua melhor oferta, senhorita Peyton.

Sem deixar de olhar a extensão de parede que se elevava por cima do ombro do Hunt, Annabelle começou a falar com voz afogada, e o rubor, que lhe chegou até as orelhas, foi tão intenso que temeu que seu cabelo acabasse

chamuscado.

— Se promete guardar silêncio sobre o partida de rounders ... deixarei que me beije.

O inaudito silêncio que seguiu a sua proposição resultou insuportável. Obrigou-se a elevar o olhar e viu que Simon Hunt estava genuinamente surpreso. Olhava-a como se ela tivesse falado em um idioma estranho e não estivesse do tudo seguro sobre o significado de suas palavras.

— Um beijo — particularizou Annabelle com os nervos destrocados devido à tensão que se instalou entre eles —. E não assumo que, pelo fato de permitir-lhe uma vez, vá repetir se no futuro.

Hunt respondeu com uma incomum cautela e pareceu escolher suas palavras com supremo cuidado.

— Tinha pensado que me ofereceria um baile. Uma valsa ou uma contradança.

— Pensei nisso — confessou ela —. Mas um beijo me parece muito mais oportuno, por não mencionar que também é muito mais breve que uma valsa.

— Meus beijos não o são.

Semelhante declaração, feita em voz muito baixa, provocou que os joelhos da Annabelle começassem a tremer.

— Não seja ridículo — replicou imediatamente —. Uma valsa normal e corrente dura ao menos trinta minutos. É impossível que você possa beijar a alguém durante tanto tempo.

A voz do Hunt se tornou imperceptivelmente mais rouca ao responder:

— Você deveria saber o melhor que ninguém, é obvio. Muito bem; aceito sua oferta. Um beijo em troca de guardar seu segredo. Eu decidirei quando e como.

— O «quando» e o «como» se decidirão de comum acordo — contratacou Annabelle —. O motivo de tudo isto é que minha reputação não se veja comprometida; não estou disposta a me arriscar, lhe permitindo a você escolher um momento ou um lugar inapropriados.

Hunt a olhou com um sorriso zombador.

— Miúda negociadora é você, senhorita Peyton. Que Deus nos ajude se no futuro lhe ocorre tomar parte no mundo dos negócios.

— Não. Minha única ambição é me converter em lady Kendall — rebateu Annabelle com venenosa doçura, e se sentiu enormemente satisfeita

ao ver que o sorriso do Hunt se desvanecia.

— Isso seria uma lástima — respondeu ele —. Tanto para você como para o Kendall.

— Vá-se ao inferno, senhor Hunt — lhe disse com um fio de voz antes de afastar-se dele, ignorando a intensa dor de seu prejudicado tornozelo.

De caminho a terraço posterior, compreendeu que a ferida de seu tornozelo tinha piorado. As pontadas de dor subiam até o joelho.

— Pelos sinos do inferno! — murmurou.

Nessas condições, lhe ia resultar impossível fazer avanço algum em sua relação com lorde Kendall. Não era nada fácil adotar uma atitude sedutora quando uma estava a ponto de gritar de dor. Sentindo-se exausta e derrotada de repente, Annabelle decidiu retornar a sua habitação.

Já que o assunto com o Simon Hunt estava resolvido, o melhor que podia fazer era descansar o tornozelo e rezar para que estivesse melhor à manhã seguinte.

A dor se fazia mais intenso a cada passo que dava, até o ponto de que começou a sentir que umas gotas de suor frio corriam por debaixo das rígidas baleias de seu espartilho. Nunca tinha sofrido uma ferida semelhante. Não só lhe doía a perna, mas também também a cabeça tinha começado a lhe dar

Voltas e a dor se estendeu por tudo o corpo.

De repente, o conteúdo de seu estômago começou a revolver-se de forma alarmante. Precisava tomar um pouco de ar ... Tinha que refugiar-se na fresca escuridão da noite e sentar-se em algum lugar até que as náuseas desaparecessem. A porta que dava Á a terraço traseira parecia estar muito longe e se perguntou, em uma espécie de torpor, como ia conseguir alcançá-la.

Por fortuna, as irmãs Bowman se aproximaram dela assim que se deram conta de que a conversação com o Simon Hunt tinha concluído. O sorriso espectador do rosto do Lillian desapareceu ao contemplar a expressão de sofrimento da Annabelle.

— Tem um aspecto horrível — exclamou Lillian —. Meu Deus, o que te há dito o senhor Hunt?

— acessou ao do beijo — respondeu Annabelle sem dar mais explicações, enquanto continuava coxeando para a terraço. Logo que distinguia a música da orquestra devido ao intenso zumbido de seus

ouvidos.

— Se a idéia te resultar tão terrível ... — começou Lillian.

— Não se trata disso — disse Annabelle, presa da exasperação e a angústia —. É o tornozelo. Torci-me isso esta tarde e agora me resulta quase impossível caminhar.

— E por que não o mencionou antes? — exigiu saber Lillian, preocupada imediatamente. Seu magro braço resultou ser surpreendentemente forte quando rodeou a cintura da Annabelle —. Daisy, te aproxime dessa porta daí, e manten aberta enquanto nos escapulimos.

Ambas as irmãs a ajudaram a sair a terraço e, uma vez ali, Annabelle se enxugou o suor da frente com uma de suas luvas

— Acredito que vá vomitar — gemeu ao sentir que a boca lhe enchia de uma desagradável saliva e a bÍlis lhe irritava a garganta. Pela dor que sentia na perna, bem poderia havê-la atropelado uma carruagem —. Meu Deus! Não posso. Não posso vomitar agora.

— Não passa nada — a tranqüilizou Lillian, que a aproximou até um maciço de flores situado junto aos degraus da terraço —. Não vai verte ninguém, querida. Vomita tudo o que queira. Daisy e eu lhe cuidaremos.

— Certo — adicionou Daisy, que estava detrás delas —. Às verdadeiras amigas não importa sustentar o cabelo enquanto jogam os pastéis redondos.

Annabelle se teria rido de boa vontade de não ter estado tão dobrada pelas contÍnuas náuseas. Por fortuna, não tinha comido muito durante o jantar, por isso o processo acabo com rapidez seu estômago entrou em erupção e ela não teve mais remedeio que render-se.

Ofegou e cuspiu sobre o maciço de flores sem deixar de repetir entre gemidos:

— Sinto muito. Sinto-o muitÍssimo, Lillian ...

— Não seja ridÍcula — foi relaxada resposta da americana —. Você faria o mesmo por mim, não é certo?

— É obvio ... Mas você não seria nunca tão tonta como ...

— Você não está sendo tonta — a corrigiu Lillian com suavidade —. Está doente. Venha, agarra meu lenço.

Ainda inclinada para diante, Annabelle agradeceu o detalhe e agarrou o lenço de linho debruado de encaixe, mas o afastou dela ao perceber o

perfume.

— Uf! Não posso — sussurrou —. O aroma. Não tem um que não esteja perfumado?

— Vá Por Deus! — exclamou Lillian, com ar de desculpa —. Daisy, onde está seu lenço?

— Esquece-o — foi a superficial resposta da moça.

— Terá que usar este — assinalou Lillian aa Annabelle —. É o único que temos.

Nesse momento uma voz masculina se uniu à conversação.

— Tome este.

Capítulo 12

Muito enjoada para notar o que estava acontecendo a seu redor, Annabelle aceitou o lenço limpo que lhe puseram na mão. Por sorte, carecia dê qualquer aroma que não fora um ligeiro toque de amido. Depois de enxugar o suor da cara e limpar-se depois a boca, conseguiu incorporar-se e enfrentar-se ao recém-chegado. Seu dolorido estômago se retorceu de forma lenta e agonizante ao ver Simon Hunt. Ao parecer, tinha-a seguido ao exterior, ao terraço, Bem a tempo para presenciar suas humilhantes náuseas. Queria morrer. Tivesse-lhe encantado expirar de forma conveniente naquele, mesmo momento com o fim de desterrar para sempre o conhecimento de que Simon Hunt a tinha visto devolver os pastéis redondos sobre o leito de flores.

O rosto do Hunt não mostrava expressão alguma, salvo o cenho franzido que lhe enrugava a frente. Em um instante, aproximou-se de seu lado e a sujeitou enquanto ela se cambaleava ante ele.

— À luz de nosso recente acordo — murmurou o homem —, isto resulta muito pouco adulator, senhorita Peyton.

— Pelo amor de Deus, largue-me — gemeu Annabelle; entretanto tirou o chapéu apoiada contra o forte suporte que lhe brindava seu corpo ao tempo que outra quebra de onda de náuseas a sacudia.

Apertou o lenço contra sua boca e respirou pelo nariz até que, felizmente as náuseas remeteram. Não obstante, sentiu-se estremecida pela debilidade mais urgente que tivesse experiente em sua vida e soube que se ele não tivesse estado ali, teria se desabado sobre o chão. Deus Bendito, o que lhe ocorria?

Hunt ajustou imediatamente sua sujeição para aferrá-la com suavidade.

— Parece-me que estava algo pálida — assinalou enquanto apartava com suavidade uma mecha de cabelo que lhe tinha cansado sobre a frente úmida —. O que acontece, carinho? É só o estômago ou te dói algo mais?

Em algum lugar sob a imensa mortificação que a embargava, Annabelle se surpreendeu ao escutar o apelido carinhoso, por não mencionar o fato de que um cavalheiro jamais devia fazer referências às partes internas de uma

dama. De qualquer forma, naquele momento estava muito doente para fazer outra coisa que, não fora aferrar-se às lapelas de sua jaqueta. Concentrando-se em sua pergunta, avaliou o caos que reinava no interior de seu inóspito corpo.

— Dói-me tudo — sussurrou —. A cabeça, o estômago, as costas ... Mas, sobre tudo, o tornozelo.

Enquanto falava, notou que começavam a dormir os lábios. Os umedeceu, alarmada pela falta de sensibilidade. De ter estado algo menos desorientada, teria se dado conta de que Hunt a contemplava como nunca antes o tinha feito. Mais tarde, Daisy lhe descreveria com tudo detalhe a forma tão protetora com a que Simon Hunt a tinha rodeado com os braços. Naquele momento, não obstante, Annabelle se sentia muito maltratada para perceber algo que não fora seu próprio e entristecedor mal-estar.

Lillian falou com brutalidade e avançou para arrancar a Annabelle dos braços do Hunt.

— Obrigado por lhe emprestar seu lenço, senhor. Agora pode partir; minha irmã e eu somos muito capazes de cuidar da senhorita Peyton.

Sem fazer caso a jovem americana, Hunt manteve seu braço ao redor da Annabelle enquanto contemplava seu pálido rosto.

— Como te fez mal no tornozelo? — perguntou. — Jogando rounders, suponho ...

— Não te vi beber nada durante o jantar. — Hunt colocou a mão sobre sua frente em busca de signos de febre. O gesto resultou surpreendentemente íntimo e familiar —. Tomaste algo antes?

— Se se referir a licores ou a vinho, não. — O corpo da Annabelle parecia paralisar-se com lentidão, como se sua mente tivesse renunciado a tudo controle que tivesse sobre seus membros —. Bebi um pouco de infusão de casca de salgueiro em minha habitação.,

A mão cálida do Hunt se deslizou para um lado de sua cara e se amoldou com suavidade à curva de sua bochecha. Annabelle tinha tanto frio que tremia no interior de seu vestido, úmido pelo suor, e tinha a pele de galinha. Ao notar a acolhedora calidez que irradiava o corpo do homem, esteve a ponto de ceder ao impulso de aconchegar-se sob sua jaqueta como um animalzinho dentro de sua toca.

— Estou congelada — sussurrou e sentiu que o braço do Hunt se esticava a seu redor.

— Te agarre a mim — murmurou e, com soma habilidade, conseguiu tampá-la com sua jaqueta ao tempo que sujeitava seu trêmulo corpo.

Agasalhou-a com a jaqueta, que ainda conservava o calor de sua pele, e ela respondeu com um incompreensível som de gratidão.

Ofendida ao ver o modo em que sujeitava a seu amiga aquele detestável adversário, Lillian disse com impaciência:

— Olhe, senhor Hunt, minha irmã e eu ...

— vá procurar à senhora Peyton — a interrompeu Hunt, cujo tom de voz, embora suave, resultou bastante autoritário —. E lhe diga lorde Westcliff que a senhorita Peyton necessita um médico. Ele saberá a quem terá que procurar.

— E o que vai fazer você? — perguntou Lillian, que, obviamente, não estava acostumada a receber ordens de semelhante maneira.

Hunt semicerrou os olhos ao responder.

— vou levar a senhorita Peyton pela entrada da servidão, que se encontra em uma das laterais da casa. Sua irmã virá conosco para resolver qualquer possível falta de decoro.

— Isso demonstra o pouco que sabe sobre o decoro! — espetou-lhe Lillian.

— Não penso discutir esse assunto agora. Trate de ser útil. Vá fazer o que lhe disse.

Depois de uma pausa furiosa e carregada de tensão, Lillian se deu a volta e caminhou a grandes pernadas para as portas do salão de baile.

Era óbvio que Daisy estava perplexa.

— Acredito que ninguém se atreveu a lhe falar com minha irmã dessa maneira jamais. É você o homem mais valente que conheci, senhor Hunt.

Hunt se inclinou com cuidado para colocar o braço sob os joelhos da Annabelle. Levantou-a com facilidade e aferrou a confusão de membros trementes e rangente seda entre seus braços. A Annabelle jamais a tinha levado assim nenhum homem ... Não podia acreditá-lo que estava ocorrendo.

— Acredito ... que poderia caminhar parte do caminho — conseguiu dizer.

— Não chegaria nem a baixar os degraus da terraço — — disse Hunt com secura —. Sei indulgente comigo e me permita te mostrar meu lado

cavalheiresco. Pode me rodear o pescoço com os braços?

Ela obedeceu, agradecida por não ter que apoiar-se sobre o tornozelo dolorido. Rendendo-se à tentação de colocar a cabeça sobre o ombro do Hunt, enroscou o braço ao redor de seu pescoço. Enquanto ele baixava os degraus ladrilhados da terraço traseira, pôde sentir o agradável movimento dos músculos sob a malha de sua camisa.

— Não acreditava que tivesse um lado cavalheiresco — disse, apertando os dentes quando outro calafrio a estremeceu —. O te — tinha por um completo uva sem semente.

— Não sei de onde tira a gente essas idéias sobre mim — replico ele enquanto a olhava com um brilho de diversão nos olhos —. A tragédia de minha vida é que ninguém me compreende nem o mais mínimo. — Sigo acreditando que é um uva sem semente.

Hunt sorriu e a colocou de forma mais cômoda entre seus braços.

— É óbvio que a enfermidade não te turvou o julgamento.

— por que me ajuda depois de lhe haver dito que se fora ao inferno? — sussurrou Annabelle.

— Tenho um especial interesse em que conserve um bom estado de saúde. Quero que esteja em boa forma quão me cobre a dívida.

Enquanto Hunt descendia os degraus com rapidez e facilidade, Annabelle percebeu a graça e elegância com que se movia: não como um bailarino, mas sim como um felino à espreita. Ao estar seus rostos tão perto, pôde precaver-se de que o escrupuloso apurado de seu barbeado não conseguia ocultar os grossos pontos de barba que se desenhavam sob sua pele. Aferrando-se com mais força a ele, colocou melhor os braços ao redor de seu pescoço, até que seus dedos acariciaram a parte do cabelo que se ondulava ligeiramente contra a nuca.

«Que lástima que me encontre tão mal — pensou —. Se não tivesse tão frio e não estivesse tão enjoada, possivelmente poderia desfrutar de verdade de que me levem assim.»

Quando alcançou o atalho que rodeava o lateral da mansão, Hunt se deteve um momento para deixar que Daisy os adiantasse e encabeçasse a marcha.

— Pela entrada da servidão — lhe recordou Hunt, ante o que a jovem assentiu com a cabeça.

— Sim, sei qual é. — Daisy jogou uma olhada por cima o

ombro enquanto os guiava pelo atalho —. Nunca tinha visto que uma torcedura de tornozelo lhe provocasse vômitos a ninguém — comentou.

— Suspeito que isto é algo mais que uma simples torcedura de tornozelo — replicou Hunt.

— Acredita que foi a infusão de casca de salgueiro? — perguntou Daisy.

— Não, a casca de salgueiro não causaria uma reação semelhante. Tenho uma idéia a respeito de qual é o problema, mas não poderei confirmá-lo até que chegemos à habitação da senhorita Peyton.

— E como tem pensado «**confirmar**» sua idéia? — perguntou Annabelle com cautela.

— Quão único quero fazer é lhe jogar uma olhada a seu tornozelo. — Hunt sorriu ao olhar —. Estou seguro de que me mereço isso depois de te levar em braços três lances de escadas.

Como ficou bem claro, as escadas não lhe supuseram o mais mínimo esforço. Quando alcançaram o final do terceiro lance de escadas, sua respiração nem sequer se alterou. Annabelle suspeitava que teria podido levada dez vezes mais longe sem ficar a suar. Quando o disse, ele replicou com tom indiferente:

— Passei a maior parte de minha juventude levando carne de vitela e de porco até a loja de meu pai. Levá-la a você é muito mais agradável.

— Que encantado — murmurou Annabelle com debilidade e com os olhos fechados —. Toda mulher sonha com que lhe digam que a preferem a uma vaca morta.

A risada retumbou no peito do Hunt enquanto se girava para evitar que o pé da Annabelle se golpeasse contra o marco da porta. Daisy abriu a porta para eles e ficou ali de pé, contemplando com ansiedade como Hunt levava a Annabelle até a cama coberta de brocado.

— Já chegamos — disse o homem ao tempo que a deixava sobre a cama; estirou o braço para colocar um almofadão mais, a fim de que ela pudesse permanecer médio incorporada.

— Obrigado — sussurrou Annabelle, que não podia deixar de olhar esses olhos negros de abundantes pestanas que a contemplavam do alto.

— Quero verte a perna.

O coração da Annabelle pareceu deter-se ante aquela escandalosa declaração. Quando seu pulso voltou para a normalidade, era débil e muito

rápido.

— Eu preferiria esperar a que chegasse o doutor.

— Não te estou pedindo permissão. — Fazendo caso omissos de seus protestos, Hunt estirou a mão para a prega das saias.

— Senhor Hunt! — exclamou. Daisy com indignação ao tempo que se apressava a alcançá-lo —. Não se atreva! A senhorita Peyton está doente e se você não apartar suas mãos dela agora mesmo ...

— Não se encrepe tanto — replicou Hunt com ironia —. Não vou abusar da virtuosa virgindade da senhorita Peyton ainda, ao menos. — Seu olhar se posou sobre o rosto pálido da Annabelle —. Não te mova. Por encantadas que sejam suas pernas, não vão incitar-me a um frenesi de ... — deteve-se com uma súbita inalação ao levantar as saias e ver o inchado tornozelo —. Maldição. Até agora sempre tinha acreditado que foi uma mulher razoavelmente inteligente. Por que demônios desceste em semelhantes condições?

— meu deus, Annabelle! — murmuro Daisy —. Seu tornozelo tem um aspecto horrível!

— Antes não estava tão mal — disse Annabelle à defensiva —. Se pôs muito pior na última hora Y ... — Deu um alarido mescla de alarme e de dor quando sentiu que Hunt lhe subia um pouco mais as saias —. O que está fazendo? Daisy, não lhe permita ...

— vou tirar-te as meias — disse Hunt —. E se estivesse em seu lugar, aconselharia-lhe à senhorita Bowman que não interferisse.

Daisy o olhou com o cenho franzido e se aproximou da Annabelle.

— E eu aconselharia a você que procedesse com cautela, senhor Hunt — replicou a aludida com rabugice —. Não vou ficar-me de braços cruzados enquanto você incomoda a meu amiga.

Hunt lhe dirigiu um olhar de ardente dissimulação ao tempo que encontrava a liga da Annabelle e a desabotoava com perícia.

— Senhorita Bowman, dentro de uns minutos nos veremos invadidos pelos visitantes, incluindo à senhora Peyton, lorde Westcliff e sua teimosa irmã, seguidos breve pelo médico. Inclusive eu, um experiente violador, necessito algo mais de tempo para incomodar a alguém. — Sua expressão trocou quando Annabelle ofegou de dor ante sua suave carícia. Com destreza, baixou-lhe as médias com uns dedos tão suaves como plumas, mas a perna da jovem estava tão sensibilizada que inclusive a mais delicada de

suas carícias lhe causava uma dor insuportável —. Fica quieta, bebe — murmurou enquanto retirava a seda de sua perna dolorida.

Sem deixar de morder o lábio, Annabelle contemplou como essa escura cabeça se inclinava sobre seu tornozelo. Hunt o fez girar com muito cuidado, preocupando-se de não tocá-la mais do necessário. Ato seguido, ficou imóvel, com a cabeça moreia ainda inclinada sobre sua perna.

— Justo o que pensava.

Daisy se tornou para diante e observou a zona de seu tornozelo que Hunt assinalava.

— O que são essas pequenas parcas?

— A mordida de uma víbora — disse Hunt sem olhares. Arregaço-se as mangas da camisa, deixando ao descoberto uns musculosos antebraços talheres de pêlo escuro.

As duas moças o olharam com assombro.

— Mordeu-me uma serpente? — perguntou Annabelle com incredulidade. —, Mas como? Quando? Não pode ser certo. Haveria sentido algo ... Ou não?

Hunt colocou a mão no bolso da jaqueta, que ainda estava colocada ao redor dos ombros da Annabelle, em busca de algo

— Em algumas ocasiões, a gente não se dá conta da mordida. Os bosques do Hampshire estão infestados de víboras nesta época do ano. O mais provável é que ocorresse durante o passeio desta tarde. — Depois de encontrar o que andava procurando, tirou uma pequena navalha e a abriu.

Os olhos da Annabelle se abriram como pratos a causa do medo. — O que está fazendo?

Hunt agarrou sua meia e a cortou limpamente em dois.

— Um torniquete.

— Se — sempre levar essa coisa consigo? — Sempre tinha acreditado que era um pouco pirata e, naquele momento, ao vê-lo com a camisa arregaçada e uma navalha na mão, a imagem se viu poderosamente reforçada.

Hunt se sentou junto a sua perna estirada, elevou-lhe as saias até o joelho e lhe atou uma parte de seda ao redor do tornozelo.

— Quase sempre — disse com secura, concentrando-se em sua tarefa —. Ser o filho de um açougueiro condenou a uma vida de fascinação

pelas facas.

— Jamais acreditei ... — Annabelle se deteve e ofegou de dor ao sentir o suave apertão da seda.

Os olhos do Hunt voaram para os seus, carregados de uma nova tensão em sua expressão.

— Sinto-o — disse enquanto enrolava com cuidado a outra metade da média sob a ferida. Falou para distraí-la ao tempo que apertava o segundo Isto torniquete é o que acontece levar esses malditos sapatos de baile tão debéis para andar pelo campo. Deve ter pisado a uma víbora que tomava o sol ... e quando viu um destes preciosos tobillitos, decidi lhe dar uma dentada. — Fez uma pausa e disse algo em voz baixa que soou como: «Não posso culpá-la.»

A dor e o palpitar da perna encheram de lágrimas os olhos da Annabelle. Sem deixar de lutar contra a mortificação de deixar escapar um soluço, a jovem afundou os dedos o grosso brocado da colcha que tinha debaixo.

— por que me começou a doer o tornozelo tão agora se me morderam esta manhã?

— Às vezes pode demorar várias horas em fazer efeito. — Hunt olhou ao Daisy —. Senhorita Bowman, toque a campainha para chamar o serviço e lhes diga que necessitamos que ferverem presera imediatamente.

— O que é presera? — perguntou Daisy com suspeita. — Uma erva. O ama de chaves guarda um punhado seco em sua despensa desde que o jardineiro chefe sofresse uma mordida o ano passado.

Daisy se apressou a fazer o que lhe tinham ordenado e os deixou a ambos a sós por um instante.

— O que lhe ocorreu ao jardineiro? — perguntou Annabelle, que não podia controlar o toco castanholas dos dentes. Via-se sacudida por estremecimentos constantes, como se a tivessem submerso em água geada —. Morreu?

A expressão do Hunt não trocou, mas ela pôde dar-se conta de que sua pergunta o tinha surpreso.

— Não — disse com amabilidade e se aproximou um pouco mais —. Não, bebe ... — Tomou sua trêmula mão entre as suas e lhe enfraqueceu os dedos com um quente apertão —. As víboras do Hampshire não têm veneno

suficiente para matar a nada que seja maior que um gato ou um cão pequeno. — Seu olhar era carinhoso quando continuou —. Te porá bem. Sentir-se-á espantosamente mal nos próximos dias, mas depois tudo voltará para a normalidade.

— Não estará tratando de ser amável, verdade? — perguntou ela com inquietação.

Hunt se inclinou sobre ela e lhe retirou umas quantas mechas de cabelo que lhe tinham pego à frente, empapada em suor. Apesar do tamanho de sua mão, seu toque era leve e terno.

— Jamais minto por amabilidade — murmurou com um sorriso —. É um de meus muitos defeitos.

Depois de lhe dar as instruções pertinentes a um dos serventes, Daisy se apressou a retornar junto à cama. Apesar de que tinha arqueado as sobranceiras escuras e elegantes ao ver o Hunt inclinado sobre a Annabelle, absteve-se de fazer comentário algum. Em troca, perguntou:

— Não deveríamos fazer um corte na picada para deixar que saia o veneno? Annabelle lhe dirigiu um olhar de advertência e soltou um gemido.

— Não lhe dê idéias, Daisy!

Hunt olhou para o teto um instante antes de replicar. — Isso não deve fazer-se nas picadas de víbora. — Entrecerrou os olhos ao olhar a Annabelle e dar-se conta de que respirava de forma rápida e superficial —. Te resulta difícil respirar?

Ela assentiu ao tempo que se esforçava por introduzir ar em uns pulmões que pareciam haver-se reduzido a um terço are tamanho habitual. Cada vez que tomava fôlego, dava-lhe a sensação de que estivessem lhe comprimindo o peito com uma vendagem, até que suas costelas ameaçaram partindo-se por causa da pressão.

Hunt lhe acariciou o rosto com suavidade e passou o polegar sobre a superfície seca de seus lábios.

— Abre a boca. — Ao contemplar o interior, assinalou: — Não tem a língua torcida ... Porá-te bem. De qualquer forma terá que te tirar o espartilho. Date a volta.

Antes de que Annabelle pudesse responder, Daisy protestou com indignação.

— Eu me encarregarei de ajudar a Annabelle com o espartilho. Saia da habitação, por favor.

— Já vi a outras mulheres em espartilho com antecedência — lhe disse com sarcasmo.

Daisy pôs os olhos em branco.

— Não se faça o tonto, senhor Hunt. É óbvio que não é você quem me preocupa. Os homens não lhes tiram os espartilhos às jovens damas por nenhuma razão, a menos que sua vida corra perigo ..., coisa que, como você acaba de assinalar não é o caso. Hunt a olhou com uma expressão torturada.

— Maldita seja, mulher ...!

— Amaldiçoe quanto lhe venha em gama — disse Daisy de forma implacável —. Minha irmã maior sabe amaldiçoar dez vezes melhor que você. — ergueu-se em toda sua estatura, embora um metro e cinqüenta e dois discutíveis centímetros com muita dificuldade podiam impressionar a ninguém —. O espartilho da senhorita Peyton ficará onde está até que você saia da habitação.

Hunt jogou uma olhada a Annabelle, quem de repente necessitava tanto respirar que apenas lhe importava quem lhe tirasse o espartilho com tal de que o fizesse alguém.

— Pelo amor de Deus — disse Hunt com impaciência e caminhou a grandes passos até a janela para lhes dar as costas —. Não vou olhar. Faça-o já.

Daisy obedeceu a toda pressa ao dar-se conta de que, ao parecer, aquela ia ser a única concessão que Hunt se mostrasse disposto fazer. Retirou a jaqueta do corpo rígido da Annabelle.

— Desatarei os laços das costas e te deixarei o vestido em cima sussurrou a seu amiga —. Desse modo estará decentemente coberta.

Annabelle não pôde reunir o fôlego suficiente para lhe dizer que qualquer preocupação que pudesse ter albergado com respeito à decência empalidecia ao compará-la com o urgente problema que supunha não poder respirar. Sem deixar de ofegar com força, girou-se para um lado e notou como os dedos do Daisy se introduziam atrás da empapadas costas de sua vestida de baile. Seus pulmões se contraíram em frustradas tentativas por introduzir o prezado ar. Deu um laborioso gemido e começou a ofegar com desespero.

Daisy soltou umas quantas maldições.

— Senhor Hunt, temo-me que devo lhe pedir emprestada sua navalha ... Os cordões do espartilho estão atadas e não posso ... Ai!

A última exclamação se produziu quando Hunt se aproximou como uma exalação à cama, apartou-a a um lado sem muitas cerimônias e se dispôs a encarregar-se ele mesmo do espartilho. Depois de umas quantas e prudentes aplicações da navalha, o obstinado objeto de vestir liberou as costelas da Annabelle de sua férrea constrição.

Annabelle notou como separava o rígido objeto de seu corpo, deixando tão somente o magro véu da anágua entre o olhar do homem e sua pele nua. Devido à estada em que se encontrava aquela exposição não representava uma preocupação urgente. Não obstante, sabia muito bem que mais tarde morreria de vergonha.

Hunt se inclinou sobre ela depois de tombá-la de costas como se não fora mais que uma boneca de trapo.

— Não aspire com tanta força, céu. — Colocou a mão, sobre a parte superior de seu peito. Olhou-a aos olhos fixamente e começou a esfregada em relaxantes círculos —. Devagar. Tem que te relaxar um pouco.

Sem apartar o olhar do escuro resplendor de seus olhos, Annabelle tratou de obedecer, mas lhe fechava a garganta com cada ofegante fôlego. Ia morrer de asfixia naquele mesmo momento.

Ele não permitiu que apartasse os olhos.

— Porá-te bem. Deixa que o ar entre e saia com suavidade. Devagar. Isso. Assim. — De alguma forma, o quente peso de sua mão sobre o peito pareceu ajudada, como se tivesse o poder de obter que os pulmões recuperassem seu ritmo normal —. O pior passasse dentro de nada — disse Hunt.

— Vá, que alívio. — Tratou de responder de forma sarcástica, mas o esforço fez que se engasgasse e que começasse a ter soluço.

— Não tente falar ... Só respira. Outro dos compridos, muito devagar ... e outro mais. Boa garota.

À medida que Annabelle recuperava pouco a pouco o fôlego, o pânico começou a desvanecer-se. Aquele homem tinha razão: era mais fácil se não lutava por respirar. O som de seus ofegos ficava amortecido pela fascinante suavidade de sua voz.

— Isso é — murmurou Hunt —. Assim é como terá que fazê-lo.

A mão seguia movendo-se em círculos suaves e lentos sobre seu peito. Não havia nada sexual em suas carícias ... De fato, bem poderia ter sido uma menina a que ele tratasse de tranquilizar. Annabelle estava perplexa. Quem se teria imaginado que Simon Hunt podia mostrar-se tão doce?

Movida a partes iguais pela gratidão e a confusão, procuro provas a enorme mão que se movia com tanta gentileza sobre seu peito. Estava tão fraco que esse gesto consumiu todas suas forças. Hunt começou a retirar a mão ao assumir que ela pretendia apartá-la, mas quando sentiu que os dedos da jovem se curvavam ao redor dos seus, ficou muito quieto.

— Obrigado — murmurou Annabelle.

O contato fez que Hunt se esticasse de forma óbvia, como se o fato de que ela o tocasse tivesse enviado uma espécie de descarrega a seu corpo. Olhou-a, mas não à cara; contemplo os delicados dedos que estavam entrelaçados com os seus como o faria um homem que tratasse de resolver um complexo quebra-cabeças. Ainda imóvel, prolongou o instante enquanto baixava as pálpebras para ocultar seu olhar.

Annabelle se umedeceu os lábios secos com a língua e descobriu que ainda não podia senti-los.

— Tenho a cara dormida — disse com um fio de voz ao tempo ao tempo que soltava a mão do homem.

Hunt a contemplou com o sorriso irônico de alguém que acaba de descobrir algo sobre si mesmo que não esperava.

— A pretera ajudará. — Colocou a mão em um dos lados da garganta da Annabelle e deslizou o polegar com o passar do bordo da mandíbula em um gesto que só podia qualificar-se como uma carícia. — Isso me recorda ... — Jogou uma olhada por cima do ombro, como se acabasse de recordar que Daisy se encontrava na habitação —. Senhorita Bowman, trouxe já esse maldito servente ...?

— Está aqui — disse a garota de cabelo escuro enquanto se aproximava da porta com a bandeja que acabavam de levar. Ao parecer, ambos tinham estado muito absortos o um no outro para notar a chamada à porta do servente —. O ama de chaves enviou uma infusão de pretera, que cheira fatal, e também uma garrafinha que o servente disse que era «**solução de urtiga**». E parece que o doutor acaba de chegar e que estará

aqui acima em qualquer momento ... o que significa que você deve partir, senhor Hunt.

O homem apertou a mandíbula.

— Ainda não.

— Agora mesmo — disse Daisy com urgência —. Ao menos, saia aí fora. Pelo bem da Annabelle. Sua reputação ficará arruinada se o vêem aqui dentro.

Hunt olhou a Annabelle com o cenho franzido.

— Quer que vá?

Em realidade, não queria; sentia um irracional desejo de lhe rogar que ficasse. Deus Santo! Que mal deviam estar as coisas para que ela sentisse semelhante desejo pela companhia de um homem ao que detestava! Entretanto, durante os passados minutos, estabeleceu-se uma frágil conexão entre eles, e tirou o chapéu no estranho apuro de ser incapaz de dizer, «sim» ou «não».

— Seguirei respirando — sussurrou ao final —. Seria melhor que partisse.

Hunt assentiu.

— Esperarei no corredor — anunciou a contra gosto antes de levantar-se da cama. Fez — um gesto ao Daisy para que se aproximasse com a bandeja e voltou a olhar aa Annabelle —. Te Beba a infusão de, presera sem importar quão horrível seja seu sabor ou eu verei aqui e lhe farei tragar isso. — Agarrou sua jaqueta e saiu da habitação.

Com um suspiro de alívio, Daisy deixou a bandeja na mesinha que havia junto à cama.

— Graças a Deus — disse —. Não estava segura de como ia obter que partisse se se negava a fazê-la. Espera ..., deixa que te ajude a te incorporar um pouco e te porei outro almofadão por detrás. — A jovem a levantou com eficiência, demonstrando uma surpreendente competência. Daisy agarrou uma enorme taça de barro que continha um líquido fumegante e pressionou o bordo contra seus lábios —. Toma um pouco disto, querida.

Annabelle tragou o amargo líquido marrom e apartou a cara. — Puaj!

— Mais — disse Daisy de forma implacável ao tempo que o inclinava sobre sua boca uma vez mais.

Annabelle bebeu de novo. Tinha a cara tão dormida que não foi

consciente de que parte da medicina se derramou de seus lábios até que Daisy agarrou um guardanapo da bandeja e lhe limpou o queixo. Com muito cuidado, Annabelle levantou a mão e explorou com a ponta dos dedos a lhe formiguem superfície de sua pele.

— É uma sensação do mais estranha — disse com voz mau articulada —. Não posso sentir a boca. Daisy ..., não me diga que estive babando enquanto o senhor Hunt estava aqui

— É obvio que não — respondeu Daisy imediatamente —. De ter sido assim, eu teria feito algo. Uma amiga de verdade não permite que outra amiga babe quando há um homem presente. Nem queira se esse homem é alguém a quem não se deseja atrair.

Aliviada, Annabelle se esforçou por tragar um pouco mais da infusão de prepera, que tinha um sabor muito parecido ao do café queimado. Talvez fossem imaginações provocadas por uma esperança absurda, mas começava a sentir um pouco melhor.

— Ao Lillian deve lhe haver custado suor e lágrimas encontrar a sua mãe — comentou Daisy —. Não posso imaginar o que as está atrasando tanto. — tornou-se um pouco para trás para olhar a Annabelle, e seus olhos castanhos resplandeceram —. Em realidade, me alegro, a verdade. Se tivessem vindo em seguida, não teria podido ver como o senhor Hunt se transformava de um lobo grande e mau em ... Bom ..., em um pouco parecido a um lobo bom.

A inapetência, Annabelle soltou uma pequena gargalhada. — Tudo um espetáculo, não é certo?

— Sim, certamente que sim. Tão arrogante e autoritário ... Como linho dos personagens dessas tórridas novelas que mamãe sempre me tira das mãos. Menos mal que estava aqui, ou é muito provável que ele tivesse deixado à vista todas suas partes inomináveis.

— Continuou tagarelado enquanto ajudava a Annabelle a beber mais infusão e lhe limpava o queixo uma vez mais —. Sabe? Jamais teria acreditado que diria isto, mas o senhor Hunt não é tão horrível como pensava.

Annabelle franziu os lábios de forma experimental ao perceber que tinha recuperado parte da sensibilidade e compôs uma careta.

— Ao parecer, tem seus méritos. Entretanto ..., não espere que a

transformação seja permanente.

Capítulo 13

Logo que tinham acontecido dois minutos quando apareceu o grupo que Simon predissera pouco antes e que estava integrado pelo medico, lorde Westcliff, a senhora Peyton e Lillian Bowman. Com os ombros reclinados contra a parede, Simon os observou com atitude escrutinadora. Pessoalmente, encontrava muito divertida a óbvia antipatia que existia entre o Westcliff e a senhorita Bowman, cuja evidente e recíproca animosidade deixava claro que tinha havido algo mas palavras entre eles.

O médico era um ancião de aspecto respeitável, que levava quase três décadas atendendo ao Westcliff já seus parentes, os Marscherh. Depois de cravar no Simon esses penetrantes olhos, afundados em um rosto enrugado pela idade, o ancião perguntou com imperturbável tranqüilidade:

— Senhor Hunt, informaram-me que você ajudou a jovem a chegar a sua habitação. É isso certo?

De maneira concisa, Simon começou a descrever ao médico os sintomas e o estado da Annabelle, embora omitiu que tinha sido ele e não Daisy, quem tinha descoberto as evidências da mordida no tornozelo da jovem. A senhora Peyton o escutava com o rosto pálido pela angústia. Sem deixar de franzir o cenho, lorde Westcliff se inclinou para murmurar algo ao ouvido desta, que assentiu e lhe deu as obrigado de modo distraído. Simon supôs que Westcliff acabava de prometer à mulher que sua filha desfrutaria dos melhores cuidados até sua completa recuperação.

— É evidente que não poderei confirmar a opinião do senhor Hunt até ter examinado a jovem — recalcou o médico —. Não obstante, seria aconselhável que comesçassem a ferver um pouco de presera, em previsão de que a enfermidade tenha sido ocasionada por uma mordida de víbora ...

— Já bebeu um pouco — o interrompeu Simon —. Ordenei que fizessem uma infusão faz um quarto de hora.

O doutor o olhou com essa expressão vexatória reservada a aqueles que se aventuravam a anunciar um diagnóstico sem ter obtido diploma em medicina.

— Essa planta é um narcótico muito efetivo, senhor Hunt, e

potencialmente perigoso no caso de que o paciente não sofra de uma mordida de serpente venenosa. Deveria ter esperado a contar com a opinião de um médico antes de administrá-la.

— Os sintomas de uma mordida de víbora são inconfundíveis — replicou Simon com impaciência, desejando que o homem deixasse de atrasar-se no corredor e fosse imediatamente a fazer seu trabalho —. Além disso, queria aliviar as moléstias da senhorita Peyton o antes possível.

As abundantes e grisalhas sobranceiras do ancião a ponto estiveram de ocultar seus olhos.

— Está muito seguro de seu próprio julgamento — foi seu irritado comentário.

— Sim — respondeu Simon sem piscar.

De súbito, o conde tentou sufocar sem êxito uma gargalhada, antes de colocar uma mão sobre o ombro do médico.

— Temo-me, senhor, que nos veremos obrigados a permanecer aqui fora de modo indefinido se tratar de convencer a meu amigo de que tem feito um pouco de modo incorreto. «Intransigente» é o adjetivo mais suave que lhe poderia aplicar ao senhor Hunt. Asseguro-lhe que seria muito melhor que concentrasse todos seus esforços no cuidado da senhorita Peyton.

— Talvez — respondeu o doutor de mau humor —. Embora se diria que minha presença resulta desnecessária à luz do acostumado diagnóstico do senhor Hunt. — E com esse comentário sarcástico, o ancião entrou na habitação, seguido da senhora Peyton e Lillian Bowman.

Uma vez a sós no corredor com o Westcliff, Simon pôs os olhos em branco.

— Velho bode amargurado ... — murmurou —. É que não podia ter trazido para alguém mais decrépito, Westcliff? Duvido muito que veja ou ouça o suficiente para ser capaz de emitir seu próprio diagnóstico, maldita seja.

O conde elevou uma de suas negras sobranceiras enquanto observava ao Simon com um risonho ar de superioridade.

— É o melhor médico de tudo Hampshire. Me acompanhe à planta baixa, Hunt. Vamos tomar nos umas taças de brandy.

Simon olhou de soslaio à porta da habitação que permanecia fechada.

— Logo.

Westcliff respondeu com um tom de voz despreocupado e muito adoçado. — Nossa! Me perdoe. Está claro que prefere esperar ao médico junto à porta, como um cão vagabundo que aguardasse as sobras da cozinha. Estarei em meu escritório ... Sei um bom menino e corre a me comunicar as notícias assim que saiba algo.

Simon o olhou com frio desdém, obviamente molesto, antes de apartar-se da parede.

— Está bem — grunhiu —, Vou contigo.

O conde assentiu com a cabeça para mostrar sua satisfação. — O doutor me dará seu relatório assim que acabe de examinar à senhorita Peyton.

Simon ia sumido em sombrias reflexões, enquanto acompanhava ao Westcliff em direção a escadaria, sobre seu comportamento de fazia uns minutos. Deixar-se arrastar pelas emoções em lugar de seguir os ditados da razão era uma experiência nova para ele e não gostava absolutamente. De todos os modos, não parecia ter muita importância que gostasse ou não. Assim que se deu conta de que Annabelle estava doente, teve a impressão de que o peito ficava vazio, como se lhe tivessem arrancado o coração. Nem sequer se tinha questionado o fato de que faria algo para mantê-la sã e salva, E, nesses momentos nos que ela tinha lutado para seguir respirando enquanto o olhava com a dor e o medo refletido nos olhos, faria algo por ela. Algo.

Que Deus o ajudasse se Annabelle descobria alguma vez o poder que tinha sobre ele ... Um poder que ameaçava de forma perigosa tanto seu orgulho como seu autocontrole. Queria possuí-la em corpo e alma, de qualquer forma imaginável que a intimidade pusesse ao seu dispor. A profundidade da paixão que a moça despertava nele o assombrava; uma paixão que não deixava de crescer. Nenhum de seus próximos o entenderia, e menos ainda Westcliff. O conde acostumava manter suas emoções e desejos sob um férreo controle, e não duvidava em demonstrar seu desprezo por todos aqueles que faziam o tonto em altares do amor.

E não podia dizer-se que o que sentia fora amor ... Simon não iria tão longe para admitir semelhante afirmação. Não obstante, ia muito mais à frente do mero desejo físico, E exigia, como mínimo, uma posse absoluta.

Obrigando-se a ocultar essas emoções sob uma máscara inexpressiva, Simon seguiu ao Westcliff ao interior de seu estudo.

Era uma estadia pequena e austera, com as paredes cobertas de painéis de brilhante madeira de carvalho e cuja única ornamentação consistia em uma extensa vidraça. Com seus ângulos retos e seu mobiliário de estilo sério, o lugar não resultava precisamente acolhedor. Entretanto, era uma estadia muito masculina, onde se podia fumar, beber e falar sem disfarces. Simon aceitou a taça de brandy que lhe ofereceu Westcliff, sentou-se em uma das incômodas cadeiras colocadas frente ao escritório e se bebeu o licor de um só gole. Ato seguido, alargou a taça e inclinou a cabeça para dar as obrigado sem necessidade de falar assim que seu amigo voltou a enchê-la.

Antes de que Westcliff se lançasse a uma desnecessária diatribe a respeito da Annabelle, Simon decidiu distraí-lo com outro tema:

— N parece te levar muito bem com a senhorita Bowman — disse, sem lhe dar maior importância.

Como estratégia de distração, a referência à senhorita Bowman foi do mais efetiva. Westcliff respondeu com um áspero grunhido.

— Essa mucosa malcriada se atreveu a sugerir que eu sou o culpado do acidente da senhorita Peyton — disse ao tempo que se servia outra taça de brandy.

Simon elevou as sobrancelhas.

— e como é possível que você seja o culpado?

— A senhorita Bowman parece acreditar que, como anfitrião, é minha responsabilidade me assegurar de que minha propriedade não esteja «invadida por uma praga de víboras venenosas»; essas foram suas palavras exatas.

— e o que lhe respondeu?

— Limitei-me a lhe assinalar à senhorita Bowman que quão convidados decidem permanecer vestidos quando se aventuram de portas fora não revistam acabar com uma mordida de víbora..

Simon não pôde evitar sorrir ante o comentário.

— Só está preocupada com seu amiga.

Westcliff assentiu com aspecto mal-humorado.

— Não pode confrontar a perda de uma delas, já que indubitavelmente, seu número é bastante escasso.

Simon contemplou as profundidades de sua taça sem deixar de sorrir.

— Vá noitinha mais difícil tiveste ... — escutou que Westcliff lhe

dizia, recorrendo ao Primeiro sarcasmo, vê-te obrigado a levar o jovem e núbil corpo da senhorita Peyton tudo o comprido caminho até sua habitação ... E; depois, tem que examinar sua perna ferida. Uma experiência do mais desagradável para ti, sem dúvida.

O sorriso do Simon se esfumou.

— Eu não hei dito que lhe examinasse a perna.

O conde o observou com um olhar perspicaz.

— Não fazia falta. Conheço-te o bastante bem para assumir que não desperdiçaste semelhante oportunidade.

— Admito que lhe joguei uma olhada a seu tornozelo. E também que lhe cortei os laços do espartilho quando se fez evidente que não podia dia respirar. — O olhar do Simon desafiou ao conde a que fizesse alguma objeção a respeito.

— Um moço muito serviçal — murmurou Westcliff. Simon soprou.

— Embora te resulte difícil de acreditar, o sofrimento de uma mulher não me provoca nenhum tipo de lascívia.

Westcliff se reclinou em sua cadeira e lhe lançou um olhar frio e inquisitivo que conseguiu que ao Simon lhe arrepiasse o pêlo da nuca.

— Espero que não seja tão imbecil para te apaixonar por uma criatura como essa. Já conhece minha opinião sobre a senhorita Peyton ...

— Sim, a puseste que manifesto em várias ocasiões.

— E, além disso — continuou o conde —, desagradar-me-ia muito ver que um dos poucos homens com sentido comum que conheço acaba convertido em um desses imbecis que vão por aí balbuciando e arrojando suas muito sensíveis emoções aos quatro ventos.

— Não estou apaixonado.

— Pois está ... algo — insistiu Westcliff —. Desde que te conheço, jamais te tinha visto fazer um desdobraimento sentimental como o que tem feito diante da porta de sua habitação.

— Quão único desdobrei foi um pouco de compaixão por outro ser humano.

O conde lançou um bufo.

— Baixo cujos calções está desejando te colocar.

A franco exatidão da observação provocou um recalcitrante sorriso no Simon.

— Desejava-o faz dois anos — admitiu —. Agora se converteu em uma espécie de necessidade vital.

Westcliff deixou escapar um grunhido e se esfregou a estreita ponte do nariz com dois dedos.

— Não há coisa que odeie mais que ver um amigo encaminhar-se direto ao desastre. Sua debilidade, Hunt, reside nessa incapacidade para rechaçar qualquer desafio. Inclusive quando o desafio não está a sua altura.

— Eu gosto dos desafios. — Simon fez girar o brandy em sua taça —. Mas isso não tem nada que ver com meu interesse por ela.

— Santo Deus! — murmurou o conde —. Te Beba o brandy ou deixa de jogar com ele. Vais enjoar ao licor com tantas voltas.

Simon lhe dedicou um olhar alegre, embora um tanto misteriosa.

— E como, exatamente, enjoa-se» uma taça de brandy? Não, diga-me isso; meu rústico cérebro não seria capaz de entender o conceito. — De modo obediente, tomou um sorvo e deixou a taça a um lado —. E, agora, do que estávamos falando? Ah, sim! Demi debilidade. Antes de que sigamos discutindo o assunto, quero que admita que, em algum momento de sua vida, emprestaste mais atenção ao desejo que ao sentido comum. Porque, de não ser assim, não tem nenhum sentido seguir falando contigo deste tema.

— Por, suposto que o tenho feito. Qualquer homem que tenha mais de doze anos o tem feito. Entretanto, a razão de ter um intelecto superior, não é outra que a de acautelar que caíamos em semelhantes enganos repetidamente ...

— Bom, pois aí se encontra a raiz de meu problema — concluiu Simon de modo razoável —. Não me preocupa absolutamente essa questão sobre o intelecto superior. Até agora, arrumei-me isso muito bem com meu intelecto inferior.

A mandíbula do conde adquiriu uma expressão pétrea.

— Existe uma razão pela que a senhorita Peyton e suas carnívoras amigas não se casaram, Hunt. São problemáticas. Se os acontecimentos desta tarde não lhe deixaram isso claro, é que não há esperança alguma para ti.

Tal e como Simon tinha antecipado, Annabelle sofreu um mal-estar constante durante os dias seguintes. Tinha acabado familiarizando-se, por desgraça, com o sabor da infusão de presera que, segundo prescrição do

doutor, devia tomar o primeiro dia a intervalos de quatro horas, e a partir de então, cada seis. Embora era certo que a infusão ajudava a que os sintomas provocados pelo veneno da víbora remettessem, seguia sem poder dormir bem e era incapaz de concentrar-se em qualquer atividade mais de dois minutos, apesar de que desejava entreter-se com algo que aliviasse seu aborrecimento.

Seus amigas fizeram tudo o possível por alegrá-la e distraí-la pelo qual Annabelle estava mais que agradecida. Evie se sentava junto a ela na cama e lhe lia passagens de uma horripilante novela que tinha tirado às escondidas da biblioteca. Daisy e Lillian lhe traziam as últimas fofocas e a faziam rir com suas travessas imitações dos distintos convidados. A pedido dela, informavam-lhe pontualmente dos progressos na carreira por ganhar as cuidados de lorde Kendall. Em particular, havia uma moça alta, magra e de cabelo loiro, Lady Constante Darrowby, que parecia ter atraído o interesse do aristocrata.

— Em minha opinião, é do mais frígida — disse Daisy com franqueza —. Tem uma forma de franzir a boca que recorda a um desses moedeiros nos que terá que atirar de um laço para fechá-los, por não mencionar esse horrível costume de rir como uma estúpida enquanto se tampa a boca com a mão, como se fora impróprio de uma dama ser vista rindo em público.

— Deve ter os dentes torcidos — aventurou Lillian, esperançada.

— Acredito que é bastante aborrecida — prosseguiu Daisy —. Não posso imaginar do que falará com o Kendall, mas este parece do mais interessado.

— Daisy — interrompeu Lillian —, estamos falando de um homem que acredita que a maior diversão é a contemplação das novelas. SUA soleira do aborrecimento é, obviamente, inalcançável.

— depois da festa de hoje no lago, celebrou-se um lanche campestre — informou Daisy a Annabelle — e, por um incrível e satisfatório momento, acreditei ter pilhado a lady Constance em uma situação comprometida com um dos convidados. Desapareceu durante uns minutos junto a um cavalheiro que não era lorde Kendall. — e quem era? — perguntou Annabelle.

— O senhor Benjamin Muxlow, um vizinho pertencente à aristocracia rural. Já sabe, esse tipo de homem que é o sal da terra, que possui umas quantas hectares de terras mais que decentes e um punhado de serventes e que pretende que uma esposa lhe dê oito ou nove filhos, remende-lhe os punhos das camisas e lhe faça pudim de sangue de porco na época da matança ...

— Daisy — a interrompeu Lillian ao ver que o rosto da Annabelle tinha adquirido certo tom esverdeado —, tenta ser um pouco menos repugnante, quer? — Sorriu a Annabelle a modo de desculpa —. O sinto, querida. Mas deve admitir que os ingleses estão dispostos a comer certas coisas que fariam a um americano fugir da mesa chiando de horror.

— Ao que ia — continuou Daisy com exagerada paciência —, lady Constance desapareceu depois de ter sido vista na companhia do. Senhor, Muxlow e, como era natural, fui buscá-los com a esperança de poder ver algo que a desacreditasse e assim conseguir que Lorde Kendall perdesse tudo interesse nela. Já te pode imaginar minha satisfação assim que os descobri debaixo de uma árvore com as cabeças muito juntas.

— estavam-se beijando? — inquiriu Annabelle.

— Não, maldita seja. Muxlow estava ajudando a lady Constante, a devolver ao ninho a um pequeno canário que se cansado.

— Nossa! — Annabelle afundou os ombros antes de acrescentar mal-humorada —: Que terno por sua parte.

Sabia que seu abatimento se devia, em certa medida, aos efeitos do veneno da serpente, por não mencionar seu desagradável antídoto. Não obstante, o fato de conhecer a causa de sua falta de ânimo não ajudava absolutamente a que este melhorasse.

Ao ver que Annabelle parecia decaída, Lillian agarrou uma escova cuja manga de prata estava bastante deslustrado.

— Te esqueça de lady Constance e de lorde Kendall por agora — lhe ordenou que —. Me Deixe que te tranque o cabelo; sentir-se-á muito melhor quando o tiver afastado da cara.

— Onde está meu espelho? — perguntou Annabelle, que se inclinou para diante para que Lillian pudesse sentar-se atrás dela.

— Não o encontrei — foi a tranqüila resposta do Lillian. Annabelle não tinha passado por cima o conveniente desaparecimento do espelho. Sabia que a enfermidade tinha feito estragos em seu físico: seu cabelo tinha

perdido o brilho e sua pele carecia da saudável cor que estava acostumado a ter. Além disso, as constantes náuseas lhe impediam de comer, por isso seus braços tinham um aspecto muito mais magro do normal enquanto descansavam languidamente sobre a colcha.

Essa mesma noite, tombada no leito por causa de seus mal-estares, o som da música e da dança chegou fluindo até ela através da janela de sua habitação, procedente do salão de baile da planta baixa. Ao imaginar-se a lady Constance dançando uma valsa em braços de lord Kendall, moveu-se inquieta entre os lençóis e chegou a triste conclusão de que suas oportunidades de contrair matrimônio tinham desaparecido.

— Ódio as víboras — grunhiu enquanto observava a sua mãe, a qual estava ordenando os objetos colocados sobre a mesinha de noite: colherinhas pegajosas pela medicina, frascos, lenços, uma escova para o cabelo e umas quantas forquilhas —. Odeio estar doente e ódio passear pelo bosque e, sobre tudo, ódio jogar rounders em roupas de baixo!

— O que acaba de dizer, queridinha? — perguntou Philippa, que estava a ponto de colocar uns quantos copos vazios sobre uma bandeja.

Annabelle negou com a cabeça, afetada por uma repentina tristeza.

— Eu ... nada, mamãe. Estive pensando ... Quero retornar a Londres em um par de dias, quando estiver melhor para viajar. Não tem sentido ficarmos mais tempo aqui. Lady Constance já é virtualmente lady Kendall e não tenho nem os ânimos nem o aspecto necessários para atrair a atenção de qualquer outro. Além disso ...

— Eu não perderia as esperanças ainda — comentou Philippa, que soltou a bandeja antes de inclinar-se sobre sua filha para lhe acariciar a frente em um gesto terno e maternal —. Ainda não se anunciou compromisso algum e lord Kendall perguntou por ti com muita frequência. Além disso, não esqueça o enorme ramo de campainhas azuis que te enviou. Recolheu-as ele mesmo, conforme me disse.

Exausta, Annabelle jogou uma olhada ao rincão onde tinham colocado o enorme acerto floral cujo intenso perfume fluía no ar.

— Mamãe, estive a ponto de lhe pedir isso em várias ocasiões ... Poderia levar-lhe o daqui? É precioso e o gesto é encantador ... Mas o aroma ...

— Vá! Não o tinha pensado — disse Philippa imediatamente. Dirigiu-

se sem perda de tempo para o ramo e agarrou o vaso com as flores azuis de caules curvos antes de encaminhar-se à porta —. O deixarei no saguão e direi a uma donzela que as leve ... — Sua voz se perdeu à medida que se afastava, entregue a sua tarefa.

Annabelle começou a brincar com o débil metal ondulado de uma forquilha que tinha cansado sobre a cama e franziu o cenho. O ramo do Kendall tinha sido um entre muitos outros, em realidade. As notícias de sua enfermidade lhe tinham granjeado um bom número de amostras de simpatia por parte dos convidados que se alojavam em Stony Cross Park. Inclusive lorde Westcliff lhe tinha enviado um ramo de rosas do estufa em seu nome e no dos Marsden.

A proliferação de vasos de flores tinha conferido à habitação um aspecto um tanto fúnebre. Curiosamente, não tinha chegado nem um só presente de parte do Simon Hunt ... Nenhuma nota, nem umas flores. Depois de seu solícito comportamento duas noites atrás, Annabelle tinha esperado algo por sua parte. Alguma pequena amostra de preocupação ... Entretanto, resolveu que, talvez, Hunt tinha chegado à conclusão de que era uma criatura problemática e absurda que não merecia ser objeto de suas cuidados no sucessivo. Se isso era certo, alegrar-se-ia sobremaneira de não voltar a suportar suas grosserias.

Não obstante, em lugar de alegrar-se, lhe encheram os olhos de lágrimas e sentiu uma estranha pressão na garganta. Não acabava o entender suas próprias reações. Como tampouco era capaz de identificar a emoção que subjazia sob toda essa enorme desesperança. Parecia estar possuída por um indescritível e estranho desejo ... ao que Quem dera pudesse lhe pôr nomeie. Quem dera ... I

— Bom, isto sim que é estranho — disse Philippa, que parecia muito assombrada ao retornar à habitação —. Acabo de inflamar isto justo detrás da porta. Alguém as deixou aí, mas não o acompanha nenhuma nota. E, por seu aspecto, são novas, a estrear Crie que as deixou alguma de seus amigas? Deveu que ser uma delas. Um presente tão excêntrico só lhe pode ocorrer a uma dessas garotas americanas.

Quando levantou a cabeça do travesseiro, Annabelle descobriu um par de objetos em seu regaço que observou com total desconcerto. Tratava-se de um par de botas de cano longo atados com um alegre laço vermelho. A

pele era suave como a manteiga e estava tinta com uma elegante cor bronze. Tinham-nos lustrado até fazê-los brilhar como cristal. Com o salto de pele baixo e as reveste costuradas com diminutos pontos, eram umas botas para lhes dar uso, mas sem deixar de lado a elegância. Estavam adornadas com um delicado bordado de folhas que cobriam toda a parte dianteira. Enquanto as contemplava, Annabelle sentiu que a risada começava a borbulhar em seu interior.

— Deve ser um presente das Bowman — disse ... embora sábia que não era certo.

As botas eram um presente do Simon Hunt, quem sabia de boa tinta que um cavalheiro jamais devia dar de presente um objeto de vestir a uma dama. Annabelle era consciente de que deveria as devolver imediatamente, e assim o pensou ao tempo que as sujeitava com força. Só Hunt podia conseguir lhe dar de presente um pouco tão prático e, de uma vez, tão inaceitavelmente pessoal.

Com um sorriso nos lábios, desatou o laço vermelho e elevou um dos botas de cano longo. Era muito ligeiro e soube, com tão somente lhe jogar uma olhada, que ficariam perfeitos. Como as teria arrumado Hunt para saber o número que ela calçava e onde os teria conseguido? Deslizou o dedo ao longo dos diminutos e deliciosos pontos que uniam a sola a brilhante pele brônzea da parte superior.

— São muito bonitos — comentou Philippa —. Muito bonitos para caminhar pelo campo enlameado.

Annabelle elevou uma das botas até seu nariz e respirou o aroma limpo e agreste das botas recém lustradas. Passou a ponta de um dedo pelo suave bordo superior e a afastou um tanto para apreciá-la a distância, como se fora uma valiosa escultura.

— Já dei muitos passeios pelo campo — replicou com um sorriso —. Estes botas de cano longo me virão de pérolas para caminhar pelos caminhos de cascalho nos jardins.

Philippa, que a olhava com bebe, alargou o braço para lhe acariciar o cabelo.

— Nunca teria pensado que um novo par de botas te animaria tanto; tacho me alegre muitíssimo. Chamo para que subam uma bandeja com um pouco de sopa e umas torradas, querida? Tem que tentar comer algo antes da próxima infusão.

Annabelle fez uma careta de asco.

— Sim, gosta de um pouco de sopa.

Philippa assentiu com satisfação e alargou um braço para apartar os botas de cano longo.

— Tirar-te-ei isto de cima e os deixarei no armário ...

— Ainda não — murmurou Annabelle, sujeitando um deles com gesto possessivo.

Philippa sorriu enquanto se aproximava do cordão para chamar à servidão.

Enquanto Annabelle se recostava e seguia acariciando a sedosa pele com as pontas dos dedos, sentiu que a pressão que lhe curvava o peito se aliviava um pouco. Sem dúvida era o sinal de que os efeitos do veneno se desvaneciam ..., mas isso não explicava por que de repente se sentia aliviada e tranqüila.

Teria que dar as graças ao Simon Hunt, é obvio e lhe dizer que seu obséquio não era apropriado. E se reconhecia que o quem lhe tinha agradável as botas, não teria mais remedeio que devolver-lhe Um livro de poesia, uma caixa de caramelos ou um ramito de flores tivesse sido algo muitíssimo mais apropriado. Mas nenhum outro presente teria sido tão terno como esse.

Annabelle não se separou das botas em toda a noite, a pesar a advertência de sua mãe de que trazia má sorte deixar os sapatos sobre a cama. Quando finalmente cedeu ao sonho, com a música da orquestra ainda flutuando através da janela, consentiu as deixar sobre a mesinha de noite. E, ao despertar pela manhã, a visão dos botas de cano longo a fez sorrir.

Capítulo 14

Uma manhã, três dias depois da mordida da víbora, Annabelle se sentiu por fim com a presença de ânimo suficiente para sair da cama. Para seu imenso alívio, a maioria dos convidados se partiu com o fim de assistir a uma festa que se celebrava em uma propriedade lhe limitem, de modo que Stony Cross Park tinha ficado em paz e bastante vazia. Depois de havê-lo consultado com o ama de chaves, Philippa trasladou a Annabelle a um salão privado da planta superior, com vistas aos jardins. Era uma estadia encantadora, com as paredes cobertas por um papel de estampados florais em cor azul e repletas de alegres retratos de meninos e animais. Segundo o ama de chaves, esse salão estava reservado para o uso exclusivo dos Marsden, mas o próprio lorde Westcliff tinha sugerido a estadia em benefício da comodidade da Annabelle.

Depois de colocar uma manta de viagem sobre os joelhos de sua filha, Philippa depositou uma infusão de presera na mesa que havia junto a ela.

— Deve te beber isto — disse com firmeza em resposta à careta de desagrado da Annabelle —. É por seu próprio bem.

— Não faz falta que fique na habitação para cuidar por mim, mamãe — respondeu —. Estarei encantada de ficar aqui descansando enquanto vai dar um passeio ou bate-papos com alguma de suas amigas.

— Está segura? — perguntou Philippa.

— Totalmente. — Annabelle agarrou a taça com a infusão e o dió um sorvo —. Incluso me estou tomando o remédio, vê? Vete, mamãe, e não se preocupe mais por mim.

— Muito bem — acessou Philippa a contra gosto —. Mas só um ratito. O ama de chaves me disse que utilizasse essa campainha o que há sobre a mesa se necessitar a algum criado. E não esqueça te beber a infusão.

— Farei-o — prometeu Annabelle, esforçando-se por compor um enorme sorriso que manteve até que Philippa abandonou a habitação; assim que sua mãe desapareceu, inclinou-se por cima do bordo do canapé e verteu com supremo cuidado o conteúdo a taça pela janela aberta.

Com um suspiro de satisfação, Annabelle se fez um novelo em um dos

extremos do canapé. De vez em quando, o ruído que fazia a servidão rompia o plácido silêncio: o estrépito dos pratos, o murmúrio da voz do ama de chaves, o som de uma vassoura que limpava o tapete do corredor ... Apoiou um braço no batente e se inclinou para um raio de sol, deixando que seu brilho lhe banhasse o rosto. Fechou os olhos e escutou o zumbido das abelhas enquanto se deslocavam, preguiçosamente, entre o desdobramento de flores das hortênsias rosas e os delicados ramalhetes dos azevinhos que adornavam os canteiros. Apesar de que ainda se encontrava muito fraco, resultava muito prazenteiro sentar-se a desfrutar de da quente letargia, médio dormitada como um gato.

Estava-se sumindo no sonho quando escutou um som proveniente da porta. Não foi mais que um ligeiro golpezinho, como se o visitante resistisse a interromper seu sonho com um golpe mais forte. Deslumbrada como estava pela luz do sol, Annabelle piscou repetidamente e ficou onde estava, com as pernas dobradas sob o corpo. As motitas de luz foram desapareci pouco a pouco de seu campo de visão, e, quando por fim o fizeram, encontrou com a vista cravada na escura e esbelta figura do Simon Hunt. Descansava parte de seu peso em uma das ombreiras da porta, com um ombro apoiado contra esta em uma elegante, embora inconsciente, postura. Tinha a cabeça inclinada e a observava com uma expressão indecifrável.

O pulso da Annabelle se desbocou. Como era habitual, Hunt vestia de forma impecável, mas o traje formal não ocultava de nenhuma das maneiras a masculinidade que parecia emanar dele. Annabelle recordou a dureza de seus braços e seu peito enquanto a levava em braços, o tato dessas mãos sobre seu corpo ... Senhor, jamais seria capaz de olhá-lo sem lembrar-se!

— Tem o aspecto de uma mariposa que acabasse de penetrar do jardim — lhe disse ele com suavidade.

Devia estar zombando-se dela, pensou Annabelle, que se dava perfeita conta da palidez doentia que mostrava. Consciente de sua aparência, levou-se uma mão ao cabelo e se apartou uns quantos mechões desordenadas.

— O que faz aqui? — perguntou —. Não deveria estar na festa da propriedade vizinha?

Não tinha pretendido soar tão brusca e desagradável, mas sua habitual facilidade com as palavras parecia havê-la abandonado. Enquanto o contemplava, não podia deixar de recordar o modo em que lhe tinha

esfregado o peito com as mãos. A lembrança fez que um acalorado rubor, provocado pela vergonha, cobrisse-lhe a pele. Hunt replicou com um tom melífluo igual de ácido.

— Tenho assuntos de negócios que tratar com um de meus gerentes, que tem que chegar de Londres esta manhã. A diferença desses cavalheiros com meias de seda cujas linhagens tanto admira, eu tenho mais costure nas que pensar além de decidir o melhor lugar onde estender a manta para o lanche campestre. — separo-se do marco da porta e se aventurou ao interior da habitação sem deixar de estudá-la: de um modo exaustivo —. Ainda se sente débil? Logo se sentirá melhor. Como está seu tornozelo? Levante se as saias ... Acredito que deveria lhe jogar outra olhada.

Annabelle o observou com alarma durante uma fração de segundo, mas logo começou a rir quando se precaveu do brilho de seus olhos. A audácia do comentário tinha mitigado sua vergonha e tinha feito que se relaxasse.

— Isso é muito amável — respondeu, cortante —. Mas não há necessidade alguma. Meu tornozelo está muito melhor, obrigado.

Hunt sorriu enquanto se aproximava dela.

— Devo lhe dizer que minha oferta está motivada pelo mais puro dos altruísmos. Não tivesse recebido prazer ilícito algum com a visão de sua perna. Bom, talvez um pequeno estremecimento, mas o tivesse oculto sem dificuldade.

Com uma só mão, agarrou uma das cadeiras pelo respaldo e a levou sem esforço junto ao canapé, depois do que se sentou perto dela. Annabelle ficou impressionada pela facilidade com a que tinha levantado o pesado móvel de mogno lavrada, como se fora uma pluma. Lançou um rápido olhar ao vão da porta. Enquanto esta permanecesse aberta, era aceitável que se sentasse com o Hunt no salãozinho. Além disso, sua mãe voltaria para comprovar como seguia. Não obstante, antes de que isso acontecesse, Annabelle decidiu tirar o tema das botas.

— Senhor Hunt — começou com cautela —, há algo que devo lhe perguntar ...

— Sim?

Seus olhos eram, sem dúvida alguma, seu rasgo mais atrativo, pensou Annabelle distraída. Vibrantes e cheios de vida, faziam-lhe perguntar-se por que a gente estava acostumada preferir os olhos azuis aos escuros. Nenhuma tonalidade de azul poderia jamais transmitir a inteligência que

bulia nas brilhantes e negras profundidades dos olhos do Simon Hunt.

Por mais que o tentava, não lhe ocorria uma maneira sutil de lhe formular a pergunta. Depois de uma luta silenciosa com várias frases ao final optou pela franqueza.

— Os botas de cano longo é coisa sua?

Sua expressão não revelou nada.

— Botas de cano longo? Temo-me que não a entendo, senhorita Peyton. Fala com metáforas ou referimos a calçado de verdade?

— Canos altos — disse Annabelle, que o olhou com manifesta suspeita —. Ontem, alguém deixou um par de botas novas em minha habitação.

— Por mais que me deleite discutir qualquer parte de seu vestuário, senhorita Peyton, temo-me que não tenho nada que ver com um par de botas. Não obstante, alivia-me saber que tenha encontrado a forma de adquirir umas. A menos é obvio, que desejei seguir mostrando-se como um bufei andante para a fauna selvagem do Hampshire.

Annabelle o observou durante comprido momento. Apesar de que o tivesse negado, algo se escondia sob a máscara de indiferença ..., um brilho brincalhão em seus olhos ...

— Então nega me haver agradável as botas?

— Nego-o de modo total e absoluto.

— Mas, pergunto-me ... Se alguém desejasse lhe dar de presente um par de botas a uma dama sem que esta soubesse como poderia averiguar a medida exata de seus pés?

— Uma tarefa do mais singela ... — explicou —. Imagino que a pessoa com recursos se limitaria a lhe pedir a uma donzela que copiasse a silhueta das reveste de uns sapatos da dama em questão. Depois, poderia levar o padrão ao sapateiro mais próximo, a quem obrigaria a abandonar o trabalho que estivesse fazendo para que, deste modo, pudesse confeccionar as botas imediatamente.

— Muitas moléstias para essa pessoa — murmurou Annabelle.

O olhar do Hunt se acendeu de repente com um brilho travesso.

— Seria muito menos problemático que ver-se obrigado a carregar com uma mulher ferida e subi-la três lances de escadas cada vez que saísse a passear com seus sapatos de baile.

Annabelle se deu conta de que Hunt nunca admitiria que lhe tinha

agradável as botas, coisa que não só lhe permitiria as conservar, mas também assegurava também que jamais pudesse agradecer-lhe E ela sabia que tinha sido o responsável: tinha-o escrito na cara.

— Senhor Hunt — disse com grande formalidade —, eu gostaria ... Eu gostaria ... — deteve-se, incapaz de encontrar as palavras, e o contemplou impotente.

Tendo piedade dela, Hunt ficou em pé, cruzou a habitação e levantou um pequeno tabuleiro de jogo circular. Tinha pouco mais do meio metro de diâmetro e estava fabricado com um engenhoso mecanismo que permitia jogar tanto às damas como ao xadrez.

— Joga? — perguntou de passada ao tempo que colocava o tabuleiro diante dela.

— Às damas? Sim, de vez em quando ...

— Não, não referia às damas, a não ser ao xadrez.

Annabelle negou com a cabeça e voltou para acomodar-se contra o canapé.

— Não, nunca e Jogado. E, embora não quero parecer pouco cooperadora conforme me sinto nestes momentos, não tenho vontades de provar algo tão difícil como ...

— Pois chegou o momento de que aprenda — sentenciou Hunt que se aproximou de uma estante embutida para agarrar uma caixa de madeira esculpida —. Se diz que nunca se chega a conhecer alguém até ter jogado uma partida de xadrez.

Annabelle o observou com cautela, nervosa ante a idéia de estar a sós com ele ... e, de uma vez, seduzida sem remédio por sua deliberada ternura. Dava a impressão de que estivesse tratando de obrigá-la a confiar nele. Suas maneiras transparecia certa delicadeza que parecia contradizer por completo ao cínico dissoluto pelo que ela sempre o tinha tomado.

— De verdade acredita? — perguntou ela.

— É obvio que não. — Hunt levou a caixa até a mesa, onde a abriu para revelar um jogo de peças de ônix e marfim, lavradas com tudo luxo de detalhes. Dedicou-lhe um olhar provocador —. O certo é que não se pode conhecer realmente a um homem até que lhe emprestou dinheiro. E nunca se pode conhecer uma mulher até que se dormiu em sua cama.

Disse-o com toda deliberação, certamente, com o fim de escandalizá-la. E tinha tido êxito, apesar de que Annabelle fez quanto pôde para ocultá-lo.

— Senhor Hunt — lhe disse; respondendo a seus olhos risonhos com um cenho franzido —, se continua fazendo comentários grosseiros, ver-me-ei obrigada a lhe pedir que se vá da sala.

— me perdoe. — A imediata desculpa não a enganou em nenhum momento —. É que não posso deixar acontecer nenhuma oportunidade de fazer que se ruborize. Nunca conheci uma mulher que o fizesse com tanta freqüência como você.

O rubor que tinha começado em sua garganta se estendeu até a raiz do cabelo.

— Eu nunca me ruborizo. Tão somente quando você está perto, Y.. — deteve-se de repente e o olhou com um cenho tão indignado que o fez rir a gargalhadas.

— Comportar-me-ei — lhe disse —. Não me peça que vá.

O Miro, indecisa, e se passou uma mão trêmula pela frente. Aquela amostra de debilidade física o fez falar com um tom ainda mais amável.

— Está bem — murmurou —. Deixe que fique, Annabelle.

Piscando, respondeu com uma instável sacudida de cabeça e voltou a afundar-se nas almofadas do canapé enquanto Hunt acomodava as peças com gestos meticulosos. A forma em que tocava as peças era surpreendentemente ligeira e hábil, sobre tudo se se considerava o tamanho de suas mãos. Mãos arrudas quando assim o queria, pensou ela ..., bronzeadas e masculinas, com apenas um pouco de pêlo escuro no dorso.

Ao estar médio inclinado sobre ela, Annabelle se precaveu do intrigante aroma que emanava dele, mescla de um ligeiro toque de amido e sabão de barbear, que se sobrepunha à fragrância da pele masculina limpa ... E também percebia algo mais esquivo, um aroma adocicado em seu fôlego, como se acabasse de comer pêras ou, talvez, uma rodela de abacaxi. Ao levantar a vista para olhá-lo, deu-se conta de que com muito pouco esforço, Hunt poderia haver-se inclinado e beijá-la. Esse pensamento conseguiu que se estremecesse. Em realidade, desejava sentir a boca do homem sobre a sua, inalar esse efêmero torre de doçura de seu fôlego. Desejava que voltasse a abraçá-la.

Ao dar-se conta desse fato, abriu os olhos de par em par. A súbita imobilidade da Annabelle ficou patente para o Hunt imediatamente. O homem desviou sua atenção do tabuleiro de xadrez até seu rosto, e o que queira que visse em sua expressão fez que contivera o fôlego; Nenhum dos

dois se moveu. Quão única Annabelle pôde fazer foi esperar em silêncio, afundando os dedos no estofado do canapé, enquanto se perguntava qual seria o seguinte passo do Hunt.

Ele rompeu a tensão com um comprido suspiro, depois do que falou com uma voz ligeiramente rouca.

— Não.._ Ainda não está o bastante recuperada.

Custava-lhe trabalho escutar as palavras devido ao ensurdecido batimento do coração de seu coração.

— Co — como há dito? — perguntou ela com voz débil.

Aparentemente incapaz de conter-se, Hunt apartou uma pequena mecha encaracolada de suas têmporas. O roce da ponta de seu dedo fez que a sedosa pele da Annabelle ardesse e se arrepiasse a seu passo.

— Sei o que está pensando e me crie, resulta-me do mais tentador. Mas ainda se encontra muito fraco ... e meu autocontrole hoje é bastante escasso.

— Se com isso insinua que eu ...

— Nunca esbanjo o tempo com insinuações — murmurou ao tempo que retornava à metódica colocação das peças de xadrez —. É óbvio que deseja que a beije e quando chegar o momento adequado, estarei encantado de agradá-la. Mas ainda não.

— Senhor Hunt, é você o major ...

— Sim, sei — replicou com um sorriso —. Também pode economizar o esforço de me arrojarem epítetos à cara, posto que já os escutei todos.

Sentou-se na cadeira e lhe colocou uma peça de xadrez na mão. O ônix lavrado resultava pesado e frio, embora a Lisa superfície se esquentou pouco a pouco ao tato.

— Não há epíteto algum que deseje lhe jogar na cara — lhe disse Annabelle —. Com um ou dois objetos afiados bastaria.

Uma risada profunda retumbou no peito do Hunt, que acariciou o dorso dos dedos dela com o polegar antes de retirar a mão. Annabelle sentiu a ligeira aspereza de um calo, e a sensação não pareceu muito diferente da lambida de um gato. Assombrada pela resposta que lhe provocava, baixou a vista até a peça que tinha na mão.

— É a dama: a peça mais capitalista do tabuleiro. Pode deslocar-se em qualquer direção e quantas casinhas queira.

Não havia nenhuma sugestão manifesta em suas palavras, mas quando

falava tão baixo, como naquele momento, a tonalidade rouca de sua voz conseguia lhe fazer um nó no estômago.

— Mais capitalista que o rei? — perguntou.

— Sim. O rei só se pode mover uma casinha por turno. Entretanto, o rei é a peça mais importante.

— por que é mais importante que a rainha se, não é mais poderosa?

— Porque uma vez que é capturado, o jogo chega a seu fim. — tirou-lhe a peça que lhe tinha dado e a trocou por um peão. Os dedos do Hunt roçaram os seus e se atrasaram em uma breve mas inequívoca carícia. Apesar de que Annabelle sabia que devia pôr freio a semelhantes e escandalosas familiaridades, encontrou-se sumida em uma espécie de estupor ao tempo que seus nódulos empalideciam ao apertar a peça de marfim com muita força. Quando prosseguiu com a explicação, o tom do Hunt soou grave e aveludado —. Essa peça é um peão, que se move uma casinha por turno. Não pode deslocar-se para trás nem em diagonal, a menos, neste último caso, que se coma a outra peça. Por regra geral, os principiantes se inclinam por utilizar muito os peões ao começo do jogo, posto que dessa forma controlam uma grande superfície do tabuleiro. Entretanto, a estratégia que dá melhores resultados é a de utilizar com sabedoria o resto das peças ...

À medida que Hunt continuava a explicação a respeito de cada peça e sua utilidade, ia apertando contra sua palma. Annabelle ficou seduzida pelos hipnóticos roce dessas mãos e com a sensibilidade a flor de pele. Suas defesas habituais pareciam ter ficado feitas pedacinhos. Algo lhe tinha acontecido a ela mesma, ou ao Hunt, ou talvez aos dois, algo que lhes permitia deleitar-se com a companhia do outro com uma desenvoltura, da que não tinham desfrutado com antecedência. Não queria convidá-lo a que se aproximasse mais, já que não apodrecia resultar nada bom desse impulso, mas se sentia incapaz de não desfrutar de sua cercania.

Hunt a persuadiu para que jogasse e esperou com paciência a que considerasse cada movimento possível; também se emprestava a lhe oferecer conselho quando ela o pedia. Suas maneiras eram tão encantadoras e a distraíam com tanta efetividade que para a Annabelle não tinha importância alguma quem pudesse ganhar. Quase. Quando deslocou uma peça até uma posição em que não só atacava uma das peças do, mas também dois de uma vez, Hunt lhe dirigiu um sorriso de aprovação.

— A isso lhe chama «dobro ameaça». Tal como supus, tem um instinto nato para o xadrez. — Agora não fica outra opção que a de retirar-se — anunciou Annabelle exultante.

— Ainda não. — Moveu outra de suas peças para uma área diferente do tabuleiro e ameaçou imediatamente a sua rainha.

Desconcertada por essa estratégia, Annabelle caiu na conta de que acabava de obrigá-la a retroceder.

— Isso não é justo — protestou, ante o que ele emitiu uma risada afogada.

Annabelle enlaçou os dedos e apoiou o queixo sobre as mãos enquanto procedia a estudar o tabuleiro. Passou um minuto completo durante o qual meditou diversos movimentos, mas nenhum lhe parecia acertado.

— Não sei o que fazer — admitiu por fim.

Quando levantou a vista, advertiu que Hunt a estava observando de uma forma estranha: seu olhar era carinhoso e, de uma vez, destilava preocupação. Esse olhar a desconcertou, e teve que tragar saliva para fazer desaparecer um nó de espessa doçura que, igual ao mel, afogava sua garganta.

— Fatiguei-a — murmurou Hunt.

— Não, me encontro bem ...

— Retornaremos a partida mais tarde. Verá com maior claridade seu seguinte movimento uma vez que tenha descansado.

— Não quero deixado agora — disse ela, que se sentia molesta por sua negativa —. Além disso, nenhum dos dois recordará a disposição das peças.

— Eu me lembrarei. — Hunt fez caso omissivo de seus protestos, ficou em pé e apartou a mesa até deixá-la fora de seu alcance —. Tem que dormir uma sesta. Necessita a assistência de alguém para retornar ao piso superior O ...?

— Senhor Hunt, de nenhuma das maneiras penso retornar a minha habitação — disse com obstinação —. Estou mais que cansada de estar ali. De fato, preferiria dormir no corredor antes que ...

— Muito bem — murmurou Hunt com um sorriso antes de voltar a sentar-se —. Acalme-se. Nada mais longe de minha intenção que obrigá-la a fazer algo que não deseja. — Enlaçou os dedos, reclinou-se em uma postura enganosamente informal e semicerrou os olhos para olhar —. Amanhã, os convidados retornarão à mansão com renovadas forças —

assinalou —. Suponho que retornará a perseguição do Kendall em seguida, não é assim?

— Provavelmente — admitiu Annabelle, que se cobriu a boca quando um insistente bocejo se propôs estirar seus lábios.

— Não o deseja — recalcou Hunt em voz baixa.

— É obvio que sim. — Annabelle se deteve, sonolenta, e médio apoiou a cabeça no braço dobrado —. E, embora se mostrou que o mais gentil comigo, senhor Hunt ..., temo-me que não posso permitir que isso troque meus planos.

Hunt a contemplou com o mesmo olhar relaxado e absorta que tinha-lhe dedicado ao tabuleiro de xadrez.

— Tampouco eu vou mudar meus planos, carinho.

Se Annabelle não tivesse estado tão cansada, haver-se-ia oposto ao tratamento afetuoso. Em troca, limitou-se a considerar suas palavras através da bruma do sonho. Seus planos ...

— Que não são outros que evitar que apanhe a lorde Kendall — disse.

— São um pouco mais ambiciosos — replicou, com a diversão dançando na comissura dos lábios.

— A que se refere?

— Não estou disposto a desvelar minha estratégia. É evidente que necessito de qualquer vantagem da que disponha. O seguinte movimento é dele, senhorita Peyton. Mas não esqueça que a estarei vigiando.

Annabelle era consciente de que a advertência deveria havê-la alarmado. Entretanto; afligida como estava por uma debilidade extrema, fechou os olhos por uns segundos. A balsâmica umidade que havia atrás de suas pálpebras aliviou a sensação de picor que anunciava a urgente necessidade de dormir. Abriu os olhos com grande reticência e a imagem do Hunt se apagou diante dela. Era uma pena que tivessem que ser adversários, pensou com cansaço. Não foi consciente de que tinha pronunciado as palavras em voz alta até que ele replicou com tom amável.

— Nunca fui seu adversário.

— Somos amigos, nesse caso? — murmurou com cepticismo ao tempo que sucumbia à tentação de fechar os olhos uma vez mais. Nessa ocasião, o sonho a acolheu em seu abraço com tanta rapidez que logo que pôde precaver-se de que, Hunt a havia talher até os tornozelos com a manta de viagem.

— Não, bebe — sussurrou —. Não sou seu amigo ...

Desfrutou, de um sonho ligeiro e, ao despertar, pôde comprovar que se encontrava sozinha no salão privado antes de voltar a dormir a suave luz do sol. À medida que seu corpo entrava em um estado de sonolência, achou-se imersa em um sonho de vívidas cores, no que seus sentidos se haviam aguçados e sentia seu corpo tão ligeiro como se flutuasse em quentes água. Pouco a pouco as formas se materializaram a seu redor ...

Caminhava por uma casa desconhecida, uma mansão brilhante onde a luz do sol se filtrava pelos janelas. As habitações estavam vazias, sem convidados nem serventes à vista. A música, cuja origem não podia ver, flutuava no ar; era uma melodia triste e etérea que despertava nela um estranho desejo. Enquanto passeava sozinha, deu com uma espaçosa habitação com colunas de mármore e sem teto ... abria-se ao céu, que logo que ficava oculto por uma fugaz nuvem que sobrevoava a estadia. O chão de parque que pisavam em seus pés estava formado por quadros negros e brancos que se assemelhavam a um tabuleiro de xadrez, com estátuas de tamanho natural colocadas em algumas das casinhas.

Moveu-se entre elas com curiosidade e riscou lentos círculos a seu redor para contemplar seus brilhantes rostos esculpidos. Sentiu o desejo de ter a alguém com quem falar, o calor humano de uma mão a que aferrar-se, por isso cruzou o gigantesco tabuleiro, de xadrez, procurando às cegas entre a multidão de figuras imóveis ... até que divisou uma escura silhueta que se apoiava, indolente, contra uma branca coluna de mármore. Seu coração se desbocou e seus passos se foram detendo pouco a pouco à medida que uma sensação de nervosismo se apoderava dela, esquentando sua pele e acelerando seu pulso com um ritmo frenético.

Era Simon Hunt, que se aproximava dela com um ligeiro sorriso no rosto. Apanhou-a antes de que pudesse escapar e se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido.

— Dançará comigo agora?

— Não posso — respondeu sem fôlego enquanto lutava por largar-se de seu abraço.

— Sim, sim que pode — a urgiu com gentileza e lhe percorreu o rosto deixando um caminho de beijos ternos —. Me Rodeie com os braços ...

Quando Annabelle se retorceu entre eles, Hunt riu com suavidade e a beijou até que se encontrou inerte e indefesa frente a ele.

— Reina-a está a ponto de cair — murmurou ao tempo que se retirava um pouco para olhá-la com uma expressão perversa nos olhos —.

Está em perigo, Annabelle ...

De repente, ficou livre e se voltou para fugir dele, tropeçando com as estátuas que encontrava em seu caminho. Hunt a seguiu muito devagar, e essa risada grave tão sua martelava nos ouvidos. Seguiu-a muito de perto, prolongando a caça com toda deliberação, até que ela se encontrou acalorada, exausta e sem fôlego. Quando por fim a capturou, obrigou-a a apoiar as costas contra ele antes de tendê-la no chão. Sua escura cabeleira ocultou o céu quando colocou seu corpo sobre o dela; a música ficou apagada pelos ensurdecadores batimentos do coração de seu próprio coração.

— Annabelle — sussurrou —, Annabelle ...

Despertou seus olhos se abriram em um rosto ruborizado pelo sonho e descobriu que havia alguém mais com ela.

— Annabelle — voltou a escutar ... Mas não se tratava da voz de barítono rouca e lhe acariciem que aparecia em seu sonho.

Capítulo 15

Quando Annabelle elevou a vista, viu lorde Hodgeham inclinado sobre ela, Tratou de incorporar-se e tornar-se para trás ao dar-se conta de que aquilo não eram imaginações delas, a não ser uma situação do mais real. Incapaz de falar devido à surpresa, encolheu-se para diante assim que viu que o homem alargava o braço para apartar o cós de encaixe que adornava a parte dianteira de seu vestido matinal.

— ouvi que estava doente — disse Hodgeham, que a olhava com as pálpebras entreabertos enquanto seguia apanhada no sofá —. Me causar pena muitíssimo que sofresse uma aflição semelhante. Mas parece que o dano não foi permanente. Está — se deteve e se umedeceu seu grossos lábio tão deliciosa como sempre, embora um pouco mais pálida, talvez.

— Como ... como sabia que estava aqui? — perguntou Annabelle —. Este é o salão privado dos Marsden. Não acredito que nenhum deles lhe tenha dada permissão ...

— Consegui que um criado me dissesse — foi isso sua petulante resposta.

— Saia daqui — espetou Annabelle —. Ou gritarei que me esta forçando.

Hodgeham riu com vontades.

— Querida, não pode permitir um escândalo semelhante. Seu interesse em lorde Kendall resulta óbvio para todo mundo. E os dois sabemos que o mais mínimo descrédito associado a seu nome seria um desastre para suas aspirações —. Sorriu ante o silêncio da Annabelle, revelando uma fileira de dentes amarelados e torcidos —. Assim está melhor. Minha pobre e preciosa Annabelle ... Sei muito bem como conseguir que a cor retorne a suas pálidas bochechas. — Colocou a mão no bolso e tirou uma grossa moeda de ouro que moveu ante ela de forma tentadora —. Um presente como amostra de minha simpatia pela horrível experiência que sofreu.

A respiração da Annabelle se converteu em um ofego indignado quando Hodgeham se inclinou ainda mais para ela com a moeda sujeita entre uns redondos dedos que tratavam de apartar o sutiã de seu vestido

para deixar ali seu presente. Conseguiu apartar a mão do homem com um tapa forte e rápido. Embora ainda se encontrava bastante débil, o gesto foi suficiente para que a moeda saísse voando e aterrissasse sobre o tapete do chão com um ruído surdo.

— me deixe reveste — lhe ordenou, furiosa.

— Puta presunçosa. Não faz falta que finja ser melhor que sua mãe.

— Porco ... — Amaldiçoando sua debilidade e em meio de estremecimentos de repugnância, Annabelle o golpeou, apenas sem forças, quando o homem se inclinou de novo para ela —. Não! — exclamou com os dentes apertados e cobrindo-a cara com os braços. Resistiu como pôde enquanto lorde Hodgeham a agarrava pelas pulsos —. Não ...

Um ruído metálico procedente da porta fez que o homem se incorporasse, surpreso. Tremendo dos pés à cabeça, Annabelle seguiu a direção do ruído com o olhar e viu sua mãe, de pé na entrada, sujeitando a bandeja do almoço. O faqueiro tinha cansado ao chão assim que Philippa compreendeu o que estava acontecendo.

A mulher negou com a cabeça, como se lhe resultasse impossível acreditar que Hodgeham estivesse ali.

— atreveu-se a aproximar-se de minha filha ... — começou a falar com voz rouca, Intensamente ruborizada pela fúria, deixou a bandeja sobre uma mesa próxima e se dirigiu ao homem com voz acalmada, mas furiosa —. Minha filha está doente, milord. Não permitirei que sua saúde se veja comprometida ... vai vir comigo neste mesmo momento e discutiremos este assunto em outro lado.

— Não é discutir o que me interessa neste momento — respondeu Hodgeham. Annabelle percebeu a rápida sucessão de emoções que, cruzaram o rosto de sua mãe: repugnância, ressentimento, ódio, medo e, finalmente, resignação.

— Nesse caso, afaste-se de minha filha — lhe respondeu com frieza.

— Não — protestou Annabelle com um gemido ao dar-se conta de que Philippa tinha toda a intenção de partir para estar a, sós com ele —. Mamãe, fica comigo.

— Não passará nada. — Philippa não a olhou, ao contrário, manteve os olhos fixos e carentes de expressão no corado semblante do Hodgeham —. Te trouxe uma bandeja com o almoço, queridinha. Tenta comer algo ...

— Não. — Desesperada-se e incapaz de acreditar o que estava

acontecendo, Annabelle contemplou como sua mãe saía da habitação com passo tranqüilo por diante de lorde Hodgeham —. Mamãe, não vá com ele! — Mas Philippa partiu fazendo caso omissos de seu rogo.

Annabelle não soube durante quantos minutos se ficou olhando fixamente a porta pela que sua mãe acabava de partir. Não tinha intenção alguma de aproximar-se da bandeja do almoço. O aroma da sopa de verdura que flutuava no ambiente lhe estava provocando náuseas. Descoberta, perguntou-se como teria começado esse infernal assunto: se, Hodgeham teria obrigado a sua mãe ou se, em um princípio, teria sido de mútuo acordo. Sem importar como tivessem sido os começos; era óbvio que aquilo se converteu em uma farsa. Hodgeham era um monstro e Philippa estava tentando acalmá-lo com o fim de evitar que as arruinasse por completo.

Exausta e abatida, Annabelle se levantou do canapé, tentando não pensar no que poderia acontecer nesses mesmos momentos entre sua mãe e Hodgeham. Fez uma careta de dor ante a pontada de protesto de seus músculos. Doía-lhe a cabeça e se sentia enjoada; quão único desejava era encerrar-se em sua Habitação. Caminhando igual a uma anciã, conseguiu chegar até a campainha para atirar do cordão. Não houve resposta alguma, embora esperou durante o que lhe pareceu uma eternidade. Posto que os convidados se partiram, a maior parte dos membros do serviço desfrutava de um dia livre e não havia muitas donzelas disponíveis.

Annabelle meditou sobre sua situação ao tempo que se acariciava com ar distraído as murchas mechas de cabelo. Embora sentia as pernas um tanto débeis, podia caminhar. Essa mesma manhã, sua mãe a tinha ajudado a passear pelos dois corredores que separavam sua habitação do salão privado dos Marsden, situado no piso superior. Nesse momento, não obstante, estava bastante segura de poder percorrer a distância sem ajuda de ninguém.

Fez caso omissos dos brilhos brilhantes que dançavam diante de seus olhos como se fossem vaga-lumes e saiu da estadia com passos curtos e cautelosos. Permaneceu perto da parede se por acaso se desse o caso de que chegasse a necessitar apoio. Que estranho era, refletiu com tristeza, que inclusive um esforço tão insignificante a obrigasse a ofegar como se acabasse de correr vários quilômetros. Furiosa por sua própria debilidade, perguntou-se com remorso se não deveria haver-se tomado essa última taça de infusão de presera depois de tudo. Concentrando-se em colocar um pé diante do outro, avançou muito devagar pelo primeiro corredor até que

esteve perto da esquina que conduzia à asa leste da mansão, onde se encontrava sua habitação. Ali se deteve quando, escutou umas vozes, procedentes de outra direção.

«Pelos sinos do inferno!» Seria mortificante que a visse em semelhantes condicione.

Rogando que as vozes pertencessem a um par de criados, Annabelle se apoiou contra a parede e esperou sem fazer movimento algum. Tinha uns quantos mechados de cabelo aderidos à frente e às bochechas, que estavam pegajosas pelo suor.

Dois homens cruzaram o corredor frente a ela, tão imersos em sua conversação que não perceberam sua presença. Aliviada, acreditou que se livrou de ser vista.

Entretanto, não foi tão afortunada. Um dos homens olhou de soslaio em sua direção e a viu imediatamente. À medida que se aproximava dela, Annabelle reconheceu a elegância masculina de suas largas pernas antes de distinguir sequer seu rosto com claridade.

Ao parecer, estava destinada a ficar em ridículo diante do Simon Hunt. Com um suspiro, separou-se da parede e tentou compor uma aparência sossegada a pesar do tremor de suas pernas.

— Boa tarde, senhor Hunt ...

— O que está fazendo? — interrompeu-a ele assim que esteve a seu lado. Parecia estar molesto, embora, assim que o olhou à cara, Annabelle leu a preocupação em seus olhos —. Por que está aqui — só no corredor? .

— Dirigia a minha habitação. — Annabelle se surpreendeu um pouco quando ele a rodeou com seus braços, passando um por detrás de seus ombros e outro pela cintura —. Senhor Hunt, não há necessidade ...

— Está tão fraco como um gatinho — respondeu ele sem mais —. Sabe muito bem que não deveria ir a nenhum lugar só em semelhantes condicione.

— Não havia ninguém que me ajudasse — replicou ela, irritada. A cabeça lhe dava voltas e descobriu que se inclinou para ele descansado no Hunt parte de seu peso. Seu torso parecia maravilhosamente sólido e forte, e podia sentir a frescura da seda de sua jaqueta contra a bochecha.

— Onde está sua mãe? — insistiu Hunt ao tempo que lhe desenredava uma mecha rebelde de cabelo —, Diga-me isso e eu irei ...

— Não! — Annabelle levantou o olhar para ele com súbito alarme,

enquanto fechava seus largos dedos em torno das lapelas de sua jaqueta. Deus Santo, quão último precisava era ao Hunt promovendo a busca da Philippa quando o mais provável é que está se encontrasse nesse mesmo instante com o Hodgeham, em uma situação do mais comprometida —. Não é necessário que a busque — disse com brutalidade —. Eu ... não necessito a ninguém. Posso chegar sozinha a minha habitação, se me soltar. Não quero ...

— Está bem — murmurou Hunt, abraçando-a com mais força —. Não passa nada. Não a buscarei. Não passa nada!. — Seguiu lhe acariciando o cabelo com uma relaxante cadência.

Annabelle se deixou cair sobre ele enquanto tratava de recuperar o fôlego.

— Simon — sussurrou, logo que surpreendida por ter utilizado seu nome de pilha que, até então, só tinha pronunciado em seus pensamentos. Umedecendo-os lábios ressecados, tentou-o uma vez mais e, para sua surpresa, voltou a repeti-lo —: Simon ...

— Sim?

O corpo do Hunt, forte e volumoso, viu-se assaltado por uma tensão diferente e, ao mesmo tempo, sua mão lhe acariciou a parte posterior da cabeça com a mais terna das carícias.

— Por favor ... me leve a minha habitação.

Hunt lhe inclinou a cabeça para trás com delicadeza e a olhou com um pequeno sorriso nos lábios.

— Bebe, se me pedisse isso, levar-te-ia ao Tombuctú..

Para então, o homem que o acompanhava tinha chegado junto a eles e Annabelle, mortificada, embora não surpreendida, descobriu que se tratava de lorde Westcliff.

O conde a observou com fria desaprovação, como se suspeitasse que tinha planejado o encontro de modo intencional.

— Senhorita Peyton — a saudou sucintamente, —. Asseguro-lhe que não havia necessidade alguma de que atravessasse o corredor sem companhia. Se não havia ninguém para acompanhá-la, poderia ter chamado ao serviço.

— Fiz-o, milord — lhe respondeu Annabelle à defensiva, ao tempo que tentava apartar-se do Hunt, que não estava disposto a permitir o Toquei a campainha e esperei durante um quarto de hora, mas não veio ninguém.

Westcliff a contemplou com óbvio cepticismo.

— Impossível. Meus criados sempre acodem quando lhes chama. — Bom, pois ao parecer o de hoje foi uma exceção — explora Annabelle —. Talvez o cordão da campainha esteja quebrado. Ou, talvez, seus criados ...

— Tranqüila — murmurou Hunt, obrigando-a a recostar de novo a cabeça sobre seu peito. Apesar de que Annabelle não podia vede el rosto, percebeu a cortante advertência que imprimiu a sua voz ao dirigir-se a lorde Westcliff —. Continuaremos nossa discussão mais tarde. Agora vá acompanhar à senhorita Peyton a sua habitação...

— Em minha opinião, não é uma idéia muito brilhante — lhe disse o conde.

— Nesse caso, me alegro de não lhe haver isso pedido — replicou Hunt com afabilidade.

Escutou-se o tenso suspiro do conde e, continuando, Annabelle foi vagamente consciente de seus amaciados passos sobre o tapete à medida que se afastava deles.

Hunt inclinou a cabeça e seu fôlego lhe roçou a orelha enquanto lhe perguntava:

— Agora ..., importaria-lhe me explicar o que está ocorrendo aqui?

Todas as veias da Annabelle pareceram dilatar-se e cobrir sua pele fria com um repentino e prazenteiro rubor. A cercania do Hunt a enchia a partes iguais de satisfação e desejo. Rodeada por seus braços, não pôde evitar recordar o sonho, a erótica ilusão de sentir o peso de seu corpo sobre ela. Aquilo estava terrivelmente mal; deleitava-se em segredo com a sensação de estar envolta por seus braços ..., até sabendo que não conseguiria nada dele, além de prazer passageiro seguido de uma desonra perpétua. As arrumou para negar com a cabeça em resposta a sua pergunta, e o movimento fez que esfregasse a bochecha sobre a lapela de sua jaqueta.

— Não me convence sua resposta — respondeu ele com ironia.

Afrouxou a pressão de seus braços de modo tentativo e com um simples olhar com os olhos semicerrados comprovou que a debilidade lhe impedia de guardar o equilíbrio por si só, de modo que se inclinou para agarrá-la em braços. Annabelle se rendeu com um murmúrio inarticulada antes de lhe rodear o pescoço com os braços. Enquanto Hunt atravessava o corredor caminho de sua habitação, falou-lhe em voz baixa:

— Poderia ajudá-la, se me dissesse qual é o problema.

Annabelle meditou a oferta um instante. Quão único conseguiria contando suas penas ao Simon Hunt seria uma mais que provável proposição de apoio em qualidade de amante. E odiava essa parte de si mesmo que se sentia tentada pela idéia.

— por que ia querer misturar-se em meus problemas? — perguntou-lhe.

— É que devo ter um motivo implícito para querer ajudá-la?

— Sim — respondeu ela com um ar misterioso que arrancou ao Hunt uma, gargalhada.

Ao chegar à porta de sua habitação, ele a deixou com suavidade no chão.

— Pode chegar sozinha à cama ou quer que a deixe ali?

Apesar de que sua voz transparecia uma ligeira brincadeira, Annabelle suspeitava que, se o respirava no mais mínimo, isso seria exatamente o que Hunt faria. Portanto, negou com a cabeça sem perda de tempo.

— Não. Estou bem, por favor, não entre. — Colocou-lhe a mão no peito para impedir que entrasse. Fraco como era o gesto, foi suficiente para detê-lo.

— Está bem. — Olhou-a, tentando ver através dela —. Farei que subida uma donzela para atendê-la. Embora suspeite que Westcliff já está fazendo suas pesquisas.

— Chamei uma donzela — insistiu Annabelle, envergonhada pelo tom mal-humorado de sua voz —, Está claro que o conde não me crie, mas

— Eu sim acredito. — Hunt apartou a mão, da Annabelle de seu peito com soma delicadeza, retendo seus elegantes dedos um instante antes de deixá-la machar —. Westcliff não é, nem por indício, o ogro que aparenta ser. É necessário havê-lo tratado durante algum tempo para poder apreciar suas melhores qualidades.

— Se você o disser ... — respondeu-lhe ela dúbia, depois do qual deixou escapar um suspiro e entrou na escura e rarefeita habitação em que ainda flutuavam os miasmas da enfermidade —. Obrigado, senhor Hunt.

Perguntando-se com ansiedade quando retornaria Philippa, jogou uma olhada à habitação antes de voltar a olhar ao Hunt.

O penetrante olhar do homem pareceu fazer aflorar todas as emoções que Annabelle ocultava sob sua tensa fachada e a jovem percebeu a multidão de perguntas que o rondavam. Não obstante, quão único disse foi:

— Precisa descansar.

— Isso é quão único tenho feito até agora. Vá morrer do aborrecimento ... Entretanto, o mero feito de pensar em fazer algo me deixa exausta. — Baixou a cabeça e olhou com amarga concentração os poucos centímetros de chão que os separavam antes de perguntar com cautela —: Suponho que não terá interesse em continuar a partida de xadrez esta noite, verdade?

Produziu-se um breve silêncio depois do qual Hunt respondeu de forma lenta e algo zombadora:

— Vá, senhorita Peyton ... Sinto-me afligido ao pensar que você deseja minha companhia.

Tão envergonhada estava Annabelle que não foi capaz de elevar o olhar e, com o rosto ruborizado, murmurou:

— Procuraria a companhia do diabo em pessoa com tal de fazer outra coisa que não seja estar na cama.

Com uma suave gargalhada, ele alargou o braço e lhe colocou uma mecha de cabelo depois da orelha.

— Já veremos — murmurou ele —. Talvez venha a sua habitação mais tarde.

E, com essa promessa, fez-lhe uma breve e perita reverência e se afastou pelo corredor com seu habitual passo crédulo.

Annabelle recordou, embora muito tarde, algo a respeito de uma noite musical que tinha sido planejada para os convidados enquanto estes desfrutavam de do bufei. Não lhe cabia dúvida alguma de que Simon Hunt preferiria ficar com os convidados na planta inferior a jogar uma partida de xadrez com uma simples aficionada doente desalinhada e com bastante mau humor. Fez uma careta, desejando poder retirar o espontâneo convite ... O que desesperada tinha parecido! Levou-se uma mão à frente e entrou na habitação quase arrastando os pés, para deixar cair com pesades sobre a cama desfeita, como uma árvore ao que acabassem de derrubar.

Cinco minutos mais tarde, escutou que alguém batia na porta e, ato seguido, duas donzelas de aspecto contrito entraram na habitação.

— viemos a limpar, senhorita — se atreveu a dizer uma delas —. O senhor nos enviou ... Diz que devemos ajudá-la com algo que necessite.

— Obrigado — respondeu Annabelle, esperando que lorde Westcliff não tivesse sido muito severo com as moças.

Retirou-se a uma poltrona e se limitou a contemplar a voragem da atividade que seguiu à chegada das donzelas. Com uma velocidade que mas bem parecia coisa de magia, as moças trocaram os lençóis, abriram as janelas para permitida entrada do ar fresco, limpam o pó dos móveis e trouxeram uma banheira que procederam a encher, com água quente. Uma das garotas ajudou a Annabelle a despir-se enquanto que a outra trazia umas quantas toalhas dobradas e um cubo de água limpa que serviria para lhe enxaguar d cabelo. Com um estremecimento de prazer, meteu-se na banheira portátil debruada de mogno.

— Agarre-se a meu braço, senhorita, por favor — disse a mais jovem das donzelas ao tempo que estendia o braço para que Annabelle se sustentara —. Parece que ainda não é capaz de guardar bem o equilíbrio.

Ela obedeceu e se sentou na banheira antes de soltar o musculoso braço da moça.

— Como te chama? — perguntou-lhe antes de recostar-se na banheira até que seus ombros ficaram sob a superfície da água, da que ascendia uma nuvem de vapor.

— Meggie, senhorita.

— Meggie, acredito que me caiu um soberano no salãozinho da família, importaria-te buscá-lo?

A garota a observou com expressão perplexa, perguntando-se claramente por que Annabelle teria deixado cair uma moeda de tanto valor ao chão e o que aconteceria ela não era capaz de encontrá-lo.

— Sim, senhorita.

Despediu-se com uma inclinação receosa e se apressou a sair da habitação.

Depois de colocar a cabeça sob a água, Annabelle voltou a sentar-se com a cara e o cabelo jorrando e se enxugou os olhos enquanto a outra donzela se inclinava para lhe esfregar o sabão sobre a cabeça até conseguir uma boa quantidade de espuma.

— É maravilhoso sentir-se limpa — murmurou Annabelle, imóvel sob as cuidados da moça.

— Minha mãe diz sempre que é mal banhar-se quando a gente está doente — disse a donzela com voz insegura.

— Acredito que correrei o risco — replicou Annabelle, jogando agradecida a cabeça para trás enquanto a moça lhe esclarecia o sabão do

cabelo com a água limpa.

Depois de limpá-los olhos de novo, Annabelle viu que Meggie havia tornado.

— Encontrei-o, senhorita — exclamou Meggie sem fôlego, lhe mostrando a moeda que tinha na mão estendida. Era muito possível que essa fora a primeira vez que a moça via um soberano posto que o salário meio de uma donzela era de oito xelins ao mês —. Onde quer que o ponha?

— Podem reparti-lo entre as duas — lhe respondeu Annabelle. As donzelas a olharam de marco em marco, incapazes de acreditar o que acabavam de ouvir.

— Vá! Obrigado, senhorita! — exclamaram ao unísono, com os olhos e as bocas totalmente abertas por causa da surpresa.

Consciente, por desgraça, da hipocrisia que supunha desfazer do dinheiro de lorde Hodgeham, quando a residência dos Peyton se beneficiou do duvidoso auspício do homem durante mais de um ano, Annabelle baixou a cabeça, mortificada pela gratidão das moças. Ao ver seu desconforto, as donzelas se apressaram a ajudá-la a sair da banheira, secaram-lhe o cabelo e o corpo, que se via sacudido por contínuos calafrios, e a ajudaram a ficar um vestido limpo.

Renovada depois do banho, embora um pouco cansada, meteu-se na cama e permaneceu ali tombada entre as suaves e frescas lençóis de linho. Ficou dormitada enquanto as donzelas tiravam a banheira e logo que foi consciente de que saíam da habitação nas pontas dos pés. Quando despertou, acabava de anoitecer e sua mãe estava acendendo o abajur da mesinha de noite, o que fez que Annabelle piscasse.

— Mamãe — a chamou com voz sonolenta, aturdida pelo sonho. Ao recordar o anterior encontro com o Hodgehamse preocupou-se de repente —. Está bem? Há-te ...?

— Não gosta de discutir o tema — respondeu Philippa em voz baixa enquanto a luz do abajur delineava brandamente seu perfil. Seu semblante era uma máscara de inexpressividade embora a tensão lhe tinha provocado umas quantas rugas na frente —. Sim, estou bastante bem, bebe.

Annabelle assentiu de modo imperceptível, ruborizada, e deprimida, muito consciente do profundo sentimento de vergonha, que a embargava. Ao sentar-se, sentiu as costas tão rígida como se tivesse um atijador por coluna vertebral. A pesar do apreensão dos músculos que levava dias sem

usar, sentia-se muito melhor e seu estômago rugia de fome pela primeira vez em dois dias. Saiu da cama e se aproximou do penteadeira para agarrar uma escova com o que arrumar-se um pouco o cabelo.

— Mamãe — começou com incerteza —. Necessito uma mudança de ares. Talvez volte para salãozinho dos Marsden e ordene que me levem ali uma bandeja com o jantar.

Philippa pareceu escutá-la pela metade.

— Sim — lhe respondeu com atitude ausente —, parece-me uma idéia estupenda. Quer que te acompanhe?

— Não, obrigado ... Sinto-me muito bem e não está muito longe. Irei eu sozinha. Provavelmente queira um pouco de intimidade depois de ... — Annabelle fez uma incômoda pausa antes de soltar a escova —. Voltarei dentro de um momento.

Com um sussurro quase inaudível, sua mãe se sentou junto ao fogo e Annabelle se deu conta de que a aliviava a possibilidade de ficar a sós. Depois de recolher o cabelo em uma larga trança que deixou cair por cima do ombro, saiu da habitação e fechou a porta sem fazer barulho.

Quando saiu ao corredor, chegou até ela o fido murmúrio de quão convidados desfrutavam de do bufei no salão da planta baixa. Por cima das gargalhadas e das conversações, escutava-se a música: um quarteto de corda com um acompanhamento de piano. Deteve-se para escutar e a surpresa a deixou paralisada ao descobrir que era a mesma melodia, triste mas formosa, que escutasse durante o sonho: Fechou os olhos e emprestou mais atenção à música ao tempo que a tristeza lhe provocava um estranho nó na garganta. A melodia a enchia com essa classe de desejo que não deveria haver-se permitido sentir.

«Meu deus — pensou —, a enfermidade me está convertendo em uma muito sensível ... Tenho que recuperar um pouco a compostura.»

Abriu os olhos, começou a caminhar de novo, e a ponto esteve de chocar de bruces com alguém que vinha na direção oposta.

O coração pareceu aumentar-se em seu peito quando, ao elevar o olhar, encontrou-se com o Simon Hunt vestido com essa combinação tão elegante de branco e negro, e cujos lábios acabavam de curvar-se em um lento sorriso. Sua voz rouca fez que um calafrio lhe percorresse as costas.

— Onde acredita que vai?

Assim tinha vindo procurá-la apesar da elegante multidão com a que

deveria estar relacionando-se na planta baixa. Consciente de que a súbita debilidade que sentia nos joelhos tinham muito pouco que ver com sua enfermidade, Annabelle começou a brincar com o extremo de sua trança, presa dos nervos.

— Para jantar ao salãozinho da família.

Depois de dá-la volta, Hunt a tirou do cotovelo e a guiou pelo corredor, diminuindo o passo para manter-se junto a ela.

— Não gosta de absolutamente jantar no salãozinho — informou ele.

— Vá. Não gosta?

Ele assentiu com a cabeça para corroborar sua afirmação.

— Tenho uma surpresa para você. Venha, não está muito longe — Enquanto o acompanhava de boa vontade, Hunt a olhou de acima a abaixo com atitude analítica —. Seu equilíbrio melhorou bastante desde esta tarde. Como se encontra?

— muito melhor — respondeu Annabelle, que se ruborizou quando seu estômago rugiu de forma audível —. E um pouco faminta, para falar a verdade.

Hunt sorriu e a conduziu para uma porta ligeiramente entreaberta. Entrou atrás dela na estadia e Annabelle descobriu que estavam em uma pequena e encantadora habitação de paredes recobertas com painéis de palisandro, das que penduravam várias tapeçarias, e cujos móveis estavam revestidos com veludo cor âmbar. Não obstante, a característica mais sobressalente da estadia era a janela que se abria na parede interior e que dava ao salão situado dois novelos mais abaixo. O lugar estava oculto por completo aos olhos dos convidados que se encontravam na planta baixa, mas a música chegava até ali através da janela, totalmente aberto. Os atônitos olhos da Annabelle se deslocaram até uma mesinha em que se dispôs o jantar, embora as fontes estavam cobertas por umas cobertas de prata.

— Há-me custado uma dor de cabeça decidir o que podia despertar seu apetite — confessou Hunt —. Assim que lhe disse ao pessoal da cozinha que pusesse um pouco de tudo.

Afligida e incapaz de recordar outra ocasião em que um homem tivesse chegado a semelhantes extremos para que ela se distraía, Annabelle descobriu que, de repente, resultava-lhe muito difícil dizer algo. Tragou saliva e percorreu a habitação com o olhar para evitar encontrar-se com os

olhos do Hunt.

— Tudo isto é encantador. Eu ... eu não sabia que existia esta habitação.

— Pouca gente sabe. A condessa está acostumada sentar-se aqui em ocasiões, quando se encontra muito fraco para baixar. — Hunt se aproximou dela e deslizou seus largos dedos sob o queixo da Annabelle, obrigando-a desse modo a que o olhasse aos olhos —. Jantaré comigo?

O pulso lhe pulsava com tal rapidez que estava segura de que ele poderia senti-lo sob os dedos.

— Não tenho carabina — respondeu com um fio de voz.

Hunt sorriu ante a resposta e apartou a mão de seu queixo.

— Não poderia estar mais segura. Não tenho intenção alguma de seduzi-la quando é óbvio que está muito fraco para defender-se.

— Isso é muito cavalheiresco por sua parte.

— Seduzi-la-ei quando se encontrar melhor.

Reprimindo um sorriso, Annabelle elevou uma sobrancelha e lhe disse: — Parece muito seguro de si mesmo. Não deveria haver dito que vai tentar» me seduzir?

— «**Nunca dê adiantado o fracasso**», isso é o que meu pai está acostumado a me dizer. — Apoiou um de seus fortes braços em suas costas e a conduziu a uma cadeira —. Gosta de um pouco de vinho?

— Não deveria — respondeu ela, afligida, ao tempo que se afundava em uma das amaciadas cadeiras —. É muito possível que me suba à cabeça.

Hunt serve uma taça e a ofereceu, sorrindo com essa expressão travessa e tentadora que o mesmo Lúcifer se esforçaria por emular.

— Vamos — murmurou ele —. Eu a cuidarei em caso de que acabe um pouco alegrinha.

Enquanto dava um sorvo a excelente e suave colhe, Annabelle lhe lançou um olhar irônico.

— Pergunto-me com que freqüência a ruína de uma dama começa com essa mesma promessa ...

— Ainda não fui o causador da ruína de nenhuma dama — respondeu tempo que apartava as cobertas dos pratos e as deixava a um lado —. Pelo geral, estou acostumado às perseguir uma vez que já estão arruinadas.

— houve muitas damas arruinadas em seu passado? — perguntou Annabelle, incapaz de conter-se.

— Umas quantas — replicou ele, olhando-a diretamente aos olhos com uma expressão que não era nem contrita nem jactanciosa: — Embora nos últimos tempos, todas minhas energias se viram absorvido por um passatempo muito diferente.

— Qual?,

— A supervisão do desenvolvimento de uma locomotiva em que tanto Westcliff como eu investimos dinheiro.

— Sério? — perguntou Annabelle, cujo interesse acabava de despertar, depois da confissão —. Alguma vez subi a um trem Como é?

Hunt sorriu e seu rosto adquiriu uma expressão infantil a causa do entusiasmo que logo que conseguia conter.

— Rápido. Emocionante. A velocidade média de um trem de passageiros é de uns oitenta quilômetros por hora, mas Consolidated está desenhando um modelo rápido de seis cilindros combinados que deveria alcançar os cento e dez.

— Cento e dez quilômetros por hora? — repetiu ela, incapaz de imaginar que se pudesse viajar a semelhante velocidade —. E não resultará incômodo para os passageiros?

Pergunta-a provocou um sorriso no Hunt.

— Uma vez que o trem alcança uma velocidade constante nota-se o movimento.

— Como é o interior de um vagão de passageiros?

— Não muito luxuoso — admitiu Hunt, servindo-se um pouco mas de vinho em sua taça —. Só recomendaria viajar em um vagão privado; especialmente a alguém como você.

— A alguém como eu? — repetiu ela com um sorriso admoestadora —. Se está dando a entender que sou uma consentida, asseguro-lhe que está muito equivocado.

— Pois alguém deveria encarregar-se de que o fora.

O cálido olhar do homem se deslizou pelas avermelhadas bochechas da Annabelle e descendeu por seu esbelto torso antes de voltar a cravar-se em seus olhos. Ao falar houve certa nota em sua voz conseguiu deixá-la sem fôlego:

— Não lhe viria mal que a mimassem um pouco.

Annabelle inspirou com força com o fim de recuperar o ritmo normal de sua respiração. Desejou com desespero que ele não a tocasse, que

mantivera sua promessa de não seduzida. Porque se não a cumpria ... Que, Deus a ajudasse, não estava segura de poder resistir.

— «Consolidated» é o nome de sua companhia? — perguntou-lhe com voz tremente, tentando recuperar o fio da conversação.

Hunt assentiu com a cabeça.

— É o sócio inglês de Fundições Shaw.

— A empresa que pertence ao prometido de lady Olivia, o senhor Shaw?

— Exato. Shaw está nos ajudando a adaptamos ao sistema de produção americano, cujo método de fabricação de locomotivas é muito mais efetivo que o britânico.

— Sempre ouvi que os motores fabricados em Grã-Bretanha são os melhores do mundo — observou Annabelle.

— Isso é discutível. Entretanto, inclusive se assim fora, estão pouco padronizados. Não há duas locomotivas construídas em Grã-Bretanha que sejam exatamente iguais, o que freia em grande medida a produção e faz que as reparações sejam complicadas. Em troca, se seguissemos o exemplo americano e fabricássemos as peças a partir de um mesmo molde, com calibres e modelos regularizados, poderíamos construir um motor em questão de semanas em lugar de meses e levará cabo as reparações em um abrir e fechar de olhos,

Enquanto conversavam, Annabelle se dedicou a contemplar ao Hunt com crescente fascinação, já que jamais tinha escutado a um homem falar a respeito de sua profissão desse modo. Segundo sua experiência, o trabalho não era um tema do que os homens estivessem dispostos a falar, mais ainda se se tinha em conta que o mero conceito de «trabalhar» para ganhá-la vida era a marca distintiva das classes baixas. Se um cavalheiro pertencente à classe alta se via obrigado a trabalhar, tratava de ser discreto no que a sua profissão, referia-se e fingia dedicar a maior parte de seu tempo a atividades lúdicas. Entretanto, Simon Hunt não fazia esforço algum por ocultar a satisfação que lhe proporcionava seu trabalho ... E, por alguma razão, Annabelle encontrava esta peculiaridade atrativa, por estranho que parecesse.

A pedido dela, Afunda ofereceu uma explicação mais extensas de seus negócios e lhe falou dos transações nas que tinha estado imerso para comprar uma fundição, anteriormente em mãos de companhia da ferrovia e

que estava sendo remodelada com o fim de adaptar-se ao sistema de produção americano. Dois de os nove edifícios que se elevavam nos mais de dois hectares que ocupava a fábrica já tinham sido transformados em uma fundição onde produziriam pernos, pistões, varinhas e válvulas segundo um molde previamente fabricado. Todos estes elementos, junto com algumas parte que já tinham sido importadas da Fundação Shaw, localizada-se em Nova Iorque, utilizariam-se para fabricar motores de quatro e seis cilindros que se venderiam em toda a Europa.

— Com que freqüência visita a fundição? — perguntou Annabelle antes de dar um bocado a uma parte de faisão coberto por um cremoso molho de agriões.

— Quando estou na cidade, todos os dias. — Hunt contemplou o conteúdo de sua taça de vinho com o cenho ligeiramente franzido —. Já levo muito tempo fora; terei que retornar a Londres logo para comprovar os progressos.

A Annabelle deveria lhe haver alegrado a idéia de que ele abandonasse Hampshire em pouco tempo. Simon Hunt era uma distração que não podia permitir-se e lhe resultaria mais, fácil concentrar seus cuidados em lorde Kendall uma vez que Hunt abandonasse a propriedade. Entretanto, a notícia a deixou bastante deprimida e se deu conta do muito que desfrutava da companhia do homem e de quão solitário pareceria Stony Cross Park quando ele partisse.

— Voltará antes de que a festa conclua? — perguntou-lhe, aparentemente concentrada em esmiuçar com a faca uma parte de faisão.

— Depende.

— Do que?

Sua voz foi muito suave.

— De se tiver os motivos suficientes para retornar.

Annabelle não o olhou. Em troca, afundou-se em um incomodo silêncio e se voltou para, a janela, através da qual lhes chegavam a exuberante melodia do Rosamunde do Schubert, sem ver nada em realidade.

Ao final, escutou-se um ligeiro toque na porta antes de que um servente entrasse em retirar os pratos. Mantendo o rosto afastado do Hunt, Annabelle se perguntou se as notícias de que tinham jantado a sós demorariam muito

em estender-se pelas dependências da servidão. Não obstante, assim que o criado partiu, Hunt a tranqüilizou, como se acabasse de lhe ler o pensamento:

— Não dirá nenhuma palavra a ninguém. Westcliff o recomendou por sua capacidade para manter a boca fechada no referente aos assuntos confidenciais;

Annabelle lhe dedicou um olhar angustiado.

— Então ... O conde sabe que você e eu ...? Estou segura de que não deve haver gostado!

— Fiz muitas coisas que o conde não aprovou — replicou ele com voz pausada —. Do mesmo modo que eu não aprovo algumas de suas decisões. Não obstante, e com o fim de manter nossa benéfica amizade, não estamos acostumados a enfrentamos. — ficou de pé, apoiou as mãos sobre a mesa e se inclinou para diante, de modo que sua sombra caiu sobre a Annabelle —. Gosta de jogar uma partida de xadrez? Fiz que subissem um tabuleiro ... no caso de.

Annabelle assentiu. Enquanto contemplava seus quentes olhos negros, caiu na conta de que, talvez, essa fora a primeira noite de toda sua vida adulta em que se sentia plenamente feliz estando onde estava. Com esse homem. Sentia uma curiosidade enorme sobre ele, uma necessidade urgente de descobrir os pensamentos e sentimentos ocultos sob sua fachada exterior.

— Onde aprendeu a jogar xadrez? — o perguntou depois de observar os movimentos das mãos do Hunt enquanto este colocava as peças sobre o tabuleiro para começar a partida.

— Ensinou-me meu pai.

— Seu pai? — perguntou perplexa.

Os lábios do homem se elevaram levemente com um sorriso malicioso.

— É que um açougueiro não pode jogar xadrez?

— É obvio, eu ... — Annabelle sentiu que a cobria um profundo rubor. Sentia-se morta de calor por sua falta de tato —. O sinto.

O sorriso do Hunt se manteve em seu lugar enquanto a observava.

— Parece ter uma impressão equivocada com respeito a minha família. Os Hunt pertencem à classe média. Tanto meus irmãos como minhas irmãs assistiram ao colégio, ao igual a eu. Meu pai deu trabalho a meus irmãos, que também vivem sobre a loja e pelas noites, revistam jogar xadrez.

Mais relaxada ao não perceber censura alguma em sua voz, Annabelle

agarrou um peão e o girou entre os dedos.

— por que não escolheu trabalhar junto a seu pai, como hão joga seus irmãos?

— Fui um moço bastante problemático em minha juventude — admitiu com um sorriso —. Cada vez que meu pai me ordenava que fizesse algo, eu sempre me esforçava por fazer o contrário.

— e que fazia ele? — perguntou Annabelle com um brilho travesso nos olhos.

— Em um princípio, tratou de mostrar-se paciente comigo. Quando viu que isso não funcionava, aplicou o método oposto. — Hunt fez uma careta ante a lembrança e seu sorriso se tornou triste — acredite, não gostaria muito que a vapulara um açougueiro; seus braços revistam ser tão grossos como o tronco de uma árvore.

— Posso imaginar o murmurou ela, olhando de soslaio a amplitude de seus ombros ao tempo que recordava a musculosa dureza de seus braços —. Sua família deve estar muito orgulhosa de seu êxito.

— É possível — respondeu ele, encolhendo-se de ombros em um gesto evasivo —. Por desgraça, parece ser que minha ambição serviu para que nos distanciemos. Meus pais não permitem que lhes compre uma casa no West End; e tampouco entendem que queria viver ali. Assim como tampouco acreditam que o mundo dos investimentos seja um trabalho adequado. Seriam muito mais felizes se dedicasse a algo mais ... tangível.

Annabelle o estudou com atenção, consciente do que él tinha deixado no tinteiro durante a breve explicação. Sempre tinha sabido que Simon Hunt não pertencia às as esferas nas que se estava acostumado a mover-se. Entretanto, até esse momento não lhe tinha ocorrido que também estivesse desconjurado no mundo que tinha deixado atrás. Não podia evitar perguntar-se se sentiria sozinho em alguma ocasião ou se estaria muito ocupado para dar-se conta.

— Me ocorrem poucas coisas que sejam mais tangíveis que uma locomotiva de cinco toneladas — particularizou ela, em resposta a seu último comentário.

Hunt deixou escapar uma gargalhada e alargou o braço em busca do peão que Annabelle tinha na mão. Não obstante, ela foi incapaz de soltar a peça de marfim e seus dedos se enlaçaram durante um instante enquanto seus olhares faziam o mesmo, cedendo à intimidade do momento.

Annabelle ficou atônita ao perceber a calidez que subiu desde sua mão até o ombro para estender-se imediatamente por todo seu corpo. Era algo semelhante a estar ébria pela luz do sol; o calor a alagava em uma corrente contínua de sensações e, junto com o prazer, chegou a repentina e alarmante pressão depois das pálpebras que anunciava a chegada das lágrimas.

Aturdida, Annabelle retirou a mão com brutalidade e o peão caiu e ricocheteou sobre o chão.

— Sinto-o — se desculpou com uma trêmula gargalhada, assustada de repente pelo que poderia acontecer se seguia a sós com ele durante mais tempo. Afastou-se da mesa detrás ficar em pé com estupidez —. A-acabo de me dar conta de que estou muito cansada ... O vinho parece me haver afetado, depois de tudo. Deveria retornar a minha habitação. Acredito que ainda tem muito tempo para alternar com os convidados, de modo que sua noite não será um completo, desastre.

Obrigado pelo jantar, pela música Y ...

— Annabelle. — Hunt se moveu até chegar a seu lado com elegância e rapidez, e colocou as mãos em sua cintura. Baixou o olhar e a estudou com o cenho franzido pela curiosidade —. Não terá medo de mim, verdade? — murmurou.

Ela negou com a cabeça, sem pronunciar uma só palavra. — Então, por que esse repentino empenho em partir?

Podia ter respondido de mil formas diferentes, não obstante, nesse momento, foi incapaz de demonstrar sutileza, engenho ou agilidade verbal alguma. Quão único pôde fazer foi responder com a mesma falta de tato de um mazazo.

— Não ... não quero isto.

— Isto?

— Não vou converter me em seu amante. — Duvidou por um instante antes de seguir falando —: Posso aspirar a muito mais.

Hunt meditou a franco resposta com cuidado, sem apartar as mãos de sua cintura para poder sustentá-la.

— Quer dizer que pode encontrar a alguém com quem te casar? — perguntou por fim —, ou que tem a intenção de te converter na, amante de um aristocrata?

— Dá igual, não é certo? — murmurou Annabelle, apartando do apoio de suas mãos —. Em nenhum dos dois cenários aparece você.

Embora se negou a olhá-lo aos olhos, sentiu que seu olhar a atravessava e se estremeceu ao sentir que essa resplandecente calidez que a invadisse pouco antes a abandonava.

— Levarei-a de volta a sua habitação — disse Hunt sem mostrar emoção alguma, antes de acompanhar a à porta.

Capítulo 16

Quando Annabelle voltou a reunir-se com os convidados à manhã seguinte, descobriu que seu encontro fortuito com a víbora lhe tinha granjeado muitas simpatias por parte de todos, incluído lorde Kendall, circunstância que a animou o bastante. Fazendo ornamento de uma grande sensibilidade e preocupação, Kendall se sentou com ela na terraço traseira a últimas horas da manhã para desfrutar de um tardio café da manhã ao ar livre. Insistiu em lhe sustentar o prato na mesa do bufei enquanto ela selecionava vários manjares e se assegurou de que um criado lhe enchesse o copo de água logo que estivesse vazio. Também insistiu em fazer o mesmo com lady Constance Darrowby, que se tinha sentado com eles à mesa.

Recordando o que as flozeiros comentassem a respeito de lady Constance, Annabelle avaliou a sua competidora. Kendall parecia mais que interessado na moça, que era de caráter tranqüilo, embora um pouco distante. Sua magreza resultava elegante, dado que encaixava no estilo que se impôs pouco tempo atrás. E as afirmações do Daisy resultaram ser certas: a boca de lady Constance parecia um moedeiro fechado e seus lábios não deixavam de curvar-se em forma de «ou» cada vez que Kendall lhes contava algum pequeno detalhe relacionado com a horticultura.

— Que horrível deveu que ser para você — comentou lady Constance, dirigindo-se a Annabelle detrás escutar os detalhes da mordida de víbora —. É um milagre que não tenha morrido. — Apesar da expressão angélica, o gélido brilho que Annabelle distinguiu em seus pálidos olhos azuis lhe indicou que a moça não o teria lamentado absolutamente se esse tivesse sido o resultado.

— Já me encontro bastante melhor — lhe respondeu antes de girar-se para sorrir ao Kendall —. E mais que preparada para dar outro passeio pelo bosque.

— Eu não faria tantos esforços se fosse você, senhorita Peyton — aconselhou lady Constance, em uma amostra de deliciosa preocupação —. Ainda não parece estar de todo recuperada. De qualquer modo, estou segura de que a palidez de seu rosto desaparecerá dentro de um par de dias.

Annabelle não deixou de sorrir, pouco disposto a demonstrar que o comentário a tinha incomodado ..., embora se sentia do mais tentada a fazer uma observação sobre a mancha que lady Constance tinha na frente.

— me perdoem — murmurou lady Constance ao tempo que se levantava da cadeira —. Vejo que há morangos amadurecidos. Voltarei em seguida.

— Tome-se seu tempo — lhe respondeu Annabelle com voz doce —. Logo que notaremos sua ausência.

Juntos, Annabelle e Kendall observaram como lady Constance se aproximava com passo grácil à mesa do bufei, onde, por acaso, encontrava-se o senhor Benjamin Muxlow, que também estava enchendo seu prato. Demonstrando suas bons maneiras, Muxlow' separou-se da enorme fonte de morangos e sustentou o prato da moça enquanto esta agarrava o concha de sopa para servir umas quantas. Entre

Eles só parecia haver uma amizade cordial ..., mas Annabelle recordava a história que Daisy lhe tinha contado no dia anterior.

E, nesse momento, lhe ocorreu: a solução, perfeita para eliminar a lady Constance da competição. Antes de poder refletir a respeito das conseqüências, das implicações morais ou de qualquer outra idéia que a obrigasse a rechaçar a repentina inspiração, inclinou-se para lorde Kendall.

— A ambos lhes dá muito bem ocultar a verdadeira natureza de sua relação não é certo? — murmurou ao tempo que lançava um furtivo olhar em direção a lady Constance e Muxlow —. Mas, claro, a nenhum conviria que se fizesse notório ... — Fez uma, pausa e cravou o olhar no perplexo lorde Kendall, fingindo um pequeno sobressalto —. Vá! Sinto muito. Supus que já o teria ouvido ...

De repente, Kendall franziu o cenho.

— O que teria que ter ouvido? — perguntou ao tempo que contemplava ao casal com receio.

— Bom, não é que eu seja muito dada às fofocas ..., mas me há dito uma fonte do mais confiável que o dia da festa no lago, durante o lanche, lady Constance e o senhor Muxlow foram descobertos em uma situação terrivelmente comprometida. Ambos estavam sob uma árvore Y ...

— Annabelle se deteve e compôs uma estudada expressão de embaraço —. Não deveria haver dito nada. É possível que só seja um mal-entendido. Alguma vez se sabe, verdade?

Ato seguido, concentrou-se em beber uns sorvos de chá ao tempo que estudava a lorde Kendall por cima do bordo da taça. Resultou-lhe muito fácil interpretar a expressão do homem: não queria acreditar que lady Constance tivesse sido descoberta em uma situação semelhante. A mera idéia era suficiente para deixá-lo horrorizado. Não obstante, já que era um cavalheiro de pés a cabeça, Kendall se mostraria resistente a investigar o assunto.

Jamais se atreveria a perguntar a lady Constance se era certo que se viu comprometida pelo Muxlow. Ao contrário, guardaria silêncio e tentaria fazer caso omissos das suspeitas ... E a dúvida ficaria no ar até que acabasse por infectar-se.

— Annabelle, não de — deveria havê-lo feito — murmurou Evie essa mesma tarde, quando seu amigo lhes contou a conversação que tinha mantido com o Kendall.

As quatro estavam sentadas na habitação do Evie, que tinha a cara coberta, com uma espessa capa de nata branca que supostamente, eliminava as sardas. Olhando com atenção a Annabelle de debaixo do unguento branqueador, Evie tentou continuar, embora ficou patente que sua capacidade dialética — que, para começar, não era muito grande — tinha ficado eclipsada pela desaprovação.

— Foi uma estratégia, brillante — declarou Lillian ao tempo que agarrava uma lima de unhas do penteadeira junto ao que estava sentada. Não tinha ficado muito claro se aprovava ou não o recurso utilizado pela Annabelle, mas era óbvio que apoiaria a seu amiga até o final —. Annabelle não mentiu exatamente,

Não te dá conta? Limitou-se a repetir um rumor que tinha chegado a seus ouvidos e deixou bem claro que só era isso, um rumor. O que Kendall faça com a informação depende dele.

— Mas Annabelle não lhe disse que sabia com certeza que o rumor era infundado — argumentou Evie.

Lillian se concentrou em limar uma de suas unhas até lhe dar a forma perfeita.

— De todos os modos, não mentiu.

À defensiva e sentindo-se culpado, Annabelle olhou ao Daisy.

— Bom, e você o que opina?

A mais jovem das irmãs Bowman, que se entretinha, passando-se sem

cessar a bola de rounders de uma mão à outra, contemplou a Annabelle com expressão artilosa enquanto lhe respondia:

— Acredito que, em ocasiões, ocultar informação é o mesmo que mentir. Escolheu um caminho escorregadio, querida. Tome cuidado a partir de agora.

Lillian franziu o cenho, contrariada.

— Venha, deixa de falar como uma puritana, Daisy. Uma vez que Annabelle consiga o que quer, não importará o modo em que o fez. O importante são os resultados. E você, Evie, nada de sutilezas éticas.

Esteve de acordo em nos ajudar a dirigir a lorde Kendall de modo que acabasse em uma situação comprometida ... Isso é melhor que um rumor infundado?

— Todas prometemos não fazer mal a ninguém — replicou Evie com grande dignidade, ao tempo que agarrava uma toalha para limpá-la nata da cara.

— Lady Constance não há sofrido dano algum — insistiu Lillian —, Não está apaixonada por ele. É óbvio que quer ao Kendall pela única razão de que é um de quão solteiros chegou a finais da temporada sem comprometer-se e ela não está casada. Por todos os céus, Evie, tem que te endurecer! Acaso lady Constance se encontra em uma situação pior? Nos olhe, quatro floreiros que

Não conseguiram mais recompensa pelos esforços que realizaram até agora que umas quantas sardas e uma dentada de víbora ... e a humilhação de ter ensinado nossos roupas de baixo a lorde Westcliff.

Annabelle, que até então tinha permanecido sentada no bordo do colchão, deixou-se cair para trás para ficar tendida no centro da cama e contemplou o dossel de raias que havia sobre sua cabeça, embargada pelo sentimento de culpa. Como desejaria poder parecer-se com o Lillian, firme defensora de que o fim justifica os meios. Prometeu-se que no futuro se comportaria de modo honorável.

Entretanto ..., tal e como Lillian tinha famoso, lorde Kendall podia acreditar o rumor ou descartá-lo, conforme gostasse. Era um homem adulto, capaz de tomar uma decisão por si mesmo. Quão único ela tinha feito era semear as sementes ... e agora dependia do Kendall preocupar-se com as ver crescer ou deixar que morreram.

De noite, Annabelle ficou um vestido cor rosa intenso, confeccionado com numerosas capas de gaze de seda transparente que flutuavam a seu redor. A cintura ficava rodeada com um laço de seda adornado com uma enorme rosa branca. Ao caminhar, a seda emitia um agradável sussurro e Annabelle cavou as capas superiores, sentindo-se como uma princesa.

Muito impaciente para esperar a Philippa, que estava demorando séculos em vestir-se, abandonou a habitação antes de tempo com a esperança de reunir-se com seus amigas. Se a fortuna a acompanhava, poderia encontrar-se com lorde Kendall e pensar em alguma desculpa para escapulir-se com ele durante um instante.

Sem forçar muito o tornozelo, caminhou com o passar do corredor que conduzia até a majestosa escadaria. Seguindo um impulso, deteve-se no salãozinho dos Marsden, cuja porta estava ligeiramente entreaberta, e entrou com cautela. A estadia estava às escuras, mas a luz do corredor foi

Suficiente para iluminar os borde do tabuleiro de xadrez situado no rincão. Atraída pelo tabuleiro, viu com um brilho de prazer que haviam tornado a colocar as peças de sua partida com o Simon Hunt. Por que se teria incomodado em dispor as peças como se seguissem jogando? Acaso ele esperava um movimento por sua parte?

«Não toque nada», disse-se a si mesmo ..., mas a tentação era muito forte para resistir. Entreabriu os olhos com um gesto de concentração e estudou a situação de uma nova perspectiva. O cavalo do Hunt estava no lugar perfeito para capturar a sua dama, o que significava que ela tinha duas opções: mover a dama ou defende-la. De repente, descobriu o modo perfeito de proteger a ameaçada peça: moveu uma torre para diante para capturar ao cavalo do Hunt e assim obter que a peça abandonasse o tabuleiro de forma definitiva.

Deixou ao cavalo no bordo do tabuleiro com um sorriso satisfeito e abandonou a habitação.

Depois de baixar a grande escadaria, atravessou o vestíbulo de entrada e se encaminhou por um corredor para uma série de estadias destinadas ao uso dos convidados. O tapete que pisava amortecia cualquier som, mas, de repente, notou uma presença a suas costas. Alertou-a o calafrio que sentiu na parte dos ombros e as costas que não estava coberta pelo vestido. Jogou uma olhada por cima do ombro e descobriu a lorde Hodgeham atrás dela, quem, apesar de sua corpulência, fazia ornamento de um surpreendente

sigilo. O homem fechou seus rechonchudos dedos ao redor do cinturão de seu vestido e Anabelle se viu obrigada a deter-se ante o risco de que a delicada malha se rasgasse.

O fato de que Hodgeham a acoissasse em um lugar onde poderiam ser descobertos com facilidade era uma amostra da arrogância do homem. Com um ofego indignado, girou-se para enfrentar-lo. Imediatamente, encontrou-se com a visão desse corpulento torso embutido no estreito traje de etiqueta, ao tempo que o oleoso aroma de seu cabelo impregnado de perfume assaltava suas fossas nasais.

— Encantadora criatura — murmurou ele. Seu fôlego emprestava a brandy —. Já vejo que se recupera sem problemas. Talvez devêssemos prosseguir a conversação que mantínhamos ontem no mesmo ponto onde sua mãe me interrompeu de um modo tão prazenteiro.

— É você repugnante ... — começou Annabelle, movida pela fúria, embora Hodgeham deteve sua corrente de insultos sujeitando-a com força pelo queixo. — Contarei – tudo ao Kendall — a ameaçou, ao tempo que aproximava seus grossos lábios à boca da Annabelle —.; com os adornos suficientes para me assegurar de que lhes contemple, a ti e a sua família, com a mais absoluta repulsão. — Seu volumoso corpo a pressionou contra a parede até deixada quase sem respiração —. A menos — continuou, enquanto seu pestilento fôlego caía totalmente sobre o rosto da Annabelle que ditas me agradar do mesmo modo que o faz sua mãe.

— Nesse caso, já pode, ir a contar-lhe tudo ao Kendall — respondeu Annabelle, jogando faíscas pelos olhos —. Diga-lhe tudo E acabemos de uma vez. Prefiro morrer de fome na rua antes que «agradar» a um porco repugnante como você.

Hodgeham a contemplou com fúria e incredulidade.

— Lamentará-o — lhe disse enquanto em seus lábios se acumulava a saliva.

Lhe dedicou um sorriso frio e desdenhoso.

— Não acredito.

Antes de que Hodgeham a soltasse, Annabelle captou um movimento pela extremidade do olho. Ao girar a cabeça, viu que alguém se aproximava deles: um homem que se movia com o mesmo sigilo que uma pantera à espreita. O mais provável seria que pensasse que os tinha apanhado ao Hodgeham e a ela em um amoroso abraço.

— Me solte — vaiou ao tempo que lhe dava um forte empurrão na proeminente barriga.

Hodgeham deu um passo atrás, permitindo desse modo que ela pudesse respirar por fim, e lhe dedicou um olhar que encerrava uma malévola promessa antes de afastar-se em direção contrária ao homem que se aproximava.

Mortificada, Annabelle viu de repente o rosto do Simon Hunt ante ela e sentiu as mãos do homem sobre seus ombros. Hunt observava ao Hodgeham enquanto este se afastava com rapidez e seus olhos tinham um olhar duro, quase assassina, que lhe gelou o sangue nas veias. Um momento depois, baixou a vista e a contemplou com tanta intensidade que Annabelle voltou a ficar sem respiração. Até esse instante, nunca tinha visto o Simon Hunt de outro modo que não fosse fazendo ornamento de sua característica indiferença. Sem importar a gravidade dos insultos que lhe arrojasse, a grosseria com que o tratasse ou os desprezos que lhe fizesse, ele sempre reagia, com um irônico e previsível autocontrole. Não obstante, parecia que por fim tinha conseguido despertar a ira do homem. Tinha tudo o aspecto de estar a ponto de estrangulá-la.

— Estava-me seguindo? — perguntou-lhe com fingida tranqüilidade ao tempo que se perguntava como as haveria arrebatado para aparecer nesse preciso momento.

— Vi-a atravessar o vestíbulo de entrada — explicou ele — e ao Hodgeham atrás de você. Segui-a porque queria descobrir o que se trazem entre mãos.

O olhar da Annabelle se tornou desafiante.

— E o que tem descoberto?

— Não sei — foi seu suave, mas não por isso menos perigosa resposta —.

Me diga, Annabelle, a isto referia quando me disse que podia aspirar a muito mais? A oferecer seus serviços a esse porco seboso em troca das lamentáveis recompensa que te oferece? Nunca me teria imaginado que pudesse ser tão estúpida.

— É um maldito hipócrita! — sussurrou Annabelle, presa da fúria —. Está zangado comigo porque sou seu amante e não a tua; bom, pois me diga uma coisa: por que te importa tanto a quem atadura meu corpo?

— Porque não o deseja — lhe explicou Hunt com os dentes

apertados —. E ao Kendall tampouco. Deseja-me.

Annabelle não soube entender o fervente matagal de emoções que surgiu em seu interior, nem por que esse enfrentamento estava começando a lhe provocar uma estranha e terrível euforia. Tinha desejos de golpeá-lo, jogar-se sobre ele e esporeado até que os últimos fragmentos de autocontrole ficassem reduzidos a pó.

— me deixe adivinhar. Está disposto a me oferecer uma versão muito mais lucrativa do suposto acerto que tenho com o Hodgeham? — Deixou escapar uma desdenhosa gargalhada enquanto observava a resposta a sua pergunta no rosto do Hunt —. A resposta é não. Não. Assim me deixe em paz de uma vez e para sempre ...

Deteve-se o escutar as vozes de gente que se aproximava pelo corredor. Furiosa e se desesperada, deu-se a volta e descobriu, uma porta pela que podia escapular-se e evitar desse modo ser vista a sós com o Hunt. Depois de agarrá-la por um braço, ele a fez, passar à habitação mais próxima e fechou a porta sem perder um instante.

Annabelle se apartou bruscamente do Hunt e percorreu o lugar com o olhar até descobrir a silhueta de um piano e dos suportes de livro das partituras. Ele alargou um braço e evitou que um dos suportes de livro CA foi ao chão, depois de ter sido empurrado pelo giro de suas saias.

— Se pode suportar ser a amante do Hodgeham — murmurou Hunt, retornando a conversação enquanto Annabelle se internava na sala de música —, Deus sabe que não terá problemas sendo a minha. Poderia dizer que não se sente atraída por mim, mas ambos sabemos que estaria mentindo. Ponha um preço, Annabelle. A suma, que queira. Quer uma casa a seu nome? Um veleiro? Não tem mais que dizer. Vamos pôr fim a este assunto; já estou cansado de te esperar.

— Que romântico! — exclamou Annabelle com uma trêmula gargalhada —. Meu Deus! De algum modo, sua proposição carece de sutileza, senhor Hunt. E está muito equivocada se acreditar que minha única opção é me converter na amante de alguém. Posso conseguir que lorde Kendall se case comigo.

Os olhos do Hunt adquiriram uma cor tão escura como o da obsidiana.

— O matrimônio com ele será um inferno para ti. Kendall nunca te amará. Jamais chegará a te conhecer sequer.

— Não estou interessada no amor — respondeu ela, angustiada por suas palavras —. Quão único quero ... — Fez uma pausa ao sentir que uma dor repentina, acompanhado de uma frieza insuportável, atravessava-lhe o peito.

Olhou-o aos olhos e o tentou de novo —. Só quero ...

Nesse momento, escutou-se um ruído na porta. Alguém girou o trinco. Sobressaltada, Annabelle se deu conta de que estavam a ponto de entrar e de que, nesse caso, toda opção de casar-se com o Kendall se desvaneceria, arrastada como um punhado de pó que se levasse o vento.

Reagindo por instinto, aferrou ao Hunt pelo braço e o arrastou até uma curva situada junto a uma das janelas e coberto por umas cortinas que penduravam de uma barra de bronze. Quão único havia no oco era um sofá com tapeçaria de veludo situado junto à janela, sobre o que tinham deixado uns quantos livros ao descuido. Annabelle correu a cortina de um puxão e se lançou aos braços do Hunt para lhe tampar a boca com a palma da mão justo no momento em que alguém (ou mais de um alguém») entrava na habitação. Distinguiu umas quantas vozes masculinas acompanhadas de uns sons metálicos e certo estrépito que a deixaram bastante confusa até que escutou o dedilho de umas cordas de violino desafinadas.

«Meu deus!»

Os membros da orquestra acabavam de chegar à sala de música para afinar seus instrumentos antes do começo do baile. Conforme parecia, sua reputação estava a ponto de ver-se arruinada frente a uma orquestra completa.

Um ligeiro resplendor penetrava na quarto por cima do bordo da cortina e iluminava um tanto seus rostos; o suficiente para poder distinguir o diabólico sorriso que acabava de iluminar os olhos do Hunt. Uma só palavra ou um simples som em semelhantes circunstâncias e estaria arruinada. Pressionou a mão com mais força sobre a boca do Hunt; os olhos de ambos estavam separados por escassos centímetros e, com um sozinho olhar, deixou-lhe bem claro que se não guardava silêncio, assassinaría-o.

As vozes dos músicos se mesclaram com o som de los instrumentos que afinavam; mantiveram as notas até que todas se uniram em harmonia e qualquer dissonância esteve sob controle. Com a dúvida de se seriam descobertos ou não, Annabelle não apartava a vista das cortinas, desejando com ardor que permanecessem fechadas. Sentiu o fôlego do Hunt sobre o

bordo de sua mão e se deu conta de que o homem tinha esticado a mandíbula. Olhou-o de soslaio e viu que esse brilho malicioso de seus olhos tinha desaparecido para dar passo a um olhar que era, de longe, muito mais alarmante. Seu coração começou a pulsar com tanta força que resultava doloroso e, paralisada, observou com os olhos totalmente abertos como o homem elevava sua mão livre muito devagar. Ainda lhe tampava a boca com los dedos, mas Hunt começou a separá-los com delicadeza, um por um e começando pelo mindinho, enquanto seu fôlego lhe acariciava o bordo da mão com baforadas cada vez mais rápidas. Annabelle sacudiu a cabeça em uma tensa negativa e se afastou, ao tempo que lhe rodeava a cintura com um braço.

Estava apanhada por completo ..., incapaz de impedir que Simon Hunt fizesse com ela o que lhe desejasse muito.

Assim que apartou o último dedo de seus lábios, Hunt a obrigou a baixar a mão e a sustentou pela nuca. Ela se aferrou às mangas da jaqueta e arqueou o corpo para trás, mas não serve de nada posto que ele aumentou a pressão da mão que tinha sobre sua nuca. Não lhe estava fazendo mal e, entretanto, tinha conseguido que lhe resultasse impossível mover-se ou lutar. Conforme a boca do Hunt descendia sobre a sua, Annabelle ofegou sem emitir som algum, separou os lábios e sua mente ficou em branco.

Os lábios do homem acariciaram os seus, com suavidade mas também com firmeza, tratando de lhe arrancar uma resposta. Imediatamente, Annabelle se viu consumida por um fogo que ardia por todo seu corpo e que a deixou indefesa ante um tipo de desejo que não tinha sentido em toda sua vida. A lembrança do único beijo que tinham compartilhado não era nada comparado com o que estava experimentando ..., talvez porque Hunt já não era um estranho para ela. Desejava-o com tal desespero que a assustava. Ele se afastou de sua boca com suavidade e seus lábios se detiveram brevemente no queixo antes de subir para a bochecha, deixando um rastro de fogo pelo caminho, para retornar a sua boca com mais insistência. Annabelle sentiu a ponta da língua do Hunt contra a sua e o suave roce foi tão inesperado que tivesse retrocedido imediatamente de não ser porque ele a deixava sujeita.

A elegante cacofonia dos músicos tilintou em seus ouvidos, lhe recordando a iminente possibilidade de ser descoberta. Presa de contínuos tremores, obrigou-se a relaxar-se entre os braços do homem. Durante uns

minutos, permitiria-lhe que fizesse o que quisesse com ela, algo, a fim de que não traísse sua presença depois das cortinas. Hunt saboreou de novo o interior de sua boca, submetendo-a às suaves carícias de sua língua. Para a Annabelle, uma exploração tão íntima resultava do mais escandalosa, mais ainda se tinha em conta as inomináveis sensações que assaltavam as partes mais vulneráveis de seu corpo. Viu-se invadida por uma deliciosa lassidão que a obrigou a procurar apoio no Hunt e a lhe rodear o pescoço com os braços, depois do qual afundou os dedos em seu cabelo e se deleitou com o tato sedoso das grossas mechas.

A tímida exploração de suas mãos conseguiu que a respiração do Hunt se acelerasse, como se suas carícias o tivessem afetado profundamente. Depois de colocar a palma da mão sobre uma de suas bochechas, ele a acariciou com as pontas dos dedos e a insistiu a jogar a cabeça para trás o suficiente para poder lhe morder os lábios, primeiro o superior, de que atirou com suavidade, e depois o inferior, depois do que a deleitou com o quente roce de sua língua. Incapaz de deter-se, Annabelle utilizou a mão que tinha em sua nuca para atirar dele e insisti-lo que retornasse a seus lábios com a mesma voracidade que antes. Quando a obedeceu e seus lábios se fecharam sobre os dela em outro profundo beijo, esteve a ponto de deixar escapar um gemido. Não obstante, antes de que o som abandonasse sua garganta, afastou-se da boca do Hunt e enterrou o rosto sobre seu ombro.

O peito do homem subia e baixava com rapidez sob sua bochecha e a ardente carícia de seu fôlego lhe roçava o cabelo. Hunt aferrou os abundantes cachos da Annabelle, sujeitos com forquilhas na parte posterior da cabeça, e atirou dela para trás para assim ter acesso a seu pescoço. O ardente rastro de seus lábios começou no diminuto oco que havia justo depois da orelha direita, onde um bom número de terminações nervosas despertaram sob as carícias de sua língua enquanto esta riscava o percurso de uma delicada veia. Ao mesmo tempo, deslizou os dedos por cima de seu ombro e riscou com o polegar a linha da clavícula enquanto percorria a zona com a palma. Acariciou com o nariz um dos lados da garganta da Annabelle e descobriu um lugar que a fez estremecer-se; ali permaneceu até que a jovem sentiu que um novo gemido pugnava por abandonar seus lábios, umedecidos por causa dos beijos.

Com um frenético empurrão, Annabelle conseguiu que Hunt se apartasse durante três segundos, depois dos quais ele voltou a apanhar seus

lábios com outro beijo faminto. Nesse momento, a palma de sua mão roçou a seda que cobria um de seus peitos, uma vez, e outra, e outra. Com cada carícia, o calor que desprendia sua mão se introduzia mais e mais através do magro tecido. Annabelle sentiu um comichão sobre o mamilo e, imediatamente, seu entorno se adivinhou sob a seda; Hunt o acariciou com suavidade com o dorso dos dedos, endurecendo-o ainda mais. A crescente pressão de seus lábios fez que se inclinasse para trás em uma postura de clara rendição que a deixava de todo exposta, não só aos lânguidos roce de sua língua, a mas também também às hábeis carícias de sua mão. Supunha-se que nada disso devia estar passando, e entretanto, todas suas terminações nervosas vibravam de prazer e seu corpo se estremecia pela paixão.

Nesses momentos ardentes e silenciosos, Hunt conseguiu que se esquecesse de tudo: perdeu a noção do tempo, do espaço e inclusive, esqueceu seu próprio nome. Quão único sabia era que necessitava sentido mais perto, mais dentro, mais forte ... Precisava sentir sua pele nua e que sua boca lhe percorresse o corpo. Fechou as mãos sobre o tecido de sua camisa, aferrando com uma necessidade vizinha no desespero o engomado linho branco, e atirou dela até tirar a de debaixo da braguilha das calças, de modo que a pele ficasse exposta a suas carícias. Ele pareceu compreender que carecia da experiência necessária para controlar suas ações a esse nível de desejo, por isso trocou a natureza de seus beijos, que se tornaram relaxantes, ao tempo que começava a lhe massagear as costas para tranquilizá-la. Entretanto, os efeitos não foram os esperados; a não ser justamente o contrário. Annabelle aprofundou os beijos e começou a mover-se inquieta contra seu corpo, seguindo o ritmo de seu desejo.

Ao final, Hunt decidiu apartar seus lábios dos da Annabelle e imobilizá-la com um abraço possessivo, depois do qual enterrou o rosto na sobressaltada curva de seu ombro. Ela encontrou um estranho alívio em seu feroz abraço, posto que os fortes músculos de seus braços ajudaram a conter os violentos tremores que a percorriam. Permaneceram assim durante o que lhes pareceu uma eternidade, até que Annabelle se deu conta, sumida em uma espécie de bruma, de que a habitação estava vazia. Os músicos tinham posto ponto e final a seu ensaio e se partiram pouco antes. Hunt elevou a cabeça e separou um pouco as cortinas. Ao ver que a sala de música estava vazia uma vez mais, devolveu sua atenção a Annabelle e, com a ponta do polegar, apartou-lhe uma mecha de brilhante cabelo que tinha cansado sobre

sua orelha.

— partiram-se — lhe disse em um rouco sussurro.

Muito aturdida para pensar com coerência, ela o olhou sem pronunciar palavra. Enquanto isso, os dedos do Hunt lhe percorriam os ardentes contornos das bochechas e se deslizavam sobre os lábios, inchados por seus beijos. Com algo que se assemelhava ao desespero, Annabelle sentiu a vertiginosa resposta de seu corpo, que não tinha sido aplacado, e seu pulso voltou para a carga com renovado vigor enquanto uma nova quebra de onda de calafrios lhe percorria a pele. Era o momento de apartar-se dele antes de que alguém a sentisse falta. Para sua mortificação, permaneceu onde estava, deixando que seu corpo absorvesse as distintas sensações que lhe provocavam as carícias do Hunt. Nesse instante, ele deslizou uma mão até a parte traseira de seu vestido e Annabelle sentiu que seus dedos trabalhavam com eficácia enquanto se inclinava para beijá-la de novo. Nessa ocasião não pôde conter os gemidos; nem os pequenos soluços que escaparam de sua garganta; nem o suspiro de prazer que exalou quando o estreito sutiã de seu vestido foi afrouxado. O corte do decote lhe tinha impedido de usar um espartilho com taças, por isso tinha tido que recorrer ao modelo que deixava o peito ao descoberto sob a anágua.

Sem deixar de beijada, Hunt a arrastou com ele até o assento da janela. Colocou-a sobre seu regaço, onde seus dedos acabaram de baixar o sutiã solto, e emitiu um gemido de prazer ao descobrir a plenitude de seus peitos. Assustada de repente ao dar-se conta das liberdades que lhe estava

Permitindo, Annabelle empurrou, sem forças sua boneca. A resposta do Hunt consistiu em elevá-la um pouco mais e em pressionar seus lábios sobre o vale de seus seios, ali onde seu coração pulsava a um ritmo forte e constante. Seus braços a sujeitaram pelas costas e a mantiveram arqueada enquanto seus lábios se deslizavam um pouco mais abaixo, até chegar à curva de um peito que procederam a investigar. Assim que Annabelle sentiu a carícia de seu quente fôlego sobre o mamilo, deixou de se mexer e permaneceu imóvel, apertando os punhos sobre os ombros do Hunt. Ele tomou o mamilo em sua boca e começou a acariciá-lo com a língua até que esteve úmido e endurecido; foi então quando Annabelle sentiu que o sangue fervia a fogo lento e se espessava em suas veias. Sem deixar de acariciada com a mão, Hunt começou a murmurar incoerências com o fim de tranquilizá-la e colocou a mão sobre seu peito, estendendo com o polegar a

umidade que sua língua tinha deixado sobre o mamilo e fazendo que sua pele brilhasse sob a luz. Annabelle sussurrou algo ininteligível e rodeou o forte pescoço do Hunt com os braços. Foi incapaz de conter um gemido quando ele fechou os lábios ao redor do outro mamilo e puxava ele com suavidade.

Nesse instante, uma nova urgência se apoderou dela; uma sensação que arrancou trementes gemidos de seu peito e fez que seu corpo se esticasse ritmicamente entre os braços do Hunt. Ao parecer, ele também sofria a mesma necessidade: Annabelle percebia os violentos batimentos do coração de seu coração e sua laboriosa respiração. Não obstante, parecia ser capaz de controlar sua paixão muito melhor que ela, já que as carícias de suas mãos e sua boca não deixaram de ser suaves e pausadas. Ela se agitou sob as numerosas capas de seda de seu vestido e lhe afundou os dedos na manga da jaqueta e no colete.

Muita roupa. Havia muita roupa por todos lados e a necessidade de sentir essa pele nua sobre ela estava a ponto de lhe arrebatara a razão.

— Tranqüila, bebe — sussurrou ele sobre sua bochecha —. Te Relaxe. Não, me deixe que te abrace ...

Entretanto, Annabelle era incapaz de conseguir que seu corpo a obedecesse; não podia deter os movimentos de seus quadris e lhe resultava impossível conter as trementes súplicas que escapavam de seus lábios, avermelhados pelos beijos.

Hunt continuou murmurando com suavidade sem deixar de abraçá-la, depositando pequenos beijos sobre seu rosto e lhe massageando com delicadeza o pescoço, ali onde o pulso pulsava enlouquecido. Annabelle foi consciente de que lhe colocava a roupa e a punha de pé com cuidado, como se fora uma boneca, para lhe grampear o vestido. Em um momento dado, inclusive se permitiu soltar uma leve gargalhada, como se suas próprias ações lhe resultassem graciosas.

Mais tarde, chegaria à conclusão de que ele parecia tão afligido como ela; não obstante, nesses momentos, presa do mal-estar que lhe provocava o desejo frustrado, não foi capaz de desembaraçar seus enredados pensamentos. À medida que o desejo abandonava seu corpo, ia deixando uma repulsiva sensação de abafado.

Lutando para abandonar seu regaço, Annabelle ficou em pé com as

pernas trementes e lhe deu as costas. Só foi capaz de pronunciar duas palavras para romper o tenso silêncio. Sem voltar-se para olhá-lo, disse com voz áspera:

— Nunca mais.

Depois de apartar as cortinas, saiu da sala de música tão rápido como pôde e fujo pelo corredor.

Capítulo 17

Simon permaneceu na sala de música ao menos durante meia hora mais depois de que Annabelle fugisse dali, lutando por pôr freio a seu arrebatamento de paixão e esperando que o fogo que incendiava seu sangue se esfriasse. Colocou-se a roupa e se passou uma mão pelo cabelo ao tempo que meditava, mal-humorado, qual devia ser seu seguinte movimento.

— Annabelle — murmurou, mais preocupado e confuso do que tinha estado jamais.

O fato de que uma mulher o tivesse deixado reduzido a esse estado resultava do mais revoltante. Ele, cuja capacidade como, negociador habilidoso e disciplinado era bem conhecida, fazia a oferta mais torpe que se pudesse imaginar e tinha sido rechaçado de plano. E o tinha bem castigo. Nunca deveria ter tentado que ela pusesse um preço antes de ter admitido sequer que o desejava. Mas a suspeita de que podia estar deitando-se com o Hodgeham — com o Hodgeham, de entre todos os homens que podia escolher! — tinha estado a ponto de voltá-lo louco de ciúmes e suas acostumadas habilidades o tinham abandonado.

Ao recordar o que tinha sentido ao beijá-la, ao acariciar por fim essa pele cálida e sedosa, Simon se dava conta de que o sangue ameaçava ferver de novo em suas veias. Dada a experiência que tinha com las mulheres, tinha suposto que conhecia todas e cada uma das sensações físicas imagináveis. Não obstante, este recente encontro lhe tinha feito tomar consciência, de um modo bastante drástico, de que deitar-se com a Annabelle seria uma questão totalmente distinta. A experiência não só envolveria a seu corpo, mas também também a suas emoções ..., umas emoções tão alarmantes que ainda não se sentia com forças para examinar as de perto.

A atração entre eles se converteu em algo perigoso; nem tanto para ele como para ela. E estava muito claro que tinha que analisar a situação desde certa perspectiva. Entretanto, nesse momento, sua mente não funcionava com claridade.

Abandonou a sala de música ao tempo que murmurava uma maldição e

se endireitava o nó da gravata de seda negra. A tensão se deu procuração de seus músculos, de modo que sua forma de caminhar não resultava tão fluída como era habitual e, de caminho ao salão de baile, sentia-se como um depredador de temperamento volátil. A idéia de assistir a outra noite social o tirava de gonzo. Nunca se tinha mostrado muito tolerante com esse tipo de festas que se alargavam durante vários dias; não era um homem que desfrutasse com horas de conversação insustancial nem com diversões ociosas. Desde não ser pela presença da Annabelle em Stony Cross, teria se partido muitos dias atrás.

Alterado, entrou em salão de baile e estudou à multidão brevemente.

Localizou a Annabelle imediatamente, sentada em uma cadeira disposta em um rincão, com lorde Kendall a seu lado. Não havia dúvida de que Kendall estava apaixonado por ela; a expressão encantada com que a contemplava convertia a questão em um segredo a vozes. Annabelle parecia apagada e inquieta, e evitava o olhar de admiração do aristocrata. Não participava da conversação e permanecia sentada com as mãos apertadas sobre o regaço.

Simon a contemplou com os olhos entreabertos. Por irônico que fosse, o comportamento inseguro e tímido da Annabelle naqueles momentos tinha conseguido que a atração que Kendall sentia por ela jogasse por fim raízes. Seria uma desagradável surpresa para ele que ela conseguisse lhe pôr o laço ao pescoço e descobrisse, pouco depois, que sua esposa não era a tímida jovenzinha ingênua que aparentava ser. Era uma mulher de caráter apaixonado, uma criatura decididamente ambiciosa que necessitava um casal que possuísse sua mesma força. Kendall jamais seria capaz de dirigi-la. Era um homem muito cavalheiresco para a Annabelle; muito. Moderado; muito inteligente no sentido, equivocado. Ela jamais o respeitaria, assim como tampouco encontraria satisfação alguma em suas virtudes. Acabaria odiando-o pelas mesmas razões que deveria havê-lo admirado ..., e Kendall poria-se a tremer ao ser testemunha dessas qualidades da Annabelle que Simon sim teria sabido valorar.

Obrigou-se a apartar o olhar do casal e se encaminhou ao outro lado da estadia, onde Westcliff conversava com uns amigos. O conde se deu a volta para lhe perguntar em um murmúrio:

— Diverte-te?

— Não muito. — Simon se meteu as mãos nos bolsos da jaqueta e

voltou a jogar uma olhada ao salão com evidente impaciência —. Levo muito tempo no Hampshire; preciso retornar a Londres para ver o que ocorre na fundição.

— E o que passa com a senhorita Peyton? — perguntou Westcliff em voz baixa. Simon refletiu um instante antes de responder.

— Acredito — respondeu lentamente — que vá esperar a ver no que acaba sua perseguição do Kendall. — Cravou o olhar no conde e elevou uma sobrancelha em um gesto inquisitivo.

Westcliff respondeu com uma breve inclinação de cabeça

— Quando te partirá?

— Pela manhã cedo. — Simon foi incapaz de conter um comprido e tenso suspiro.

O conde de Westcliff sorriu com mordacidade.

— A situação se esclarecerá por si só — disse em atitude prosaica —. Vete a Londres e volta quando tiver a cabeça limpa.

Annabelle não podia livrar-se da melancolia que tinha aderida como se fosse um manto de gelo. Não tinha pego olho e logo que era capaz de comer um bocado do esplêndido café da manhã que lhe tinham servido no sala de jantar. Ao vê-la, lorde, Kendall tinha acreditado que seu pálido semblante e seu silêncio não eram mais que os efeitos residuais de sua enfermidade, de modo que a tinha tratado com toda simpatia e compreensão, irritando-a até fazê-la desejar livrar-se dele a empurrões. Seus amigas também pareciam compartilhar essa molesta amabilidade e, pela primeira vez, suas alegres brincadeiras não lhe faziam nenhuma graça. Tentou recordar o momento preciso em que seu humor se tornou tão azedo, e compreendeu que sua mudança de humor tinha tido lugar quando lady Olivia assinalou que Simon Hunt se partiu do Stony Cross.

— O senhor Hunt foi a Londres por negócios — lhe havia dito lady Olivia com voz alegre —. Nunca está acostumado a ficar muito neste tipo de festas; o estranho é que tenha demorado tanto em partir. Está claro que não dá tempo a que lhe caia o pó em cima, não senhor.

Houve alguém que perguntou pelos motivos da precipitada marcha do senhor Hunt, ao que lady Olivia respondeu com um sorriso e um movimento de cabeça:

— Bom, Hunt está acostumado a ir e vir a seu desejo, como um gato

guia de ruas. Sempre parte de repente, posto que não parecem lhe gostar de muito as despedidas de nenhum tipo.

Hunt se tinha partido sem lhe dizer uma só palavra, e como resultado, ela se sentia nervosa e abandonada. As lembranças, da noite anterior — uma noite horrorosa! — empenhavam-se em permanecer em sua memória de forma persistente. Depois do acontecido na sala de música, o desconcerto se deu procuração dela e sua incapacidade para pensar em outra coisa que não fosse em

Hunt a tinha mantido alheia a qualquer outra questão.

Não tinha querido elevar o olhar para evitar encontrar-se com ele inesperadamente e tinha passado toda a noite rezando para que não se aproximasse. Por fortuna, Hunt tinha mantido as distâncias enquanto que lorde Kendall, em troca, não se tinha afastado de seu lado. O aristocrata tinha passado o resto da noite falando de temas que não lhe interessavam absolutamente e que tampouco compreendia. Entretanto, tinha animado ao homem com murmúrios insípidos e meias, sorrisos, ao mesmo tempo que pensava de forma distraída que deveria sentir-se extasiada pelas cuidados que lhe professava. Em lugar de sentir-se feliz quão único tinha desejado era que a deixasse sozinha.

Sua reservada atitude durante o café da manhã pareceu despertar ainda mais o interesse de lorde Kendall. Lillian, que pensava que essa fachada de docilidade não era mais que uma atuação, aproximou-se para lhe sussurrar em segredo ao ouvido:

— Bom trabalho, Annabelle. Tem-no comendo de sua mão. Não demorou muito em levantar-se da mesa do café da manhã com o pretexto de que precisava descansar e se dedicou a vagar pela mansão até que chegou ao salão azul. O tabuleiro de xadrez exercia uma estranha atração sobre ela, por isso se aproximou muito devagar ao tempo que se perguntava se alguma donzela teria colocado as peças na caixa ou se alguém teria interferido na partida. Não, estava tudo tal e como ela o tinha deixado ..., salvo por uma pequena mudança. Simon Hunt tinha movido um peão em uma jogada defensiva, o que lhe dava a oportunidade de melhorar sua própria defesa ou realizar um movimento agressivo contra sua dama. Certamente, ele não era o tipo de jogada que teria esperado dele. Pelo contrário tinha acreditado que Hunt tentaria uma estratégia um pouco mais ambiciosa. Mais beligerante. Depois de estudar o tabuleiro, trabalhou em excesso se por compreender a

estratégia do homem. Teria movido a peça motivado pela indecisão ou em um descuido? Ou havia algum motivo oculto que ela não era capaz de descobrir?

Alargou a mão para agarrar uma das peças, mas, depois de duvidar se afastou do tabuleiro. Só era um jogo, recordou-se. Estava dando a cada movimento muita mais importância da que tinha, como se houvesse um fabuloso prêmio em jogo. Não obstante, reconsiderou sua decisão com cuidado antes de voltar a mover. Adiantou a rainha, capturou o peão do Hunt e lhe produziu um estremecimento de prazer escutar o tinido das peças ao chocar, marfim contra ônix. Manteve ao peão encerrado no punho, como se tratasse de avaliar seu peso antes de deixá-lo com muito cuidado junto ao tabuleiro.

À medida que a semana avançava, Annabelle deduziu que o único momento prazenteiro que esta lhe tinha proporcionado, embora fugaz e solitário, foi aquele que tinha passado junto ao tabuleiro de xadrez. Nunca se havia sentido desse modo com antecedência: não estava feliz, nem triste, nem tampouco se preocupada com seu futuro. Poderia dizer-se que estava sumida em uma espécie de intumescimento no que seus sentidos e suas emoções parecia haver-se sucumbido à letargia, até tal ponto que começou a pensar que talvez nunca voltasse a interessar-se por nada. A sensação de afastamento era tal que em

Ocasões acreditava estar fora de si mesma, observando-se como se não fora mais que uma boneca mecânica que se movia rigidamente dia detrás dia.

Lorde Kendall a acompanhava cada vez com mais frequência; dançavam juntos, sentavam-se juntos nas noites musicais e passeavam pelo jardim, seguidos a uma distância prudente pela Philippa. Kendall era um homem agradável, respeitoso e possuía um encanto cometido. De fato, era tão tolerante que Annabelle começava a expô-la possibilidade de que uma vez que as flores e ela tivessem levado a cabo a armadilha para apanhá-lo, Kendall se arrependesse terrivelmente de ver-se obrigado, a casar-se com uma moça a que tinha comprometido sem ser consciente disso. À

Sobremesa, acabaria por acostumar-se e, sendo como era um homem filosófico, encontraria o modo de aceitar a situação.

Quanto ao Hodgeham, estava claro que Philippa as estava enganando

para mantê-lo afastado da Annabelle. Mais ainda, sua mãe o tinha convencido para que não lhe contasse seu segredo a lorde Kendall, embora não tinha explicado a sua filha todos os detalhes do acordo. Preocupada com os efeitos que a tensão constante poderia provocar em sua mãe, Annabelle sugeriu a possibilidade de que abandonassem Stony Cross Park. Entretanto, Philippa não quis escutar nenhuma palavra a respeito.

— Eu me encarrego do Hodgeham — tinha replicado de forma categórica —. Você segue com lorde Kendall. Tudo mundo sabe que está apaixonado por ti.

Se tão somente pudesse esquecer as lembranças daquela curva depois das cortinas na sala de música ... Os sonhos a respeito desse instante eram tão reais que acabava despertando atormentada pela paixão, com os lençóis enrolados entre as pernas e a pele quente. As lembranças do Simon Hunt a perseguiram: seu aroma, sua calidez e esses beijos tão provocadores ..., a dureza de seu corpo baixo, a elegância do traje de etiqueta negro.

Apesar da promessa que tinham feito as flores de contar-se tudo o referente a suas aventuras românticas, Annabelle não se via capaz de justificar-se com nenhuma delas. O que tinha acontecido com o Hunt era muito íntimo e pessoal. Não era algo que pudesse ser dissecado por um grupo de amigas entusiastas que sabiam tanto do homem como ela mesma ..., quer dizer, nada. Não lhe cabia dúvida de que se tivesse tratado de lhes explicar a experiência, não o teriam entendido. Não havia palavras que descrevessem aquela intimidade que roubava a alma e que vinha seguida de uma confusão devastadora.

No nome de Deus, como podia sentir algo assim por um homem ao que sempre tinha desprezado? Durante dois anos, tinha temido encontrar-lhe nos acontecimentos sociais; tinha-o considerado como a companhia mais desagradável que pudesse imaginar e nesses momentos ... nesses

Momentos ...

Um bom dia, Annabelle deixou a um lado esses indesejáveis raciocínios e se retirou ao salão dos Marsden com a esperança de distrair sua agitada mente com um pouco de leitura. Levava sob o braço um grosso tomo no que rezava, com letras douradas: Real Sociedade de Horticultura. Descobrimientos e conclusões dos informes apresentados por nossos ilustres membros no ano 1843. O livro

Era tão pesado como uma bigorna e ela, mal-humorada, não deixava de

perguntar-se como alguém era capaz de encontrar tanto que dizer sobre as novelo. Tinha deixado o livro em uma mesinha e estava a ponto de sentar-se no canapé quando vislumbrou pela extremidade do olho algo no tabuleiro de xadrez que chamou sua atenção. Era sua imaginação O ...?

Com os olhos semicerrados pela curiosidade, aproximou-se do tabuleiro e estudou com atenção a posição das peças, que tinham permanecido imóveis durante toda uma semana. Sim ..., havia algo distinto. Ela tinha utilizado sua rainha para capturar um dos peões do Simon. Não obstante, alguém tinha tirado sua rainha do tabuleiro e a tinha deixado a um lado de este.

«Tornou», pensou com uma repentina chama de emoção tão intenso que lhe percorreu o corpo da cabeça aos pés. Estava segura de que Simon Hunt era o único que havia meio doido o tabuleiro. Estava ali, em Stony Cross.

Seu rosto adquiriu a palidez do papel, salvo nas bochechas, que se coloriram de um rosa intenso. Sabendo de que sua reação era de todo desproporcionada, esforçou-se por recuperar a calma. A volta do Hunt não significava nada; ela não queria ter nada que ver com ele, não podia conseguir o de nenhum modo e, certamente, devia evitá-lo a toda costa.

Fechou os olhos e respirou em profundidade, tentando controlar os batimentos do coração de seu coração, embora o errático órgão se empenhava em manter o ritmo.

Quando por fim conseguiu recuperar a compostura, observou o tabuleiro e tentou compreender seu último movimento. Como tinha conseguido Hunt capturar a sua dama? Recordou com rapidez a anterior disposição das peças. E, então, deu-se conta: tinha usado o peão como ceva para que

Adiantasse à rainha, de modo que ficasse no lugar perfeito para poder capturá-la com sua torre e, com a dama fora do tabuleiro, seu rei estava em perigo Y ...

Tinha-lhe dado xeque.

Tinha-a enganado com um humilde peão e agora estava em apuros. Com uma gargalhada de incredulidade, Annabelle deu as costas ao tabuleiro e começou a caminhar de um lado a outro da habitação. Tinha a cabeça cheia de estratégias de defesa e, finalmente, decidiu-se por uma que ele não

Esperaria. Obedecendo a seu instinto, deu-se a volta e retornou ao

tabuleiro ao tempo que sorria e se perguntava qual seria a reação do Hunt ao descobrir seu contra-ataque. Não obstante, assim que sua mão se abateu sobre o tabuleiro, o fluxo de cálida excitação a abandonou imediatamente e seu rosto se tornou pálido. O que estava fazendo? Alargar a partida e manter essa frágil via de comunicação com ele era de todo inútil Não ... Era perigoso.

A eleição entre a segurança e o desastre estava mais que clara.

A mão da Annabelle tremeu quando começou a agarrar as peças, uma atrás de outra, e as guardou de forma ordenada em sua caixa, abandonando desse modo a partida.

— Abandono — disse em voz alta, sentindo um nó na garganta —. Abandono.

Tragou saliva para fazer desaparecer o nó que essa palavra parecia ter provocado. Não podia permitir o luxo de ser tão estúpida para desejar algo ... a alguém ... que não era absolutamente adequado para ela. Quando a caixa das peças esteve fechada, afastou-se da mesa caminhando de costas e a contemplou durante um instante. Tinha a sensação de estar murchando-se por dentro, de que a invadia um repentino cansaço, mas tudo estava decidido.

Essa noite. Seu ambíguo cortejo com lorde Kendall teria que resolver essa mesma noite. A festa estava a ponto de terminar e, com o Simon Hunt de volta, não podia arriscar-se a que uma nova complicação com ele o arruinasse todo. Endireitou os ombros partiu disposta a falar com o Lillian.

Juntas tramariam um plano. A noite não acabaria sem que se anunciasse seu compromisso com lorde Kendall.

Capítulo 18

— O truque está em medir bem o tempo — disse Lillian, cujos olhos castanhos brilhavam pela diversão.

Sem dúvida alguma, nenhum oficial tinha dirigido jamais uma campanha militar com mais determinação da que demonstrava Lillian Bowman nesse momento. As quatro flores estavam sentadas na terraço com outros tantos copos de limonada fria e representavam a viva estampa da indolência, quando, em

Realidade, tramavam com supremo cuidado os acontecimentos que a tarde ia proporcionar.

— Sugerirei que demos um agradável passeio pelos jardins antes do jantar para despertar o apetite — disse Lillian aa Annabelle —, e tanto Daisy como Evie acessarão; também levaremos a nossa mãe e à tia Florence, já qualquer pessoa com a que estejamos falando nesse momento. Assim, com sorte, para quando chegarmos ao outro lado do horta das pereiras, apanharemo-lhe em flagrante delito com lorde Kendall.

— O que significa flagrante delito? — perguntou Daisy —. Soa ilegal

— Não sei com certeza — admitiu Lillian —. O li em uma novela ... Mas estou segura de que é algo que comprometeria a qualquer garota.

Annabelle respondeu com uma risada apática, desejando que a situação despertasse nela um pingo de entusiasmo que sentiam as Bowman. Apenas uma noite antes, não teria cabido em si de gozo. Não obstante, naquele momento tudo lhe parecia mau. A idéia de receber, ao fim, a tão ansiada proposição de matrimônio por parte de um aristocrata não lhe provocava nem a mais mínima emoção. Nenhuma sensação de nervosismo nem alívio, nem nada que pudesse considerar-se positivo de nenhuma das maneiras. Mas bem parecia um dever desagradável que tinha que cumprir. Entretanto, ocultou receios enquanto as irmãs Bowman tramavam e faziam cálculos com a mesma habilidade que um acostumado conspirador.

Apesar de tudo, Evie, cujas dotes de observação ultrapassavam com muito as de todas elas, pareceu perceber as verdadeiras emoções que Annabelle ocultava atrás de sua máscara.

— É isto o que que — quer, Annabelle? — perguntou-lhe em voz baixa e com um olhar preocupado —. Não tem por que fazê-lo, já sabe. Encontraremos a outro pretendente se não desejar ao Kendall.

— Não fica tempo para encontrar a outro — murmurou Annabelle em resposta —. Não, deve ser Kendall, e tem que ser esta noite, antes de que ...

— Antes? — repetiu Evie, que inclinou a cabeça ao olhar a Annabelle com ligeira perplexidade. O sol iluminava as sardas que salpicavam seu rosto e as fazia brilhar como pó de ouro sobre sua pele aveludada —. Antes do que? I

Coma Annabelle permaneceu calada Evie baixou a cabeça e passado um dedo pelo bordo de seu copo, recolhendo os fios de polpa adoçada que se ficaram aderidas ao fio. As irmãs Bowman seguiam com seu animada bate-papo e debatiam a respeito da possibilidade de utilizar o horta das pereiras como cenário para organizar a emboscada ao Kendall. Justo quando Annabelle acreditava que Evie deixaria passar o assunto, a moça murmurou em voz baixa:

— Sabia que o senhor Hunt retornou ao Stony Cross ontem à noite, Annabelle?

— Como sabe?

— Alguém o contou a minha tia.

Ao enfrentar o intuitivo olhar do Evie, Annabelle não pôde evitar compadecer-se daquela pobre, pessoa que tinha cometido el engano de subestimar ao Evangeline Jenner.

— Não, não sabia — murmurou,

Ao tempo que inclinava um pouco o copo de limonada, Evie fixou a vista no fundo do líquido açucarado.

— Pergunto-me por que nunca aproveitou a oportunidade de te dar um beijo quando você mesma o ofereceu — disse devagar —. Sobre tudo, tendo em conta tudo o interesse que mos — mostrou por ti no passado ...

Seus olhares se encontraram e Annabelle sentiu que se ruborizava. Implorou-lhe com os olhos ao Evie que não acrescentasse nada mais, ao que esta respondeu com um assentimento de cabeça. A compreensão se refletiu imediatamente no rosto da moça.

— Annabelle — disse com lentidão —, incomodaria-te muito se não fora com as demais para te pilhar com lorde Kendall esta noite? Haverá

gen — gente de sobra para atuar de testemunha, Se dúvida, Lillian levará uma multidão de testemunhas inesperadas. Minha presença não se — seria necessária.

— Claro que não me incomodaria — respondeu com um sorriso, depois do qual perguntou com um sorriso tímido —: Prejuízos morais, Evie?

— Não, nada disso, não sou hipócrita, Estou mais que disposta a admitir minha culpa como colaboradora ... e apa — apareça ou não esta noite no jardim, formo parte do grupo. O que passa é que — se deteve e continuou em tom mais baixo não acredito que você que — quer a lorde Kendall. Ao menos, não como homem, nem pelo que é em realidade. E agora que te conheço um pouco melhor, não ... não acredito que o matrimônio com ele te faça feliz.

— Pois o fará — replicou Annabelle e elevou tanto a voz que capto a atenção das Bowman. Estas deixaram de falar e a olharam com curiosidade —. Ninguém poderia aproximar-se tanto a meu ideal de homem como lorde Kendall.

— É perfeito para ti — a apoiou Lillian com firmeza —. Espero que não tente semear dúvidas, Evie ... Já é muito tarde para isso. E certamente que não vamos atirar pela amurada um plano tão perfeitamente esboçado como este justo agora, quando estamos a ponto de alcançar a meta.

Evie sacudiu a cabeça imediatamente e pareceu encolher-se na cadeira.

— Não, não ... Não tentava — Sua voz se converteu em um murmúrio, depois do qual lançou a Annabelle um olhar de desculpa.

— É obvio que não tentava fazer isso — disse Annabelle em sua defesa, que, ato seguido, compôs um sorriso temerário —. Repassemos uma vez mais o plano, Lillian.

Lorde Kendall reagiu com divertida complacência, quando Annabelle Peyton o insistiu a que escapassem para dar um passeio vespertino pelo jardim. O ambiente apazível do entardecer estendia uma capa de umidade sobre a propriedade, e não se agitava brisa alguma que aliviasse a opressiva atmosfera. Dado que a maioria de convidados se estava vestindo para o jantar ou vagabundeava abanando-se na sala de naipes ou no salão, o exterior estava virtualmente vazio. A nenhum homem lhe passaria por cima o que desejava uma moça quando esta sugeria que dessem um passeio sem

companhia em semelhantes circunstâncias. Já que não parecia lhe fazer ascos à idéia de um ou dois beijos roubados, Kendall se deixou convencer pela Annabelle para caminhar ao longo dos jardins da terraço e mas lá do muro de pedra coberto por roseiras trepadores.

— Preferiria que contássemos com uma carabina — lhe disse com um leve Isto sorriso é de tudo impróprio, senhorita Peyton.

Annabelle o obsequiou com um sorriso próprio.

— Só nos afastaremos um instante — lhe urgiu —. Ninguém se dará conta.

Assim que Kendall se decidiu a seguir a de bom aspecto, Annabelle se precaveu da crescente culpabilidade que parecia abater-se sobre ela desde todas partes. Sentia-se igual a se conduzisse a um cordeiro ao matadouro. Kendall era um homem agradável, não se merecia, que o enganassem para forçar um matrimônio. Se ao menos tivesse contado com mais tempo, poderia ter deixado que as insípidas seguissem o leito habitual e, desse modo, teria obtido uma proposição autêntica por sua parte. Não obstante, esse era o último fim de semana da festa, e era imperativo que conseguisse um resultado positivo sem mais demora. Se tão somente pudesse agüentar aquela fase do plano, as coisas seriam muito mais fáceis a partir de então.

«**Annabelle, lady Kendall**», recordou-se torvamente. Annabelle, lady Kendall ... Não lhe resultava difícil imaginar-se como uma respeitável e jovem esposa que vivia com o pacífico mundo da sociedade do Hampshire, que fazia ocasionais viagens a Londres e que lhe dava a bem-vinda a seu irmão para passar as férias do verão. Annabelle, lady Kendall, teria meia dúzia de filhos loiros, alguns dos quais levariam óculos como seu pai. E Annabelle, lady Kendall, seria uma devota esposa que passaria o resto de sua vida tentando expiar o pecado de ter enganado a seu marido para que se casasse com ela.

Chegaram até o claro que havia mais à frente da horta das pereiras, ao lugar onde se encontrava a mesa de pedra dentro do círculo de cascalho. Depois de deter-se, Kendall olhou aa Annabelle, que se tinha apoiado contra a mesa de pedra em uma pose estudada. Atreveu-se a tocar uma mecha de cabelo que tinha cansado sobre seu ombro e admirou os matizes dourados que se mesclavam com os fios castanhas.

— Senhorita Peyton — murmurou —, a estas alturas já deve ser consciente de que desenvolvi uma marcada preferência por sua companhia.

Annabelle sentiu que o coração lhe subia à garganta, tanto que acreditou que poderia afogar-se com ele.

— Eu ... Eu desfrutei muito de nossas conversações e dos passeios que demos juntos — conseguiu dizer.

— É você encantada — sussurrou Kendall, que se aproximou mais a ela —. Jamais tinha visto uns olhos tão azuis.

Pouco menos de um mês atrás, Annabelle teria saltado de alegria ante esta cena. Kendall era um homem agradável, por não mencionar que também era atrativo, jovem, rico e que possuía um título ... Senhor, que demônios lhe estava passando? Tudo seu ser se esticou com relutância quando o homem se inclinou sobre sua cara, ruborizada e tensa. Inquieta e aturdida, tentou não fugir dele. Entretanto, antes de que seus lábios se encontrassem, revolveu-se com um gemido apagado e se afastou dele.

O silêncio caiu sobre o claro.

— Assustei-a? — foi a pergunta do Kendall. Suas maneiras eram amáveis e pausados, muito diferentes da arrogância que mostrava Simon Hunt.

— Não ... Não se trata disso. É só que ... que não posso fazer isto. — Annabelle se esfregou a frente, que tinha começado a lhe doer; sentia os ombros rígidos sob as mangas cavadas de seu vestido cor pêssego. Quando voltou a falar, sua voz destilava derrota e desgosto para si mesmo —. Me Perdoe, milord. É você um dos homens mais agradáveis que tive o privilégio de conhecer. Razão pela que devo partir agora. Não é justo por minha parte que respire seu interesse quando nada pode resultar dele.

— O que lhe faz pensar isso? — perguntou, claramente confuso.

— Em realidade, você não me conhece — lhe respondeu com um sorriso amargo —. Me Crie, formamos um casal espantoso. Por muito que o tentasse, ao final não seria capaz de evitar enrolá-lo para apanhá-lo, e você, como um cavalheiro que é, não apresentaria, objeção alguma, o que faria a ambos os muito desgraçados.

— Senhorita Peyton — murmurou ao tempo que tentava averiguar o significado de seu desdobraimento emocional —, não acabo de compreender ...

— Nem sequer eu estou segura de compreendê-lo. Mas o sinto muitíssimo. Desejo-lhe o melhor, milord. Como também desejo ... — Sua respiração se agitou quando começou a rir de repente — Os desejos são

algo perigoso, não lhe parece? — murmurou e, ato seguido, abandonou o claro à toda pressa.

Capítulo 19

Amaldiçoando-se a si mesmo, Annabelle percorreu o caminho de volta à casa. Não podia acreditar-lhe Justo quando tinha o que desejava ao alcance da mão, tinha-o arrojado pela amurada.

— Estúpida — murmurou para si entre dentes —. Estúpida, estúpida ...

Nem sequer podia imaginar-se o que diria a seus amigas quando chegassem ao claro e o encontrassem vazio; Talvez lorde Kendall ficasse onde o tinha deixado, com o aspecto de um gato ao que acabassem de lhe tirar o prato de leite antes sequer de lhe haver dado uma lambida.

Annabelle se jurou que não voltaria a pedir ajuda às demais flores para encontrar um futuro marido; não quando tinha atirado por terra a oportunidade que lhe tinham brindado. Merecia-se algo que lhe acontecesse a partir desse momento. Seus passos se converteram quase em uma carreira em seu afã por chegar ao dormitório. Estava tão, concentrada em sua frenética fuga que a ponto esteve de tampar-se de bruces contra um homem que caminhava com tranqüilidade pelo atalho que discorria ao outro lado do muro de pedra. Deteve-se de repente e murmurou uma desculpa:

— Rogo-lhe que me desculpe.

Tivesse-o sorteado de não ser porque sua estatura tão característica e essas mãos grandes e bronzeadas que abandonaram os bolsos de seu casaco delataram imediatamente sua identidade. Surpreendida retrocedeu enquanto Simon Hunt a olhava.

Ambos se observaram com expressões carentes de toda emoção.

Posto que acabava de fugir de lorde Kendall, Annabelle não pôde a não ser advertir as diferenças entre ambos homens. Hunt tinha o aspecto decididamente bronzeado à luz do crepúsculo que se abatia sobre eles; corpulento e muito masculino, com os olhos de um pirata e a crueldade despreocupada de um rei pagão. Não era menos arrogante que antes, como tampouco mais dócil nem refinado; entretanto, converteu-se no objeto de um desejo tão puxador que Annabelle estava convencida de ter perdido a razão. O ambiente que os rodeava se carregou e crepitou pela paixão e o

conflito.

— O que acontece? — perguntou Hunt sem preliminares, observando-a com os olhos entre fechados ante seu evidente nervosismo.

A tarefa de expor suas emoções em umas quantas frases coerentes lhe desejou muito impossível. De todas formas, Annabelle o tentou.

— Partiu de Stony Cross sem me avisar.

Seu olhar era duro e frio como o ébano.

— Você guardou o jogo de xadrez.

— Eu ... — Apartou o olhar dele ao tempo que se mordida o lábio —. Não podia me permitir nenhuma distração.

— Ninguém te distrai agora. Deseja ao Kendall? Pois lhe desfrute.

— Nossa! Muito obrigada — replicou sarcástica —. É muito amável de sua parte que deixe o caminho livre agora que o danificaste todo.

O homem lhe dirigiu um olhar cauteloso.

— O que quer dizer com isso?

Annabelle sentiu uma irracional sensação de frio, apesar de que estava envolta pelo quente ar veraneio. Um ligeiro estremecimento se iniciou em seus ossos e acabou por traslucir-se em sua pele.

— As botas de cano longo que recebi enquanto estive doente — disse precipitadamente —, as que levo agora mesmo ..., mandou-me isso você, não é certo?

— Acaso importa?

— Por Deus, admite-o — insistiu.

— Sim, enviei-lhe isso eu — respondeu com segura —. Há algum problema?

— Faz um par de minutos estava com o Kendall; tudo partia conforme o planejado e ele estava a ponto de ... Mas não pude, não pude. Não pude deixar que me beijasse enquanto eu levava estas malditas botas. Agora sem dúvida pensa que estou louca, depois da forma em que o deixei. Mas, depois de tudo, tinha razão, é muito agradável para mim. E tivéssemos formado um casal espantoso. — deteve-se para tomar ar, mas então se precaveu do súbito brilho dos olhos do Hunt. Tinha o mesmo aspecto de um depredador à espera de sua oportunidade de atacar.

— Assim — disse ele em voz baixa — agora que descartaste a Kendall, quais são seus planos? Retornar com o Hodgeham?

Aguilhoada pela irônica pergunta, Annabelle franziu o cenho.

— Se assim fora, não seria de sua incumbência. — Girou sobre os talões e começou a afastar-se dele.

Hunt a alcançou com grande rapidez e, sujeitando-a pelos braços, obrigou-a a girar-se para ficar cara a cara. Depois de sacudi-la um pouco, levou a boca até seu ouvido.

— Acabaram-se os jogos — lhe disse —. Me diga o que deseja. Agora, antes de que me esgote a pouca paciência que fica.

Seu aroma, um aroma de limpo e a sabão que resultava do mais masculino, fez que a Annabelle desse voltas a cabeça. Queria abrir-se passo entre suas roupas ... Desejava que a beijasse até perder o sentido. Desejava ao desprezível, arrogante, sedutor e diabolicamente arrumado Simon Hunt. Entretanto, não havia dúvida de que ia mostrar se implacável com ela. Seu maltratado orgulho se impôs e ficou entupido em sua garganta até que logo que foi capaz de falar.

— Não posso — disse com aspereza.

Ele inclinou a cabeça para trás e a olhou; seus olhos brilhavam com perversa diversão.

— Pode ter tudo o que deseje, Annabelle ..., mas só se for capaz de pedi-lo.

— Está decidido a me humilhar por completo, não é certo? Não me permitirá conservar um mínimo de dignidade

— O que eu te humilho? — Elevou uma sobrancelha em uma careta sardônica —. Depois de passar dois anos sendo o objeto de seus desdêns e menosprezos cada vez que te pedia que dançasse comigo ...?

— Esta bem, de acordo — respondeu com tristeza justo quando começava a tremer da cabeça aos pés —. O admito ... Desejo-te. Já está. Satisfeito? Desejo a ti.

— De que forma? Como amante ou como marido? Annabelle o olhou estupefata.

— Como diz?

Rodeou-a com os braços e apertou sua tremente figura contra ele.

Não pronunciou palavra alguma, limitou-se a observá-la com intensidade, enquanto ela tentava desentranhadas implicações dessa simples pergunta.

— Mas você não é dos que se casam ... — conseguiu dizer com um fio de voz.

Simon lhe acariciou uma orelha, riscando a delicada curva exterior, com a ponta de um dedo.

— Tenho descoberto que sim, sou no que se refere.

A sutil carícia acendeu seu sangue e inutilizou sua capacidade para pensar.

— O mais provável é que nos matem os um ao outro antes de acabar o primeiro mês.

— É o mais provável, sim — concedeu Hunt, cuja boca sorridente roçava a têmpora dela. A calidez de seus lábios enviou uma quebra de onda de vertiginoso prazer por todo o corpo da Annabelle —. Mas te case comigo de todas formas, Annabelle. Tal e a meu ver, poderia solucionar a maioria de seus problemas ... e também uns quantos de meus. — Seu enorme mão se deslizou com suavidade por sua coluna, acalmando seus tremores —. Deixa que te mime — sussurrou —. Deixa que te cuide. Alguma vez tiveste ninguém em quem te apoiar, não é verdade? Meus ombros são fortes, Annabelle. — Uma risada profunda reverberou em seu peito —. E é muito possível que o único homem de entre seus conhecidos com suficiente dinheiro para pagar seus caprichos.

Ela estava muito atônita para responder à brincadeira

— Mas por que? — perguntou, e a mão dele subiu até sua nuca desprotegida. Ela ofegou ao sentir que seus dedos se cravavam com suavidade na ligeira depressão da base do crânio —. Por que me oferecer matrimônio quando poderia me ter como amante?

Com delicadeza, Simon esfregou o nariz contra a garganta da Annabelle.

— Porque, durante os últimos dias, dei-me conta de que não posso suportar que alguém duvide sequer a quem pertence. Sobre tudo você.

Annabelle fechou os olhos e deixou que a euforia alagasse seus sentidos quando a boca dele começou a ascender com lentidão até seus lábios ressecados, que o aguardavam entreabertos. As mãos e braços do Hunt reclamaram o desejoso corpo da Annabelle, atraindo-a para a segurança de seu corpo. Se em sua maneira de abraçá-la havia rastros de dominação, também os tinha que reverência; seus dedos descobriam os rincões mais sensíveis da pele que ficava ao descoberto e os acariciavam com toques ligeiros como os de uma pluma. Annabelle permitiu que lhe separasse os lábios e gemeu ante o suave roce de sua tentativa língua.

Devorou sua boca com beijos ternos que acalmaram o anseio que ela sentia, mas, que ao mesmo tempo, fizeram-na tomar consciência de todos aqueles vazios que desejava encher com desespero. Quando Hunt sentiu o urgente tremor que percorreu seu corpo, acalmou-a com uma larga carícia de sua boca enquanto seus braços a sustentavam com firmeza. Embalou sua acalorada bochecha com uma mão ao tempo que acariciava o cetim rosado de seus lábios com o polegar.

— me responda — murmurou.

A calidez de sua mão fez que uma miríade de calafrios lhe percorresse a pele e apertou ainda mais a bochecha contra sua palma.

— Sim — respondeu sem fôlego.

Um brilho triunfal iluminou os olhos do Hunt. Imediatamente, inclinou a cabeça da Annabelle e voltou a beijá-la, aprofundando as carícias de sua língua pouco a pouco. Sua Palma lhe apertavam com gentileza ambos os lados da cabeça e foram modificando o ângulo entre eles até que suas bocas encaixaram à perfeição. O ritmo da respiração da Annabelle se tornou caprichoso, até que sentiu que a cabeça, dava-lhe voltas pela súbita inalação de muito oxigênio. Elevou as mãos para aferrar-se a seu corpo duro e afundou os dedos na elegante malha de sua jaqueta. Sem romper o beijo, Hunt a ajudou a apoiar-se contra ele, insistindo-a a que lhe rodeasse o pescoço com uma mão. Quando esteve seguro de que Annabelle não perderia o equilíbrio, moveu sua própria mão para a engravatada cintura e a atraiu com uma ligeira pressão para seu corpo. Beijou-a com eficiente apressado, até que o potente influxo de sua boca a reduziu a um estado de delírio sensual.

Por fim, ele apartou a boca e a sossegou quando ela gemeu como protesto, lhe dizendo com um murmúrio que tinham companhia. Com os olhos semicerrados e totalmente desconcertada, Annabelle olhou mais à frente do círculo de seus braços. Estavam justo diante de um grupo de testemunhas que dificilmente poderiam passar por cima a um casal que se abraçava em metade do atalho, junto ao muro de pedra. Lillian, Daisy, sua mãe, lady Olivia e seu arrumado prometido americano, o senhor Shaw e, por último, nem mais nem menos que lorde Westcliff.

— Ai, Senhor ... — acertou a dizer Annabelle com deprimido antes de esconder o rosto no ombro do Hunt, como se ao fechar os olhos pudesse

fazê-los desaparecer a todos.

Um calafrio percorreu sua orelha quando Hunt se inclinou e, com voz carregada de regozijo, murmurou:

— Cheque mate.

Lillian foi primeira em falar.

— Que raios está passando, Annabelle?

Acovardada, obrigou-se a enfrentar o olhar de seu amiga.

— Não pude continuar — disse com acanhamento —. O sinto ... Era um bom plano e vocês cumpriram com sua parte à perfeição

— E teria tido êxito se você não tivesse estado beijando ao homem equivocado — exclamou Lillian —. O que passou, por todos os Santos? Por que não está no horta das pereiras com lorde Kendall?

Certamente, esse não era o tipo de discussão que a um gostaria de manter frente a toda uma multidão. Annabelle vacilou um instante antes de levantar a vista para o Hunt, que a olhava com uma, sorriso malicioso e que parecia fascinado ante a idéia de escutar qualquer explicação que conseguisse articular.

Durante o prolongado silêncio, lorde Westcliff conseguiu unir todas as peças do quebra-cabeças, depois do qual olhou alternativamente a Annabelle e ao Lillian com evidente desaprovação.

— De modo que essa foi a razão de que insistisse em dar um passeio. Vocês dois o arrumaram tudo para apanhar ao Kendall!

— Eu também formava parte do plano — confessou Daisy, decidida a compartilhar a culpa.

Westcliff fez ouvidos surdos ao comentário e permaneceu com a vista cravada no rosto do Lillian, que não mostrava sinal alguma de arrependimento.

— Santo Deus, é que não respeita absolutamente nada?

— Se houver algo que mereça meu respeito — replicou Lillian com elegância —, ainda não o tenho descoberto.

De haver-se encontrado em circunstâncias menos mortificantes, Annabelle se teria desfeito em gargalhadas ante a expressão do conde.

Depois de franzir a sobrancelha, Lillian devolveu sua atenção aa Annabelle.

— Pode que não seja muito tarde para salvar a situação — disse —. Faremos que todos se comprometam a não dizer uma palavra sobre esta tua

cena com o senhor Hunt. E sem testemunhas, nada disto terá acontecido.

Lorde Westcliff respondeu, carrancudo, ao comentário.

— Por mais que deteste estar de acordo com a senhorita Bowman disse, com aspecto ameaçador —, devo me somar a sua proposta. O melhor para todos os implicados é esquecer este incidente. Ninguém viu à senhorita Peyton e ao senhor Hunt, e, portanto, ninguém se viu comprometido, o que significa que esta desafortunada situação não terá repercussão alguma.

— A verdade é que sim se viu comprometida — disse Hunt repentina e inexoravelmente decidido —. Por minha pessoa. E não quero evitar essa repercussão, Westcliff. Eu

— Sim, claro que quer — lhe assegurou o conde de modo autoritário —. Que me crucifiquem se sotaque que arruíne sua vida por esta criatura, Hunt.

— Como que arruinar sua vida?! — exclamou Lillian com indignação —, O senhor Hunt não poderia escolher melhor esposa que Annabelle! Como se atreve a insinuar que ela não é o bastante boa para ele, quando é óbvio que é ele quem..,

— Não — a interrompeu Annabelle com ansiedade —, por favor, Lillian ...

— Rogo-lhes que nos desculpem — murmurou o, senhor Shaw com uns maneiras impecáveis, embora não conseguiu reprimir um sorriso. Enlaçou o braço de lady Olivia com o seu e realizou uma graciosa reverência sem dirigir-se a ninguém em particular —. Acredito que tanto minha prometida como eu mesmo nos dispensarmos dos procedimentos, já que estamos ... como diria ... de sobra, Acredito que posso falar em nome de ambos quando lhes asseguro que seremos tão surdos, mudos e cegos como os três macacos sábios. — Seus olhos azuis brilharam com bom humor —. Deixaremos que o resto de vocês dita o que foi visto e ouvido esta noite ... ou o que não se viu nem ouvido. Vamos, querida. — afastou-se com lady Olivia do braço e a escoltou de volta à mansão.

O conde se girou para a mãe das Bowman, uma mulher alta e de rosto alargado como o de uma raposa. A mulher tinha obtido que sua expressão refletisse o grau justo de indignação, mas tinha contido sua língua com o desejo de não perder-se detalhe. Tal e como Daisy explicaria mais tarde, a senhora Bowman nunca sofria um telele em metade de uma cena, mas sim preferia reservá-lo para os intermédios.

— Senhora Bowman — começou Westcliff —, posso contar, com que guarde silêncio a respeito deste assunto?

Se o conde, ou qualquer outro homem que possuísse um título, tivesse-lhe pedido por simples diversão à senhora Bowman que se atirasse de cabeça no primeiro canteiro de flores que encontrasse, o teria feito sem sequer sobressaltar-se.

— É obvio, milord; eu nunca, jamais, propagaria um rumor tão desagradável. Minhas filhas são tão inocentes e sempre estiveram tão protegidas ... Me causar pena comprovar o que a amizade com esta ... esta jovencinha sem escrúpulos lhes levou a fazer. Estou segura de que um cavalheiro com sua capacidade de discernimento pode ver que meus dois anjinhos são totalmente inocentes, que se deixaram arrastar por essa jovem maquiavélica a que chamavam amiga.

Depois de lhes dirigir um olhar cético aos dois «anjinhos», Westcliff replicou com frieza.

— É obvio.

Hunt, que tinha rodeado a cintura da Annabelle com um braço possessivo, escrutinou-a ao presente com serenidade.

— Façam o que lhes agrade. A senhorita Peyton vai se ver comprometida esta noite, de uma forma ou outra. — E, tomando-a pela boneca, obrigou-a a segui-lo pelo caminho —. Vamos.

— Aonde vamos? — perguntou Annabelle, que se rebelava contra a mão que a sujeitava.

— À casa. Se eles não estiverem dispostos a atuar como testemunhas, terei que te seduzir diante de outras pessoas.

— Espera! — chiou Annabelle —. Já aceitei me casar contigo! Por que tem que me comprometer de novo?

Hunt fez caso omisso dos protestos de Westcliff e das Bowman quando deixou ouvir sua sucinta réplica.

— Para maior segurança.

Annabelle cravou os talões e se negou a avançar quando Hunt atirou de seu braço.

— Não necessita mais segurança! É que crie que vá romper a promessa que te tenho feito?

— Em uma palavra, sim. — Com calma, Hunt começou a arrastá-la de novo pelo atalho —. Bem, e agora aonde vamos? Acredito que à entrada.

Estará cheia de testemunhas que contemplarão como te devoro. Ou talvez à sala de jogos ...

— Simon — protestou Annabelle enquanto se via arrastada sem muita cerimônia atrás de seus passos —. Simon, por favor ...

Escutar seu nome dos lábios da Annabelle fez que Hunt se detivera imediatamente e que a olhasse com uma meia sorriso duvidoso.

— Sim, bebe?

— Pelo amor de Deus — murmurou Westcliff —, deixemos esta cena para a noite do teatro de aficionados, se não te importar. Maldita seja, Hunt, se estiver tão decidido a consegui-la, sem dúvida pode nos economizar mais exibições. Atuarei encantado como testemunha, daqui até Londres, de que comprometeste o bom nome de sua prometida se com isso consigo um pouco de paz. Mas não me peça que esteja junto a ti no altar, porque não tenho desejo algum de me converter em um hipócrita.

— Não, só em um estúpido — foi o murmúrio do Lillian,

Embora pronunciou as palavras em voz muito baixa, ao parecer Westcliff conseguiu as ouvir, já que sua escura cabeça se girou e respondeu à deliberada expressão inocente do Lillian com uma careta ameaçadora.

— Quanto a você ...

— Por isso vejo, todos estamos de acordo — interrompeu Simon, evitando assim o que, sem dúvida, tivesse derivado em uma discussão interminável. Ato seguido, olhou a Annabelle com uma expressão pura satisfação masculina —. Te viu comprometida. Agora vamos procurar a sua mãe.

O conde sacudiu a cabeça, exibindo uma gélida ofensa que tão somente poderia mostrar um aristocrata cujos desejos acabavam de ser negados.

— Nunca conheci a um homem tão ansioso por confessar-se ante os pais de uma moça a que acaba de arruinar — disse com amargura.

Capítulo 20

A reação da Philippa ante as notícias foi de uma surpreendente calma. Enquanto os três permaneciam sentados no salão privado dos Marsden e Simon lhe contava a notícia de seu compromisso, além da causa que o motivava, o rosto da mulher empalideceu, mas não pronunciou palavra alguma. Durante o breve silêncio que seguiu à concisa explicação do Simon, Philippa lhe cravou a vista sem piscar e disse com cautela:

— Já que Annabelle não tem pai que a defenda, senhor Hunt, recai sobre mim toda a responsabilidade de obter de você certas garantias. É obvio, toda mãe deseja que sua filha seja tratada com respeito e amabilidade ... e coincidirá comigo em que as circunstâncias ...

— Compreendo — disse Simon. Impactada por sua sobriedade, Annabelle o observou sem perder detalhe enquanto ele centrava toda sua atenção na Philippa —. Tem minha palavra de honra de que sua filha não terá jamais motivo de queixa.

No rosto da Philippa apareceu uma breve expressão de receio, ante o qual Annabelle se mordeu o lábio, já que sabia o que vinha a seguir.

— Suspeito que já tem plena consciência, senhor Hunt — murmurou sua mãe —, de que Annabelle, não possui dote.

— Sim — replicou Simon de, modo conciso.

— E esse fato não supõe nenhum problema para você — deixou cair Philippa com um indício de interrogação na voz.

— Absolutamente. Tenho a fortuna de poder me desentender da questão financeira na hora de escolher esposa. Importa-me um nada se Annabelle se casar comigo sem um só xelim no bolso. É mais tenho a intenção de facilitar as coisas para sua família: assumir dívidas, me fazer carregado das faturas e os credores, das matricula da escola e todo esse tipo de coisas; o que seja necessário para que vivam com total comodidade.

Annabelle pôde distinguir a palidez dos dedos de Philippa, que se apertavam sobre seu regaço, e a indecifrável trepidação da voz de sua mãe, que bem podia dever-se ao nervosismo, ao alívio, à vergonha, ou uma combinação das três coisas.

— Muito obrigado, senhor Hunt. Deve compreender que se o senhor Peyton estivesse ainda vivo, as coisas seriam muito diferentes — Sim, é obvio.

Philippa refletiu em silencio antes de murmurar:

— É obvio, sem a dote, Annabelle não disporá de dinheiro para os pequenos gastos ...

— Penso abrir uma conta a seu nome no Barings — disse, Hunt sucintamente —. Estabeleceremos uma cifra inicial de, digamos ... cinco mil libras? E reporei o saldo cada certo tempo quando for necessário. É obvio, eu correrei com os gastos da manutenção de uma carruagem e os cavalos, além da roupa, as jóias ..., e Annabelle disporá de crédito em todas as lojas de Londres.

A reação da Philippa ante suas palavras passou despercebido, para a Annabelle, cuja cabeça começou a dar voltas como, uma peonza. A mera idéia de dispor de cinco mil libras, toda uma fortuna, lhe desejava muito quase irreal. Seu assombro se mesclava com um pingo de antecipação. Depois de anos de penúrias, poderia ir às melhores, comprar um cavalo ao Jeremy e redecorar a casa de seu, família com móveis e o mais delicioso dos menagens. Não obstante, o fato de discutir as questões econômicas de um modo tão franco justo depois de receber uma proposição de matrimônio lhe produzia a inquietante sensação de haver-se vendido em troca de dinheiro. Dirigiu ao Simon um olhar cauteloso e viu que seus olhos tinham adquirido esse brilho zombador tão familiar. Compreendia-a muito bem, pensou ao tempo que um indesejado rubor lhe coloria as bochechas.

Permaneceu em silêncio enquanto a conversação girava em torno dos advogados, contratos e estipulações, o que a levou a descobrir que sua mãe possuía a perseverança de um bullterrier no referente a negociações matrimoniais. Toda essa discussão, que se parecia muito a uma reunião de negócios, não podia qualificar-se de nenhuma das maneiras como romântica. De fato, não tinha passado por cima que sua mãe não lhe tinha perguntado ao Hunt se a amava, e que tampouco ele tinha afirmado fazê-lo.

Uma vez que Simon Hunt se partiu, Annabelle seguiu a sua mãe até a habitação que ocupavam, onde, sem dúvida alguma, esperava-lhe outro bate-papo. Preocupada com a tranqüilidade tão pouco habitual que demonstrava Philippa, Annabelle fechou a porta e tratou de pensar algo que lhe dizer, perguntando-se se sua mãe guardava alguma reserva a respeito da

idéia de ter ao Simon Hunt como genro.

Logo que estiveram a sós, Philippa se aproximou da janela e cravou a vista no céu da tarde, para logo cobri-los olhos com uma mão. Alarmada, Annabelle escutou o som apagado de um soluço.

— Mamãe — sussurrou com vacilação enquanto contemplava as rígidas costas de sua mãe —. sinto muito, eu ...

— Graças a Deus — murmurou Philippa com voz tremente, que ao parecer não tinha escutado a sua filha —. Graças a Deus.

Apesar de ter jurado que não assistiria à bodas do Simon, lorde Westcliff chegou a Londres com uma quinzena de adiantamento para ir à cerimônia. Com semblante sóbrio mas cortês, inclusive se ofereceu a entregar à noiva e assumir assim o papel de seu defunto pai. A tentação de rechaçá-lo foi muito forte, mas sua mãe se mostrou tão contente que Annabelle se viu obrigada a aceitar. Inclusive sentiu um perverso prazer ao obrigar ao conde a tomar um papel destacado em uma cerimônia a que tanto se opunha. Quão único tinha levado ao Westcliff a Londres era a lealdade que sentia para o Hunt, o que revelava que o laço de amizade entre os dois homens era muito mais forte do que Annabelle tivesse esperado.

Lillian, Daisy e sua mãe também assistiram à cerimônia religiosa privada, embora sua presença só se deveu a assiste de lorde Westcliff. A senhora Bowman jamais teria permitido que suas filhas fossem à bodas de uma jovem que não se casava com um aristocrata e que, além disso, era uma influência tão perniciososa. Entretanto, terei que aproveitar qualquer oportunidade de estar perto do solteiro mais cobiçado de toda a Inglaterra. O fato de que Westcliff reagisse com absoluta indiferença fazia sua filha menor e que desdenhasse abertamente a maior era um inconveniente sem importância que a senhora Bowman estava segura de poder sortear.

Por desgraça, a tia Florence e o resto de sua família materna lhe tinham proibido ao Evie que assistisse. Em seu lugar, esta enviou a Annabelle uma larga e afetuosa carta, assim como um jogo de chá de porcelana do Sevres pintado com flores rosas e douradas como presente de bodas. O resto da pequena congregação estava composta pelos pais e irmãos do Hunt, que eram mais ou menos como Annabelle tinha esperado. Sua mãe possuía um rosto de facções toscas e uma constituição robusta, mas era uma mulher amável que parecia inclinada a pensar o melhor da Annabelle a menos que

houvesse algo que a fizesse mudar de opinião. Seu pai era um homem de grande tamanho e ossos proeminentes que não sorriu nenhuma só vez durante a cerimônia, apesar de que as profundas rugas que rodeava seus olhos indicavam sua tendência ao bom humor. Nenhum dos progenitores era particularmente bonito, mas tinham cinco filhos notáveis, todos altos e de cabelo negro.

Quem dera Jeremy tivesse podido assistir ao casamento ..., mas se encontrava no colégio, e tanto ela como Philippa tinham decidido que seria melhor para ele que terminasse o semestre e que acudisse a Londres uma vez que Hunt e ela tivessem retornado de sua lua de mel. Annabelle não estava muito segura de qual seria a reação de seu irmão ante a idéia de ter ao Simon como cunhado. Apesar de que ao Jeremy parecia cair bem, levava muito tempo acostumado a ser o único esteve% parado da família e sempre existia a possibilidade de que se incomodar por qualquer restrição que Hunt queria lhe impor. A esse respeito, a Annabelle tampouco o fazia muita graça a idéia de acatar os desejos de um homem a quem, em realidade, logo que conhecia.

Aquele fato foi à mente da Annabelle em sua noite de bodas, enquanto esperava a seu marido em uma habitação do hotel Rutledge. Posto que tinha assumido que Hunt vivia em uma dessas casas encostadas com terraço, como muitos solteiros, surpreendeu-se bastante ao comprovar que ocupava uma suíte de hotel.

— E por que não? — tinha-lhe perguntado Hunt poucos dias antes, divertido ante seu evidente assombro.

— Bom, porque ... viver em um hotel proporciona tão pouca intimidade

— Sinto não estar de acordo. Aqui posso ir e vir a meu desejo sem uma horda de criados que pulverizem rumores a respeito de meus hábitos e minhas maneiras. Por isso pude comprovar, viver em um hotel bem dirigido é muito mais cômodo que estabelecer-se em uma mansão cheia de correntes de ar.

— Sim, mas um homem de sua posição deve ter a seu serviço o número adequado de criados para demonstrar seu êxito a outros ...

— Desculpa — a interrompeu Hunt —, mas sempre acreditei que se deviam contratar criados quando fosse necessário seu trabalho. O benefício

de mostrar aos empregados como meros adornos me tinha passado por cima até este momento.

— Não lhes pode considerar mão de obra pulseira, Simon!

— Pelo salário que lhe paga à maioria dos criados, essa afirmação é mais que discutível.

— Veremo-nos na necessidade de contratar a um bom número serventes se formos viver na casa adequada — disse Annabelle com descaramento —. A menos que tenha planejado me pôr de joelhos para que esfregue os chãos e limpe as chaminés.

— A sugestão fez que os olhos café escuro do Hunt se iluminassem com um brilho perverso que ela não entendeu.

— Tenho intenção de te pôr de joelhos, querida, mas te garanto que não será para esfregar. — riu quedamente ao advertir a confusão dela. Aproximou-a de él e lhe deu um beijo breve mas intenso.

Ela tentou escapar de seu abraço.

— Simon ... me solte, minha mãe não aprovaria nos ver nesta situação

— Seriamente? Agora poderia fazer o que quisesse contigo e ela não poria objeção alguma.

Carrancuda, Annabelle conseguiu interpor os braços entre ambos — É um arrogante ... Não, digo-o a sério, Simon! Quero que resolvamos este assunto. Vamos viver em um hotel para sempre ou comprará uma casa?

Roubou-lhe outro beijou e, ato seguido, pôs-se a rir ao ver a expressão dela.

— Comprarei-te a casa que queira, bebe. Melhor ainda, construirei-te uma nova, já que acostumei às comodidades da boa iluminação e aos encanamentos modernos.

Annabelle deixou de lutar.

— De verdade? Onde?

— Acredito que poderia adquirir uma boa extensão de terreno perto do Bloomsbury ou do Knightsbridge ...

— O que parece Mayfair?

Simon sorriu como se tivesse estado esperando essa sugestão — Não me diga que quer viver em uma praça como Grosvenor ou St. James, lotada de edifícios, para contemplar da janela aos pomposos aristocratas enquanto se passeiam depois das grades de seus pequenos pátios ...

— Sim, sim! Isso seria absolutamente perfeito — disse com entusiasmo, o que arrancou uma gargalhada ao Simon.

— Muito bem, conseguiremos algo no Mayfair e que Deus me ajude. Também pode contratar a quantos criados queiram. E que conste que não hei dito «**necessite**», já que isso parece totalmente irrelevante. Enquanto isso crie que poderá tolerar uns quantos meses no Rutledge?

Enquanto recordava a conversação, Annabelle investigava as imensas habitações da suíte, decoradas luxuosamente com veludos, couro e brilhante madeira de mogno. Tinha que admiti-lo, o Rutledge conseguia que uma pessoa trocasse as idéias preconcebidas que pudesse ter a respeito de um hotel. Se rumoreava-se que o misterioso proprietário, o senhor Harry Rutledge, aspirava criar o hotel mais elegante e moderno de toda a Europa através da combinação do estilo continental com as inovações como as da America. Localizan do-se no distrito teatral, o Rutledge era um enorme edifício que ocupava as cinco maçãs que havia entre o Teatro Capitol e o Embankment. Peculiaridades tais como sua construção a prova de incêndios, o serviço de habitações e os banhos privados em cada suíte, por não mencionar seu famoso restaurante, tinham contribuído a que o Rutledge se convertesse em um lugar de moda entre os americanos e os europeus mais ricos. Para deleite da Annabelle, as Bowman ocupavam cinco das cem suítes de luxo que possuía o hotel, o que significava que teriam muitas oportunidades para ver-se quando retornasse de sua lua de mel.

Dado que nunca tinha saído da Inglaterra, Annabelle se tinha entusiasmado ao descobrir que Simon tinha a intenção de levá-la a Paris e passar ali duas semanas. Provida com uma lista de costureiras, chapelarias e perfumarias confeccionada pelas Bowman, que tinham visitado Paris anteriormente em companhia de sua mãe, Annabelle já antecipava com ansiedade o que seria sua primeira olhada à Cidade da Luz. Não obstante, antes de partir pela manhã, teria que passar de noite de bodas.

Embelezada com uma camisola adornada com abundantes metros de encaixe branco que penduravam do sutiã e as mangas, Annabelle caminhava nervosa pela habitação. Sentou-se junto à cama e agarrou uma escova do penteadeira. Com passadas metódicas, começou a escovar o cabelo enquanto se perguntava se todas as noivas passavam por aquele momento de apreensão, perguntando-se com inquietação se as seguintes horas lhes proporcionariam medo ou alegria. Nesse instante, a chave girou na

fechadura e a escura e esbelta figura do Simon entrou na suíte.

Um calafrio percorreu a coluna da Annabelle, mas se obrigou a continuar escovando o cabelo com movimentos tranqüilos, apesar de que apertava a manga com muita força e de que lhe tremiam os dedos. O olhar do Simon vagou pelas capas de encaixe e musselina que cobriam seu corpo. Ainda vestido com o traje negro de etiqueta que tinha levado nas bodas, aproximou-se devagar e se colocou frente a ela enquanto Annabelle permanecia sentada. Para sua surpresa, ajoelhou-se até que suas caras ficassem ao mesmo nível e suas coxas lhe rodearam as esbeltas pantorrilhas. Ato seguido, elevou uma dessas grandes mãos para seu cabelo, que estava solto e brilhava a seu redor, e penteou os fios com os dedos, observando com fascinação como as mechas cor mel se deslizavam entre seus nódulos.

Apesar de estar impecavelmente vestido, evidenciavam-se sinais de desarrumação que chamaram a atenção da Annabelle: as curtas mechas de cabelo que caíam sobre sua frente, o nó frouxo da gravata de seda cinza ... Deixou cair a escova ao chão e utilizou os dedos para lhe pentear o cabelo com passadas indecisas. Os escuros fios eram grosas e brilhantes, e se frisavam por própria vontade entre seus dedos. Simon permaneceu imóvel enquanto lhe desatava a gravata, cuja seda ainda guardava a calidez de sua pele. Nos olhos do homem se lia uma expressão que lhe provocou um comichão no estômago.

— Cada vez que te olho — murmurou —, acredito que é impossível que possa estar mais formosa ..., mas sempre consegue demonstrar quão equivocado estou.

Annabelle deixou que a gravata pendurasse a ambos os lados de seu pescoço e sorriu ante o completo. Quando sentiu que as mãos dele se fechavam sobre as suas, deu um pequeno pulo na cadeira. A boca do Simon se curvou ligeiramente enquanto a estudava com um olhar curioso.

— Está nervosa?

Annabelle assentiu enquanto lhe sustentava as mãos e lhe acariciava os dedos. Simon lhe falou muito devagar, como se estivesse, escolhendo as palavras com mais tato do habitual.

— Bebe, suponho que suas experiências com lorde Hodgeham não resultaram prazenteiras, mas espero que confie em mim quando te digo que não tem por que ser assim. Sejam quais sejam seus medos.

— Simon — o interrompeu com voz rouca e temerosa, antes de

esclarecê-la Isso garganta é muito amável de sua parte. Y ... e o fato de que esteja disposto a ser tão pormenorizado a respeito de ... Boa ... avaliação seu gesto. Entretanto ..., temo-me que não fui de todo sincera contigo a respeito de minha relação com o Hodgelham. — Ao precaver-se da súbita e estranha imobilidade de seu marido e da forma em que sua expressão se esvaziou de emoções, Annabelle inspirou com força —. A verdade é que sim, Hodgeham freqüentava nossa casa algumas noites, e sim, pagou nossas faturas em troca de ... — Se deteve o descobrir que lhe tinha formado um nó na garganta que fazia difícil pronunciar as palavras —. Mas ... não era para mim a quem ia visitar.

As pupilas do Simon se dilataram de forma apenas perceptível.

— Como diz?

— Nunca me deitei com ele — admitiu —. Mantinha relações com minha mãe.

Simon a olhou de marco em marco.

— Por todos os Santos — resmungou entre dentes.

— Começou faz coisa de um ano — — explicou, um pouco à defensiva. Encontrávamo-nos em uma situação se desesperada. Tínhamos uma lista interminável de faturas pendentes e nenhuma maneira das pagar. Os ganhos provenientes da herança de minha mãe tinham diminuído por causa de um mau investimento. Lorde Hodgeham levava perseguindo a minha mãe certo tempo. Não sei com segurança quando se iniciaram suas visitas noturnas, mas comecei a ver seu chapéu e sua fortificação na entrada a horas desacostumadas justo quando as dívidas começaram a diminuir um pouco. Dava-me conta do que acontecia, mas nunca disse nada. E deveria havê-lo feito. — Suspirou e se esfregou as têmporas —. Na festa, Hodgeham deixou muito claro que se cansou de minha mãe e que queria que eu ocupasse seu lugar. Ameaçou revelando o segredo ... «com os adornos suficientes», disse, o que causaria nossa ruína. Rechace-o e, de algum jeito, minha mãe conseguiu que mantivera a boca fechada.

— por que me permitiu acreditar que foi você quem se deitava com ele?

Annabelle se encolheu de ombros com certo desconforto.

— Tinha-o dado por sentado ... e não parecia haver razão alguma para te corrigir, já que jamais me passou pela cabeça que pudéssemos acabar assim. Depois, propô-me matrimônio de todas maneiras, o que me fez

chegar à conclusão de que não te importava muito se era virgem ou não.

— E não me importava — murmurou Simon, cuja voz soava estranha —. Te desejava apesar de tudo. Mas agora que sei ... — deteve-se e sacudiu a cabeça com incredulidade —. Annabelle para que não haja mal-entendidos, está-me dizendo que alguma vez te deitaste com um homem?

Tentou retirar as mãos, já que o apertão do Simon resultava quase doloroso nesses momentos.

— Bom, sim.

— Sim, sim te deitaste com alguém ou não, não o tem feito?

— Nunca me deitei com ninguém — disse Annabelle com firmeza ao tempo que lhe dirigia um olhar estas interrogante zangado porque não lhe disse isso antes? Sinto muito. Mas não é algo que se possa comentar enquanto se toma o chá ou no vestíbulo de entrada: **«Aqui tem seu chapéu e, de passagem, que saiba que sou virgem»** ...

— Não estou zangado. — O olhar do Simon a percorreu com ar pensativo —. Só me pergunto que demônios vou fazer contigo.

— O mesmo foste fazer antes de que lhe contasse isso? — perguntou-lhe esperançada.

Simon ficou em pé e a obrigou a fazer o mesmo antes de abraçá-la com suavidade, como se temesse que pudesse romper-se se a apertava com muita força. Pressionou a cara contra sua juba e inalou com força.

— me acredite, tudo chegará ao seu devido tempo — disse com voz risonha —. Mas parece que antes devo te perguntar algumas coisas.

Annabelle introduziu os braços sob a parte dianteira de sua jaqueta e os deslizou sobre seu peito para rodear seu duro e suave torso. O calor de seu corpo se filtrava pela fina malha da camisa e Annabelle tremeu de agradar ao inundar-se na calidez masculina de seu abraço.

— Que coisas? — inquiriu.

Até esse momento, sempre tinha visto o Simon dirigir-se com fluidez durante qualquer conversação ..., mas quando falou, sua voz resultou estar afetada por uma inesperada indecisão, como se tratasse de uma classe de discussão que não se viu obrigado a manter com antecedência.

— Tem alguma idéia do que vai passar? Tem toda a ... isto ... a informação necessária?

— Isso acredito — replicou Annabelle, que sorriu ao descobrir, não sem certa surpresa, a rapidez com a que pulsava o coração do Simon contra

sua bochecha —. Minha mãe e eu mantivemos um bate-papo muito recentemente ..., depois da qual me senti muito tentada de pedir uma anulação.

De repente, ele deixou escapar uma risada afogada.

— Nesse caso, será melhor que exija meus direitos maritais sem demora. — Tomou os dedos em um suave e quente apertão e os levou aos lábios. Seu fôlego parecia vapor —. O que te contou? — murmurou contra as pontas de seus dedos.

— depois de me informar dos detalhes básicos, assinalou-me que devia te permitir fazer quanto quisesse e que não devia me queixar se algo eu não gostava. Também sugeriu que se se voltava muito desagradável, podia pensar na incrível conta bancária que abriu a meu nome.

Annabelle se arrependeu dessas palavras logo que saíram de seus lábios, temendo que Simon pudesse sentir-se ofendido por semelhante desdobraimento de franqueza. Entretanto, ele começou a rir com voz rouca.

— É uma mudança refrescante se o compara com o de pensar na pátria. — Jogou a cabeça para trás para olhá-la —. Significa isso que devo te conquistar com sussurros a respeito de transferências bancária e taxas de juros?

Annabelle girou a mão dentro da dele e riscou com os dedos a superfície de seus lábios, acariciando seus bordos aveludados antes de descender para o queixo, que começava a mostrar sinais de barba.

— Não será necessário. Basta com que me diga as palavras habituais.

— Não ..., as palavras habituais não servem em seu caso.

Simon lhe colocou uma mecha de cabelo depois da orelha e embalou sua bochecha na palma da mão ao tempo que se inclinava para ela. Convenceu-a com sua boca para que separasse os lábios, enquanto suas mãos encontravam os contornos de seu corpo ocultos depois das amplas capas do encaixe. Sem espartilho que lhe oprimisse as costelas, podia sentir suas mãos através do fino véu que supunha a camisola. As carícias do Simon em suas costas lhe provocaram tremores e as pontas de seus peitos se tornaram deliciosamente sensíveis. A palma de uma mão percorreu devagar seu corpo até alcançar a redondez de um de seus seios e o embalou com gentileza entre os dedos antes de elevar a delicada carne. Annabelle deixou de respirar um instante quando o mamilo se endureceu pelas delicadas carícias de seu polegar.

— A primeira vez está acostumada ser dolorosa para uma mulher — murmurou.

— Sim, sei.

— Não quero te causar dor.

Semelhante admissão a comoveu e surpreendeu de uma vez.

— Minha mãe diz que não dura muito — lhe disse

— A dor?

— Não, o que segue — disse e, por alguma razão, sua resposta voltou a lhe arrancar outra gargalhada.

— Annabelle ... — Deslizou os lábios por sua garganta —. Te desejei do primeiro momento em que te vi, ali, no exterior do auditório, enquanto procurava umas moedas em sua bolsa. Não apartar a vista de ti. Logo que podia acreditar que fosse real.

— Não me tirou a vista de cima durante todo, o espetáculo — lhe disse e emitiu um ofego quando ele apanhou o sedoso lóbulo de sua orelha —. Duvido que tivesse aprendido nada sobre a queda do Império romano.

— Aprendi que tem os lábios mais doces que jamais beijei

— Tem uma maneira muito original de te apresentar.

— Não pude evitá-lo. — Sua mão se movia acima e abaixo pelas costas de Annabelle em uma suave carícia —. Estar junto a ti na escuridão foi a tentação mais insuportável que experimentei jamais. Não podia pensar mais que em quão adorável foi e assim que te desejava. Quando as luzes se apagaram por completo não pude me reprimir mais. — Um sotaque de satisfação masculina se filtrou em sua voz quando acrescentou —: E seu não me apartou.

— Estava muito surpreendida!

— Essa foi a única razão pela que não pôs objeções?

— Não — admitiu Annabelle, que inclinou a cabeça para que sua bochecha se esfregasse contra a dele —. Eu gostei de seu beijo. E sabe.

Ele sorriu ante esse comentário.

— Albergava a esperança de que não me tivesse acontecido sozinho. — Olhou-a aos olhos; estava tão perto dela que seus narizes quase se tocavam —. Vêm a cama comigo — sussurrou com um imperceptível matiz interrogante na voz.

Anriabelle assentiu com um tremente suspiro e permitiu que, guiasse-a até a enorme cama de quatro postes, coberta com uma colcha de grossa seda

da Borgonha. Depois de apartar o cobertor, Simon depositou a Annabelle entre os imaculados lençóis, e ela se apartou a um lado para lhe deixar espaço. Ele permaneceu junto à cama enquanto se tirava o que subtraía de seu traje de etiqueta. O contraste entre o corte elegante da roupa e o primitivo poder masculino que emanava do corpo que esta cobria resultava desconcertante. Tal e como a Annabelle tinha antecipado, seu marido possuía um torso inusualmente atlético: os músculos das costas e os ombros estavam bastante desenvolvidos, ao igual aos do estômago, que formavam uma série de sulcos muito marcados. À luz do abajur, sua bronzeada pele ficava banhada por um tinteiro dourado, e a superfície de seus ombros brilhava com o tom rico e firme de um busto de bronzeado. Nem sequer o pêlo escuro que lhe cobria o peito suavizava a poderosa estrutura conformada por músculos e ossos. Annabelle duvidava de que existisse um homem de aspecto mais sã e mais vigoroso. Talvez, Simon não encaixasse ideal que marcava a moda: um aristocrata de pele pálida e estrutura magra ..., mas lhe parecia esplêndido em toda sua magnitude.

Sentiu umas espetadas de ansiedade e nervosismo no estômago quando se reuniu com ela na cama.

— Simon — disse com a respiração agitada enquanto ele a abraçava —, minha mãe não me disse se ... se esta noite eu teria que te fazer algo ...

A mão dele começou a jogar com seus cabelos já lhe massagear a cabeça de tal modo que as costas da Annabelle se estremeceu com um ardente comichão.

— Não tem que fazer nada esta noite. Só deixa que te abrace..., que te toque ..., que descubra o que te dá prazer ...

A mão do Simon encontrou os botões de madrepérola que fechavam a camisola nas costas. Annabelle fechou os olhos ao sentir que a liviana capa de encaixe franzido se desprendia de seus ombros.

— Lembra-te daquela noite na sala de música? — sussurrou entre ofegos quando, sentiu que Simon lhe baixava a camisola pelos peitos —. Quando me beijou na curva da sala de música?

— Lembrança cada abrasador segundo — respondeu também em um sussurro, ao tempo que a ajudava a tirados braços das amplas mangas —. Por que, pergunta-o?

— Não pude deixar de pensar nesse momento — confessou. Retorceu-

se para lhe facilitar a tarefa de lhe tirar a camisola, apesar de que o rubor tingia cada parte de pele exposta.

— Eu tampouco — admitiu ele. Sua mão se deslizou por um peito e cobriu a tersa redondez até que o mamilo adquiriu uma cor rosada e se ergueu contra sua palma —. Parece que a nossa, é uma mescla inflamável ... Mais inclusive do que tinha antecipado.

— Então não é sempre assim? — perguntou Annabelle, que tinha deixado que seus dedos explorassem o profundo sulco da coluna de seu marido e os duros músculos que a flanqueavam.

Aquela carícia, tão inocente como era, alterou o ritmo da respiração do Simon quando se inclinou sobre ela. I

— Não — murmurou ele, colocando uma perna sobre as coxas que Annabelle mantinha unidos com força —. Quase nunca.

— por que ...? — Annabelle começou a pergunta, mas se deteve com um fraco gemido quando Simon riscou a curva de um peito com o polegar.

Imediatamente, capturou sua estreita cintura entre as mãos e se inclinou para ela. Seus lábios tinham um tato ardente e suave quando se abriram com delicadeza sobre o duro mamilo. Annabelle deixou escapar um ofego ao sentir a suave sucção que a boca do Simon exercia sobre a sensível zona enquanto sua língua continuava acariciando-a, até que chegou um momento em que não pôde permanecer, móvel baixo ele. Abriu as pernas de forma inconsciente e Simon não perdeu a oportunidade de introduzir uma coxa, de tato mas áspero pelo pêlo que o cobria, no oco que ela tinha deixado. Enquanto suas mãos e sua boca se passeavam pelo corpo da Annabelle, ela elevou os braços, agarrou-lhe a cabeça com as mãos e deixou que as abundantes mechas se deslizassem entre seus dedos como sempre tinha desejado. Simon beijou a delicada pele de seus pulsos, a cara interna dos cotovelos e as depressões que se formavam entre as costelas até que não ficou um centímetro da pele da Annabelle sem explorar. Ela o permitiu tudo, estremeando-se cada vez que sentia o comichão de sua incipiente barba em contraste com a suave e abrasadora umidade de sua boca. Entretanto, quando alcançou seu umbigo e sentiu que a ponta de sua língua se afundava no pequeno oco, separou-se dele com um ofego escandalizado.

— Não ... Simon, eu ... Por favor ...

Imediatamente, ele se incorporou para estreitada entre seus braços e observou com um sorriso o ruborizado rosto de sua esposa.

— É muito? — perguntou com voz rouca —. O sinto ... Por um momento esqueci que tudo isto é novo para ti. Deixa que te abrace. Não tem medo, verdade?

Antes de que pudesse responder, a boca do Simon já capturava a sua e se movia com destreza. O pêlo que lhe cobria o peito roçava seus seios como se de um tosco veludo se tratasse e seus mamilos se esfregavam contra ele com cada respiração. A garganta da Annabelle vibrava ao compasso de seus graves gemidos, que expressavam o prazer que começava a rachar seu recato. Ao sentir que Simon deslizava os dedos por seu ventre e, fazia pressão com o joelho que tinha introduzido entre suas coxas, Annabelle ofegou com força. Assim que conseguiu que ela separasse as pernas um pouco mas, deslizou os dedos pelos suaves e femininos cachos, explorando os inchadas dobras. Depois de separá-los, descobriu o sedoso botão que começou a palpitar sob seu contato e começou a acariciar a parte superior com um ritmo suave e ligeiro.

Annabelle voltou a ofegar contra sua boca ao sentir que seu corpo se derretia. A paixão fez que o rubor tingira sua pele e salpicasse sua palidez com um profundo tom rosado. Simon procurou a entrada de seu corpo e introduziu apenas um dedo na úmida e ajustável abertura. Annabelle sentia o coração desbocado e o corpo tenso a causa do crescente prazer. Separou-se do Simon com uma exclamação afogada e o olhou com os olhos totalmente abertos.

Ele jazia de costas, apoiado sobre um dos cotovelos; tinha o escuro cabelo alvoroçado e o olhar brilhante pela paixão, embora também se percebia um brilho de diversão. Parecia compreender o que ela tinha começado a sentir e seu inocente desconcerto o tinha fascinado.

— Não vá — murmurou com um sorriso —. Não quererá te perder o melhor. — Muito devagar, voltou a colocá-la sob seu corpo, ajustando sua postura com as carícias de suas mãos —. Bebe, não vou fazer te machucar — sussurrou contra sua bochecha —. Deixa que te dê prazer ... Deixa que entre em ti ...

Seguiu lhe murmurando palavras ternas enquanto seus lábios deixavam um rastro de beijos e carícias que o conduzia, sem que ela apenas se desse conta, de volta para a parte baixa de seu corpo. Quando sua cabeça chegou ao vale em sombras que havia entre as coxas da Annabelle, ela já gemia sem cessar. Explorou-a com a boca, além dos delicados cachos e das

sedosas dobras de pele rosada, e começou a deslizar sua língua em movimentos circulares. Movida pelo acanhamento, Annabelle tratou de apartar-se, mas ele a aferrou dos quadris e prosseguiu com sua implacável exploração, passando a língua por cada dobra e por cada curva. Ti

A imagem daquela cabeça moréia entre suas coxas foi tudo um assalto a seus sentidos. A habitação se converteu em algo impreciso e Annabelle teve a sensação de que flutuava entre a luz e a sombra das velas, alheia a tudo salvo a aquele delicioso prazer. Não podia lhe esconder nada, não ficava mais remedeio que render-se a essa boca ansiosa que oferecia a seu excitado corpo um prazer indescritível. Simon concentrou suas carícias no botão que coroava seu sexo e o lambeu com suavidade e sem reservas até que ela não foi paz de suportá-lo mais e seus quadris se elevaram por vontade própria, tremendo contra sua boca enquanto a paixão abrasava seus membros torturados pelo êxtase.

Depois de dar um último e prazenteiro lamento a sua já saciada carne, Simon subiu pelo corpo da Annabelle. As coxas de sua esposa não ofereceram resistência alguma quando ele os separou e a cabeça de seu membro se introduziu ligeiramente nela. Baixou o olhar para o aturdido rosto da Annabelle e, apartou-lhe as mechas de cabelo que lhe tinham cansado sobre a frente.

Ao olhá-lo, os lábios da Annabelle se curvaram com um sorriso trêmulo.

— Temo-me que me esqueci por completo da conta bancária — disse, ante o que ele deixou escapar uma suave gargalhada.

Simon lhe acariciou a frente com o polegar, justo onde a pele dava lugar ao nascimento do cabelo.

— Pobre Annabelle ... — A pressão entre suas pernas aumentou, causando a primeira pontada de dor —. Me temo que esta parte não será tão prazenteira. Ao menos, para ti.

— Não me importa ... Me.. . me alegro muito de que seja você.

Não havia dúvida de que aquele era um comentário estranho para uma noiva em sua noite de bodas, mas o fez sorrir. Simon inclinou a cabeça e começou a lhe sussurrar palavras ao ouvido, e não deixou de fazê-la enquanto esticava os quadris para penetrar em sua carne inocente. Annabelle se obrigou a permanecer quieta, apesar de que o instinto lhe ditava que se afastasse da intrusão.

— Bebe ... — Simon começou a ofegar e, quando já esteve dentro dela, deteve-se no que pareceu ser um intento por recuperar o controle —. Sim, isso ... um pouco mais ... — Penetrou-a um pouco mais, com muito cuidado, antes de voltar a deter-se —. E um pouquinho mas ... — Aprofundou seus movimentos pouco a pouco, persuadindo com delicadeza ao corpo da Annabelle para que o aceitasse —. Mais ...

— Quanto mais? — ofegou ela.

O corpo de Simon estava muito duro e a pressão que exercia sobre ela resultava muito intensa; além disso, Annabelle não podia deixar de perguntar-se com certa inquietação se era possível que aquilo resultasse agradável alguma vez.

O tremendo esforço de manter-se imóvel provocou que as mandíbulas do Simon se esticassem.

— Estou na metade — conseguiu dizer com um certo tom de desculpa na voz.

— A metade ... — Annabelle começou a protestar com uma risada tremente e se esticou pela dor quando Simon voltou a mover-se —. É impossível, não posso, não posso ...

Entretanto, Simon continuou com seu avanço ao tempo que tentava mitigar sua dor com a boca e as mãos. Pouco a pouco, a sensação foi melhorando e a dor se transformou em uma vaga e contínua moléstia. Annabelle deixou escapar um comprido suspiro quando sentiu que seu corpo se amoldava a ele e que sua carne virginal se abria ante a realidade inevitável da posse de seu marido. As costas do Simon era uma massa de músculos contraídos e seu estômago resultava tão duro como o palisandro esculpido. Uma vez que esteve fundo profundamente nela, deteve-se durante um instante e emitiu um gemido ao tempo que um estremecimento percorria seus ombros.

— É tão estreita — disse com voz rouca.

— Desculpa ...

— Não, não — conseguiu dizer —. Não se desculpe Meu deus Arrastava as palavras, como se estivesse embriagado de prazer.

Ambos se estudaram como em silêncio; um olhar saciado e outra carregada de desejo. O assombro embargou a Annabelle ao dar-se conta do modo em que Simon tinha conseguido dar a volta a todas suas expectativas. Tinha estado segura de que ele aproveitaria aquela oportunidade para lhe

demonstrar quem era o amo ... Entretanto, aproximou-se dela com infinita paciência. Movida pela gratidão lhe rodeou o pescoço com os braços e o beijou, deixando que sua língua se introduzira em sua boca ao tempo que lhe deslizava as mãos detrás as costas até encontrar o contorno de suas nádegas. Deu-lhe um tímido apertão para animá-lo a mover-se, a entrar mais profundamente nela. A carícia pareceu acabar com a última fresta de seu controle. Com um gemido faminto, Simon começou a mover-se ritmicamente dentro dela, tremendo pelo esforço que lhe supunha mostrar-se considerado. A força de sua liberação o fez estremecer-se da cabeça aos pés e apertar os dentes quando o prazer se converteu em um êxtase cegador. Enterrou o rosto no pescoço da Annabelle e se deixou empapar pela úmida e escorregadia calidez de seu corpo. Passou bastante tempo antes de que a tensão abandonasse seus músculos e deixasse escapar um comprido suspiro. Quando se atirou com cuidado do corpo de sua esposa, esta compôs uma careta de dor. Ao dar-se conta de seu desconforto, Simon lhe acariciou o quadril para reconfortá-la.

— Acredito que não vou deixar nunca esta cama — murmurou ao tempo que a acomodava no oco de seu braço.

— Nossa, asseguro que o fará — lhe respondeu ela dormitada —. Vais levar me a Paris amanhã. Não me vais negar a lua de mel que me prometeu.

Simon esfregou o nariz contra esse arbusto de cachos alvoroçados e replicou com um indício de diversão na voz:

— Não, minha doce esposa ..., ninguém vai negar te nada.

Capítulo 21

Durante as duas semanas que durou sua lua de mel, Annabelle descobriu que não era nem de longe tão mundana como ela mesma se considerava. Com uma mescla de ingenuidade e arrogância britânica, sempre tinha pensado que Londres era o centro da cultura e o conhecimento, de modo que Paris foi toda uma revelação. A cidade era assombrosamente moderna e, em comparação, Londres parecia uma prima desalinhada recém chegada do campo. Mesmo assim, apesar de todos seus avanços intelectuais e sociais, as ruas de Paris tinham um aspecto quase medieval: escuras, estreitas e sinuosas em seu percurso pelos diferentes distritos da cidade, infestados de edifícios habilmente construídos. Essa mescla de estilos arquitetônicos, que variava das agulhas góticas das antigas Igrejas à sólida majestuosidade do Arco do Triunfo, era um assalto delicioso e caótico para os sentidos.

Seu hotel, o Coeurde Paris, estava situado na margem esquerda do Sena, entre a deslumbrante variedade de lojas da rua do Montparnasse e os postos talheres do Saint — Germain — dê — Pres, onde se podia encontrar um te esmaguem sortido de tecidos, encaixe, perfume e quadros. O Coeur de Paris era um palácio no que as suítes tinham sido desenhadas para o desfrute dos prazeres sensuais. O banho, por exemplo — ou a salte de bain, como o chamavam os franceses —, estava decorado com chãos de mármore rosado, suas paredes se adornavam com um azulejado italiano e dispunha de um canapé dourado de uso rococó onde o cliente podia descansar depois do enorme esforço que supunha banhar-se. Não havia uma, a não ser duas banheiras de porcelana, cada uma delas com seu próprio aquecedor e seu tanque de água fria. Justo em cima das banheiras, o teto estava decorado com uma paisagem ao afresco de forma oval, desenhado para entreter ao banhista enquanto este, ou esta, relaxava-se. A Annabelle, educada sob a noção britânica de que o banho era uma questão de higiene que devia levar-se a cabo com rapidez e eficácia, gostou de idéia de que o ato de tomar um banho fosse interpretado como um entretenimento decadente.

Para seu deleite, também descobriu que um homem e uma mulher podiam compartilhar a mesa em um restaurante público sem necessidade de ter que solicitar um salão privado. Jamais tinha provado uns manjares tão deliciosos: frango cozido a fogo lento com cebolinhas em molho de vinho tinto; pato confeitado e assado com tal mestria que, sob a rangente e oleosa pele, a carne estava terna como a manteiga; cabracho banhado com um espesso molho de trufa ... E, é obvio, as sobremesas: grosas porções de bolacha banhada em licor e talher de merengue; pudins com capas de nozes e frutas lustradas ... À medida que Simon observava as dificuldades que Annabelle tinha cada noite para escolher a sobremesa, teve que lhe assegurar com toda seriedade que os generais com experiência no campo de batalha resolviam suas estratégias sem necessidade de refletir tão como o fazia ela na hora de decidir-se entre o bolo de pêra ou o suflê de baunilha.

Uma noite, Simon a levou a um balé no que as bailarinas foram indecorosamente escassas de roupa e, a seguinte, a uma representação teatral: uma comédia infestada de brincadeiras obscenas que não precisavam tradução alguma. Também assistiram aos bailes e festas organizados pelos amigos do Simon, Alguns deles eram cidadãos franceses, mas outros eram turistas e emigrantes procedentes de Grã-Bretanha, Estados Unidos e Itália. Uns quantos eram acionistas ou membros do conselho de direção, de certas empresas das que Simon formava parte, e outros tinham participado dos negócios navais e ferroviários de seu marido.

— Como é que conhece tanta gente? — tinha-lhe perguntada Annabelle, desconcertada ao observar que o saudavam vários desconhecidos na primeira das festas às que assistiram.

Simon riu em resposta e se burlou com sutileza ao lhe dizer que qualquer acreditaria que não sabia que havia tudo um mundo além da aristocracia inglesa. E, para falar a verdade, Annabelle não sabia. Até esses momentos, jamais lhe tinha ocorrido olhar além dos estreitos limites dessa rançosa sociedade. Esses homens, ao igual a acontecia com o Simon, eram a elite em términos econômicos: participavam ativamente na acumulação de enormes fortunas e muitos deles eram donos de cidades inteiras, construídas ao redor das fábricas em constante estado de expansão. Possuíam minas, plantações, moinhos, armazéns, lojas e fábricas; e, conforme parecia, seus interesses não se centravam em um só país. Enquanto suas esposas se dedicavam a comprar e a luzir vestidos desenhados pelas costureiras

parisianas, os homens se sentavam nas cafeterias ou nos salões privados e se encetavam em intermináveis discussões políticas ou de negócios. Muitos deles fumavam tabaco enrolado em uns pequenos cilindros de papel chamados «cigarros», uma moda que tinha começado entre os soldados egípcios e que não tinha demorado muito em estender-se por tudo o continente. Durante o jantar, falavam de coisas que Annabelle jamais tinha escutado antes, acontecimentos dos que nunca tinha ouvido falar e que, com toda segurança, não tinham sido recolhidos nos periódicos.

Annabelle pôde comprovar que quando seu marido falava, o resto dos assistentes o escutava com muita atenção e procurava o conselho em uma grande variedade de assuntos. Talvez Simon tivesse pouca importância aos olhos da aristocracia britânica, mas estava claro que possuía uma considerável influencia fora dela. Foi nesses momentos quando entendeu por que lorde Westcliff o tinha em tão alta estima. Para falar a verdade, Simon era um homem poderoso por direito próprio. Ao ver o respeito que inspirava em outros homens e ao ser consciente da atitude coquete que provocava nas mulheres Annabelle começou a ver seu marido sob uma nova luz. Começou a desenvolver uma atitude possessiva para ele — fazia Simon, nem mais nem menos! — e tirou o chapéu vítima de uns esmagadores celos cada vez que uma mulher se sentava junto a ele durante o jantar e tentava monopolizar sua atenção, ou quando outra dama declarava em aberto flerte que Simon estava obrigado a dançar uma valsa com ela.

Durante o primeiro baile ao que assistiram, Annabelle manteve uma conversação com um grupo de jovens casadas em um deles salões; uma delas era a esposa de um fabricante de armas norte-americano e as outras duas eram francesas e estavam casadas com muitos comerciantes de arte. Annabelle, que se viu obrigada a responder como pôde à curiosidade das mulheres a respeito do Simon e as arrumou para dissimular o pouco que ainda sabia de seu marido, respirou aliviada ao ver que o objeto da conversação ia procurá-la para tirá-la a dançar. Vestido de forma impecável com um traje de etiqueta negro, Simon saudou as ruborizadas e sorridentes jovens com elegante formalidade antes de dirigir-se a sua esposa. Seus olhares se enlaçaram ao tempo que uma deliciosa melodia começava a soar no salão de baile. Annabelle reconheceu a música: uma valsa muita de moda em Londres que era tão doce e cativante que as floreiros tinham

estado de acordo em declarar uma tortura o fato de ter que permanecer sentadas enquanto a orquestra o tocava.

Simon estendeu o braço e ela tomou ao tempo que recordava as inumeráveis ocasiões nas que tinha desprezado seus convites no passado. Ao dar-se conta de que Simon, ao final, saiu-se com a sua, Annabelle sorriu.

— Sempre consegue o que quer? — lhe perguntou.

— Em ocasiões demoro um pouco mais do que eu gostaria de — lhe respondeu.

Quando chegaram ao salão de baile, colocou a mão nas costas de sua esposa e a guiou para o torvelinho de casais que já giravam na estadia.

Os nervos a assaltaram como uma súbita picada, como se estivesse a ponto de compartilhar algo muito mais importante que um simples baile.

— Este é minha valsa favorita — disse a seu marido enquanto se colocava entre seus braços.

— Sei. Por isso o pedi ah orquestra.

— Como soube? — perguntou ela com uma incrédula gargalhada —. Suponho que uma das irmãs Bowman lhe há isso dito.

Simon negou com a cabeça enquanto seus dedos, embainhados na luva, curvavam-se ao redor dos dela.

— observei seu rosto em mais de uma ocasião enquanto o tocavam. Sempre parecia estar a ponto de sair voando da cadeira.

Os lábios da Annabelle se abriram pela surpresa. Cravou o olhar em seu marido com evidente desconcerto. Como podia ter percebido algo tão sutil? Ela sempre se mostrou desdenhosa com ele e, mesmo assim, Simon tinha notado sua reação a uma peça de música concreta e o tinha recordado. Aquela circunstância fez que lhe enchessem os olhos de lágrimas e se viu obrigada a apartar o olhar imediatamente, enquanto lutava por controlar a desconcertante quebra de onda de emoções.

Simon a conduziu para os casais em plena dança e a sustentou com seus fortes braços, guiando-a com a firme pressão de sua mão na cintura. Era tão fácil segui-lo, deixar que seu corpo se fundisse com o ritmo que marcava enquanto seu vestido se arrastava pelo brilhante chão e flutuava ao redor de suas pernas ... A encantadora melodia pareceu penetrar por todos os poros de sua pele e dissolver o nó que sentia na garganta, lhe provocando um irrefreável prazer.

Simon, por sua parte, deleitava-se com a sensação de triunfo que lhe

provocava ter a Annabelle entre seus braços na pista de baile. Por fim, depois de dois anos de perseguição, desfrutava de sua longamente desejado valsa com ela. E o que era ainda mais satisfatório: depois do baile, seguiria sendo dela ... Levaria-a ao hotel, despiria-a e lhe faria o amor até o amanhecer.

O corpo de sua esposa se mostrava complacente entre seus braços e tinha a mão apoiada sobre seu ombro. Poucas mulheres se deixaram guiar com essa facilidade, como se soubesse de antemão a direção que ia tomar antes de que ele mesmo o tivesse decidido. O resultado era uma harmonia física tal que lhes permitia mover-se pelo salão com a mesma rapidez que um pássaro em pleno vôo.

Não lhe tinha causado surpresa alguma observar a reação de suas amigadas ao conhecer sua fogosa esposa: as felicitações, dissimuladas olhares de desejo que dedicassem a Annabelle e os maliciosos sussurros de alguns que asseguravam não invejar a tarefa de ter que carregar com o peso de uma esposa tão bela. Nos últimos dias, a beleza da Annabelle tinha aumentado, se é que isso era possível. A tensão tinha abandonado seu rosto depois de umas quantas noites de sonho profundo. Na cama se mostrava carinhosa e, inclusive, brincalhona; a noite anterior, sem ir mais longe, colocou-se sobre ele com a mesma agilidade de uma gata escorregadia para depositar um caminho de beijos sobre seu peito e seus ombros. Não se teria imaginado algo assim de uma mulher como ela; não depois de ter conhecido a umas quantas mulheres formosas no passado que tinham por costume jazer passivamente à espera de que as adorassem. Annabelle, pelo contrário, tinha-o torturado e acariciado até que já não pôde suportado mais e teve que girar na cama com ela entre os braços, rendo, protestando e alegando que ainda não tinha acabado com ele.

— Eu acabarei contigo — tinha brincado com um grunhido antes de penetrada e conseguir que sua esposa começasse a gemer de prazer.

Simon não era tão iludido para esperar que seu matrimônio desfrutasse de uma harmonia eterna: ambos eram muito independentes e possuíam um caráter forte, por isso o choque acabaria chegando cedo ou tarde. Depois de ter renunciado à oportunidade de casar-se com um nobre, Annabelle tinha fechado as portas ao estilo de vida com o que sempre tinha sonhado e, em seu lugar, teria que acostumar-se a uma existência muito distinta. Com a exceção de Westcliff e de um par de amigos mais, procedentes de bom

berço, Simon logo que tinha relação alguma com a aristocracia. Seu mundo consistia principalmente em empresários como ele, pouco refinados e felizes de concentrar todos seus esforços na tarefa de fazer dinheiro. Essa multidão de empresários industriais não podia ser mais distinta da classe educada com a que Annabelle sempre se relacionou. Falavam muito alto, suas reuniões eram muito freqüentes e extensas e não sentiam respeito algum nem pela tradição nem pelos bons maneiras. Simon não tinha muito claro se Annabelle seria capaz de adaptar-se a semelhantes pessoas, mas parecia, estar disposta a tentado. Ele o entendia e apreciava seus esforços muito mais do que ela poderia imaginar-se.

Era consciente de que cenas como lhas que Annabelle tinha suportado duas noites atrás teriam deixado reduzida a um molho de lágrimas a qualquer outra juvenzinha que tivesse levado uma vida protegida, entretanto, ela o tinha suportado com bastante apurmo. Dita noite, tinham assistido a uma noite organizada por um rico arquiteto francês e sua esposa, um acontecimento bastante caótico no que o vinho corria a torrentes e havia muitos convidados; o resultado de tudo isso era um ambiente de buliçoso desenfreio. Depois de deixar a Annabelle sentada a uma mesa em companhia de algumas amizades durante uns minutos, Simon tinha retornado uma vez finalizada sua conversação privada com o anfitrião para descobrir que sua sobressaltada esposa tinha sido abandonada por dois homens que estavam jogando-se às cartas o privilégio de beber champanha em um de seus sapatos.

Embora o jogo não tinha outro propósito que o de passar um momento divertido, resultava mais que óbvio que grande parte da diversão da que ambos os rivais desfrutavam procedia do abafado da Annabelle. Não havia nada mais prazenteiro para aqueles de caráter cínico que um assalto ao pudor de outra pessoa, especialmente se a vítima era uma jovem inocente. Embora Annabelle tinha tentado levar o melhor possível, a insolente aposta a tinha incomodado e o sorriso que se desenhava em seus lábios era completamente falsa. Depois de levantar-se da cadeira, tinha percorrido a estadia com o olhar, em busca de um possível refúgio.

Obrigado a manter uma fachada amigável e ligeiramente aborrecida, Simon chegou até a mesa, deslizou a mão pelas rígidas costas da Annabelle em um gesto reconfortante e acariciou com o polegar a pele que ficava exposta sobre o bordo posterior de seu sutiã. Imediatamente, pôde sentir

como ela se relaxava um tanto e o rubor que havia talher seu rosto já começava a dissipar-se quando elevou o olhar para ele.

— estão-se jogando às cartas quem beberá champanha em meu sapato — lhe tinha explicado sem fôlego —. Eu não o sugeri e não se quem ...

— Bom, é um problema de fácil solução — a interrompeu ele, sem lhe dar a maior importância. Tinha-se dado conta de que começava a formar uma multidão a seu redor que estava ansiosa por saber se ficaria furioso devido às audazes propostas que os dois homens tinham feito a sua esposa. Com suavidade, embora sem lhe dar a oportunidade de opor-se, obrigou a Annabelle a voltar para seu assento —. Sente-se, bebe.

— Mas não quero ... — tinha protestado ela, incômoda, antes de soltar um ofego de surpresa ao ver que Simon ficava em cuclillas frente a ela. Depois de introduzir ambas as mãos sob a prega de sua saia, tirou-lhe os sapatos de cetim adornados com pérolas —. Simon! — exclamou com os olhos como pratos pela surpresa.

Simon ficou então em pé e ofereceu um sapato a cada um dos opositores com uma floritura.

— Podem ficar com os sapatos, cavalheiros, sempre e quando forem muito conscientes de que sua proprietária me pertence. — E depois de, elevar em braços a sua descalça esposa, tirou-a da habitação entre as gargalhadas e os aplausos da multidão. De caminho ao exterior, passaram junto ao garçom ao que lhe tinha encarregado a tarefa de procurar a garrafa de champanha —. Nos levaremos isso — disse Simon ao atônito garçom, quem tendeu a geada garrafa aa Annabelle.

Simon tinha trasladado a sua esposa à carruagem enquanto ela sustentava a garrafa com uma mão e lhe rodeava o pescoço com o braço livre.

— vais custar me uma fortuna em calçado — lhe disse ele.

Os olhos da Annabelle brilharam de contente.

— Tenho uns quantos sapatos mais no hotel — lhe informou com alegria —. Está planejando beber champanha em um deles?

— Não, meu amor. Penso bebê-lo diretamente de ti.

Lhe tinha arrojado um olhar perplexo e, quando por fim compreendeu suas palavras, enterrou o rosto no ombro de seu marido enquanto sua orelha adquiria um profundo rubor escarlate.

Ao recordar o episódio e as deliciosas horas que o seguiram, Simon baixou o olhar para a mulher que tinha entre os braços.

A brilhante luz dos oito abajures de aranha do salão se refletia em seus olhos e lhes arrancava diminutos brilhos que os fazia assemelhar-se ao céu azul estrelado de uma, noite do verão. Sua esposa o olhava com uma intensidade que não tinha demonstrado antes, como se desejasse algo que jamais poderia conseguir. Semelhante olhar o inquietou e despertou nele a necessidade de satisfazer a de qualquer maneira possível. Nesse momento, lhe teria dado algo que pedisse sem pensar-lhe duas vezes.

Não havia dúvida de que acabavam de converter-se em um risco para os restantes casais, dado que a habitação se esfumou em uma espécie de bruma imaginária e ao Simon importava um cominho a direção em que avançavam. Dançaram até que a gente começou a fazer secos comentários a respeito de quão inapropriado era para um casal casado mostrasse semelhante desdobraimento de exclusividade em um baile e que não demorariam muito em cansar-se um do outro depois da lua de mel. Simon se limitou a sorrir ao escutá-los e se inclinou para lhe sussurrar a sua esposa ao ouvido:

— Arrepende-te agora de não ter dançado antes comigo? — Não — respondeu ela também em um sussurro —. Se não tivesse suposto um desafio para ti, teria perdido o interesse.

Deixando escapar uma suave gargalhada, Simon lhe rodeou a cintura com um braço e a conduziu a um lado do salão.

— Isso não ocorrerá jamais. Tudo o que faz ou diz me interessa.

— Sério? — perguntou ela com tom cético —. E o que tem que a afirmação de lorde Westcliff, que me tachava de egoísta e superficial?

Quando ela o olhou à cara, Simon apoiou uma mão sobre a parede, perto da cabeça da Annabelle, e se inclinou para diante em um gesto protetor. Sua voz foi suave como a seda.

— Ele não te conhece.

— E você sim?

— Sim. Eu sim te conheço. — Alargou um dedo e lhe acariciou uma mecha de cabelo úmido que se aderiu a seu pescoço —. Protege com muito zelo. Você não gosta de depender de ninguém. É ambiciosa, de caráter forte e decidida na hora de mostrar suas opiniões. Por não mencionar sua teimosia. Mas nunca egoísta: E nenhuma pessoa com sua inteligência

poderia ser tachada jamais de superficial. — Deixou que seu dedo vagasse para as sedosas mechas que caíam atrás de sua orelha. Seus olhos se iluminaram com um brilho travesso ao acrescentar —. Também é deliciosamente fácil de seduzir.

Com uma gargalhada de indignação, Annabelle elevou um punho como se queria golpeá-lo.

— Só para ti.

Rendo entre dentes. Simon apanhou seu punho entre os dedos e depositou um caminho de beijos sobre os nódulos.

— Agora que é minha esposa, Westcliff sabe muito bem que não deve pronunciar nenhuma só objeção mais sobre ti nem sobre nosso matrimônio. Se assim o fizesse, poria ponto e final a nossa amizade sem me pensar isso — Faria qualquer coisa por ti.

— Vá! Mas eu alguma vez pretendi que isso acontecesse, eu ... — O contemplou, confusa de repente —. Faria isso por mim?

Simon percorreu com o dedo uma mecha dourada que ressaltava entre seu cabelo castanho claro.

— Faria algo por ti.

Seu juramento era sincero. Simon não era um homem dado às meias tintas. Em troca de sua entrega, lhe dava sua lealdade e seu apoio incondicionais.

Uma vez concluída a conversação, Annabelle manteve um silêncio inexplicável durante um bom momento, o que fez pensar ao Simon que talvez estivesse cansada. Entretanto, quando retornaram a suas habitações no Coeur de Paris um pouco mais tarde, sua esposa se entregou a ele com renovado ardor, em um intento de lhe expressar com seu corpo o que não era capaz de dizer com palavras.

Capítulo 22

Tal e como tinha prometido, Simon se comportou como um marido generoso e pagou por uma extravagante quantidade de vestidos e complementos franceses que seriam enviados a Londres uma vez que estivessem acabados. Quando uma tarde levou a Annabelle a uma joalheria e lhe disse que pedisse o que lhe desejasse muito, esta só atinou a menear a cabeça, incapaz de decidir-se entre o desdobramento de diamantes, safiras e esmeraldas expostos sobre um leito de veludo negro. Depois de anos de levar jóias falsas e vestidos aos que tinha dado várias vezes a volta, custava-lhe bastante desfazer-se dos hábitos econômicos.

— Não há nada que você goste? — animou-a Simon ao tempo que levantava um colar de diamantes brancos e amarelos, engastados a modo de grinalda de fores. Sustentou-o contra sua garganta nua, admirando o brilho dos diamantes contra sua pele imaculada —. O que te parece este?

— Temos os pendentos a jogo, madame — se apressou a comentar o joalheiro —, este bracelete seria o complemento perfeito para essa peça.

— — É precioso — replicou Annabelle —. O que passa é que ... Bom, parece-me estranho entrar em uma loja e comprar um colar com a mesma despreocupação com a que compra uma caixa de caramelos.

Um pouco surpreso por seu acanhamento, Simon a olhou com atenção enquanto o joalheiro se retirava com discrição a trasteienda. Com muito cuidado, Simon devolveu o colar a seu berço de veludo e tomou a sua esposa da mão para lhe acariciar o dorso dos dedos com o polegar.

— O que te passa, bebe? Há mais joalheiros, se o que vir aqui não é de seu agrado.

— Não, não é isso. Suponho que estou tão acostumada a não comprar coisas que agora me resulta difícil aceitar o fato de que posso fazê-lo.

— Estou mais que seguro de que não te custará muito resolver esse problema — replicou Simon com segura —. Enquanto isso, estou farto de verte com essas jóias falsas. Se não ser capaz de escolher algo, deixa que eu o faça por ti. — Procedeu a escolher dois pares de pendentos de diamantes,

o colar que antes havia sustentado, um bracelete, duas largas fileiras de pérolas e um anel com um diamante de cinco quilates em forma de péra.

Desconcertada por semelhante desdobramento de extravagância, Annabelle protestou com veemência até que Simon pôs-se a rir e lhe disse que quanto mais protestasse, mais pensava comprar. Isso fez que fechasse a boca imediatamente e observasse com olhos exagerados como comprava as jóias, que acabaram depositadas em um cofre de mogno forrado de veludo e com uma pequena asa na tampa. Tudo exceto o anel, já que Simon o deslizou em seu dedo para comprovar que ficava muito grande, antes de devolver-lhe ao joalheiro.

— O que acontece meu anel? — perguntou Annabelle, que aferrava o cofre de mogno com ambas as mãos enquanto partiam da loja —. Vamos deixar o aí?

Divertido, Simon arqueou uma sobrancelha e olhou a Annabelle de soslaio.

— vai ajustar o anel e logo o enviará ao hotel.

— E se se perde?

— E o que passou com seus protestos? Na loja te comportava como se não o quisesse.

— Claro, mas resulta que agora é meu — replico preocupada, o que provocou que Simon se desfizera em gargalhadas.

Para seu alívio, o anel foi entregue no hotel sem mais contratempos aquela mesma tarde, dentro de uma caixinha forrada de veludo. Enquanto Simon lhe dava uma moeda ao homem que o tinha levado, Annabelle saiu do banho a toda pressa, secou-se e ficou uma camisola branca. Depois de fechar a porta, Simon se deu a volta e se encontrou a sua esposa justo detrás dele, com o rosto iluminado pela mesma antecipação que sentiria um menino a manhã de Natal. Não pôde evitar sorrir ante sua expressão, já que se dava conta de que todos seus esforços por comportar-se como uma dama se desvaneciam arrastados pelo entusiasmo. O anel resplandeceu entre brilhos quando Simon o tirou da caixa. Ato seguido, agarrou a mão da Annabelle e deslizou o anel no dedo anelar, junto ao singelo aro de ouro que lhe pusesse o dia de suas bodas.

Admiraram juntos como ficava o anel em sua mão, até que lhe arrojou os braços ao pescoço com uma exclamação de regozijo. Antes de que Simon pudesse reagir, sua esposa se separou dele e começou a dançar

descalça.

— É tão bonito ... Olhe como brilha! Simon, deveria partir ... Sei muito bem que agora mesmo pareço uma mercenária. Mas não importa, porque o sou, e será melhor que saiba; meu deus, adoro este anel!

Desfrutando de sua sorte, Simon apanhou o esbelto corpo feminino e o capturou contra o seu.

— Não vou — lhe disse —. É minha oportunidade para compilar os benefícios de sua gratidão.

Entusiasmada, Annabelle o obrigou a baixar a cabeça e uniu seus lábios aos dele.

— E isso é o que vais fazer. — Deu-lhe outro ardente beijo nos lábios —. Agora mesmo.

Simon riu entre dentes ao reconhecer um assalto em toda regra.

— Sem dúvida deveria te dizer que verte feliz é um pagamento mais que suficiente. Claro que, se insistir ...

— Pois sim, insisto! — separou-se dele e se aproximou da cama, onde se encarapitou e se atirou de costas sobre a colcha com um gesto dramático que a deixou totalmente exposta. Simon a seguiu ao dormitório, enfeitiçado por suas palhaçadas. Tinha diante a uma Annabelle a qual nunca tinha visto, uma Annabelle risonha e fascinantemente caprichosa. Quando se aproximou da cama, ela levantou a cabeça e o animou —: Sou toda tua. Já pode começar a reclamar sua recompensa.

Com destreza, desembaraçou-se da jaqueta e da gravata, mais que disposto a agradá-la. Annabelle se incorporou um pouco para observá-lo. O cabelo lhe caía em uma sedosa cascata sobre os ombros e sob o fino tecido da camisola se adivinhava a separação entre suas coxas.

— Simon ..., deveria saber que me deitaria contigo embora não tivesse este anel.

— É muito amável — replicou sem lhe emprestar muita atenção, ao tempo que se despojava das calças —. Aos maridos sempre agrada saber que nos valoram além de nossos méritos econômicos

O olhar da Annabelle se deslizou pelo esbelto corpo de seu marido.

— De todos seus méritos, Simon, o econômico é, provavelmente, o mais insignificante.

— Provavelmente? — aproximou-se do bordo da cama e levantou um dos pés descalços da Annabelle para depositar um beijo na parte interna —.

Não quererá dizer «sem dúvida»?

Annabelle se recostou de novo, ofegando pela cálida carícia de sua língua, e o movimento provocou que a camisola lhe deslizesse até as coxas.

— OH, sim ..., sem dúvida. É obvio que não há dúvidas ...

O corpo da Annabelle seguia úmido e depravado pelo banho que acabava de tomar, e exsudava um limpo aroma de sabão que se mesclava com a embriagadora fragrância do azeite de rosas. Excitado pela visão de sua pele fragrante e rosada, Simon riscou um caminho de beijos até o tornozelo, que logo continuou para o joelho. Ao princípio, ela ria e se retorcia sob as carícias de sua boca, mas quando Simon passou à outra perna, ficou quieta e sua respiração se converteu em uma sucessão de lentos ofegos. Simon se ajoelhou entre as coxas separadas de sua esposa, foi levantando a camisola e depositando beijos sobre a pele que ia ficando exposta até que alcançou o lugar oculto por seus brilhantes cachos. Depois de deixar que seu queixo roçasse apenas aquela suavidade, continuou seu caminho ascendente, fazendo caso omissivo do débil som de protesto que emitiu ela. Intoxicado pela textura aveludada de sua pele, beijou-lhe a cintura e cada uma das marcas que assinalavam as costelas, antes de prosseguir seu caminho para o lugar onde pulsava o coração.

Annabelle emitiu uma súplica entre gemidos e lhe aferrou a mão para tentar que a tocasse entre as coxas. Simon resistiu com uma risada grave e lhe sujeitou ambas as pulsos por cima da cabeça antes de beijá-la na boca. Pôde perceber a surpresa dela ao sentir-se apanhada, assim como a resposta que veio a seguir: os olhos de sua esposa se fecharam e notou como seu fôlego lhe acariciava a bochecha a um ritmo mais rápido. Manteve bem sujeitas as pulsos com uma só mão e começou a deslizar a outra ao longo de seu corpo para riscar círculos ao redor dos mamilos. Seu próprio corpo estava duro e quente pela excitação; sentia os músculos tensos pela necessidade que o consumia. Apesar de toda a experiência que possuía no referente ao sexo, nunca tinha experiente um ensimismamento tão profundo, jamais se tinha desligado do resto do mundo e uma forma tão completa com o fim de ocupar-se tão somente da Annabelle ... Seu prazer aumentava o dele ... Essas reações estremecidas intensificavam seu próprio desejo. Annabelle abriu a boca baixo a dele para lhe dar uma trêmula bem-vinda e de sua garganta começaram a escapar gemidos de prazer à medida que o beijo se voltava mais impetuoso, mais profundo. Acariciou-a entre as

pernas, e a úmida suavidade que encontrou ali o inflamou ainda mais. Arqueou o corpo para ele e elevou os quadris contra sua mão sem deixar de retorcer as pulsos, ainda bem sujeitas. Cada movimento dizia a gritos que a possuísse, que a enchesse, e o corpo do Simon se endureceu até um ponto incrível ao tempo que um anseia primitiva se apoderava dele.

Devagar, penetrou-a com um dedo, o que provocou que ela gemesse contra sua boca. Ao notar como sua carne o acomodava, introduziu outro dedo e começou a acariciá-la até que o desejo se apoderou dela. Logo que se separou de sua boca, Annabelle lhe rogou:

— Simon, por favor ... Por favor, necessito-te ... — Seu corpo se estremeceu quando ele retirou os dedos —. Não, Simon ...

— Tranqüila ... — Sujeitou-a pelos joelhos e a trocou de posição na cama —. Não passa nada — sussurrou —. Me ocuparei de ti ... me Deixe te amar assim ...

Moveu os quadris da Annabelle até o bordo do colchão e logo, deu-lhe a volta até que suas pálidas nádegas ficaram de barriga para cima. Permaneceu de pé junto à cama, entre as coxas de sua esposa, e deixou que a ponta da verga se deslizasse com facilidade dentro da escorregadia entrada de seu corpo. Depois de aferrá-la pelos quadris com força, penetrou-a com uma larga investida e não se deteve até que seu membro esteve completamente dentro dela. Uma baforada de calor lhe abrasou o corpo, como se tivesse colocado diante de um forno aberto, e a luxúria endureceu sua entreperna até um ponto doloroso, quase muito para suportá-lo. Começou a respirar com bruscos ofegos e lutou por controlar a intensidade de seu desejo antes de que lhe escapasse por completo de entre as mãos. Annabelle jazia, imóvel, sobre o colchão, e só movia as mãos de forma compulsiva para aferrar-se à colcha. Assustado por, a possibilidade de estar lhe fazendo dano, Simon conseguiu reprimir de algum jeito o anseia selvagem que sentia o tempo suficiente para inclinar-se sobre ela e murmurar com voz rouca:

— Bebe ..., estou te machucando? — A posição fez que a penetrasse mais profundamente, o que arrancou um gemido aa Annabelle —. Me Diga isso e pararei.

Ela demorou bastante em responder, como se lhe tivesse levado vários segundos compreender a pergunta, mas quando respondeu, tinha a voz rouca pelo prazer.

— Não, não pare.

Simon permaneceu inclinado sobre ela e começou a mover-se com investidas profundas e lentas que fizeram que os músculos interiores da Annabelle se contraíram com avidez ao redor de seu rígido membro. Colocou as mãos sobre as dela e as envolveu com os dedos ..., uma posição que a submetia por completo, mas que não por isso a forçava a sujeitar-se ao ritmo que ele impor. Pelo contrário, Simon se movia segundo as demandas do corpo feminino, impulsionando os quadris em resposta aos movendo dos músculos internos de sua esposa ... Cada vez que ela se fechava de forma inconsciente em torno dele, Simon empurrava mais e utilizava seu sexo para acariciar as profundidades de sua esposa. Annabelle se achava ao bordo de uma culminação arrebatadora e, não obstante, resultava-lhe impossível alcançá-la, de modo que começou a respirar com compridos ofegos e impulsionou as nádegas para trás para pressionar com Força contra a entreperna de seu marido.

— Simon ...

Ele estendeu uma mão sob seu corpo e encontrou com facilidade o lugar pelo que estava unido a ela e o terno botão que havia por cima. Com a ponta do dedo, estendeu a cálida umidade de seu corpo sobre a torcida protuberância e começou a acariciá-la com movimentos lentos e circulares, provando diferentes ritmos até que deu com um que a fez gritar ao tempo que apertava os músculos ao redor de seu membro. Annabelle, que tinha arqueado as costas sumida no êxtase, gemia enquanto ele seguia penetrando-a sem descanso ao compasso de seus espasmos. Os exuberantes movimentos de sua esposa, que se retorcia e o capturava de uma vez, acabaram por encher o copo de seus superexcitados sentidos ... Gemeu ao alcançar seu próprio clímax e se afundou nela enquanto a liberação o atravessava como uma labareda incontrolável.

O pior momento da lua de mel do casal teve lugar a manhã em que Annabelle lhe comentou com jovialidade ao Simon que estava de acordo com esse velho refrão que dizia que o matrimônio era o mais alto grau de amizade. Sua intenção não tinha sido outra que a de agradá-lo, mas Simon tinha reagido com animosidade desconcertante. Ao reconhecer a famosa entrevista do Samuel Richardson, tinha comentado com secura que esperava que seus gostos literários melhorassem, para assim lhe economizar

o ter que escutar essa filosofia troca. Doída, ela tinha guardado um gélido silêncio, incapaz de compreender como podia lhe haver ofendido tanto seu comentário.

Simon se manteve afastado dela toda a manhã e também parte da tarde, mas foi procurar a ao salão de jogos, onde Annabelle jogava às cartas com outras jovens casadas. Sei aproximou do respaldo da cadeira que ocupava sua esposa e deixou que as pontas dos dedos se posassem sobre a curva de seu ombro. Annabelle sentiu o roce dos dedos através do tirante de seda do vestido e a sensação teve um efeito curioso sobre suas terminações nervosas. Por um instante, sentiu-se tentada de prolongar a atitude ressentida e lhe apartar a mão. Entretanto, disse-se que não lhe custaria nada lhe mostrar um mínimo de tolerância. Esboçou um sorriso e elevou a cabeça para olhar a seu marido por cima do ombro.

— Boa tarde, senhor Hunt — murmurou, dirigindo-se a ele com a formalidade que a maioria dos matrimônios utilizava em publico —. Espero que tenha desfrutado de seu passeio. — Cedendo a um gesto travesso, mostrou-lhe suas cartas —. Olhe a mão com a que tenho que jogar. Pode-me dar algum conselho útil?

Ele deslizou as mãos pelas costas da cadeira e inclinou a cabeça para lhe murmurar ao ouvido:

— Sim, termina rápido a partida.

Consciente dos olhares curiosos das demais mulheres, Annabelle manteve uma expressão imperturbável, inclusive quando noto que o rubor começava a lhe tingir o pescoço.

— por que? — perguntou, com a boca do Simon ainda pega a seu ouvido.

— Porque vou fazer te o amor dentro de cinco minutos exatamente — lhe sussurrou —. Já seja aqui ..., em nossa habitação ..., ou nas escadas. Assim se quiser um pouco de privacidade, sugiro-te que perca esta partida depressa.

«Não se atreveria», pensou Annabelle, a quem lhe tinha desbocado o coração pelo alarme. Claro que, conhecendo o Simon, sempre existia a possibilidade ...

Com esse pensamento em mente, Annabelle soltou uma carta com dedos trementes. A seguinte jogadora se tomou um agônico e extenso lapso de tempo para escolher uma de suas cartas, e a seguinte se deteve para

intercambiar um par de comentários jocosos com seu próprio marido, que acabava, de aproximar-se da mesa. Consciente de que uma fina capa de suor começava a lhe cobrir o peito e a frente, Annabelle pensou várias formas de dar por terminado o jogo. A voz da razão foi em seu auxílio ao cair na conta de que, sem importar quão audaz fosse Simon, não se atreveria a assaltar a sua mulher nas escadas do hotel. Não obstante, a voz da razão se desvaneceu quando ele consulto seu relógio de modo deliberado.

— Ficam três minutos — murmurou com voz fica junto a seu ouvido.

Sem saber muito bem como, e presa da agitação, Annabelle foi consciente de que seu corpo respondia à rouca promessa que encerrava a voz do Simon quando sentiu que entre suas coxas despertava uma vergonhosa sensação palpitante. Juntou as pernas com força e aguardou com forçada compostura a que lhe chegasse o turno, apesar de que seu coração pulsava desbocado. As jogadoras conversavam com indolência, se abanavam e pediam aos garçons que lhes servissem mais limonada. Quando por fim lhe chegou o turno, arrojou a carta de mais valor e tomou outra. Para seu alívio, a nova carta carecia de valor, por isso arrojou as cartas que ficavam sobre a mesa.

— Temo-me que estou fora — disse, embora teve que esforçar-se para dissimular a instabilidade de sua voz —. Foi uma partida do mais agradável ... O agradeço, mas agora devo partir... — Fique a jogada seguinte ronda — sugeriu uma das damas, petição a que o resto se somou.

— Sim, fique.

— Ao menos, tome uma taça de vinho enquanto terminamos esta mão ...

— O agradeço, mas ... — Annabelle ficou em pé e emitiu um gemido quase inaudível quando sentiu a mão do Simon sobre suas costas. Seus mamilos se endureceram sob o vestido —. Me temo que estou exausta depois do baile da noite passada — improvisou —. Devo descansar um pouco antes de assistir ao teatro esta noite.

Seguida por um coro de despedidas e por várias olhadas significativas, Annabelle tratou de abandonar o salão com ar digno. Logo que chegaram às serpente

Antes escadas que conduziam aos pisos superiores, Annabelle deixou escapar um suspiro de alívio e dirigiu a seu marido um olhar reprovatório.

— Se o que queria era me envergonhar, tem-no feito muito bem ... O que está fazendo? — O vestido lhe tinha afrouxado à altura dos ombros e caiu na conta, desconcertada e surpreendida, de que Simon lhe tinha desabotoado vários botões —. Simon — vaiou —, não te atreva! Não, para já! — Tratou de afastar-se dele, mas a alcançou sem problemas.

— Fica um minuto.

— Não seja tonto — lhe disse sem Mais de nenhum modo poderemos chegar à habitação em menos de um minuto e você não ... —. Deixou a frase na metade, soltou um pequeno chiado ao notar que Simon lhe desabotoava outro botão e se girou para apartar as travessas mãos de seu marido. Não obstante, assim que o olhou aos olhos se deu conta, por difícil de acreditar que fora, de que estava mais que disposto a cumprir sua ameaça —. Simon, nem te ocorra.

— Sim. — Seus olhos refletiam certa diversão felina e em seu rostró se adivinhava uma expressão que Annabelle tinha chegado a conhecer muito bem. A mulher se recolheu as saias e se deu a volta para começar ao, correr escada acima, ofegando entre ataques de gargalhadas provocados pelo pânico.

— É impossível! Não te aproxime de mim ... É ... Senhor, se alguém nos vir desta maneira, nunca lhe perderei isso!

Simon a seguiu com aparente tranqüilidade; mas, é obvio, ele não tinha que lutar contra um matagal de saias e roupa interior que o atrasassem. Annabelle alcançou o patamar e girou para o seguinte lance; doíam-lhe os joelhos enquanto as pernas continuavam seu desesperado ascensão, degrau detrás degrau. O peso de suas saias lhe resultava insuportável e tinha os pulmões a ponto de estalar. Maldito fora por lhe fazer aquilo ... e maldita ela por essas risinhos que não deixavam de sair de sua própria garganta.

— Trinta segundos — o escutou dizer a suas costas, e, justo nesse instante, alcançou o segundo piso com um bufo.

Ficavam três larguíssimos corredores antes de chegar a sua habitação ... e, certamente, nada de tempo. Agarrou-se a parte dianteira do vestido e Miro a um e outro lado dos corredores que se abriam a partir do patamar das escadas. Correu até a primeira porta que encontrou, que resultou ser um pequeno armário sem luz. De repente, viu-se envolta pelo aroma do linho engomado, e as distintas prateleiras repletas de lençóis e toalhas engomadas resultavam visíveis tão somente pela luz que provinha do corredor.

— Entra — murmurou Simon, que a empurrou por volta do quarto e fechou a porta.

Imediatamente, Armabelle ficou engolida pela escuridão. A risada bulia em seu peito ao tempo que tentava apartar sem muito êxito as mãos que a buscavam. De repente, teve a sensação de que seu marido tinha mais mãos que um polvo, já que lhe desabotoava a roupa e a tirava com mais rapidez da que ela era capaz de empregar para rebater seus movimentos.

— O que acontece nos ficamos encerrados? — perguntou quando o vestido caiu ao chão.

— Derrubarei a porta — replicou Simon, que atirava das cintas de seus calções —. Depois.

— Se nos surpreender uma das donzelas, jogarão-nos do hotel.

— As donzelas viram piores costume, pode me acreditar. — Simon pisou no vestido quando lhe baixou os calções até os tornozelos.

Ela emitiu umas quantas protestos mais, nenhuma delas com verdadeiro entusiasmo, até que Simon colocou uma mão entre suas coxas e encontrou a evidência de sua excitação, depois do qual toda objeção deixou de ter sentido. Annabelle abriu a boca para beijá-lo, lhe devolvendo com ânsias a forte e lhe acariciem pressão de seus lábios. A aveludada entrada de seu corpo se acomodou com facilidade ao tamanho de seu marido, e não pôde reprimir um gemido quando notou os dedos do Simon ali abaixo, separando-a de modo que as apostas de seus quadris roçassem o sensível botão de seu sexo.

Lutaram para aproximar-se mais o um ao outro, flexionando seus corpos, derretendo-se sem remédio, e cada beijo era uma invasão exploradora que a excitava mais e mais. O espartilho lhe apertava muito, mas a constrição lhe provocou uma inesperada quebra de onda de prazer, como se toda sua capacidade de sentir se transladou à parte inferior de seu corpo e tivesse ficado apanhada entre todas aquelas malhas inflamadas pelo desejo. Annabelle afundou os dedos nas roupas do Simon quando sentiu que o desejo estava a ponto de converter-se em loucura. Simon a penetrou com investidas profundas e um ritmo constante, até que o clímax os percorreu a ambos como uma, descarga; seus pulmões se encheram com o limpo aroma do linho engomado e suas extremidades enlaçadas se esticaram como se se negassem a deixar escapar a sensação que se estendia entre elas. — Maldita seja — murmurou Simon poucos minutos depois, quando

recuperou o fôlego.

— O que acontece? — sussurrou Annabelle, cuja cabeça descansava sobre a lapela, do casaco dele.

— A partir de agora, o aroma da roupa engomada me provocará uma ereção.

— Pois é teu problema — replicou ela com um lânguido sorriso, mas ofegou com força ao sentir que o corpo do Simon, que ainda seguia dentro dela, voltava a endurecer-se. — e teu também lhe disse justo antes de apanhar sua boca na escuridão.

Capítulo 23

Pouco depois de que Simon e Annabelle retornassem a Inglaterra, viram-se obrigados a enfrentar-se com a inevitável interação de duas famílias que não poderiam ter sido mais diferentes. A mãe do Simon, Bertha, quis que fossem jantar para que todos pudessem conhecer-se, já que não tinha sido possível fazê-la antes das bodas. Apesar de que Simon lhe tinha advertido a Annabelle o que devia esperar e ela, a sua vez, esforçou-se por preparar a sua mãe e a seu irmão, suspeitava que o encontro ‘traria, como muito, resultados desastrosos.

A Deus obrigado, Jeremy se tinha reconciliado felizmente com o fato de que Simon Hunt fosse seu cunhado. Como se tinha convertido em um menino alto e magricela nos passados meses, tirava – vários centímetros a Annabelle quando, dispôs-se a abraçá-la no salão de sua casa. Seu cabelo castanho dourado se esclareceu de forma considerável graças a tudo o tempo que tinha passado ao ar livre e seus olhos azuis destacavam, brilhantes e sorridentes, em seu rosto bronzeado.

— Não podia acreditar o que viam meus olhos quando li a carta de mamãe em que me contava que foste casar te com o Simon Hunt — lhe disse —. Depois de todas as coisas que há dito sobre ele estes dois últimos anos ...

— Jeremy — o repreendeu Annabelle —. Não te atreva a repetir nada disso!

Sem parar de rir, Jeremy manteve um braço ao redor de sua irmã e lhe tendeu a outra mão ao Simon.

— Felicidades, senhor. — Enquanto se estreitavam as mãos, disse com picardia —. Em realidade, não me surpreendeu nem o mais mínimo. Minha irmã se queixou de você tanto e durante tanto tempo que sabia que devia sentir algo forte por você.

A cálida olhar do Simon se posou sobre sua esposa, que tinha franzido o cenho.

— Não posso imaginar do que podia queixar-se ... — disse com descaramento.

— Acredito que disse ... — começou Jeremy e, ato seguido, compôs uma careta exagerada quando Annabelle lhe deu uma cutucão em suas costas —. De acordo, não direi nada — disse ao tempo que elevava as mãos à defensiva sem deixar de rir, enquanto se separava dela —. Me limitava a manter uma conversação educada com meu recém estreado cunhado.

— Nas «conversações educadas» se fala sobre o tempo, ou se pergunta a respeito da saúde de alguém — lhe informou Annabelle —. Absolutamente se discute a respeito de certas revelações potencialmente embaraçosas que uma irmã tenha feito em confidência.

Deslizando um braço ao redor da cintura da Annabelle, Simon a apertou contra seu peito e baixou a cabeça para lhe sussurrar ao ouvido — Posso me fazer uma ligeira idéia do que disse. Depois de tudo, mostrava-te muito disposta a me dizer isso cara a cara.

Ao escutar a nota de diversão em sua voz, Annabelle se relaxou contra ele.

Como nunca tinha visto sua irmã relacionar-se de forma tão cômoda com um homem e detrás ter observado as mudanças que se produziram nela, Jeremy sorriu.

— Diria que o matrimônio te sinta muito bem, Annabelle.

Justo então, Philippa entrou na habitação e se apressou a chegar ao lado de sua filha com um grito de alegria.

— Bebe, joguei-te tanto de menos! — Abraçou-a com força e se girou para o Simon com um brilhante sorriso —. Querido senhor Hunt, bem-vindo a casa. Lhe gostou de Paris?

— Muito, mais do que posso expressar com palavras — replicou Simon com calidez ao tempo que se inclinava a beijá-la na bochecha que lhe oferecia. Não olhou a Annabelle quando acrescentou —. Desfrutei especialmente do champanha.

— Vá, não me cabe dúvida — respondeu Philippa —. Estou segura de que qualquer que ... Annabelle, querida, o que está fazendo?

— Só quero abrir a janela — disse Annabelle com voz estrangulada; seu rosto tinha adquirido a cor das beterrabas ao escutar o comentário do Simon e recordar a noite que ele tinha utilizado uma taça de champanha para um uso especialmente criativo —. Faz um calor espantoso aqui dentro ...

Por que demônios estão fechadas as janelas nesta época do ano? —

Sem olhar a ninguém à cara, lutou com o fecho até que Jeremy foi ajudar a.

Enquanto Simon e Philippa conversavam, Jeremy abriu a janela e esboçou um sorriso ao ver que Annabelle colocava o rosto de modo que a brisa refrescasse suas ruborizadas bochechas.

— Deve ter sido toda uma lua de mel — murmurou com um sorriso pícaro.

— supõe-se que você não deve saber nada a respeito dessas coisas! — sussurrou Annabelle.

Jeremy emitiu um bufo.

— Tenho quatorze anos, Annabelle, não quatro. — Inclinou a cabeça para a de sua irmã —. De modo que ... por que te casou com o senhor Hunt? Mamãe diz que é porque te colocou em uma posição comprometida, mas te conhecendo como te conheço, sei que isso não é tudo. Uma coisa é segura: não deixaria que ninguém compromettesse a menos que quisesse. — O brilho de diversão se esfumou de seus olhos e lhe perguntou de forma mais séria —: foi por seu dinheiro? Vi as contas dos gastos da casa ... É óbvio que não tínhamos nem dois xelins.

— Não foi só pelo dinheiro. — Annabelle podia presumir de ter sido sempre franco com seu irmão, mas lhe resultava difícil admitir a verdade, inclusive ante si mesmo —. Me pus doente em Stony Cross e o senhor Hunt se mostrou inesperadamente amável comigo. E quando comecei a me mostrar menos grosseira com ele, descobri que ele e eu temos uma espécie de ... Bom, de afinidade ...

— Intelectual ou física? — O sorriso do Jeremy voltou, quando o moço leu a resposta em seus olhos —. Ambas? Isso está bem. Me diga, está n ...?

— O que andam cochichando? — perguntou Philippa com uma gargalhada, ao tempo que os fazia um gesto para que se separassem da janela.

— Estava-lhe suplicando a minha irmã que não intimidasse com o olhar a seu fogosa marido — replicou Jeremy, e Annabelle pôs os olhos em branco.

— Obrigado — disse Simon com seriedade —. Como poderá imaginar, faz falta uma enorme fortaleza para lutar com uma esposa semelhante, mas até agora consegui ... — deteve-se com um sorriso ao contemplar o olhar ameaçador da Annabelle —. Me acabo de dar conta de que seu irmão e eu deveríamos compartilhar nossas confidências masculinas fora; enquanto

isso, pode lhe contar a você mãe tudo sobre Paris. Jeremy, você gostaria de dar uma volta em meu faetón?

Seu irmão não necessitou mais estímulos.

— Espere que pegue meu chapéu e meu casaco e ...

— Não se incomode em pôr o chapéu — lhe advertiu Simon de forma lacônica —. Não seria capaz de mantê-lo sobre a cabeça durante mais de um minuto.

— Senhor Hunt — gritou Annabelle atrás deles —, se ferir ou machucar a meu irmão, ficará sem jantar.

Simon gritou algo incompreensível por cima do ombro e ambos desapareceram pela porta do vestíbulo.

— Os faetones são muito ligeiros e rápidos, e derrubam com muita facilidade — disse Philippa, que franzia o cenho pela preocupação —. Espero que o senhor Hunt seja um condutor acostumado.

— Em excesso — comentou Annabelle com um sorriso tranqüilizador —. Nos trouxe até aqui do hotel a um passo tão tranqüilo, que me fez pensar que íamos em uma pesado e antiga carruagem familiar. Jeremy não poderia estar em melhores mãos, prometo-lhe isso.

Durante a hora seguinte, as duas mulheres permaneceram sentadas no salãozinho e compartilharam uma bule enquanto discutiam tudo o que tinha ocorrido durante os últimos quinze dias. Tal e coma Annabelle esperava, Philippa não fez nenhuma pergunta sobre os aspectos mais íntimos da lua de mel, abstendo-se de entremeter-se na intimidade do casal. De qualquer forma, estava muito interessada nas descrições dos muitos estrangeiros que tinha conhecido Annabelle e das festas às que tinha assistido. A vida dos ricos empresários industriais lhe era desconhecida; de modo que emprestou toda sua atenção enquanto sua filha se esforçava por descrever-lhe.

— Cada vez há mais essa gente chega a Inglaterra — assinalou Philippa — para emparelhar suas fortunas com títulos.

— Como os Bowman — disse Annabelle.

— Sim. Parece que com cada temporada, vemo-nos invadidos por um número crescente de americanos ... e Deus sabe que já é bastante difícil apanhar a um nobre. É óbvio que não necessitamos mais competência. Alegrará-me muitíssimo que tudo este frenesi empresarial se assente por fim e as coisas voltem a ser tal e como eram antes.

Annabelle sorriu a contra gosto enquanto se perguntava como poderia

lhe explicar a sua mãe que, segundo tudo o que tinha visto e ouvido, o processo da expansão industrial tão somente acabava de começar ... e que as coisas jamais voltariam a ser como tinham sido. Annabelle logo que tinha começado a compreender a transformação que as ferrovias, os navios de hélice e as fábricas mecanizadas levariam a cabo na Inglaterra e no resto do mundo. Aqueles eram os temas que Simon e seus conhecidos tinham discutido durante os jantares, em lugar dos temas habituais das classes superiores, como a caça e as festas campestres.

— me diga, leva-te bem com o senhor Hunt? — perguntou Philippa —. Certamente, parece que assim é.

— OH, claro que sim. Entretanto, diria que o senhor Hunt não se parece com nenhum dos homens que você ou eu tenhamos conhecido jamais. Os cavalheiros aos que estamos acostumadas ... Bom, suas mentes não funcionam como a sua. Ele.. Ele é um progressista ...

— Ave María Muito puro! — exclamou Philippa com certo desagrado —. Te refere ao imbitto político?

— Não ... — Annabelle fez uma pausa e compôs uma careta cômica que refletia que nem sequer sabia a que partido estava afiliado seu marido —. Em realidade, depois de escutar algum de seus pontos de vista, não me cabe dúvida de que é um Whig, ou inclusive uma liberal ...

— Que Deus nos ampare! Talvez dentro de algum tempo possa lhe persuadir de que tome outra direção.

Aquilo fez que Annabelle pusesse-se a rir.

— Duvido-o muito. Mas esse não, é realmente o problema, porque ... Mamãe, em realidade, estou começando a acreditar que, algum dia as opiniões desses empresários e mercantilistas pesarão mais que as da nobreza. Tão somente sua influência financeira ...

— Annabelle — a interrompeu Philippa com suavidade —, acredito que é algo maravilhoso que deseje apoiar a seu marido. Entretanto um homem que se dedica ao comércio jamais chegará a ser tão influente como um aristocrata. Não na Inglaterra, certamente.

De repente, sua conversação se viu interrompida pela repentina entrada do Jeremy no salão. Estava despenteado e com os abertos como pratos.

— Jeremy? — exclamou Annabelle com preocupação antes de ficar em pé de um salto —. O que ocorreu? Onde está o senhor Hunt?

— Passeando aos cavalos ao redor do lugar para tranquilizá-los.

— Meneou a cabeça e disse quase sem fôlego —. Esse homem é um lunático. Estivemos a ponto de derrubar ao menos três vezes; quase atropelamos a meia dúzia de pessoas e me sacudi tanto que tenho a parte inferior do corpo negra e azul. Se tivesse tido fôlego, teria começado a rezar, porque estava claro que nos íamos morrer. Hunt tem os cavalos mais traidores que vi em toda minha vida e solta uns juramentos tão ofensivos que tão somente um deles teria bastado para que me expulsassem da escola ...

— Jeremy — começou Annabelle a modo de desculpa, afligida ante a idéia de que Simon tivesse tratado a seu irmão de um modo tão terrível —. Me sinto tão ...

— Sem dúvida foi a melhor tarde de toda minha vida! — continuou Jeremy cheio de júbilo, —. Supliquei ao Hunt que saíssemos amanhã a dar outra volta, e disse que o faria se tinha tempo ... Deus, esse homem é tudo um fenômeno, Annabelle! “Vou a por um pouco de água ... Tenho uma capa de um centímetro de pó aderida à garganta.

— Saiu correndo com uma gargalhada adolescente enquanto sua mãe e sua irmã o observavam sem pestanejar e com a boca aberta.

Essa mesma noite, algo mais tarde, Simon levou a Annabelle, a Jeremy e a sua mãe ao domicílio que havia sobre o açougue, onde seus pais seguiam vivendo. Este consistia em três habitações principais e uma escada estreita que conduzia ao apartamento de cobertura do terceiro andar; o lugar era

Pequeno, embora estava bem acondicionado.

Mesmo assim, Annabelle podia ler a perplexa desaprovação no rosto de sua mãe, já que Philippa não podia compreender por que os Hunt não queriam viver em uma bonita casa na cidade ou, inclusive, em uma encostada. Quanto mais se empenhava Annabelle em lhe explicar que os Hunt não sentiam vergonha alguma de sua profissão e que não desejavam escapar do estigma que supunha pertencer à classe trabalhadora, mais confusa se sentia Philippa. Molesta pela suspeita de que sua mãe se estava mostrando deliberadamente obtusa, Annabelle tinha abandonado todo intento de discutir sobre a família do Simon e se pôs de acordo em segredo com o Jeremy para evitar que Philippa dissesse algo desdenhoso diante deles.

— Tentarei-o — lhe havia dito Jeremy sem muita convicção —. Mas já sabe que mamãe nunca se levou muito bem com a gente que é diferente a nós.

Ante o qual, Annabelle suspirou com exasperação.

— Deus não queira que passemos uma noite com gente que não seja exatamente igual a nós. Poderíamos aprender algo mau. Ou pior ainda, poderíamos inclusive divertimos ... Que vergonha!

Um sorriso estranho apareceu nos lábios de seu irmão. — Não seja muito dura com ela, Annabelle. Não faz muito que você mostrava o mesmo desdém pelos dos degraus inferiores.

— Disso nada! Eu ... — Annabelle fazia uma pausa franzindo o cenho com ferocidade para, depois, soltar um suspiro —. Tem razão, eu também era assim, embora agora não sei por que. Trabalhar não é nada desonroso, verdade? Certamente, me parece muito mais admirável que vadiar.

Jeremy não pôde deixar de sorrir.

— trocaste — foi seu único comentário. Ao que Annabelle replicou sem vontades:

— Pode que isso não seja tão mau.

Nesses momentos, enquanto subiam pelas estreitas escadas que levavam do açougue às habitações privadas dos Hunt, Annabelle era consciente do sutil comedimento nos maneiras do Simon, o único sinal da insegurança que sentia. Era óbvio que estava preocupado a respeito de como «se levariam», tal e como o tinha expresso Jeremy, ela e sua família. Decidida a que a noite fora um êxito, Annabelle esgrimiu um sorriso decidido que nem sequer se cambaleou quando escutou a comoção na residência Hunt: uma cacofonia de gritos de adultos, chiados infantis e golpes que fazia pensar que estivessem tombando móveis.

— Mãe bendita! — exclamou Isso Philippa parece ... parece ...

— Uma briga? — apontou Simon tratando de servir de ajuda —. Poderia serio. Em minha família não sempre é fácil distinguir uma conversação de salão de uma briga no quadrilátero.

Quando entraram na habitação principal, Annabelle tratou de identificar a multidão de rostos: estava a irmã maior do Simon, Sally, mãe de meia dúzia de meninos que se moviam como os touros da Pamplona através do pequeno circuito de habitações; também estavam o marido da Sally, os pais do Simon, três irmãos pequenos e uma irmã menor chamada

Meredith, cuja sombria serenidade resultava extrañamente discordante em todo aquele tumulto.

Por isso Simon lhe tinha contado, sentia um carinho especial por Meredith, que era bastante distinta a seus bagunceiros parentes, tímida e aficionada à leitura.

Os meninos se formaram redemoinhos ao redor do Simon que demonstrou possuir uma surpreendente facilidade para tratar com eles; lançou-os com perícia ao ar e conseguiu inspecionar simultaneamente a nova queda de um dente e aplicar um lenço a um nariz mucoso. Os primeiros minutos do recebimento foram algo confusos, com distintas rondas de apresentações a gritos, os meninos correndo de um lado para outro e os alaridos indignados de um gato que estava hospedado junto à chaminé e que acabava de ser mordido por um cachorrinho curioso. Annabelle tinha esperanças de que as coisas se acalmassem depois daquilo mas, para falar a verdade, a gritaria geral continuou toda a noite. De vez em quando, jogava uma olhada à rígido sorriso de sua mãe, à relaxada diversão do Jeremy e à cômica exasperação que sofria Simon quando todos seus esforços por tranquilizar aquele manicômio obtinham escassos resultados.

O pai do Simon, Thomas, era um homem enorme e imponente, com uns rasgos que, sem esforço algum, teriam bastado para intimidar à austeridade em pessoa. De forma ocasional, seus olhos se suavizavam com um sorriso que não era tão carismática como a do Simon, mas que possuía seu próprio e sereno encanto. Annabelle as arrumou para manter uma conversação amistosa com ele, já que estava sentada a seu lado durante o jantar. Por desgraça parecia que as duas mães não se comunicavam

Muito bem. A causa não parecia ser tanto o desgosto como uma completa incapacidade de relacionar-se-a uma com a outra. Suas vidas, o amontoado de experiências que as tinha criado e tinha dado forma a seus pontos de vista, não poderiam ter sido mais distintos.

O jantar consistiu em grossos filetes de vitela bem cozinhados, acompanhados por pudim e uma mínima quantidade de verduras. Annabelle suprimiu um melancólico suspiro quando recordou os pratos que tinha desfrutado na França e começou a cortar com diligência a enorme parte de vitela.

Não muito depois, Meredith a interpelou com um comentário amistoso.

— Annabelle, tem que nos contar mais costure sobre Paris. Minha mãe

e eu nos dispomos a realizar pela primeira vez um percurso pelo continente dentro de pouco.

— Que maravilha — exclamou Annabelle —. Quando partirão?

— dentro de uma semana, em realidade. Estaremos fora durante ao menos um mês e meio; começaremos pelo Calais e terminaremos em Roma ...

A conversação sobre a viagem continuou até que o jantar teve concluído e uma donzela da cozinha se aproximou com o fim de tirar os pratos enquanto a família se retirava ao salão, onde tomariam o chá e as massas.

Para deleite dos meninos, Jeremy se sentou com eles no chão perto da chaminé e se dispôs a jogar aos palitos e a lhes ajudar a controlar ao cachorrinho. Annabelle se sentou perto para observar suas palhaçadas enquanto conversava com a irmã maior do Simon. Não lhe passou por cima que Simon tinha desaparecido com sua mãe quem, conforme supunha, teria muitas perguntas que lhe fazer a seu filho maior a respeito de suas precipitada bodas e do estado de seu matrimônio.

— Por todos os diabos! — exclamou Jeremy —. O cachorrinho deixou um presente na chaminé.

— Por favor, que alguém procure à donzela e o diga — disse Sally, enquanto os meninos choravam da risada ante os maus maneiras do animal.

Já que Annabelle era a que se sentou mais perto da porta, levanto-se o instante. Ao entrar na habitação contígua descobriu que a donzela da cozinha ainda seguia retirando, os restos do jantar. Depois de que Annabelle lhe informasse sobre o pequeno incidente, a moça se dirigiu rapidamente ao salão com um punhado de trapos. Annabelle a teria seguido, mas escutou o murmúrio de uma conversação procedente da cozinha e se deteve um momento quando ouviu a voz baixa e desaprovadora da Bertha.

— ... e ela te ama, Simon?

Annabelle ficou geada onde estava, escutando atentamente a resposta do Simon.

— A gente se casa por outras razões, além dessa.

— Então não te ama — escutou dizer a Bertha sem mais —. Não posso dizer que me surpreenda. As mulheres como essa jamais ...

— Tome cuidado — murmurou Simon —. Está falando de minha esposa.

— Será um bonito adorno para seu braço — continuou Bertha quando te mover entre os da classe alta. Mas se teria casado contigo se não tivesse dinheiro? Ficarás contigo nos maus tempos? Quem dera te tivesse fixado mais nas garotas com as que tratei de te emparelhar. Essa Molly Havelock, ou Peg Larcher ..., garotas boas e fortes que seriam uma verdadeira ajuda como casal ...

Annabelle não pôde suportá-lo mais. Controlando sua expressão, se moveu de novo para o ruído e a luz do salão.

«**Bom, isso é o que ocorre por espiar**», disse-se a se mesma a contra gosto ao tempo que se perguntava se a opinião da Bertha sobre ela poderia cair mais baixo. As críticas doíam mas tinha que reconhecer que não havia nenhuma razão de peso para que lhe caísse bem à mãe do Simon, nem a sua família. De fato, Annabelle compreendeu que, ao ponderar todos os benefícios que traria consigo o matrimônio com o Simon, jamais lhe tinha ocorrido perguntar-se o que poderia lhe dar ela em troca.

Preocupada, perguntou-se se deveria contar algo ao Simon sobre o que tinha ouvido e decidiu imediatamente não fazê-lo. Tirar o tema a colação só o obrigaria a dizer algo para tranquilizá-la ou, talvez, desculpar-se em nome de sua mãe, e nenhuma das duas coisas era necessária. Sabia que lhe levaria tempo lhes demonstrar sua valia ao Simon e a sua família ... e, possivelmente, também a ela mesma.

Muito mais tarde, essa mesma noite, quando Annabelle e Simon estavam de retorno no Rutledge, Simon tomou pelos ombros e a olhou com um ligeiro sorriso.

— Obrigado — disse.

— por que?

— Por te mostrar tão agradável com minha família. — Apartou-a um pouco e apertou os lábios contra seu cocuruto —. E por ter passado por cima que são tão diferentes a ti.

Annabelle se ruborizou de agradar ante suas adulações e, de repente, sentiu-se muito melhor.

— Passei-me isso bem esta noite — mentiu, e Simon esboçou um sorriso.

— Eu não diria tanto ...

— Bom, pode que houvesse um momento ou dois, quando seu pai

ficou a falar sobre as vísceras dos animais ..., ou quando sua irmã comentou o que o bebê tinha feito durante o banho ... Mas, em conjunto, foram muito ... muito ...

— Ruidosos? — sugeriu Simon, com os olhos brilhantes por causa da diversão.

— ia dizer «bons».

Simon deslizou a mão por suas costas, massageando as zonas tensas que havia sob suas omoplatas.

— Está levando todo este assunto de ser a esposa de um plebeu bastante bem, considerando as circunstâncias.

— Em realidade, não é tão mau — murmurou Annabelle. Deslizou com suavidade e certa paquera uma mão sobre a parte dianteira do corpo de seu marido e lhe dedicou um olhar provocador —. Posso passá-lo por alto com bastante facilidade graças a esta ... impressionante ... e bem dotada ...

— Conta bancária?

Annabelle sorriu e introduziu os dedos na cinturilla de sua calça.

— Não me referia à conta bancária — sussurrou justo antes de que a boca do Simon se unisse à sua.

Ao dia seguinte, Annabelle estava impaciente por reunir-se com a Lillian e Daisy, cuja suíte estava na mesma asa do Rutledge que a sua. Sem deixar de gritar e rir enquanto se abraçavam, as três causaram um enorme alvoroço até que a senhora Bowman envio a uma donzela para decide que se calassem.

— Quero ver o Evie — se queixou Annabelle ao tempo que entrelaçava seu braço com o do Daisy enquanto se dirigiam ao saguão da suíte —. Como se encontra?

— meteu-se em uma confusão espantosa faz quinze dias por tratar de ver seu pai — replicou Daisy com um suspiro —. Sua situação piorou e agora se encontra acamado. O mau é que ao Evie a pilharam escapando da casa e agora sua tia Florence e o resto da família a mantêm encerrada.

— Durante quanto tempo?

— Indefinidamente — foi a desavergonhada resposta;

— Deus, que gente mais odiosa — murmurou Annabelle —. Quem dera pudesse ir resgatada.

— Não seria do mais divertido? — sussurrou Daisy, que se sentiu

imediatamente fascinada com a idéia —. Deveríamos raptada. Levaremos uma escada e a colocaremos sob sua janela, e ...

— ... sua tia Florence jogaria aos cães — disse Lillian a modo de advertência —. Têm dois mastins enormes que se passeiam pela propriedade de noite.

— Arrojaremos-lhes um pouco de carne com um sonífero — replicou Daisy —. E enquanto dormem ...

— Vamos, deixa já esses planos descabelados — exclamou Lillian —. Quero ouvido tudo a respeito da lua de mel.

Dois pares de olhos castanhos examinaram a Annabelle com um interesse muito pouco adequado para dois jovens virginais.

— e bem? — Perguntou Lillian —. Como é? É tão doloroso como dizem?

— Desembucha, Annabelle — a urgiu Daisy —. Recorda que nos prometemos contar isso tudo.

Annabelle sorriu porque estava desfrutando bastante de ter conhecimentos sobre algo que ainda resultava tão misterioso para elas.

— Bom, em certos momentos resultou bastante incômodo — admitiu —. Mas Simon foi muito amável Y ... atento ... e, embora não tenho nenhuma experiência prévia com a que compará-lo, não posso acreditar que nenhum homem possa chegar a ser um amante tão maravilhoso.

— O que quer dizer? — perguntou Lillian.

Um quente rubor tingiu as bochechas da Annabelle. Com vacilação, procurou as palavras que explicassem algo que, de repente, resultava-lhe impossível de descrever. Podiam-se relatar os detalhes técnicos do assunto, mas isso logo que deixava entrever a ternura de uma experiência tão íntima.

— As relações íntimas são algo que vai muito além do que jamais poderiam imaginar ... Ao princípio, quer-te morrer da vergonha, mas depois há momentos nos que a sensação é tão maravilhosa que se esquece de tudo e quão único importa é estar perto dele.

Produziu-se um breve silêncio enquanto as irmãs meditavam suas palavras.

— Quanto dura? — inquiriu Daisy.

O rubor da Annabelle se fez mais evidente.

— Em algumas ocasiões, só uns minutos ... e em outras, umas quantas

horas.

— Umas quantas horas? — repetiram ambas de uma vez com um olhar atônito. Lillian franziu o nariz com desagrado.

— Deus Santo! Isso sonha horrível.

Annabelle se pôs-se a rir ao ver sua expressão.

— Não é horrível absolutamente. Em realidade, é estupendo.

Lillian meneou a cabeça.

— Já descobrirei a maneira de obter que meu marido termine rapidamente. Há coisas muito melhores que fazer que passar horas na cama fazendo «isso».

Annabelle sorriu de brinca a orelha.

— Já que falamos do misterioso cavalheiro que um dia será você algemio ... Devemos começar com os planos de estratégia para nossa seguinte campanha. A temporada não começará até janeiro, o que nos deixa vários meses para nos preparar.

— Daisy e eu necessitamos um patrocinador aristocrata — disse Lillian com um suspiro —. Por não mencionar várias lições de etiqueta. E, por desgraça, Annabelle, posto que te casaste com um plebeu, não tem nenhuma influência social e estamos como ao princípio. — A contra gosto, acrescentou —: Não pretendi te ofender, querida.

— Não me ofendeste — replicou Annabelle com suavidade —. De qualquer forma, Simon tem alguns amigos entre a nobreza ... Lorde Westcliff, para mais gestos.

— OH, não! — disse Lillian com firmeza —. Não quero ter nada que ver com ele.

— por que não?

Lillian arqueou as sobrancelhas como se lhe surpreendesse ter que explicá-lo.

— Porque é o homem mais insofrível que conheci?

— Mas Westcliff está muito bem situado — a enrolou Annabelle —. E é o melhor amigo do Simon. Eu tampouco o tenho em grande estima, mas poderia ser um aliado muito útil. Diz-se que o título de Westcliff é o mais antigo da Inglaterra. O sangue não pode ser mais azul que a sua.

— E sabe muito bem — disse Lillian com mordaz —. Apesar de tudo seu bate-papo populista, não é difícil dar-se conta de que no fundo, adora

ser um par do reino com um montão de serventes aos que poder manipular.

— Pergunto-me por que Westcliff não se casou ainda — mudou Daisy —. Apesar de seus defeitos, terá que admitir que seria um troféu do tamanho de uma baleia.

— Sentirei-me encantada quando alguém o chave arpão — murmurou Lillian, com o que conseguiu que as outras dois se tornassem a reir.

Embora a «**boa sociedade**» se ausentou de Londres durante os meses mais quentes do verão, a vida na cidade não estava paralisada por completo. Até que o Parlamento suspendesse sua atividade em 12 de agosto, data que coincidia com a abertura da vedação do urogallo, a presença

Ocasional de aristocratas ainda se requeria durante as sessões vespertinas. Enquanto os homens assistiam ao Parlamento ou se reuniam nos clubes, suas esposas foram às compras, visitavam suas amigas e escreviam cartas. Pelas noites, assistiam a jantares, noites e dance que, pelo geral, prolongavam-se até as duas ou as três da madrugada. Tal era a agenda de um aristocrata ou inclusive a daqueles que tinham profissões que se consideravam aristocráticas, como os clérigos, os oficiais da marinha ou os médicos.

Para desgosto da Annabelle, logo se fez evidente que seu marido, apesar de sua riqueza e seu inegável êxito, não se dedicava nem remotamente a uma profissão aristocrática. Em consequência, às vezes se viam excluídos dos acontecimentos da classe alta nos que ela desejava participar. Tão

Só quando um nobre se encontrava economicamente em dívida com o Simon ou se era um bom amigo de lorde Westcliff, convidava aos Hunt a seu lar. Annabelle recebeu muito poucas visitas das jovens damas casadas que em outra época tinham sido seus amigas e, embora jamais lhe voltavam as costas quando era ela a que fazia as visitas, tampouco a respiravam a que retornasse. As fronteiras marcadas pela classe e a posição social eram impossíveis de atravessar. Inclusive a esposa de um visconde que se arruinou devido aos hábitos de jogo e as maneiras esbanjadoras de seu marido e que, por conseguinte, vivia em uma residência desmantelada com tão somente dois serventes para atendê-la, parecia determinada a conservar sua superioridade sobre a Annabelle. Depois de tudo, seu marido, apesar de

suas imperfeições, era um nobre; e Simon Hunt era um desprezível empresário.

Jogando fumaça depois do frio recebimento da esposa do visconde, Annabelle foi ver o Lillian e ao Daisy com o fim de destrambelhar sobre o montão de desprezos e desconsiderações que tinha sofrido. Ambas lhe mostraram suas simpatias e riram ao escutar suas apaixonadas queixa.

— Teriam que ter visto seu salão! — disse Annabélle, que se passeava de um lado a outro por diante das irmãs, sentadas no canapé da sala de visitas —. Tudo estava cheio de pó e as tapeçarias estavam desfiadas, havia manchas de vinho por todo o tapete e quão único essa, mulher fazia era enrugar o nariz e me olhar com lástima por me haver casado por debaixo de minhas possibilidades. «Por debaixo de minhas possibilidades», disse, quando todo mundo sabe que seu marido não é mais que um estúpido embrutecido pelo álcool que se gasta cada xelim na mesa de jogo de dados ... Pode que seja um visconde, mas não é digno nem de lhe lambeo ao Simon a sola a dos sapatos, e lhes juro que me vi e me desejei isso para não lhe dizer a ela isso mesmo.

— e por que te conteve? — perguntou Lillian com indiferença —. Eu lhe haveria dito exatamente o que pensava sobre seu estúpido esnobismo.

— Porque não se consegue nada tratando de discutir com gente assim. — Annabelle franziu o cenho —. Embora Simon evitasse que uma dúzia de pessoas morreras afogadas, jamais seria contemplado com a mesma admiração que qualquer velho nobre gordo que ficasse sentado e sem mover um dedo para ajudar.

Daisy elevou as sobrancelhas ligeiramente.

— Arrepende-te de não te haver casado com um aristocrata?

— Não — disse Annabelle imediatamente e agachou a cabeça como se de repente, sentisse-se envergonhada —. Mas suponho ... suponho que há momentos nos que não posso evitar desejar que Simon fosse um nobre.

Lillian a olhou com um pouco de preocupação.

— Se pudesse voltar atrás e mudar as coisas, escolheria a lorde Kendall em lugar do senhor Hunt?

— Deus Santo, não. — Com um suspiro, Annabelle se deixou cair sobre um tamborete de costura e a posição fez que se inchassem a seu redor as saias de seu vestido de seda verde estampada com flores diminutas —. Não me arrependo de minha eleição, mas me dói não poder assistir ao baile dos

Wymark. Ou à noite que tem lugar no Gilbreath House. Ou a qualquer dos acontecimentos aos que assiste a gente da alta sociedade. Em troca, o senhor Hunt e eu assistimos em 1a maioria das ocasiões a festas que uma classe de pessoa muito diferente.

— Que tipo de pessoas? — perguntou Daisy.

Coma Annabelle vacilava, Lillian respondeu com uma voz carregada de sarcasmo.

— Diria que Annabelle se refere aos arrivistas, a toda essa gente que tem novas fortunas, valores da classe baixa e maneiras vulgares. Em outras palavras, gente como nós.

— Não — disse Annabelle imediatamente, e ambas as irmãs puseram-se a rir.

— Sim — disse Lillian com doçura —. Te casaste com alguém de nosso mundo, querida, e não pertence a ele mais do que nós pertenceríamos à nobreza se conseguíssemos apanhar a um marido com título. Para falar a verdade, não poderia me importar menos não me mesclar com os Wymark ou com os Gilbreath, que são mortalmente aborrecidos e intolerantemente presunçosos.

Annabelle a observou com um cenho meditabundo ao dar-se conta de repente de que sua situação lhe proporcionava uma nova vantagem.

— Jamais me tinha questionado se eram ou não aborrecidos — murmurou —. Suponho que sempre quis subir até o degrau mais alto sem nem sequer me parar a pensar se eu gostaria da vista que se observa de ali. Mas agora a questão carece de importância, é obvio. E devo encontrar uma forma de me adaptar a uma vida distinta a que me tinha imaginado.

— Repousou os cotovelos sobre os joelhos, apoiou o queixo nas mãos e acrescentou a contra gosto —: Saberei que o consegui quando já não me aduela ser desprezada pela esposa de cara azeda de algum visconde.

De forma irônica, os Hunt foram convidados essa mesma semana ao baile que oferecia — lorde Hardcastle, quem estava secretamente em dívida com o Simon pelos conselhos que lhe tinha dado a respeito de como reestruturar o minguante equilíbrio familiar de investimentos e ativos. Era um acontecimento ao que assistiria um grande número de pessoas e Annabelle não podia evitar sentir-se emocionada. Embelezada com um vestido de baile cor amarela limão e com o cabelo penteado em cachos de

cabelo sujeitos por um cume de seda amarelo, entrou em salão do braço do Simon. A sala, flanqueada por colunas de mármore brancas, estava banhada com o lhe pisquem resplendor de oito aranhas, e o ar estava perfumado com a fragrância dos enormes acertos de rosas e peonías. Depois de aceitar uma taça de champanha gelado, Annabelle se mesclou de boa vontade com amigos e conhecidos, gozando da serena elegância da reunião. Essa era a gente a que sempre tinha compreendido e tratado de emular: civilizada, de maneiras corretos e versados em música, arte e literatura. Esses cavalheiros jamais sonhariam discutindo sobre política ou negócios diante de uma dama, e todos eles prefeririam receber um tiro antes de mencionar o custo das coisas ou especular de maneira aberta sobre se alguém mais merecia a pena.

Dançou freqüentemente, com o Simon e com outros homens, rendo, conversando de maneira relaxada e descartando com habilidade os cumpridos que lhe choviam. A metade da noite, contemplou ao Simon do outro lado da sala enquanto ele conversava com amigos e experimentou a súbita urgência de aproximar-se dele. Uma vez que se livrou de um par de jovens persistentes, dirigiu-se ao bordo do salão de baile, onde o espaço depois das colunas proporcionava um escuro corredor. Entre as colunas, havia canapés e pequenos rodas de pessoas de cadeiras que proviam um espaço para que os convidados se relaxassem e conversassem. Passou depois de um grupo de viúvas e depois por detrás de um grupo de desconsoladas floreiros que lhe provocou um sorriso de empatia. Quando caminhava depois de um par de mulheres, não obstante, escutou algumas palavras que fizeram que se detivera, ocuta depois do escudo de um exuberante vaso de barro de Palmas.

— ... não sei por que os convidaram esta noite — dizia com fúria uma delas. Annabelle reconheceu a voz como a de uma de suas antigas amigas, naquele momento lady Wells — Throughton, que tinha falado com ela tão somente uns minutos antes com escassa simpatia — Grande presumida é, com esse vulgar diamante em seu dedo e seu mal educado marido ... E nem o menor rastro de vergonha!

— Não lhe durará muito a presunção — foi a resposta de seu amiga —. Ainda não se deu conta de que unicamente os convidam aos lares daqueles que estão economicamente em dívida com ele. Ou aqueles que são amigos do Westcliff, é obvio.

— Westcliff é um aliado importante — admitiu lady Wells — Throughton —. Mas sua aprovação só pode lhes ajudar até certo ponto. O caso é que deveriam ter o suficiente bom gosto como para não apresentar-se em lugares aos que não pertencem. Casou-se com um plebeu e, portanto, deveria mesclar-se com os plebeus. Não obstante, suponho que se crie muito boa para eles ...

Desgostada e afundada, Annabellese apartou sem ser vista das mulheres que falavam e se dirigiu a um dos rincões da sala.

«Realmente deveria abandonar este costume de escutar às escondidas», pensou com ironia ao recordar a noite que tinha escutado os comentários da Bertha Hunt a respeito dela. **«Ao parecer, quão único ouço são coisas pouco adadoras sobre mim mesma.»**

Não lhe surpreendeu que houvesse rumores sobre o Simon e ela ... O que a tinha deixado atônita tinha sido a crueldade do tom das mulheres. Resultava-lhe impossível imaginar o motivo de semelhante antipatia ..., salvo, possivelmente, que fosse a inveja. Annabelle tinha conseguido um marido arrumado, viril e rico, enquanto que lady WellsThroughton se casou com um nobre que pelo menos era trinta anos maior que ela e que possuía o carisma de um vaso de barro.

Não era de sentir saudades que lady Wells — Throughton e suas contemporâneas estivessem decididas a manter a única superioridade que possuíam: ser membros da aristocracia.

Annabelle recordou o comentário da Philippa: «Um homem que se dedica ao comércio jamais chegará a ser tão influente como um aristocrata ...» Entretanto, lhe parecia que a aristocracia tinha medo do crescente poder dos empresários industriais como Simon. Muito poucos se mostrariam tão inteligentes como lorde Westcliff e compreenderiam que deviam fazer algo mais que aferrar-se aos antigos privilégios dos latifundiários para manter seu poder.

Sorteando um par de colunas, Annabelle jogou uma olhada à multidão distinguida que enchia a estadia ..., tão arrogante, tão embebida em suas maneiras tradicionais de pensar e de comportar-se ..., tão decidida a ignorar que o mundo que a rodeava tinha começado a mudar. Mesmo assim, encontrava sua companhia imensamente mais reconfortante que a tosca e, freqüentemente, imatura conduta dos amigos empresários do Simon. De qualquer forma, já não os olhava com assombro ou desejo. De fato ... Seus

pensamentos se viram interrompidos por um cavalheiro que se aproximou dela com duas taças de champanha gelado. Era corpulento, estava ficando calvo e as dobras de seu pescoço se sobressaíam por cima da gravata de seda. Annabelle gemeu para seus si ao reconhecê-lo lorde Wells — Throughton, o marido da senhora que a tinha criticado antes com tanto ressentimento. Pela maneira em que seu ávido olhar se deslizou sobre seus peitos talheres com pálido cetim, parecia não compartilhar o desejo de sua esposa de que Annabelle se absteve de assistir ao baile.

Wells — Throughton, cuja inclinação pelas relações extramaritais era bem conhecida, aproximou-se da Annabelle um ano antes para deixar cair de forma inconfundível que estava mais que disposto a ajudá-la com seu problema econômico em troca de sua companhia. O fato de que ela o tivesse rechaçado não fala desalentado seu interesse, ao parecer. Assim como tampouco as notícias de seu matrimônio. Para os aristocratas como Wells — Throughton, o matrimônio não supunha um impedimento para uma aventura ... Se acaso, era um estímulo. «**Jamais te deite com uma solteira**» era um dito comum entre, os nobres e as aventuras amorosas um privilegio do que os cavalheiros e as damas casados desfrutavam freqüentemente. Nada resultava tão atrativo para um par do reino como a jovem esposa de outro homem.

— Senhora Hunt — disse Wells — Throughton com jovialidade, ao tempo que lhe tendia uma taça de champanha que ela aceitou com um frio sorriso de agradecimento —. Esta noite está tão formosa como uma rosa do verão.

— Obrigado, milord — respondeu Annabelle com modéstia. — A que devemos atribuir este óbvio resplendor de felicidade, querida minha?

— A meu recente matrimônio, senhor. — Wells — Throughton pôs-se a rir entre dentes.

— Sim, lembrança muita bem os primeiros dias de matrimônio. Desfrute do prazer enquanto dure, porque é muito efêmero.

— Para alguns, talvez. Para outros pode durar, toda uma vida.

— Que deliciosamente ingênua é você, querida minha. — Dedicou-lhe um sorriso zombador antes de voltar a baixar o olhar fada seus peitos —. Entretanto, não lhe arruinarei semelhantes ideia românticas, já que desaparecerão ao seu devido tempo.

— Duvido-o muito — disse Annabelle, o qual fez que o homem

soltasse uma gargalhada.

— demonstrou Hunt ser um marido satisfatório, então?

— Em todos os aspectos — lhe assegurou.

— Venha, serei seu confidente e encontraremos algum rincão apropriado para falar. Conheço muitos.

— Não me cabe dúvida — replicou Annabelle com ligeireza —, mas não tenho nenhuma necessidade de confidências, milord.

— Insisto em lhe roubar algo de seu tempo durante um momento.

— Wells — Throughton colocou uma de suas gordas mãos na parte baixa das costas da Annabelle —. Não será tão estúpida como para montar um alvoroço, não é certo?

Sabendo de que a única defesa era tomar-se à ligeira sua persistência, Annabelle sorriu e lhe deu as costas, sorvendo seu champanha com estudada despreocupação.

— Não me atreveria a ir a nenhum sitio com você, milord. Temo-me que meu marido possui um temperamento bastante ciumento.

Deu um pequeno pulo quando escutou a voz do Simon detrás dela.

— Com bons motivos, ao parecer.

Embora tinha falado em voz baixa, havia uma nota mordaz em seu tom que alarma Annabelle. Contemplou-o em silêncio lhe rogando, lhe suplicando, que não fizesse uma cena. Lorde Wells — Throughton era irritante, mas inofensivo, e Simon os converteria no objeto de todas as brincadeiras se reagia de forma exagerada ante aquela situação.

— Hunt — murmurou o corpulento aristocrata com um sorriso e sem a mais mínima vergonha —. É você um homem afortunado ao possuir um prêmio tão delicioso.

— Sim, assim é. — O olhar do Simon era, claramente, ameaçadora —. E se você voltar a aproximar-se dela de novo ...

— Bebe — o interrompeu Annabelle com um sorriso caprichoso —. Adoro esse caráter primitivo teu, mas deixemo-lo para depois do baile.

Simon não respondeu, mas não apartou o olhar do Wells — Throughton até que sua postura ameaçadora chamou a atenção da gente que se encontrava nas proximidades.

— Mantenha-se longe de minha esposa — disse com suavidade, obtendo que o outro homem empalidecesse.

— boa noite meu lorde — disse Annabelle, que se bebeu o resto de sua

taça e lhe dedicou ao homem um radiante e falso sorriso —. Obrigado pelo champanha.

— Um prazer, senhora Hunt — foi a mal-humorada resposta do Wells — Throughton, que se retirou com toda rapidez.

Ruborizada pela vergonha, Annabelle evitou as olhadas curiosas de outros convidados e abandonou o salão com o Simon lhe pisando os talões. Abriu-se caminho até um balcão, deixou a taça e permitiu que a suave brisa refrescasse suas ardentes bochechas.

— O que te há dito? — perguntou Simon bruscamente, de pé diante dela.

— Nada importante.

— Estava-te fazendo uma proposição ... todo mundo se deu conta disso.

— Para ele não significa nada, nem para ninguém mais aqui. Assim é como são todos; sabe muito bem que essas coisas nunca se tomam a sério. Para eles, a fidelidade é um ... um prejuízo da classe média. E se um homem se aproxima da esposa de outro, como tem feito lorde Wells — Throughton, ninguém lhe dá a

Menor importância ...

— Pois tem uma importância enorme quando é a minha esposa a que se aproximam.

— Se reagir de uma maneira tão beligerante nos converterá em um bobo ... e, além disso, isso não demonstraria fé alguma em minha fidelidade.

— Você mesma há dito que os de sua classe nem sequer acreditam na fidelidade.

— Não são os de minha classe — lhe espetou Annabelle, que tinha perdido os nervos —. Não desde que me casei contigo, ao menos! Já não sei qual é meu lugar ... Não está com essa gente, mas com a tua tampouco.

Sua expressão não se alterou, mas ela pôde dar-se conta de que o tinha ferido. Subitamente contrita, suspirou e se esfregou a frente.

— Simon, não pretendia dizer ...

— Não tem nada — disse com secura. —. Voltemos dentro.

— Mas quero te explicar ...

— Não tem que explicar nada.

— Simon ... — Deu um leve pulo e fechou a boca quando a levou de

novo ao salão de baile, desejando de todo coração poder apagar suas impulsivas palavras.

Capítulo 24

Tal e coma Annabelle, tinha temido, a impetuosa acusação que fizesse no baile dos Hardcastle tinha criado um pequeno mas indiscutível distanciamento entre ela e seu marido. Desejava desculpar-se e lhe explicar que não o culpava de nada. Não obstante, todos seus esforços por lhe dizer que não se arrependia de haver-se casado com ele eram suave mas firmemente rechaçados. Simon, que sempre estava disposto a discutir qualquer assunto, negava-se em redondo a debater aquela questão.

De forma involuntária, tinha-o ferido com a delicada precisão de um bisturi e a reação de seu marido revelava certo sentimento de culpa por havê-la separado do mundo da classe alta ao que ela tinha sonhado uma vez pertencer.

Para alívio da Annabelle, sua relação voltou rapidamente para ser como antes: divertida, estimulante e, inclusive, afetuosa. Mesmo assim, lhe preocupava saber que as coisas não eram de todo iguais. Havia momentos nos que Simon se mostrava um pouco retraído com ela, posto que agora ambos sabiam que tinha poder para feri-lo. Parecia que só lhe permitia aproximar-se até certo limite, e se protegia a

Si mesmo impondo uma distância prudencial entre eles. De qualquer forma, emprestava-lhe ajuda e apoio quando o necessitava ... e aí o demonstrou a noite em que se apresentou um problema que provinha de uma direção inesperada.

Simon tinha chegado a casa a uma hora inusualmente tardia, depois de ter acontecido todo o dia na fábrica da Consolidated Locomotive. Passar um dia naquele lugar equivalia a retornar ao Rutledge com a roupa feita um desastre e um forte aroma de fumaça de carvão, a azeite e a metal.

— O que estiveste fazendo? — exclamou Annabelle, divertida e alarmada a um tempo por seu aspecto.

— Passear pela fundição — replicou Simon, que se tirou o colete e a camisa logo que atravessou a porta de seu dormitório.

Annabelle lhe dirigiu um olhar cético.

— Fez algo mais que «**passear**». Do que são essas manchas que tem na

roupa? Dá a impressão de que tivesse tratado de construir a locomotiva você mesmo.

— Houve um momento no que se necessitou um pouco de ajuda extra. Seu torso, de músculos bem desenvolvidos, ficou exposto quando deixou cair a camisa ao chão. Parecia estar de muito bom humor. Ao ser um homem fundamentalmente físico, Simon desfrutava exercitando-se, sobretudo quando encarava a perspectiva de algum perigo. Com o cenho franzido, Annabelle foi preparar a banheira no quarto de banho adjacente e retornou para descobrir que seu marido estava vestido unicamente com a roupa interior. Tinha um cardeal do tamanho de um punho na perna e uma marca vermelha de queimadura na boneca que obtiveram que Annabelle exclamasse com inquietação:

— Está ferido! O que passou?

Simon pareceu momentaneamente perplexo por sua preocupação e pela forma em que ela se aproximou dele.

— Não é nada — disse ao tempo que alargava a mão para apanhar a cintura de sua mulher. Lhe apartou as mãos e se ajoelhou para inspecionar o machucado da perna.

— Com o que te tem feito isto? — inquiriu enquanto roçava o bordo do machucado com a ponta do dedo —. foi na fundição, não é assim? Simon Hunt, quero que te mantenha afastado desse lugar! Com todas essas caldeiras, guas e cisternas a próxima vez, o mais seguro é que lhe esmaguem, ou que acabe cozido, ou cheio de buracos ...

— Annabelle ... — A voz do Simon destilava bom humor. Inclinou-se para agarrá-la pelos cotovelos e a ajudou a ficar em pé —. Não posso falar contigo enquanto está ajoelhada diante de mim desse modo. Não de forma coerente, ao menos. Posso te explicar exatamente ... — deteve-se um instante, e seus olhos escuros adquiriram um brilho estranho ao observar a. Expressão da Annabelle —. Está zangada, não é certo?

— Qualquer esposa o estaria se seu marido retornasse a casa em semelhantes condicione!

Simon colocou a mão detrás de seu pescoço e lhe deu um ligeiro apertão.

— Está reagindo de uma maneira um pouco exagerada ante um moratón e uma pequena queimadura, não te parece?

Annabelle franziu o cenho. — Primeiro me diga o que ocorreu e depois

decidirei como devo reagir.

— Havia quatro homens tratando de tirar uma prancha de metal de um forno com umas tenazes de manga comprido. Tinham que levá-la até um bastidor onde poderiam enrolá-la e comprimi-la. A prancha de metal resultou ser algo mais pesada do que esperavam e, quando se fez evidente que estavam a ponto de deixar cair essa maldita coisa, agarrei outro par de tenazes e fui ajudar.

— por que não o fez algum dos trabalhadores da fundição?

— Porque deu a casualidade de que era eu quem se encontrava mais perto do forno. — Simon se encolheu de ombros em um esforço por subtrair importância ao episódio —. Me fiz o machucado ao me golpear o joelho contra o bastidor antes de que conseguíssemos deixar a prancha ... E a queimadura, quando as tenazes de alguém me roçaram o braço. Mas não é nada. Eu me curo rápido.

— Vá, e isso é tudo? — perguntou Annabelle —. Não tem feito outra coisa que levantar centenas de quilogramas de ferro ao vermelho vivo em mangas de camisa?.. Sou uma estúpida por me preocupar.

Simon inclinou a cabeça até que seus lábios roçaram a bochecha de sua esposa.

— Não tem que preocupar-se por mim.

— Pois alguém deve fazê-lo. — Annabelle era consciente da força e a solidez desse corpo, tão perto do dele. Esse esqueleto de ossos grandes estava carregado de força e elegância masculina. Entretanto, Simon não era invulnerável, nem tampouco indestrutível. Não era mais que um homem e a Annabelle resultou bastante alarmante dar-se conta de quão importante era sua segurança para ela. Separou-se dele e foi revisar a água do banho ao tempo que dizia por cima do ombro —: Cheira como um trem.

— Com uma chaminé enorme — replicou ele, que lhe pisava nos talões.

Annabelle soprou com ironia. — Se está tratando de te fazer o gracioso, não te incomode. Estou furiosa contigo.

— por que? — murmurou Simon, que a apanhou desde atrás —. Porque estou ferido? Me acredite, todas suas partes favoritas se encontram em plena forma. — Beijou-a em um lado do pescoço.

Annabelle esticou as costas para resistir ao abraço.

— Importa-me um cominho se saltar de cabeça a um tanque de ferro

fundido; se for tão estúpido para ir à fundição e não levar a roupa apropriada ...

— Sopa do inferno. — Simon acariciou com o nariz as delicadas mechas da nuca enquanto uma de suas mãos subia para encontrar um peito.

— O que? — inquiriu Annabelle, perguntando-se se seu marido se limitou a soltar um novo juramento.

— Sopa do inferno ... Assim é como chamam o ferro fundido — Seus dedos rodearam o molde reforçado do peito, elevado e rígido de forma artificial graças à armação do espartilho —. Por Deus Santo! O que leva debaixo deste vestido?

— Meu novo espartilho modelado a vapor. Essa roupa interior de moda, importada de Nova Iorque, tinha sido intensamente engomada e comprimida sobre uma superfície de metal, o que lhe conferia mais rigidez à estrutura que a do espartilho convencional.

— Eu não gosto. Não posso sentir seus peitos.

— supõe-se que não deve fazê-lo — disse Annabelle com fingida paciência; pôs os olhos em branco quando ele elevou as mãos até seu peito para apertar com o fim de comprovado —. Simon ..., o banho ...

— Quem foi o idiota que inventou os espartilhos em primeiro lugar? — perguntou com um grunhido enquanto se separava dela.

— Um inglês, é obvio.

— Não podia ser outro. — Seguiu-a quando ela se dirigiu a fechar os grifos da banheira.

— Minha costureira me há dito que os espartilhos estavam acostumados a ser túnicas que se vestiam como símbolo de servidão.

— E por que está tão disposta a te pôr um símbolo de servidão?

— Porque todas as demais o fazem e, se não o fizesse, minha cintura resultaria, em comparação, como a de uma vaca.

— Vaidade, seu nome é mulher — recitou, ao tempo que deixava cair seus calções sobre o chão de ladrilhos.

— E suponho que os homens levam gravata porque são incrivelmente cômodas, não? — perguntou Annabelle com doçura, sem deixar de observar como seu marido se metia na banheira.

— Levo gravata porque, se não o fizesse, a gente acreditaria que sou ainda mais incivilizado do que já sou.

Descendendo com cautela, já que a banheira não tinha sido desenhada

para um homem de seu tamanho, Simon deixou escapar um vaio de agrado quando a água quente lhe roçou a cintura. Annabelle se colocou a seu lado e passou os dedos por seu abundante cabelo enquanto murmurava:

— Não sabem nem a metade. Espera ..., não coloque o braço na água. Ajudarei-te a te banhar.

Enquanto o ensaboava, Annabelle fez um prazenteiro inventário do enorme e bem exercitado corpo de seu marido. Suas mãos se deslizavam muito devagar sobre os duros músculos, em alguns lugares avultados e marcados e em outros, suaves e sólidos. Sensual como era, Simon não se esforçou por ocultar o prazer que lhe proporcionava e a contemplou de forma preguiçosa através das pálpebras entreabridas. Se o aceleróla respiração, embora ainda era bastante regular, e seus músculos se voltaram como o aço devido às carícias das pontas dos dedos da Annabelle.

O silêncio da habitação azulejada só se via quebrado pelo ruído da água e o som de suas respirações. De forma distraída Annabelle colocou os dedos entre o pêlo ensaboamento de seu peito enquanto recordava a sensação que este causava sobre seus seios quando o corpo de seu marido se movia sobre o seu.

— Simon — sussurrou.

Ele elevou as pálpebras e seus olhos escuros se cravaram nela. Uma dessas grandes mãos se deslizou sobre a dela para apertada contra os duros contornos de seu peito.

— Sim?

— Se alguma vez te ocorresse algo, eu ... — Fez uma pausa ao escutar o som de uma vigorosa chamada à porta da suíte. Seu sonhos se fez pedaços devido ao impertinente ruído —. Me pergunto quem poderá ser ...

A interrupção provocou que uma expressão de contrariedade aparecesse no semblante do Simon.

— pediste algo?

Annabelle negou com a cabeça e estirou a mão em busca de uma toalha para secá-las mãos.

— Não faça conta.

Ela sorriu com amargura quando os golpes se voltaram mais insistentes.

— Não acredito que nosso visitante se renda com tanta facilidade. Suponho que terei que ir ver quem é.

Saiu do quarto de banho e fechou a porta com cuidado para permitir que Simon se lavasse na intimidade. Caminhou a grandes passos até a porta da suíte e a abriu.

— Jeremy! O prazer que sentia se desvaneceu imediatamente ao ver a expressão de seu irmão. Seu rosto adolescente estava pálido, com o olhar perdido e a boca apertada em uma fina linha. Não levava chapéu nem jaqueta e seu cabelo estava completamente despenteado.

— Jeremy, aconteceu alguma coisa? — perguntou enquanto o convidava a passar.

— Poderia dizer-se que sim. Ao ver o pânico apenas oculto em seu olhar, Annabelle o observou com crescente preocupação.

— me diga o que ocorre.

Jeremy se passou uma mão pelo cabelo, o que só conseguiu que as abundantes mechas de cabelo castanho dourado ficassem de ponta.

— A questão é que ... — deteve-se um momento com expressão confundida, como se não pudesse acreditar o que estava a ponto de dizer.

— Qual é a questão? — quis saber Annabelle. — A questão é que ... nossa mãe acaba de apunhalar a alguém.

A jovem contemplou a seu irmão com perplexidade. Pouco a pouco, um cenho franzido se instaurou em seus rasgos.

— Jeremy — disse com seriedade —, é a brincadeira de pior gosto que jamais há ...

— Não é uma brincadeira! Maldição, Quem dera o fora!

Annabelle não fez esforço algum por ocultar seu cepticismo.

— E a quem se supõe que apunhalou?

— A lorde Hodgeham. Um dos velhos amigos de papai, recorda-o?

De repente, o sangue desapareceu do rosto da Annabelle e uma expressão de horror veio a substituída.

— Sim — se escutou sussurrar a si mesmo —. O recordo.

— Ao parecer, o homem foi casa esta noite enquanto eu estava fora com meus amigos, mas retornei a casa cedo e, quando atravesssei a soleira vi o sangue no chão da entrada.

Annabelle sacudiu a cabeça ligeiramente enquanto tratava de assimilar o significado dessas palavras.

— Segui o rastro até o salão — continuou Jeremy —, onde a donzela da cozinha estava em meio de um ataque de histeria, e o criado tratava de

limpar um atoleiro de sangue do tapete enquanto mamãe permanecia imóvel como uma estátua, sem dizer uma palavra. Havia umas tesouras ensangüentadas sobre a mesa ..., essas que usa para a costura. Por isso pude entender aos serventes, Hodgeham entrou no salão com mamãe, lhes ouviu discutir a vozes e depois Hodgeham saiu cambaleando-se com as mãos apertadas contra o peito.

A mente da Annabelle começou a transportar ao dobro de sua velocidade habitual e suas idéias voaram de forma enlouquecida. Philippa e sempre lhe tinham oculto a verdade ao Jeremy, quem tinha estado na escola em todas as ocasiões que Hodgeham fazia uma visita. Por issa Annabelle sabia, seu irmão não tinha conhecimento algum de que Hodgeham ia a sua casa. Sentiria-se destruçado se compreendesse que parte do dinheiro que pagava as contas do colégio se obteve em troca de ... Não, não devia descobri-lo. Já inventaria alguma explicação. Mais tarde. Naquele momento, o mais importante era proteger a Philippa.

— Onde se encontra Hodgeham agora? — perguntou a jovem — É muito grave sua ferida?

— Não tenho a menor ideia. Ao parecer, encaminhou-se à porta traseira, onde o aguardava sua carruagem, e o ajudaram seu próprio laçao e seu chofer. — Jeremy sacudiu a cabeça com frenesi —. Não sei onde o apunhalou mamãe, nem quantas vezes; nem sequer por que. Ela não o disse ... limitou-se a me olhar como se não pudesse recordar nem seu próprio nome.

— Onde está ela agora? Não me diga que a deixaste sozinha em casa ...

— Disse-lhe ao criado que não a perdesse de vista nem um segundo, e que não a deixasse ... — Jeremy guardou silêncio e dirigiu um olhar precavido por cima do ombro da Annabelle —. Olá senhor Hunt. Sinto muito interromper sua noite, mas vim porque ...

— Sim, ouvi-o. Sua voz se escutava também na habitação do lado —. Simon ficou ali de pé enquanto se introduzia com calma as abas da camisa nas calças, mas seu olhar, alerta não se apartou nem um instante do Jeremy.

Ao dá-la volta, Annabelle ficou geada ao ver seu marido. Havia ocasiões nas que não recordava o lhe intimidem que podia resultar Simon, mas, nesse instante, com esses olhos imisericordios e essa falta total de expressão, parecia tão duro como um capanga.

— por que foi Hodgeham à casa a semelhantes horas? — perguntou-se Jeremy em voz alta, com uma expressão de intensa preocupação em seu rosto adolescente —. E por que diabos o recebeu mamãe? O que a terá provocado até um ponto semelhante? Deve havê-la incomodado de algum modo. Seguro que há dito algo a respeito de papai ... Ou pode que inclusive lhe tenha feito uma proposição desonesta, esse asqueroso bastardo.

Durante o tenso silêncio que seguiu às inocentes especulações do Jeremy, Annabelle abriu a boca para dizer algo, mas Simon negou levemente com a cabeça para silenciá-la. Voltou sua atenção ao Jeremy e disse com voz fria e baixa:

— Jeremy, corre até os estábulos que há atrás do hotel e ordena que enganchem os cavalos a minha carruagem. E lhes diga que selem meu cavalo. Depois disso, vá casa para recolher o tapete e as roupas manchadas de sangue e as leve a fábrica de locomotivas: o primeiro edifício do complexo. Menciona meu nome e o capataz não te fará perguntas. Ali há um forno ...

— Sim — disse Jeremy, que compreendeu imediatamente —. O queimarei tudo.

Simon assentiu com brevidade e o moço correu para a porta sem dizer outra palavra. Quando Jeremy abandonou a suíte, Annabelle se girou para seu marido.

— Simon, eu ... quero ir com minha mãe ...

— Pode ir com o Jeremy.

— Não sei o que fazer com lorde Hodgeham ...

— Encontrarei-o — disse Simon com gravidade —. Tão somente reza para que a ferida seja superficial. Se morrer, será um diabo de difícil tampar toda esta confusão.

Annabelle assentiu com a cabeça e se mordeu o lábio antes de dizer:

— Acreditei que por fim nos tínhamos liberado do Hodgeham. Nem me ocorreu pensar que se atreveria a visitar minha mãe de novo depois de que me casasse contigo. Ao parecer, não há nada que o detenha.

Ele a agarrou pelos ombros e disse com uma suavidade quase arrepiante:

— Eu lo deterei. Pode ficar tranqüila a esse respeito.

Annabelle lo observou com a sobrancelha franzida pela preocupação.
— O que planeja fazer ao ...?

— Falaremos mais tarde. Agora, vá agarrar sua capa.

— Se Simon — sussurrou enquanto se dirigia ao armário.

Quando Annabelle e Jeremy chegaram a casa de sua mãe, encontraram a esta sentada nas escadas, com um copo de licor apertado entre as mãos. Parecia pequena, quase uma menina, e a Annabelle lhe encolheu o coração ao contemplar a cabeça encurvada de sua mãe

— Mamãe — murmurou ao tempo que se sentava no degrau junto a ela.

Colocou um braço ao redor das costas encurvada da mulher. Enquanto isso, Jeremy assumiu uma atitude metódica enquanto ordenava ao criado que o ajudasse a enrolar o tapete do salão e a trasladá-la até a carruagem que o esperava na porta. Apesar da preocupação que a embargava, Annabelle não pôde evitar dar-se conta de que o moço estava levando a situação extraordinariamente bem para um menino de quatorze anos.

Philippa elevou a cabeça e olhou a Annabelle com expressão curvada.

— Sinto-o tanto ...

— Não, não o ...

— Justo quando acreditava que tudo estava bem por fim, Hodgeham veio aqui ... Disse que queria seguir me visitando e que, se eu não estava de acordo, contaria a tudo mundo o acerto que mantínhamos. Disse que arruinaria a todos e me converteria em uma figura de escárnio público. Chorei e supliquei e ele pôs-se a rir ... Então, quando me pôs as mãos em cima, senti que algo cedia em meu interior. Vi as tesouras perto e não pude evitar as agarrar e ... tratei de matá-lo. Espero havê-lo conseguido. Não me importa o que me ocorra a partir de agora ...

— Cala, mamãe — sussurrou Annabelle, que colocou um braço ao redor de seus ombros —. Ninguém vai culpar te pelo que tem feito; lorde Hodgeham era um monstro Y ... — Era? — perguntou Philippa sem o mais mínimo Isso arrependimento significa que morreu?

— Não sei. Mas tudo sairá bem, sem importar o que ... Jeremy e eu estamos aqui, e o senhor Hunt não permitirá que te ocorra, nada mau.

— Mamãe — disse Jeremy, que sujeitava um dos extremos do tapete enrolado que o criado e ele transportavam para a saída traseira da casa —, sabe onde estão as tesouras? —. Pergunta-a foi realizada de uma maneira tão casual que alguém acreditaria que as necessitava para cortar a corda de um pacote.

— Tem-nas a donzela da cozinha, acredito — replicou Philippa —. Estava tratando das limpar.

— De acordo, as pedirei a ela. — Enquanto avançavam pelo vestíbulo, Jeremy disse por cima do ombro —: Joga uma olhada a sua roupa, de acordo? Terá que desfazer-se de algo que tenha uma mancha de sangue.

— Sim, querido.

Escutando-os aos dois, Annabelle não pôde evitar perguntar-se como era possível que sua família e ela tivessem uma conversa tão normal de quinta-feira de noite a respeito de como desfazer-se das evidências de um crime. E pensar que ela se havia sentido superior à família do Simon ... Deu um pulo ao recordar aquilo.

Duas horas mais tarde, Philippa se tinha terminado sua bebida e estava acurrucada a salvo em sua cama; Simon e Jeremy tinham chegado à casa quase ao mesmo tempo. Conversaram por um momento no vestíbulo. Quando Annabelle baixou as escadas, deteve-se o meio passo ao ver o Simon envolver a seu irmão em um rápido abraço e lhe alvoroçar o cabelo, já de por si despenteado. Aquele gesto paternal pareceu tranquilizar enormemente ao Jeremy e em seu rosto se desenhou um sorriso cansado. Annabelle ficou geada ao vê-los os dois.

Era surpreendente que seu irmão aceitasse ao Simon com tanta facilidade quando ela tinha esperado que se rebelasse ante a autoridade de seu marido. Produziu-lhe uma sensação estranha presenciar o vínculo que se formou imediatamente entre eles, sobre tudo sabendo que não era fácil ganhá-la confiança do Jeremy. Até esse momento, não lhe tinha ocorrido o alívio que devia supor para seu irmão ter a alguém forte em quem apoiar-se, alguém que pudesse solucionar problemas que ele era muito jovem para dirigir. A luz amarelada do abajur da entrada se refletiu sobre os escuros cabelos do Simon e resplandeceu sobre seus maçãs do rosto quando a olhou.

Desfazendo do perplexo nó de emoções que a embargava, Annabelle descendeu o resto dos degraus e perguntou: — Encontrou ao Hodgeham? E, se assim for ...

— Sim, encontrei-o. — Estirou um braço para agarrar a capa que pendurava do corrimão e a colocou sobre os ombros de sua esposa —. Vêem, contarei-te tudo de caminho a casa.

Annabelle se girou para seu irmão.

— Jeremy, arrumará-lhe isso se vamos?

— Tenho a situação bem controlada — replicou o menino, cheio de confiança masculina.

Os olhos do Simon refletiram uma faísca de diversão enquanto colocava uma mão na cintura da Annabelle.

— Vamos — murmurou.

Uma vez que estiveram na carruagem, Annabelle metralhou a seu marido a perguntas até que lhe pôs uma mão sobre os lábios.

— Contarei-lhe isso se for capaz de guardar silêncio durante um par de minutos — disse.

Ela assentiu sob sua mão e Simon sorriu, inclinando-se para frente para substituir a mão com a boca. Depois desse beijo roubado, voltou a reclinar-se em seu assento e sua expressão se tornou séria.

— Encontrei ao Hodgeham em sua casa, onde o estava atendido o médico de sua família. E menos mal que apareci naquele momento, porque já tinham chamado ao oficial e esperavam sua chegada

— Como conseguiu que os serventes lhe deixassem passar?

— Arrumei-me isso para entrar na casa e exigi que me levassem ante o Hodgeham imediatamente. Havia muita confusão na residência e ninguém se atreveu a me rechaçar. Um dos criados me indicou o caminho até o dormitório de acima, onde o doutor estava costurando a ferida do Hodgeham. — Um humor sinistro tingiu sua expressão —. É obvio, poderia ter encontrado a habitação graças aos uivos e os gritos desse bode.

— Bem — disse Annabelle com veemente satisfação —. Todos os dores que esteja sofrendo lorde Hodgeham não são suficientes nem de longe, em minha opinião. Que tal estava e o que disse quando apareceu na habitação?

Uma das comissuras do Simon se retorceu a causa do desagrado.

— Tema uma ferida no ombro ..., bastante pequena. E é melhor não repetir a maior parte das coisas que disse. Depois de lhe permitir destrambelhar durante uns minutos, pedi-lhe ao médico que esperasse na habitação do lado enquanto eu mantinha um bate-papo privado com o Hodgeham. Disse-lhe que sentia muito o de seu mal-estar intestinal ..., comentário que o confundiu até que lhe expliquei que lhe conviria muito mais descrever a doença a seus amigos como uma dor estomacal em lugar

de referir-se a ela como uma punhalada.

— E se não o faz? — perguntou-lhe Annabelle com um sorriso desfalecido.

— Deixei-lhe claro que o cortaria em rodelas como se fora um presunto do Yorkshire. E que, se alguma vez escutava o mais leve rumor que sujasse a reputação de sua mãe ou de sua família, jogaria – as culpas a ele, depois do qual, não ficariam pedaços suficientes para fazer um enterro decente. Quando terminei de falar, Hodgeham estava muito aterrorizado para respirar. Me acredite, jamais se aproximará de novo a sua mãe. No que se refere ao doutor, compensei-o por sua visita e o convenci de que apagasse tudo o episódio de sua mente. Me teria partido nesse momento, mas tinha que esperar ao oficial.

— E o que lhe disse ao oficial?

— Disse-lhe que tinha havido um engano e que não lhe necessitava, depois de tudo. E, pelas moléstias, convidei-o a tomar-se tantas rondas de cerveja como quisesse no botequim Brown Bear quando acabasse o turno.

— Graças a Deus! — Mais aliviada do que podia expressar com palavras, Annabelle se aconchegou junto a ele e suspirou sobre seu ombro —. O que passa com o Jeremy? O que lhe diremos?

— Não é necessário que saiba a verdade; só conseguiria que se sentisse ferido e confuso. No que a mim respeita, Philippa reagiu de forma exagerada ante os avanços do Hodgeham e perdeu os nervos por um momento. — Simon acariciou seu queixo com a ponta. Do polegar —. Quero te sugerir uma coisa, e quero que a medite seriamente.

Perguntando-se se sua «sugestão» ia ser uma ordem encoberta, Annabelle o olhou com suspicacia.

— Sim?

— Acredito que o melhor seria que Philippa pusesse algo de distancia entre Londres (e Hodgeham) e ela até que as coisas se acalmem.

— Quanta distância? E aonde deveria ir?

— Pode unir-se à excursão que vão fazer minha mãe e minha irmã pelo continente. Partem dentro de uns dias ...

— Essa é a pior ideia que ouvi jamais — exclamou Annabelle —. Em primeiro lugar, quero que esteja perto, onde Jeremy e eu possamos cuidada. Em segundo, posso te garantir que sua mãe e sua irmã não se mostrarão muito agradadas ...

— Enviaremos também ao Jeremy com elas. Tem tempo suficiente antes de que comece o novo curso e será um escolta excelente para as três.

— Pobre Jeremy ..._Annabelle tratou de imaginar o escoltando ao trio de mulheres ao longo e largo da Europa —. Não lhe desejaria uma tarefa semelhante nem a meu pior inimigo.

Simon sorriu.

— O mais provável é que aprenda um montão sobre as mulheres.

— E nada agradável, por certo — replicou ela —. Por que crie que é necessário tirar minha mãe de Londres? Lorde Hodgeha; m supõe ainda algum tipo de perigo?

— Não — murmurou enquanto lhe elevava a cara com suavidade —. Já te hei dito que jamais se atreverá a aproximar-se da Philippa de novo. Entretanto, se resultar que há algum problema com o Hodgeham preferiria solucionado enquanto ela não está. Além disso, Jeremy disse que não parece ela mesma. É compreensível dadas as circunstâncias. Umas quantas semanas de viagem farão que se sinta melhor.

Quanda Annabelle considerou a idéia, teve que admitir que tinha certo sentido. Fazia muito tempo que Philippa não se tirava férias. E se Jeremy ia com ela; talvez pudesse tolerar la companhia das Hunt. Quanto à opinião da Philippa ... parecia. Muito afetada para tomar nenhuma decisão. Era mais que provável que acessasse a qualquer plano que lhe propor seus filhos.

— Simon — disse muito devagar —, está-me perguntando minha opinião ou me está contando o que decidiste?

O olhar do Simon varreu seu rosto para fazer uma avaliação rápida.

— Qual das duas opções tem mais probabilidades de que te mostre de acordo? — pôs-se a rir ao ver a resposta em sua expressão —. Muito bem, lhe estou perguntando isso.

Annabelle sorriu com ironia e voltou para aconchegar-se no oco de seu ombro.

— Nesse caso, se Jeremy estiver de acordo ... Eu também.

Capítulo 25

Annabelle não lhe tinha perguntado ao Simon como se tomaram Bertha e Meredith Hunt a notícia de que foram estar acompanhadas por dois novos viajantes e a verdade era que tampouco ardia em desejos de escutar a resposta. O único que lhe importava era o fato de que Philippa se encontraria bem longe de Londres e de qualquer lembrança de lorde Hodgeham. Annabelle esperava que para quando sua mãe voltasse, fizesse-o como uma mulher nova, em paz consigo mesma e lista para começar a refazer sua vida. A viagem inclusa poderia proporcionar alguma alegria ao Jeremy, que estava impaciente por visitar alguns dos lugares sobre os que tinha estudado no colégio.

Dado que faltava menos de uma semana para sua partida, Annabelle se lançou à tarefa de preparar a bagagem que foram necessitar sua mãe e seu irmão, tratando de antecipar o que requeria uma viagem de seis semanas. Sem ocultar a diversão que lhe produzia ver a quantidade de provisões que Annabelle tinha comprado para eles, Simon comentou que qualquer acreditaria que sua família ia atravessar regiões inexploradas e selvagens, em lugar de alojar-se em uma série de pensões e hotéis.

— Em ocasiões, viajar pelo estrangeiro pode resultar algo incômodo — replicou Annabelle, que estava muito ocupada colocando caixas de chá e bolachas em uma bolsa de pele. Uma pilha de caixas e pacotes se amontoava junto à cama, lugar que tinha eleito para classificar os artigos em montões organizados. Entre outras coisas, tinha reunido remédios medicinais, um par de almofadões e toalhas extra, uma caixa com material de leitura e pacotes de comida. Sustentou em alto um frasco de cristal de comida em conserva e o examinou com olho crítico —. E a comida é muito diferente no continente ...

— Sim — conveio Simon com seriedade —. A diferença da nossa, sabe a algo.

— E o tempo está imprevisível.

— Céus azuis e luz do sol? Meu deus, seguro que quererão evitá-lo a toda costa.

Annabelle respondeu a suas brincadeiras com um olhar inquisitivo.

— Seguro que tem melhores costure que fazer que olhar como abro caixas.

— Não quando o faz no dormitório.

Annabelle se incorporou e cruzou os braços por diante do peito antes de lhe dirigir um olhar de coquete desafio.

— Temo-me que deverá controlar seus instintos básicos, senhor Hunt. Talvez não se deu conta, mas a lua de mel concluiu.

— A lua de mel não termina até que eu o diga — assinalou Simon, que estendeu uma mão para apanhá-la antes de que ela pudesse escapar. Esmagou seus lábios com um beijo dominante e a jogou sobre a cama —. O que significa que não tem escapatória.

Com um risinho, Annabelle lutou contra o matagal de saias há que se encontrou cravada no colchão sob o corpo do Simon.

— Tenho que empacotar mais costure — protestou quando ele se abriu caminho entre suas coxas —. Simon ...

— Hei-te dito alguma vez que sou capaz de desabotoar os botões com os dentes?

Uma risada afogada escapou da garganta da Annabelle, que tentou escapar quando Simon baixou a cabeça até o frontal do sutiã.

— Uma habilidade pouco útil, não te parece?

— Bom, resulta muito útil em certas situações. Deixa que lhe demonstre isso ...

É obvio, empacotaram-se muito poucas coisas no que ficava de dia ...

Ao final, não obstante, Annabelle se encontrou por fim diante da porta da casa de sua família na cidade, com a vista cravada na carruagem no que sua mãe e seu irmão se dirigiam para o Dover, onde se encontrariam com os Hunt de caminho para o Calais.

Simon permaneceu junto a ela, com uma mão apoiada nas costas para reconfortada, enquanto a carruagem dobrava a esquina e se encaminhava para a rua principal. Com tristeza, Annabelle se despediu com um gesto da mão enquanto se perguntava como as arrumariam sem ela.

Depois de levá-la ao interior da casa, Simon fechou a porta.

— É o melhor — lhe assegurou.

— Para eles ou para nós?

— Para todos. — Com um leve sorriso, girou-a para que ficasse em

frente a ele —. Te asseguro que as seguintes semanas passarão muito depressa. E, enquanto isso, vai estar você muito ocupada, senhora Hunt. Para começar, temos uma entrevista esta manhã com o arquiteto que nos vai mostrar os planos da casa, e logo terá que te dizer entre dois revestir que nosso agente encontrou no Mayfair. Annabelle deixou cair a cabeça contra o peito de seu marido.

— Graças a Deus. Começava a acreditar que nunca deixaríamos o Rutledge. Não é que não me tenha divertido, não te ofenda, mas todas as mulheres querem um lar próprio Y ... — deteve-se quando se deu conta de que Simon brincava com seu penteado —. Simon — lhe advertiu —, nem te ocorra me tirar as forquilhas. Não sabe o esforço que requer me pentear o cabelo desta maneira Y ... — Suspirou e o olhou carrancuda quando sentiu que lhe desfazia o penteado e escutou o tamborilar metálico das forquilhas cair ao chão.

— Não posso evitado. — Seus dedos se trabalharam em excesso para lhe desfazer a trança —. Tem um cabelo incrivelmente formoso. — levou-se uma sedosa mecha à cara e se esfregou a bochecha com ele — É tão suave ... E cheira a flores. Como consegue que cheire tão bem?

— Sabão — replicou Annabelle com segura, ao tempo que ocultava o rosto contra seu peito para ocultar o sorriso —. De fato, com o sabão dos Bowman. Daisy me deu um pouco; seu pai lhes envia caixas de Nova Iorque.

— Hummrn Não sente saudades que seja milionário. Todas as mulheres deveriam cheirar assim. — Enlaçou os dedos no cabelo da Annabelle e se inclinou para lhe acariciar o pescoço com o nariz —. Onde mais o usa? — perguntou em um sussurro.

— Convidaria-te a que o descobrisse — disse —, mas temos que reunimos com o arquiteto. Ou já não te lembra?

— Pode esperar.

— Quão mesmo você — replicou Annaquelle com seriedade, apesar de que sentia que uma gargalhada borbulhava em sua garganta —. Pelo amor de Deus, Simon, nem que estivesse tão necessitado. Destinei grande parte de meus esforços a satisfazer ...

Simon a beijou com tanta calidez e de uma forma tão persuasiva que tudo pensamento racional se desvaneceu de sua cabeça. Sujeitando-a pelo cabelo com ambas as mãos, empurrou-a até apoiada contra a parede da

entrada e lhe colocou a língua na boca para dar um lânguido festim até que Annabelle sentiu que a cabeça lhe dava voltas e se viu obrigada a afundar os dedos nas mangas de sua jaqueta. Pouco a pouco ele apartou seus lábios e lhe mordeu com suavidade na garganta. Murmurou-lhe coisas que a deixaram desconcertada, expressando-se com palavras que nada tinham que ver com a poesia, a não ser com a crua simplicidade de um homem cuja paixão por ela não conhecia limites.

— Quando se trata de ti, não tenho controle algum. O único no que penso quando não tenho a meu lado é em estar dentro de ti. Ódio tudo o que te mantém se separada de mim.

Levou as mãos à costas de seu vestido para atirar, com força, e Annabelle ofegou ao notar como as fileiras de botões cediam e as pequenas contas de marfim voavam por toda parte. Simon afogou o som com sua própria boca e lhe deslizou o vestido pelos braços ao tempo que pisava deliberadamente a prega. O maltratado tecido se rasgou e caiu ao chão. Continuando, atraiu a sua esposa contra seu corpo e lhe sujeitou as pulsos com o fim de guiar as mãos até seu entrepierna. Annabelle aspirou com força quando seus dedos se amoldaram à dura extensão de sua ereção e entrecerrolou olhos.

— Quero te fazer gritar; quero que me arranhe e que te deprima em meus braços — sussurrou, e a incipiente barba lhe raspou a pele —. Preciso te tocar por toda parte, por dentro e por fora, tão longe como posso chegar ... — Cedendo a um desejo selvagem, deteve-se e esmagou os lábios da Annabelle com firme pressão, como se o sabor, de sua boca fora um exótico afrodisíaco que o levasse a loucura.

Annabelle apenas se deu conta de que Simon procurava em seus bolsos justo antes de que algo puxava os cordões de seu espartilho ... Tinha-os talhado com a navalha, compreendeu ao sentir que a pressão das baleias cedia ao redor de suas costelas e sua cintura.

Sabendo de que estava a ponto de que Simon a seduzira na entrada do lar de sua família, Annabelle se separou dele, sorrindo e tremendo de uma vez. Inclusive nos momentos de maior excitação, ele sempre parecia conservar uma fibra de autocontrole, como se refreasse cuidadosamente a força de sua paixão. Ela nunca tinha temido um comportamento pouco cavalheiresco por sua parte ... até aquele momento. Seu marido apresentava um aspecto quase selvagem, com o rosto escurecido por um rubor nada

habitual. O coração começou a bater contra as costelas e teve que umedecê-los lábios. O nervoso movimento de sua língua atraiu imediatamente a atenção do Simon, que cravou o olhar em sua boca com surpreendente intensidade.

— Meu dormitório ... — conseguiu dizer ela, ao tempo que se girava para as escadas e começava a subir com pernas trementes. Não obstante, depois de uns quantos degraus, sentiu que Simon se aproximava dela, apanhava-a entre seus poderosos braços e a obrigava a dá-la volta. Antes de que pudesse emitir som algum a levantou em braços e seguiu subindo as escadas com uma facilidade pasmosa.

Uma vez dentro de seu antigo dormitório, ela se deu conta do forte contraste entre a figura escura do Simon e os pálidos e estragados volantes, os encaixes puídos, e as amostras de costura emolduradas que suas próprias mãos infantis tinham confeccionado. Ele a despiu sem olhares e a tendeu entre os lençóis, que careciam de amido e tinham um ligeiro aroma de umidade, posto que ninguém tinha dormido ali desde fazia muito. Em pouco tempo, as roupas do Simon se reuniram com as dela no chão, depois do qual, seu corpo cobriu o da Annabelle. Ela respondeu a sua urgência com um inequívoco desejo, estendendo os braços para abraçá-lo e abrindo as pernas ao primeiro roce de suas mãos. Entrou nela imediatamente, penetrando-a com uma investida forte e Annabelle gemeu e ficou tensa enquanto seu corpo lutava por amoldar-se a ele. Assim que esteve dentro dela, suas carícias se voltaram mais ternas; a urgência que o havia posuído se transformou em uma veemência arrebatadora. Annabelle teve a sensação de que o corpo de seu marido tinha sido criado para agradá-la: da acetinada dureza de seus músculos e o espesso pêlo que lhe fazia cócegas nos mamilos, até o aroma e o sabor que embriagava seus sentidos.

Afligida por uma intimidade tão devastadora, Annabelle sentiu que os olhos lhe enchiam de lágrimas enquanto Simon a tranqüilizava com suaves murmúrios, sem deixar de investir com os quadris com movimentos mais lentos e profundos, tomando mais dela do que Annabelle se teria acreditado capaz de dar. Lhe apanhou os lábios com os seus e absorveu os erráticos suspiros ao tempo que se movia com fortes e calculados apostas que conseguiram que ela esticasse todos e cada um de seus músculos. Annabelle gemeu contra sua boca, lhe suplicando sem palavras que a levasse até a culminação. Quando por fim acessou, Simon acelerou o ritmo e a

transportou a um clímax tão intenso que transformou aquela união em algo terrestre, sublime e assustador.

Minutos mais tarde, Annabelle tratou de abrir-se caminho entre o atordoamento que letargia seus sentidos enquanto jazia enfraquecida sobre o corpo do Simon com a bochecha apoiada contra seu ombro. Jamais se havia sentido tão saciada ... era como se todas suas terminações nervosas palpitassem de prazer. E, entretanto, tinha percebido algo novo naquela forma de fazer o amor: um cenit inalcançável que ia além do que acabavam de compartilhar ... uma possibilidade que ainda não se materializou e que se encontrava justo fora de seu alcance. Um sentimento ..., um desejo ..., algo prometedora que não tinha nome. Fechou os olhos e desfrutou da cercania de seus corpos enquanto essa escorregadia promessa vagava sobre eles como um fantasma benevolente.

Cada vez mais curiosa sobre o projeto que requeria tanta atenção por parte de seu marido, Annabelle pediu ao Simon que a levasse de visita lugar onde se construíam as locomotivas, mas só se topou com negativas, evasivas e táticas dilatórias que tinham como objeto evitar que fora a aquele lugar. Ao dar-se conta de que por alguma razão, Simon não queria levá-la, a determinação da Annabelle se fez mais firme.

— Só uma visita curta — insistiu uma noite —. Quão único quero é dar uma olhada. Não tocarei nada. Pelo amor de Deus, depois de ter escutado falar tanto das locomotivas, não me mereço as ver?

— É muito perigoso — replicou Simon com rotundidade —. A uma mulher não lhe perdeu nada em um lugar cheio de maquinaria pesada e tanques de milhares de litros de sopa do inferno ...

— Leva semanas me dizendo o seguro que é e que não tenho nenhuma razão absolutamente para que me preocupe quando vai ali e agora me vem com que é perigoso?

Ao dar-se conta de seu engano tático, Simon grunhiu. — O fato de que seja seguro para mim não significa que o seja também para ti. — por que não?

— Porque é uma mulher.

Fervendo igual a um dos tanques de sopa do inferno que ele acabava de mencionar, Annabelle o olhou com os olhos semicerrados.

— Responderei a esse comentário em um segundo — murmurou — ...

assim que consiga reprimir o impulso de te golpear com o primeiro objeto pesado que encontre.

Simon começou a passear-se de um lado a outro pelo salão; a frustração que sentia era patente em cada músculo de seu corpo. Deteve-se diante do canapé no que estava sentada e se inclinou sobre ela.

— Annabelle — começou com brutalidade —, visitar uma fundição é como olhar através das portas do inferno. Garantimos a segurança na medida do possível, mas, apesar disso é um lugar ruidoso, tosco e muito sujo. E sim, sempre existe a possibilidade de que algo saia mal, e você ... — deteve-se para passá-las mãos pelo cabelo, depois do que olhou a seu redor com impaciência, como se de repente lhe custasse trabalho olhá-la aos olhos. Com um considerável esforço, obrigou-se a continuar —: É muito importante para meu para arriscar sua segurança. Tenho a responsabilidade de te proteger.

Os olhos da Annabelle se abriram de par em par. Sentia-se comovida e mais que surpreendida pela confissão do que era importante para ele. Enquanto se olhavam em silêncio, foi consciente de uma tensão muito especial ..., uma tensão que não resultava desagradável, mas sim bastante inquietante. Apoiou a bochecha na mão e o estudou com atenção.

— Agradeço de todo coração que queira me proteger — murmurou —. Entretanto, não quero que me encerrem em uma torre de marfim. — Ao sentir a luta interior que experimentava Simon, continuou com um tom razoável —. Quero saber mais a respeito do que faz quando não está a meu lado. Quero ver o lugar que é tão importante para ti. Por favor.

Simon refletiu em silêncio um instante. Quando respondeu, em sua voz se apreciava uma inconfundível aspereza.

— De acordo. Dado que é evidente que não me vais deixar tranquilo se não acessar, levarei-te amanhã. Mas não me culpe se te desilude o que vê. Já te adverti que o que há.

— Obrigado — respondeu Annabelle com satisfação e lhe dedicou um radiante sorriso que empalideceu um pouco ao escutar as palavras que ele disse a seguir.

— Por sorte, Westcliff também visitará a fundição amanhã, assim será uma oportunidade magnífica para que os dois lhes conheçam melhor. — Que maravilha — replicou Annabelle em um débil intento de cortesia ao tempo que lutava contra a tentação de começar a amaldiçoar ante a notícia.

Ainda não tinha perdoado ao conde os hirientes comentários que tinha feito a respeito dela, por não mencionar a predição de que seu matrimônio arruinaria a vida do Simon. Não obstante, se Simon acreditava que a idéia de passar um pouco de tempo com um asno pomposo como Westcliff ia dissuadi-la, ia se levar uma surpresa. Obrigou-se a compor um sorriso e passou o resto da noite meditando a respeito de quão triste era o fato de que uma esposa não pudesse escolher aos amigos de seu marido. Bem entrada a manhã seguinte, Simon levou a Annabelle à propriedade de mais de três hectares onde se achava a Consolidated Locomotive. Sobre as fileiras de edifícios, dos que saía ruído constante, elevava-se uma miríade de enormes chaminés que expeliam a fumaça sobre os pátios e as ruas circundantes. A extensão da fundição era muito maior do que Annabelle tinha imaginado, já que compreendia maquinaria tão enorme que quase a deixava sem fala. O primeiro lugar que visitaram foi o talhe de montagem, onde se encontravam nove motores de locomotivas em diferentes fases de produção. O objetivo da empresa era produzir quinze motores o primeiro ano e dobrar essa quantidade ao seguinte. Dado que sabia que o desembolso da companhia era de meia, de um milhão de libras por semana, com uma capitalização que dobrava essa quantidade, Annabelle ficou olhando a seu marido com a boca aberta pelo assombro.

— Santo Céu — disse com desmaio —, mas quanto dinheiro tem? Os olhos escuros do Simon brilharam com diversão ante uma pergunta tão mal educada. Inclinou-se para lhe murmurar ao ouvido:

— Sou o bastante rico como para que não lhe faltem os botas de cano longo, senhora.

A seguinte parada foi na oficina de desenho, onde os planos das peças se estudavam com tudo detalhe e se construía protótipos de madeira segundo as especificações. Mais tarde, Simon lhe explicou que esses modelos de madeira se utilizariam para criar modelos nos que se vertia o ferro fundido e se deixava esfriar. Fascinada Annabelle lhe fez uma bateria de perguntas sobre o processo de fundição e do funcionamento das máquinas de rebites e as imprensas hidrostáticas, além de interessar-se pelo motivo pelo qual o ferro que se esfriava rapidamente era mais resistente que o que se esfriava com lentidão. Apesar dos receios que Simon tinha albergado em um princípio, parecia estar desfrutando de seu papel de guia através dos edifícios, sorrindo de vez em quando ante a expressão absorta

de sua esposa. Guiou-a com supremo cuidado pela fundição, onde ela, descobriu que a comparação que tinha feito com o inferno não era um exagero. Não tinha nada que ver com as condições dos trabalhadores, a quem parecia tratar-se os muito bem, nem tampouco com os edifícios, que estavam mais ou menos organizados. Devia-se mais à natureza do trabalho em si, que parecia uma espécie de manicômio organizado no que a fumaça, o ruído ensurdecedor e o brilhante vermelho dos fornos proporcionavam uma cortina de fundo cansativo para um grupo de trabalhadores com muitas capas de roupa que carregavam com tenazes e martelos. Sem dúvida alguma, os esbirros do diabo não estavam tão bem sincronizados na hora de realizar suas tarefas como esses empregados. Enquanto se moviam através de um labirinto de fogo e ferro, os trabalhadores se agachavam sob os eixos das enormes guias e os tanques de sopa do inferno, detendo-se de vez em quando para deixar que umas grandes engoma de metal passassem por diante deles. Annabelle era consciente de alguma que outro olhar curioso lançado em sua direção, mas, em sua major parte, os trabalhadores estavam muito absortos em seu trabalho para permitir-se distração alguma.

Havia guias de transporte ao longo de todo o centro da nave que elevavam a mais de seis metros de altura os vagões cheios de mineral de ferro, fragmentos deste metal, e hulha, e os transportavam até vários fornos cilíndricos. A mescla de ferro se carregava pela parte superior dos fornos, onde se fundia e se passava por uns sinais de multiplicação gigantes para logo verter o resultado em moldes, aos que chegava mediante outras guias. O aroma de combustível, metal e suor humano conferia ao ambiente certo aspecto nebuloso. Annabelle se aproximou de forma instintiva ao Simon enquanto observava como se vertia o ferro fundido dos tanques aos moldes.

Molesta pelos enervantes gemidos e rangidos do metal que se estava dobrando, o incessante vaio da maquinaria de vapor e o eco dos golpes de uma enorme bigorna que dirigiam entre seis homens, Annabelle não podia evitar dar um pulo cada vez que o ruído assaltava seus ouvidos. Imediatamente, sentiu que o braço do Simon lhe rodeava os ombros enquanto este cercava um bate-papo distendido, embora a gritos, com o chefe da oficina de montagem, o senhor Mawer.

— Ainda não viu a lorde Westcliff? — perguntou Simon —. Tinha pensado chegar à fundição a meio-dia ... e nunca o vi chegar tarde antes.

O trabalhador de média idade se enxugou o suor da cara com um lenço

ao tempo que deixava ouvir sua réplica.

— Acredito que o conde está no pátio de montagem, senhor Hunt. Estava preocupado pelas dimensões das novas peças cilíndricas e queria inspecionadas antes de que as montássemos.

Simon olhou de soslaio a Annabelle. — vamos sair — lhe disse —. Faz um calor de mil demônios e há muito ruído para esperar ao Westcliff aqui dentro.

Aliviada ante a perspectiva de escapar do incessante ruído da fundição, Annabelle aceitou imediatamente. Posto que já tinha jogado uma boa olhada a aquele lugar e tinha satisfeito sua curiosidade, estava mais que disposta a partir, embora isso significasse ver-se obrigada a passar algum tempo em companhia de lorde Westcliff. Quando Simon se deteve para intercambiar umas últimas palavras com o Mawer, Annabelle observou como se empregava um fole acionado por vapor para insuflar ar no enorme forno central. O jorro de ar conseguia que o metal se deslocasse para umas caldeiras cuidadosamente colocadas que continham vários milhares de litros de líquido instável.

Uma parte de ferro particularmente grande caiu contra a porta de carga na parte superior do forno ... Ao parecer, era muito grande, já que o encarregado gritou com fúria ao trabalhador que tinha carregado o vagão. Annabelle entrecerró os olhos para observá-los com mais atenção. Uns gritos de advertência procedentes dos homens que havia na parte superior da galeria anunciaram outro jorro de ar proveniente do fole ... e, nesse momento, estalo o desastre. O ferro fundido transbordou com soma rapidez das calde ras e caiu, ainda fervendo, do forno; parte dele acabou sobre as gruas de transporte. Simon fez uma pausa em sua conversação com o senhor Mawer e ambos os homens levantaram a vista ao mesmo tempo.

— Santa Mãe de Deus — escutou Annabelle que exclamava seu marido.

Logo que teve tempo de espionar seu rosto antes de que a atirasse ao chão e a cobrisse com seu corpo. Justo então duas bolas de sopa do inferno do tamanho de cabaças caíram nos reservatórios de água de esfriamento que tinham debaixo provocando explosões fotos instantâneas.

O impacto das explosões foi como uma sucessão de golpes que sacudissem seu corpo por inteiro. Não ficava fôlego para gritar, já que Simon a esmagava e lhe protegia a cabeça com os ombros. E, depois ...

Silêncio.

Ao princípio, pareceu que a própria terra se deteve em seco. Desorientada, Annabelle piscou para esclarecê-la vista e, nesse momento, seus olhos se viram assaltados pelo intenso resplendor das chamas, sobre as que se recortavam as ameaçadoras silhuetas das máquinas como se fossem um grupo de monstros saídos de um bestiário medieval. As feitas ondas luzes de alerta de calor que a golpeavam eram tão intensas que ameaçavam lhe arrancando a carne dos ossos. As partes e lascas de metal voavam em redemoinhos por toda parte como se tivessem sido disparadas por uma arma. Estava rodeada por uma voragem de caos em movimento, tudo isso envolto em um silêncio assustador. De repente, sentiu uma espécie de pressão em quão ouvidos foi seguida pouco depois por um agudo assobio.

Alguém tratava de levantá-la do chão. Simon atirou de seus braços com força e a pôs em pé em um único movimento. Incapaz de resistir o ímpeto, chocou-se contra o peito de seu marido. Estava-lhe dizendo algo ... Quase podia distinguir o som de sua voz e começou a escutar pequenas explosões e o rugir do fogo de trasfondo, à medida que este se alimentava do edifício. Ficou olhando o rosto pétreo do Simon em um intento por compreender suas palavras, mas a distraiu uma chuva de lascas de metal que açoitou sua cara e seu pescoço como um enxame de molestos insetos. Levada mais pelo instinto que pela razão, não pôde evitar dar um tapa ao ar como uma estúpida.

Simon a empurrou e começou a arrastá-la através daquele inferno ao tempo que tentava protegê-la com seu corpo. Uma gigantesca caldeira rodou diante deles e começou a enrolar tudo o que encontrava a seu passo sem que nada pudesse detê-la. Com uma maldição, Simon a obrigou a retroceder quando o objeto passou com um ruído ensurdecido junto a eles. Havia homens por toda parte, empurrando, tentando sair, gritando, histéricos pela necessidade de sobreviver enquanto se dirigiam para as saídas situadas A. Ambos os lados do edifício. Uma nova surriada de explosões, acompanhada pelo fragor de inumeráveis gritos, sacudiu a fundição. Fazia muito calor para respirar, por isso Annabelle se perguntou, sumida em uma espécie de torpor, se não se queimariam vivos ante de poder alcançar a porta sequer.

— Simon — gritou ao tempo que se pendurava de sua cintura —. Agora que o pensei melhor, acredito que tinha razão.

— Sobre o que? — perguntou ele com o olhar fixo na entrada da fundição.

— Este lugar é, sem dúvida alguma, muito perigoso para mim!

Simon se agachou para tornar-lhe sobre o ombro e a levou por cima das gruas desabadas e a maquinaria rota, com uma mão firmemente ancorada ao redor de seus joelhos. Pendurada dessa guisa incapaz de fazer nada, Annabelle viu uns quantos buracos na jaqueta do Simon dos que emanava o sangue e se deu conta de que a explosão tinha parecido lascas de metal em suas costas enquanto a protegia com o corpo. Sorteando um obstáculo atrás de outro, Simon conseguiu alcançar a enorme porta e deixou a Annabelle no chão. Surpreendeu-se quando ele a empurrou com firmeza para outra pessoa, a que ordenou a voz em grito que a sujeitasse. Ao dá-la volta, Annabelle se deu conta de que Simon a tinha deixado em mãos do senhor Mawer.

— Tire a daqui — lhe ordenou com voz rouca —. Não se detenha; até que ela esteja bem longe do edifício.

— Sim, senhor!

O chefe de oficina sujeitou a Annabelle com um apertão do que lhe resultou impossível escapar.

Annabelle voltou a vista para o Simon enquanto a arrastavam pela força para a entrada.

— O que vais fazer?

— Tenho que me assegurar de que todo mundo consegue sair. Sentiu-se atravessada por uma quebra de onda de pânico.

— Não! Simon, vêm comigo ...

— Sairei em cinco minutos — respondeu com brutalidade. O rosto de Annabelle se convulsionou e os olhos lhe encheram de lágrimas de fúria e pavor. — Em cinco minutos o edifício terá ficado reduzido a cinzas.

— Não se detenha — disse seu marido ao Mawer antes de dá-la volta.

— Simon! — chiou Annabelle, que se negou a caminhar quando o viu desaparecer na fundição. O telhado se afundava pasto de uma labareda azul enquanto a maquinaria que havia dentro do edifício rangia e se retorcia sob o intenso calor. A fumaça emergia das portas e se formava redemoinhos em colunas negras que contrastavam com as nuvens brancas que coroavam o céu. Annabelle não demorou para dar-se conta de que opor-se à força do Mawer era inútil. Inspirou com força o ar do exterior e começou a tossir

quando seus irritados pulmões trataram de expulsar a fumaça viciada. Mawer não se deteve até que a deixou em um caminho de cascalho com a ordem de que ficasse ali.

— Seu marido sairá — lhe disse —. Pode ficar aqui e esperá-lo. Me prometa que não vai mover se, senhora Hunt ... Eu tenho que fazer a recontagem de meus homens e quão último preciso é que você me cause mais problemas.

— Não me moverei — respondeu Annabelle de forma automática, sem deixar de olhar a porta da fundição —. Vá-se.

— Sim, senhora.

Permaneceu imóvel sobre o cascalho, com o olhar perdido na porta da fundição enquanto um frenesi de atividade rugia a seu redor. Alguns homens passavam à carreira por seu lado enquanto outros se agachavam junto aos feridos. Uns quantos, como ela mesma, permaneciam quietos como estátuas, observando o resplendor com o olhar vazio. O fogo rugia com tanta força que a terra vibrava, e sua intensidade crescia cada vez mais à medida que ia consumindo o edifício. Um punhado de homens aproximava uma bomba de mão ao edifício; sem dúvida, tinham-na ali para as possíveis emergências, em caso de que não houvesse tempo suficiente para ir em busca de ajuda. Os homens tratavam com desespero de conectar a mangueira de pele a uma cisterna subterrânea. Repartidos a cada lado da bomba, agarrassem a larga alavanca e começaram a movê-la ao unísono com o fim de produzir a pressão necessária para cheia câmara de ar do motor, o que elevaria um jorro de água a trinta metros por cima do chão. O esforço resultou tristemente ineficaz contra a magnitude de semelhante inferno.

Os minutos de espera transcorriam com tal lentidão que a Annabelle pareciam anos. Em um momento dado, sentiu que seus lábios começavam a mover-se em uma silenciosa prece.

«Simon, sai ... Simon, sai.»

Meia dúzia de figuras saíram dando tombos pela porta, com os rostos e as roupas sujadas pela fumaça. Annabelle os percorreu com avidez com o olhar. Ao dar-se conta de que seu marido não se encontrava entre eles, voltou a concentrar sua atenção na bomba de mão. Os homens tinham dirigido o jorro de água para o edifício adjacente para empapá-lo, com a esperança de evitar que o fogo se propagasse. Annabelle sacudiu a cabeça

com incredulidade ao dar-se conta de que tinham dado a fundição por perdida. Tinham renunciado a tudo o havia dentro ..., entre o que se incluía a qualquer pessoa que tivesse ficado apanhada. Decidida a não ficar cruzada de braços, correu para o outro extremo da fundição e esquadrinhou desesperadamente à multidão que se congregou ali, em busca de seu marido.

Ao ver que um dos chefes de oficina fazia o inventário dos trabalhadores da fundição evacuados, Annabelle se aproximou dele. — Onde está o senhor Hunt? — perguntou de boas a primeiras, embora teve que repetir a pergunta antes de que o homem lhe emprestasse atenção. O trabalhador apenas a olhou enquanto lhe respondia com distraída impaciência.

— produziu-se outro desmoronamento. O senhor Hunt estava ajudando a liberar um dos trabalhadores que ficou apanhado sob os escombros. Ninguém o viu após.

A pesar do calor infernal que emanava da fundição, Annabelle sentiu que o frio a consumia. O tremor se apoderou de sua voz.

— Se tivesse sido capaz de sair — disse —, já o teria feito a é tas alturas. Necessita ajuda. Não pode entrar alguém para buscá-lo? O chefe de oficina a olhou como se estivesse louca.

— Entrar nesse inferno? Seria um suicídio.

Ato seguido, deu-lhe as costas para aproximar-se de um homem que jazia atirado no chão e lhe colocou uma jaqueta dobrada sob a cabeça. Quando voltou a dirigir a vista para o lugar onde se encontrava Annabelle, ela tinha desaparecido.

Capítulo 26

Se alguém se precaveu de que uma mulher estava entrando no edifício, ninguém tratou de detê-la. Annabelle se cobriu a boca com um lenço e se abriu caminho através das nuvens de fumaça acre que arrancavam caminhos de lágrimas de seus olhos semicerrados. O fogo, que tinha começado ao outro lado da fundição, estava-se estendendo através das vigas com voluptuosas quebras de onda de cor azul, branco e amarelo. Entretanto, mais pavoroso que o calor abrasador era o ruído: o rugido das chamas, os chiados e gemidos do metal que começava a dobrar-se ou os tinidos da maquinaria, pesada que estalava como se fora o brinquedo de um menino que alguém pisa até esmagado. De forma ocasional, o metal líquido borbulhava e o salpicava tudo em forma de explosões de metralha.

Recolhendo-as saias, Annabelle se cambaleou sobre os escombros ao vermelho vivo que lhe chegavam à altura do joelho sem deixar de gritar o nome do Simon, embora sua voz ficava amortecida pela cacofonia de ruídos. Quando já quase se resignou a não encontrado, percebeu movimento entre os restos que cobriam o chão.

Com um grito, correu para a grande figura que jazia no chão. Era Simon, vivo e consciente, com a perna apanhada sob o mastro de aço de uma grua queda. Quando a viu, seu rosto coberto de fuligem esboçou uma careta de horror e lutou para incorporar-se. — Annabelle — disse com voz rouca, mas teve que fazer uma pausa quando lhe sobreveio um ataque de tosse —. Maldita seja, não! Te largue daqui! Que demônios está fazendo?

Ela meneou a cabeça, já que não estava disposta a desperdiçar seu respira cão uma discussão. A grua era muita pesada para que nenhum delas pudesse deslocada ... Tinha que encontrar algo ... algo com o que pudesse fazer alavanca para tirá-lo-se enxugou.. As olhos cheios de lágrimas e rebuscou entre uma pilha de peças da fundição, pedras rotas e um montão de contrapesa. Toda estava coberta com uma capa de azeite e fuligem que a fazia escorregar a cada passa que dava através dos escombros. Uma fileira de alavancas giratórias descansava sobre uma parede que se cambaleava, algumas das quais eram mais altas que ela. Chegou até as rodas e encontrou

uma pilha de bielas e eixos tão grosas como seu punho. Aferrou uma das pesadas bielas cheias de graxa e atirou dela para arrastá-la para seu marido.

Bastou-lhe jogar uma olhada ao Simon para dar-se conta de que, de ter podido lhe pôr as mãos em cima, a teria matado no ato.

— Annabelle — rugiu entre espasmos de tosse —, sal deste edificio agora mesmo!

— Não pensa ir sem ti. — Descobriu a provas um bloco de madeira que antes tinha estado no extremo de um braço hidrostático.

Sem deixar de girar e retorcer sua perna apanhada, Simon lhe dedicou uma salva de ameaças e juramenta enquanto ela arrastava o bloco de madeira até ele e o empurrava contra a grua.

— É muito pesado! — grunhiu ele enquanto a observava lutar com a biela. Não pode movê-la! Vete daqui. Maldital seja, Annabelle ...!

Ofegando pelo esforço, Annabelle colocou a biela sobre o bloco de madeira e introduziu o extremo baixa a grua. Empurrou para baixo utilizando todo seu peso. A grua permaneceu imutável em seu lugar, indiferente ante seus esforços. Com um vaio de frustração, lutou com a alavanca até que a biela soltou um rangido de protesto. Era inútil: a grua não se moveria.

De repente, escutou-se um forte rangido e várias lascas de ferro voassem pelos ares, pela que Annabelle se viu obrigada a agachar-se e cobri-la cabeça. Sentiu um golpe no braço que a sacudiu com força suficiente para enviá-la ao chão. Notou uma dor aguda na parte superior do braço e, ao baixar o olhar, descobriu que tinha uma parte de metal encravado na carne e a manga do vestido estava salpicada de brilhante sangue fatia. Engatinhou até o Simon e sentiu como a apertava contra seu peito, lhe servindo de escudo até que a chuva de traçados de ferro teve amainado.

— Simon — ofegou ao tempo que passava o olhar nos olhos de seu marido, injetados em sangue a causa da fumaça —, você sempre leva uma navalha. Onde está?

Simon ficou imóvel quando compreendeu o que implicava aquela pergunta. Por um instante, Annabelle viu como sopesava a possibilidade, pêra depois sacudiu a cabeça.

— Não — disse com voz rouca —. Mesmo que pudesse me cortar a perna, não poderia me arrastar fora daqui. — Empurrou-a para se separada

dele —. Já não fica tempo ... Tem que sair desta maldita fundição. — Quando viu a negativa no rastro da Annabelle, suas rasgas refletiram um medo terrível, não, por ele, mas sim por ela —. Por Deus, Annabelle — gemeu, finalmente disposto a suplicar —, não, faça isto. Por favor. Se te importar algo ... — Um estremecimento de tosse fez que se detivera —. Vete. Fora!

Por um instante, Annabelle quase desejou obedecê-lo; foi um instante no que as vontades de escapar daquele pesadelo infernal em que se converteu a fundição em chamas estiveram a ponta de afligi-la. Entretanto, quando conseguiu ficar em pé e olhá-lo, tão grande e tão indefeso, não, pôde obrigar-se a abandonar o lugar. Em troca, agarrou a biela uma vez mais e voltou a colocá-la sobre o bloco de madeira, a pesar da intensa dor de seu ombro ferido. O rugido do sangue nos ouvidos lhe impossibilitava distinguir os bramidos do Simon do estrépito do edifício que se cambaleava sobre elas. E isso foi agradecer, já que ele parecia louco de fúria. Empurrou e se pendurou da alavanca enquanto seus torturados pulmões se esforçavam por conseguir um pouco de ar e se paralisavam em resposta. As coisas se voltaram imprecisas a seu redor, mas continuou empregando todas as forças que ficavam sobre a barra de ferro, servindo-se de seu pouco peso para tratar de movê-la. De repente, sentiu que algo agarrava a parte traseira de seu vestido. Se lhe tivesse ficado um pouco de fôlego para gritar, o teria feito. Com um susto de morte, Annabelle ficou rígida quando sentiu que a jogavam para trás e lhe arrancavam as mãos da barra. Entre tosses e soluços, observou através da fumaça uma silhueta escura e esbelta por detrás dela. Uma voz fria reverberou em seus ouvidos.

— Eu levantarei a grua. Você encarregue-se de lhe tirar a perna a meu sinal.

Reconheceu esse tom de voz autocrático inclusive antes de lhe ver bem a cara. Westcliff, pensou com perplexidade. Sem dúvida, era o conde, com sua camisa branca rasgada e suja e o rosto coberto de fuligem. Apesar de sua desarrumação, parecia sereno e muito disposto enquanto a insistia a ir para o Simon. Elevando a barra de ferro com facilidade, o conde ajustou de maneira perita a alavanca sob o mastro da grua. Embora era de estatura medeia, seu corpo esbelto era sólido e estava incrivelmente em forma devido aos anos de intenso exercício físico. Enquanto Westcliff empurrava para baixo com a uma poderosa investida, Annabelle escutou os chiados e

rangidos do metal, depois do qual a enorme grua se levantou uns poucos, embora, cruciais, centímetros. O conde gritou aa Annabelle, que atirou freneticamente da perna do Simon, ignorando o grunhido de agonia que emitiu seu marido ao rodar para ficar livre do objeto que o esmagava.

Westcliff deixou cair a grua, que produziu um tremendo estrondo, e se dispôs a ajudar ao Simon a ficar em pé colocando um de seus amplos ombros sob o braço do homem para que apoiasse o peso do lado ferido. Annabelle se colocou ao outro lado e deu um pulo quando Simon a agarrou com uma força brutal. A fumaça e o calor resultavam insuportáveis, e a Annabelle resultava impossível respirar ou ver algo ou inclusive pensar. As tosses sacudiam sem descanso seu magro corpo. De ter tido que valer-se por seus próprios meios jamais teria sido capaz de encontrar o caminho de saída da fundição. Simon atirava dela com uma força descomunal e, em ocasiões, elevava-a quando cruzavam os escombros do chão, que a golpeavam dolorosamente nos tornozelos, as acne e os joelhos. A tortuosa viagem parecia durar uma eternidade e avanço resultava cada vez mais difícil, enquanto a fundição se sacudia e rugia como uma besta que sobrevoasse a sua presa ferida. A cabeça da Annabelle começou a dar voltas. Lutou por permanecer consciente quando sua visão se encheu de faíscas resplandecentes e uma tentadora escuridão começou a abater-se sobre eles.

Jamais poderia recordar o momento em que saíram da fundição com a roupa cheia de fuligem, o cabelo chamuscado e a cara cheia de manchas ... Quão único conseguiu recordar mais tarde foi que havia um número incontável de mãos que se estendiam por volta dela e que suas doloridas pernas se viram livres de repente da carga de sustentar seu próprio peso. Depois de desabar-se lentamente nos braços de alguém, sentiu como a elevavam enquanto seus pulmões se esforçavam por aspirar ar puro. Colocaram-lhe uma malha desagradável e empapada sobre a cara, e umas mãos desconhecidas se introduziram sob seu vestido para lhe desabotoar o espartilho. Não lhe deu a mais mínima importância. Agasalhada por um estupor exausto, rendeu-se a aquelas toscas cuidados e trago o conteúdo da chaleira de metal que pressionaram contra seus lábios. Quando Annabelle começou a recuperar finalmente a consciência, piscou umas quantas vezes para permitir que as lágrimas, que acalmavam o ardor de seus olhos, estendesse-se pela superfície de seus globos oculares.

— Simon ...? — murmurou ao tempo que lutava para incorporar-se.

Com suavidade, obrigaram-na a permanecer tal e como estava.

— Descanse um pouco mais — disse uma voz grave —. Seu marido se encontra bem. Um pouco machucado e um pouco chamuscado, mas definitivamente a salvo. Não acredito que se quebrado sequer a maldita perna.

Quando recuperou por completo a consciência, deu-se conta com aturdido assombro de que estava médio tombada no regaço de lorde Westcliff, sobre o chão, e com o vestido parcialmente desabotoado. Jogou uma olhada aos marcados rasgos do conde e se deu conta que sua tez moréia estava cheia de manchas negras e de que seu cabelo estava despenteado e sujo. O conde, impecável pelo geral, tinha um aspecto tão amigável, desarrumado e acessível que logo que conseguiu reconhecê-lo.

— Simon ... — sussurrou.

— Estão-o metendo em minha carruagem nestes momentos. Resulta desnecessário dizer que está bastante impaciente por que se reúna com ele. Vou levar os a ambos ao Marsden Terrace; já mandei a chamar um médico, que se encontrará conosco ali. — Westcliff a elevou um pouco mais entre seus braços —. Por que foi atrás dele? Poderia haver-se convertido em uma viúva muito rica.

Aquela pergunta foi realizada sem brincadeira alguma, mas com um interesse que a deixou confundida. Em lugar de responder, Annabelle concentrou sua atenção em uma mancha de sangue que o homem tinha no ombro.

— Não se mova — murmurou enquanto utilizava uma de suas unhas rotas para sujeitar uma lasca de metal que emergia da malha do camisa. Desprendeu-a com rapidez e o rosto de Westcliff refletiu uma careta de dor.

O conde meneou a cabeça com incredulidade ao contemplar a lasca que lhe mostrava.

— Deus, nem sequer me tinha dado conta. Annabelle encerrou o objeto entre seus dedos e perguntou com cansaço:

— por que entrou você, milord?

— depois de que me informassem que você se colocou em um edifício em chamas em busca de seu marido, acreditei conveniente oferecer meus serviços ... Possivelmente abrir uma porta, apartar algum objeto de seu caminho ... Esse tipo de coisas.

— Resultou você bastante útil — disse Annabelle, que utilizou

deliberadamente o mesmo tom aborrecido do conde.

Westcliff sorriu, o que deixou ao descoberto uma fileira de blanquísimos dentes atrás de seu rosto enegrecido pela fumaça.

Com muito cuidado, o conde a ajudou a sentar-se. Sem retirar o braço de suas costas, fechou os broches de seu vestido de uma forma eficiente e impessoal sem apartar a vista da manifesta destruição da que tinha sido objeto a fundição.

— Só morreram dois homens, embora ainda há um desaparecido — murmurou —. Oum milagre se considerarmos a extensão do desastre.

— Significará isto o final da fábrica de locomotivas?

— Não; espero que possamos reconstruí-la a maior brevidade

— O conde observou com afeto seu rosto exausto —. Mais tarde, poderá me explicar o que ocorreu. Agora, me permita que a leve até a carruagem.

Annabelle soltou um pequeno ofego quando o homem ficou em pé e a agarrou em braços.

— OH! Não há nenhuma necessidade ...

— É o menos que posso fazer. — Westcliff a obsequiou com outra desses estranhos sorrisos enquanto a conduzia com assombrosa facilidade —. Tenho algumas contas pendentes no que a você se refere.

— Quer dizer que agora acredita que Simon me importa de verdade e que não me casei com ele só por seu dinheiro?

— Algo assim. Ao parecer, equivoquei-me com você, senhora Hunt. Rogo-lhe que aceite meus mais humildes desculpas.

Com a suspeita de que o conde pedia desculpas em muito estranhas ocasiões, e muito menos humildes, Annabelle colocou os braços ao redor de seu pescoço.

— Suponho que terei que as aceitar — disse a contra gosto —, já que nos salvou a vida.

Ele a colocou de forma mais cômoda em seus braços.

— Assinamos a paz, então?

— Paz — concedeu ela, que começou a tossir contra seu ombro.

Enquanto o médico atendia ao Simon no dormitório principal do Marsden Terrace, Westcliff levou a Annabelle a um lado e atendeu pessoalmente a ferida que tinha na parte superior do braço. Depois de

extrair as partes de metal que se cravaram em sua pele, desinfetou a zona com álcool enquanto Annabelle gritava de dor. Melou o corte com salvia, enfaixou-o de maneira perita e lhe ofereceu uma taça de brandy para aliviar as moléstias. Se ele tinha acrescentado algo ao brandy ou se foi o cansaço o que intensificou os efeitos Annabelle nunca soube. Depois de tragar dois dedos do escuro líquido ambarino, invadiu-a o sonho e a cabeça começou a lhe dar voltas. Foi evidente sua má articulação quando disse ao Westcliff que o mundo podia considerar-se afortunado de que ele não se uniu à profissão médica, a que ele respondeu com seriedade que era muito certo. Cambaleou-se como se estivesse ébria com a intenção de procurar o Simon, mas foi dissuadida com firmeza pelo ama de chaves e um par de donzelas, que pareciam decididas a banhá-la. Antes de que Annabelle se desse conta do que ocorria em realidade, tinham-na banhado e lhe tinham colocado uma camisola, que tinham tomado emprestado do armário da anciã mãe do Westcliff, e jazia em uma cama suave e poda. Logo que fechou os olhos se afundou sem remédio em um sonho ligeiro. Para desgosto da Annabelle, despertou tarde à manhã seguinte e teve que esforçar-se por recordar onde estava e o que tinha ocorrido. Assim que seu cérebro se concentrou no Simon, saiu a toda pressa da cama e jogou acorrer descalça pelo corredor sem emprestar atenção às coisas formosas que a rodeavam. Cruzou-se com uma donzela, que logo que pareceu surpreender-se pelo aspecto de uma mulher com o cabelo solto e desarrumado, o rosto arranhado e avermelhado e uma camisola que não era de sua talha ... Uma mulher que, apesar de haver-se banhado a consciência a noite anterior, ainda emprestava a fumaça da fundição.

— Onde está? — perguntou Annabelle sem andar-se pelos ramos

Embora parecesse incrível, a donzela compreendeu a brusca pergunta e indicou a Annabelle onde se encontrava a habitação do senhor, ao final de corredor.

Ao chegar à porta aberta, Annabelle viu lorde Westcliff junto a uma cama enorme onde Simon estava sentado contra uma pilha de almofadões. Tinha o peito nu e seu torso e seus ombros pareciam até mais bronzeados devido ao contraste com o branco níveo dos lençóis que tinha subidas até a cintura. Annabelle fez uma careta ao contemplar a profusão de emplastos que tinha sobre o peito e os braços, já que podia fazer uma ligeira idéia da dor que devia ter sofrido quando lhe retiraram tanta metralha. As dois

homens deixaram de falar logo que se deram conta de sua presença Simon, cravou o olhar em seu rosto com uma intensidade inquietante. A habitação se carregou com um matagal invisível de emoções que os encheu a ambos de uma incômoda tensão. Quando Annabelle contemplou o rosto pétreo de seu marido, nenhuma palavra lhe pareceu apropriada. Se falava com ele nesse momento, não lhe diria mais que uma hipérbole pueril ou um eufemismo absurdo. Ridiculamente agradecida pela presença de Westcliff como intermediário provisório, Annabelle dirigiu seu primeiro comentário a ele.

— Milord — disse ao tempo que inspecionava as cortes e queimaduras que apresentava seu rosto —, parece o perdedor de uma briga de bar.

O conde avançou um pouco, tomou sua mão e executou uma reverência impecável. Surpreendeu-a ao depositar um cavalheiresco beijo no dorso de sua boneca.

— De ter participado alguma vez em uma briga de bar, minha senhora, asseguro-lhe que não teria perdido.

Aquilo arrancou um sorriso aa Annabelle, que não pôde evitar pensar que tão somente vinte e quatro horas antes, tinha desprezado esse arrogante aprumo, por mais que nesse momento lhe resultasse quase encantador. Westcliff soltou sua mão depois de lhe dar um apertão reconfortante.

— Com sua permissão, senhora Hunt, retiro-me. Não me cabe dúvida de que tem muitas coisas que tratar com seu marido.

— Obrigado, milord.

Em quanta o conde abandonou a habitação, Annabelle se aproximou da cama. Simon apartou o olhar dela com o cenho franzido e a pronunciada estrutura de seu perfil resplandeceu sob a luz do sol.

— Tem a perna quebrada? — perguntou Annabelle com voz rouca. Simon negou com a cabeça sem apartar o olhar do papel estampado com flores que cobria as paredes da habitação.

— Curará-se logo.

Annabelle o acariciou com o olhar, atrasando-se na forte musculatura de seus braços e seu peito, em suas mãos de dedos largos e no modo em que uma escura mecha de cabelo caía sobre sua frente.

— Simon — perguntou com suavidade —, não pensa me olhar?

Os olhos do homem se entre fecharam quando se girou para observá-la com fúria.

— Eu gostaria de fazer algo mais que te olhar. Eu gostaria de te estrangular.

Teria sido uma estupidez por parte da Annabelle lhe perguntar por que, posto que já sabia. Em seu lugar, esperou pacientemente enquanto a garganta do Simon se convulsionava com violência.

— O que fez ontem foi imperdoável — disse ele por fim.

Ela o olhou com incredulidade.

— O que?

— Deitado naquele inferno, pedi-te que cumprisse o que acreditei que seria o último desejo de minha vida. E você te negou.

— Tal e como terminaram as coisas, não foi seu último desejo — replicou Annabelle com cautela —. Sobreviveu, ao igual a eu e agora tudo está bem ...

— É obvio que não está bem — lhe espetou Simon, cujo rosto se obscurecia mais e mais pela fúria —. Jamais esquecerei o que senti ao saber que foste morrer ali comigo e que não podia fazer uma maldita coisa para te deter. — Apartou a cara quando sua voz se quebrou devido à carga de emoções.

Annabelle estirou um braço para acariciá-lo, mas se conteve com as mãos suspensas no ar.

— Como pôde me pedir que te deixasse ali, ferido e sozinho? Não fui capaz de fazê-lo.

— Deveria ter feito o que te disse! Annabelle nem sequer se alterou, já que compreendia que era o medo o que jazia sob sua fúria.

— Você não te teria partido se tivesse sido eu quem se encontrasse no chão da fundição ...

— Sabia que diria isso — comentou com profundo desagrado —. É obvio que não te teria deixado. Eu sou um homem. E se supõe que os homens devem proteger a suas esposas.

— E se supõe que as mulheres devem servir de ajuda — contra-atacou Annabelle.

— Você não me ajudou — disse Simon com os dentes apertados — Me fez passar por um calvário. Maldita seja, Annabelle, por que me obedeceu?

Ela respirou fundo antes de responder.

— Porque te amo.

Simon seguiu sem olha-la à cara enquanto as delicadas palavras lhe

produziam um evidente estremecimento. Seu enorme mão se fechou em um punho sobre a colcha ao tempo que suas defesas começavam a desmoronar-se.

— Teria morrido um milhão de vezes — disse com voz trêmula — para te evitar o mais mínimo dano e o fato de que estivesse disposta a arriscar sua vida em um sacrifício sem sentido é mais do que posso suportar.

Annabelle começou a sentir que lhe ardiam os olhos ao olhá-lo, enquanto a necessidade e uma inextinguível ternura se estendiam como uma dor por todo seu corpo.

— Dava-me conta de uma coisa — disse com voz rouca — quando estava de pé frente à fundição vendo como as chamas consumiam o edifício e sabendo que você estava dentro. — Tragou com força para vencer o enorme nó que tinha na garganta —. Preferia morrer em seus braços, Simon, que me enfrentar a uma vida sem ti. Todos esses anos intermináveis ... todos esses invernos, verões ... um sem fim de estações te desejando sem te ter jamais. Me converter em uma anciã enquanto você permanecia por sempre jovem em minhas lembranças ... — mordeu-se o lábio e meneou a cabeça com os olhos carregados de lágrimas —. Me equivoquei ao te dizer que não sabia, qual era meu lugar. Sei. Meu lugar está contigo, Simon. O único importante é estar contigo. Está pacote a mim para sempre, e jamais te obedecerei quando me disser que me parta. — Conseguir esboçar um sorriso trêmulo —. Assim mais te vale deixar de te queixar e te resignar a isso.

Com uma rapidez surpreendente, Simon se girou e a arrastou contra ele. Enterrou seu rosto na enredado matagal de cabelo da Annabelle e sua voz emergiu como um angustiado grunhido.

— meu deus, não posso suportá-lo! Não posso te deixar sair todos os dias temendo a cada minuto que te ocorra algo, sabendo que toda a prudência que possuo está unida a seu bem-estar. Não posso suportar este sentimento ... é muito forte ... Por todos os demônios! Converterei-me em um completo lunático. Não voltarei a ser de proveito. Se pudesse reduzi-lo em alguma medida ... te amar embora só fora a metade ... seria capaz de viver com isso.

Annabelle soltou uma débil gargalhada ao escutar aquela arruda confissão ao tempo que uma quebra de onda de felicidade embargava tudo seu ser.

— Mas o único que desejo é todo seu amor — disse. Quando Simon echóla cabeça para trás para olhar, a expressão de seu rosto a deixou sem fôlego. Custou-lhe vários segundos recuperar-se —. Seu coração e sua mente — continuou com um sorriso pícaro, e, ato seguido, baixou a voz de forma provocadora —. E tudo seu corpo, também. Simon se estremeceu e contemplou o rosto radiante de sua esposa como se não pudesse apartar o olhar.

— Isso é algo reconfortante, posto que ontem parecia muito disposta a me cortar a perna com uma navalha de bolso.

Annabelle compôs uma careta e acariciou o pêlo de seu peito com a ponta dos dedos, brincando com os escuros cachos.

— Minha intenção era preservar a maior parte possível de sua pessoa e te tirar daquele lugar.

— Nesse momento, te teria deixado fazer a de ter acreditado que poderia funcionar. — Simon lhe agarrou a mão e pressionou a palma cheia de feridas contra sua bochecha —. É uma mulher forte, Annabelle. Mais forte do que tivesse imaginado.

— Não, o que é forte é o amor que sinto por ti. — Lhe dedicando um brilhante olhar travesso por detrás das pestanas, Annabelle murmurou —: Não teria sido capaz de lhe cortar a perna a ninguém mais, sabe?

— Se arriscar sua vida de novo, seja pela razão que seja, estrangularei-te. Vêm aqui. — Colocou a mão depois da cabeça de sua mulher e atirou dela para diante. Quando seus narizes estiveram a ponto de roçar-se, inspirou com força e disse —: Te amo, maldita seja. Lhe roçou os lábios de forma brincalhona.

— Quanto? — Simon emitiu um pequeno gemido, como se o beijo o tivesse afetado imensamente.

— além de todo limite. Para toda a eternidade.

— Eu mais — disse Annabelle ao tempo que unia sua boca asa dele. Sentiu uma deliciosa quebra de onda de prazer acompanhada por uma elusiva sensação de plenitude, de perfeita realização, que jamais tinha alcançado com antecedência. Estava flutuando em calidez, como se sua alma estivesse banhada em luz. Apartou-se e viu no atônito olhar do Simon que ele também o havia sentido.

Havia um novo e maravilhado matiz em sua voz quando disse:

— me beije outra vez.

— Não, posso te machucar. Estou-me apoiando sobre sua perna,

— Isso não é minha perna — foi sua pícara resposta, e Annabelle pôs-se a rir.

— É um safado ...

— E você é tão formosa ... — sussurrou Simon —. Por dentro e fora. Annabelle, minha esposa, meu doce amor ... me beije de novo. E não te detenha até que lhe peça isso.

— Sim, Simon — murmurou ela, e o obedeceu de boa vontade.

Epílogo

... Não, essa não é a melhor parte — disse Annabelle animada ao tempo que agitava as páginas para que as Bowman guardassem silêncio. As três mulheres se haviam ajeitado sobre as poltronas da suíte da Annabelle no Rutledge, descalças e balançando os pés ao tempo que bebiam taças de vinho doce —. Deixem que siga lendo: «Quando nos detivemos no vale do Loira para visitar um castelo do século XVI em restauração, a senhorita Hunt conheceu um cavalheiro inglês solteiro, o senhor David Keir, que acompanhava a duas primos mais jovens em seu grande tour. Ao parecer, é historiador da arte e está enrascado na escritura de um livro sobre o tema, ou um pouco parecido, por isso ele e a senhorita Hunt encontraram um ponto em comum. De acordo com “as mães”, como me referirei a partir de agora a mamãe e à senhora Hunt, estão sempre juntos e parecem compartilhar uma só mente ...»

— Santo céu — exclamou Lillian entre risadas —, por que seu irmão tem que escrever com frases tão largas?

— cala a boca! — repreendeu-a Daisy —. Jeremy está a ponto de contar o que as mães pensam do senhor Keir! Continua, Annabelle.

— «... **compartilham a opinião de que o senhor Keir é um cavalheiro influente e bonito** ...» — continuou Annabelle.

— Isso significa que é bonito? — — — perguntou Daisy.

Annabelle sorriu.

— Sem dúvida alguma. E Jeremy continua dizendo que o senhor Keir pediu permissão para escrever ao Meredith ... E que tem a intenção de visitá-la quando estiver de retorno em Londres!

— Que encantador! — exclamou Daisy, ao tempo que tendia a taça ao Lillian —. Me Sirva outra, querida ... Quero brindar pela futura felicidade do Meredith.

As três beberam encantadas, depois do qual Annabelle deixou a carta a um lado com um suspiro de satisfação.!

— Quem dera pudesse contar-lhe ao Evie.

— A sinto falta de — disse Lillian com uma surpreendente tristeza —.

Talvez seus carcereiros ..., perdão, sua família ... permita-nos visitá-la logo.

— Tenho uma idéia — comentou Daisy —. Quando pai chegar de Nova Iorque no próximo mês, teremos que ir com ele ao Stony Cross de novo. É obvio, Annabelle e o senhor Hunt receberão também um convite graças a sua amizade com lorde Westcliff. Possivelmente possamos solicitar que incluam o Evie e a sua tia. Dessa forma, poderemos celebrar um encontro oficial de floreiros ..., por não mencionar outra partida de rounders.

Annabelle gemeu com teatralidade e lhe deu um bom gole a seu vinho

— Que Deus me atira. — Deixou a taça sobre uma mesa próxima e procurou em seu bolso para tirar um pequeno pacote de papel com um objeto em seu interior —. O que me recorda ... Daisy, me faria um favor?

— É obvio — replicou a jovem ao tempo que abria o pacote. Uma expressão de curiosidade cruzou por seu rosto ao ver a parte, de metal, parecido a uma agulha, que havia dentro —. Em nome do céu, o que é isto?

— Tirei-o do ombro de lorde Westcliff o dia do incêndio na fundição. — Sorriu ao ver as expressões surpreendidas com as que as Bowman contemplavam o pedaço de ferro — Se não te importar, leve-lhe isso ao Stony Cross e arroja a ao poço dos desejos. — E o que deveria pedir?

Annabelle riu com suavidade.

— Pede para o pobre lorde Westcliff o mesmo pediu para mim

— «**Pobre**» lorde Westcliff? — soprou Lillian e olhou às outras duas mulheres com suspicacia —. O que foi o que pediu para a Annabelle? — perguntou a sua irmã pequena —. Nunca me contaste isso.

— Tampouco o contei a Annabelle — murmurou Daisy, que manteve um sorriso curioso sem apartar a vista de seu amiga. Annabelle lhe devolveu o sorriso.

— Eu o adivinhei. — Trocou de posição, sentando-se sobre as pernas, e se inclinou para diante para murmurar —: Por certo, a respeito de como encontrar um marido ao Lillian ... acredito que me ocorreu algo muito interessante ...

Fim

Notas

[←1] Em inglês wallflower, que dá nome a série, assim eram chamadas as meninas que passavam da idade de casar e ficavam sentada nos bailes da temporada.

[←2] Novo rico, como se diz no Beau Monde (França).

[←3] Equiprando, equivale aos nossos centavos.

[←4] A cor borgonha que é uma variação escura do vermelho

[←5] O ancestral do baseball americano.

[←6] Nesse caso, a roupa de baixo é a calcinha da época, que era uma calça que vinha até poço à cima do jelho.